

O CRIME DO VENCEDOR



MARIE RUTKOSKI

PLATA
FORMA 21

O CRIME DO VENCEDOR

A TRILOGIA DO VENCEDOR: LIVRO DOIS

uma saga de
MARIE RUTKOSKI

tradução
GUILHERME MIRANDA

PLATA
FORMA 21

TÍTULO ORIGINAL *The Winner's Crime*

© 2015 by Marie Rutkoski. Publicado mediante acordo com
Charlotte Sheedy Literary Agency. Todos os direitos reservados.

© 2016 Vergara & Riba Editoras S.A.

Plataforma21 é o selo jovem da V&R Editoras.

EDIÇÃO Fabrício Valério e Flavia Lago

EDITORA-ASSISTENTE Thaíse Costa Macêdo

PREPARAÇÃO Carla Bitelli

REVISÃO Luciane Gomide

DIREÇÃO DE ARTE Ana Solt

DIAGRAMAÇÃO / EPUB Pamella Destefi

FOTO DE CAPA © 2015 by Ali Smith

CAPA Elizabeth H. Clark

Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP)

(Câmara Brasileira do Livro, SP, Brasil)

Star Books Digital



Rutkoski, Marie

O crime do vencedor [livro eletrônico] / uma saga de Marie Rutkoski; tradução Guilherme Miranda. — São Paulo: Vergara & Riba Editoras, 2016. —
(Série trilogia do vencedor; v. 2)
1,7 Mb; ePUB

Título original: *The Winner's Crime*.

ISBN 978-85-507-0041-0

1. Ficção juvenil I. Título. II. Série.

16-05454

CDD-028.5

Índices para catálogo sistemático:

1. Ficção : Literatura juvenil 028.5

Todos os direitos desta edição reservados à

VERGARA & RIBA EDITORAS S.A.

Rua Cel. Lisboa, 989 | Vila Mariana

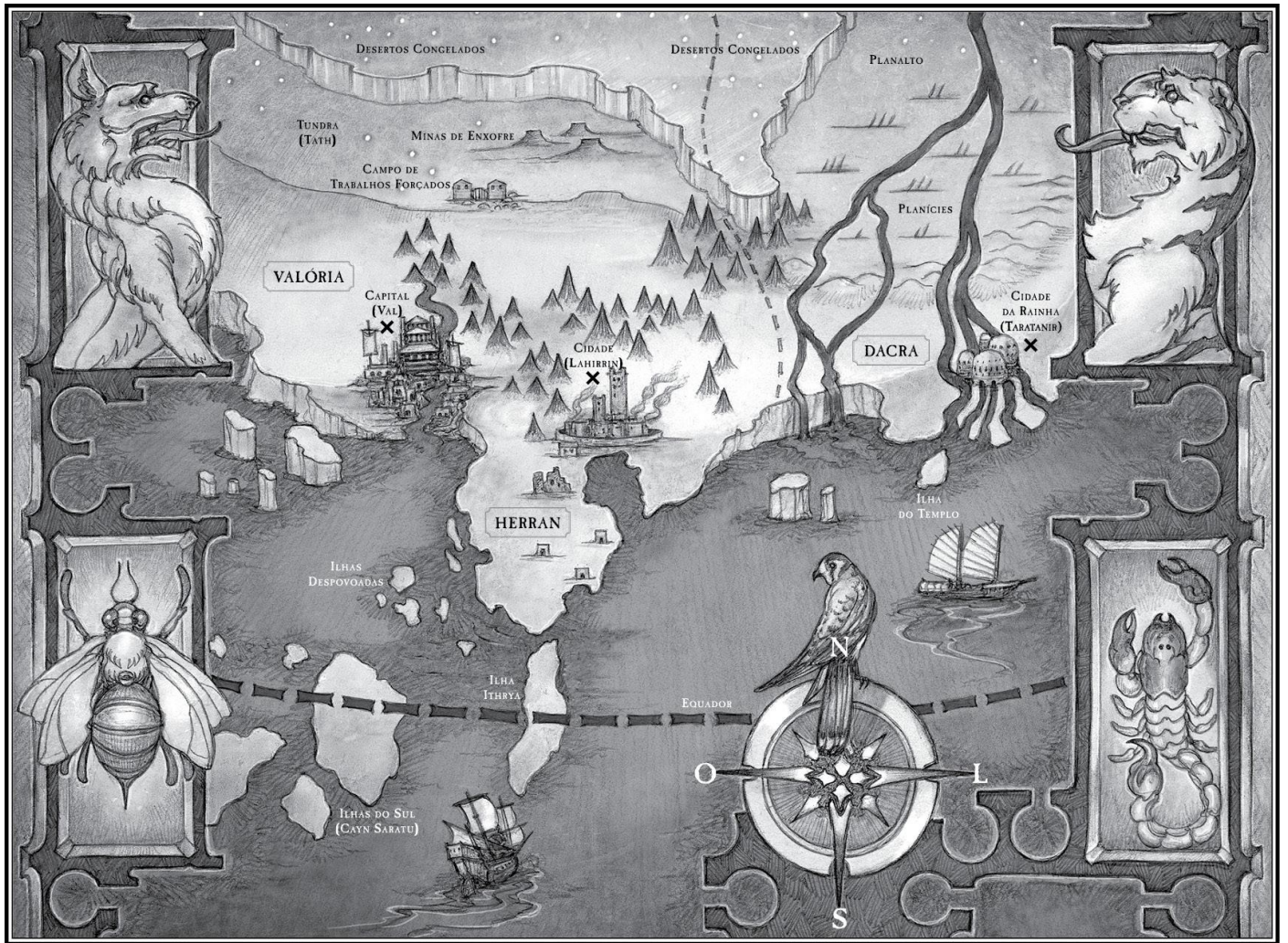
CEP 04020-041 | São Paulo | SP

Tel. | Fax: (+55 11) 4612-2866

vreditoras.com.br

editoras@vreditoras.com.br

Para Kristin Cashore



Ela se cortou ao abrir o envelope.

Kestrel tinha ficado ansiosa, tinha sido ingênua, atacando a carta simplesmente porque estava escrita em alfabeto herrani. O abridor de cartas escorregou. Gotas de sangue acertaram o papel e vicejaram brilhantes.

Era óbvio que não vinha dele. A carta era do novo ministro da agricultura de Herran. Ele escreveu para se apresentar e dizer que estava ansioso para se conhecerem. *Creio que temos muito em comum e muito a discutir*, eram suas palavras.

Kestrel não soube ao certo o que ele quis dizer com isso. Ela não o conhecia nem nunca tinha ouvido falar dele. Embora imaginasse que tivesse de se encontrar com o ministro em algum momento – afinal, era a embaixadora imperial junto ao território recém-independente de Herran –, Kestrel não estava ansiosa para se reunir com o ministro da *agricultura*. Não tinha nada a discutir sobre rotação de culturas ou fertilizantes.

Kestrel notou o tom arrogante de seus pensamentos. Sentiu a forma como retorcia a boca. Percebeu que estava furiosa com a carta.

Estava furiosa consigo mesma. Com a maneira como seu coração havia saltado ao ler seu nome rabiscado em alfabeto herrani no envelope. Ela havia desejado com toda a força que a carta fosse de Arin.

Mas fazia quase um mês que não tinha notícias dele, desde que lhe oferecera a liberdade de seu país. O envelope não tinha sido endereçado pelas mãos dele. Ela conhecia sua letra. Conhecia os dedos que teriam segurado a pena. As unhas cortadas de maneira bruta, as cicatrizes prateadas de queimaduras antigas, os calos ásperos de sua mão... nada que combinasse com a elegância de sua letra cursiva. Kestrel devia ter notado imediatamente que a carta não era dele.

Mesmo assim: o corte rápido do papel. Mesmo assim: a decepção.

Kestrel deixou a carta de lado. Tirou a cinta de seda que usava, descosendo-a sob a adaga que ela, como todos os valorianos, usava amarrada à cintura. Enrolou a cinta em volta da mão ensanguentada. Estava estragando a seda cor de marfim. Seu sangue a manchou. Porém, uma cinta arruinada não era nada, não para ela. Kestrel era noiva do príncipe Verex, herdeiro do império valoriano. A prova disso era marcada todos os dias em sua testa com uma linha oleosa e reluzente. Ela tinha cintas e mais cintas, vestidos e mais vestidos, um rio de joias. Era a futura imperatriz.

No entanto, quando se levantou da cadeira de ébano entalhado, sentiu-se zozna. Olhou ao redor em seu escritório, um dos muitos cômodos de sua suíte, e ficou incomodada com as paredes de pedra, os cantos dispostos em ângulos retos insistentes, a maneira como dois corredores estreitos davam para aquele ambiente. Devia fazer sentido para Kestrel, que sabia

que o palácio imperial também era uma fortaleza. Corredores estreitos eram uma forma de retardar o avanço de forças invasoras. No entanto, parecia frio e estranho. Era muito diferente de sua casa.

Kestrel lembrou a si mesma que sua casa em Herran nunca tinha sido de fato sua. Ela podia ter sido criada naquela colônia, mas era valoriana. Estava onde deveria estar. Onde havia escolhido estar.

O corte parou de sangrar.

Kestrel largou a carta e foi trocar seu vestido diurno por um de jantar. Esta era a sua vida agora: tecidos finos e bainhas de seda ondulada. Um jantar com o imperador... e o príncipe.

Sim, essa era a sua vida.

Ela tinha que se acostumar.



O imperador estava sozinho. Ele sorriu quando ela entrou na sala de jantar cercada por paredes de pedra. Seu cabelo grisalho estava cortado rente no mesmo estilo militar do pai dela, e seus olhos castanhos estavam alertas. Ele não se levantou da longa mesa para cumprimentá-la.

– Vossa Majestade Imperial. – Ela fez uma reverência com a cabeça.

– Filha. – A voz dele ecoou no cômodo abobadado. Ressoou contra os pratos e copos vazios. – Sente-se.

Ela se moveu para sentar.

– Não – ele disse. – Aqui, à minha mão direita.

– Esse é o lugar do príncipe.

– Ao que parece, o príncipe não está aqui.

Ela se sentou. Escravos trouxeram o primeiro prato. Serviram vinho branco. Ela podia ter perguntado por que o imperador a havia chamado para o jantar e onde estava o príncipe, mas Kestrel tinha visto como ele adorava transformar o silêncio numa ferramenta capaz de trazer à tona o nervosismo das pessoas. Ela deixou que o silêncio crescesse até ser tanto dela quanto dele e, só quando chegou o terceiro prato, ela disse:

– Ouvi dizer que a campanha contra o oriente está indo bem.

– É o que seu pai escreve do fronte. Preciso recompensá-lo por uma guerra travada com excelência. Ou talvez, lady Kestrel, seja você que eu deva recompensar.

Ela bebeu da taça.

– O sucesso dele não é mérito meu.

– Não? Foi *você* quem me aconselhou a acabar com a revolta herrani dando autonomia

àquele território sob meu comando. Foi *você* quem argumentou que isso liberaria tropas e dinheiro para abastecer minha guerra no oriente e, arre – ele fez um floreio com a mão –, você estava certa. Que conselhos sábios vindos de uma pessoa tão jovem.

As palavras dele a deixaram nervosa. Se ele soubesse o verdadeiro motivo por que ela havia defendido a independência herrani, ela teria de pagar por isso. Kestrel experimentou a comida preparada com esmero. Havia barquinhos feitos de carne, com velas de gelatina. Ela comeu devagar.

– Não está gostando? – perguntou o imperador.

– Estou sem fome.

Ele soou o sino dourado.

– Sobremesa – ele informou ao garçom que surgiu de prontidão. – Vamos pular direto para a sobremesa. Sei como as senhoritas adoram doces. – Mas, quando o rapaz voltou trazendo dois pratos pequenos de uma porcelana tão fina que Kestrel podia ver a luz cortando as bordas, o imperador disse: – Para mim, não. – Um prato foi colocado diante de Kestrel junto com um garfo estranhamente leve e translúcido.

Ela se acalmou. O imperador não sabia a verdade sobre o dia em que ela insistira em pôr fim à revolta herrani. Ninguém sabia. Nem mesmo Arin sabia que ela havia comprado a liberdade dele com algumas palavras estratégicas... e a promessa de se casar com o príncipe herdeiro.

Se Arin soubesse, teria sido contra. Teria causado a própria ruína.

Se o imperador soubesse *por que* ela tinha feito aquilo, teria causado a ruína *dela*.

Kestrel olhou para a pilha de creme rosa batido em seu prato e para o garfo translúcido, como se compusessem todo o seu mundo. Ela precisava falar com cautela.

– De que recompensa eu precisaria se você me entregou seu único filho?

– E é uma recompensa e tanto. Mas ainda não marcamos uma data para o casamento. Quando poderia ser? Você tem sido muito reticente sobre o assunto.

– Achava que o príncipe Verex deveria decidir. – Se a decisão fosse deixada para o príncipe, a data do casamento seria nunca.

– Por que *nós* não decidimos?

– Sem ele?

– Minha querida, se a mente esquecida do príncipe não consegue se lembrar de algo tão simples como o dia e a hora de um jantar com seu pai e sua noiva, como podemos esperar que ele planeje qualquer parte do evento de Estado mais importante das últimas décadas?

Kestrel não disse nada.

– Você não está comendo – ele disse.

Ela enfiou o garfo translúcido no creme e o levou à boca. Os dentes do garfo se dissolveram contra a língua dela.

– Açúcar – ela disse com surpresa. – O garfo é feito de açúcar endurecido.

– Gostou da sobremesa?

– Sim.

– Então deve comer tudo.

Mas como terminar o creme se o garfo continuava a se dissolver toda vez que ela o levava à boca? A maior parte do garfo continuava na mão dela, mas não iria durar.

Um jogo. A sobremesa era um jogo. A conversa era um jogo. O imperador queria ver como ela jogava.

Ele disse:

– Acho que o fim do mês seria ideal para um casamento.

Kestrel comeu mais um pouco do creme. Os dentes desapareceram por completo, deixando algo que lembrava uma colher abortada.

– Um casamento no inverno? Não haverá flores.

– Você não precisa de flores.

– Se você sabe que senhoritas gostam de sobremesa, deve saber também que gostamos de flores.

– Imagino que prefira um casamento na primavera, então.

Kestrel ergueu um ombro.

– O ideal seria o verão.

– Felizmente, meu palácio tem estufas. Mesmo no inverno, podemos cobrir o grande salão de pétalas.

Kestrel comeu mais um pouco da sobremesa. Seu garfo se transformou num cabo plano.

– A menos que você queira adiar o casamento – ele disse.

– Estou pensando nos convidados. O império é vasto. Virão pessoas de todas as províncias. O inverno é uma época terrível para viajar e a primavera apenas um pouco melhor. Chove nessa estação. As estradas ficam enlameadas.

O imperador se recostou na cadeira, examinando-a com um sorriso no rosto.

– Além disso – ela continuou –, eu odiaria perder uma oportunidade. Você sabe que os nobres e os governadores lhe darão todo o possível, favores, informações, ouro, em troca dos melhores lugares no casamento. O mistério do que vou vestir e que música será tocada vai distrair o império. Ninguém notaria se você tomasse uma decisão política que, em outra ocasião, enfureceria milhares. Se eu fosse você, aproveitaria meu longo noivado. Gastaria todo

o potencial dele.

Ele gargalhou.

– Ah, Kestrel. Você vai ser uma grande imperadora! – Ele ergueu a taça. – À sua feliz união, no dia de Primeiro Verão.

Ela teria que brindar a isso se o príncipe Verex não tivesse entrado na sala de jantar e parado de súbito, com os olhos grandes demonstrando todas as mudanças de sentimento: surpresa, mágoa, raiva.

– Você está atrasado – disse seu pai.

– Não estou. – Verex cerrou os punhos.

– Kestrel conseguiu chegar aqui no horário. Por que você não?

– Porque você me disse a hora errada.

O imperador estalou a língua.

– Você decorou errado.

– Você está me fazendo passar por tolo!

– *Eu* não estou fazendo nada.

A boca de Verex se fechou. Sua cabeça balançou sobre seu pescoço fino como algo preso numa corrente marítima.

– Venha – Kestrel chamou, gentil. – Coma a sobremesa conosco.

O olhar que ele disparou contra ela mostrou a Kestrel que ele podia odiar os jogos de seu pai, mas odiava ainda mais a compaixão dela. Ele saiu da sala.

Kestrel ficou brincando com o toco do garfo de açúcar. Mesmo depois que os sonoros passos do príncipe pelo corredor haviam dado lugar ao silêncio, ela sabia que era melhor não abrir a boca.

– Olhe para mim – o imperador exigiu.

Ela ergueu os olhos.

– Não é por causa das flores, dos convidados ou de uma vantagem política que você quer que o casamento seja no verão – ele disse. – Você quer adiá-lo o máximo possível.

Kestrel segurou o garfo com firmeza.

– Vou conceder a você o que quer, dentro dos limites do aceitável – ele continuou –, e vou lhe dizer o porquê. Porque eu entendo, considerando seu noivo. Porque você não choraminga pelo que quer, mas luta para conseguir. Como eu faria. Quando você olha para mim, vê quem você vai se tornar. Uma monarca. Escolhi você, Kestrel, e vou transformá-la em tudo o que meu filho não é capaz de ser. Uma pessoa digna de assumir meu lugar.

Kestrel ficou olhando fixo, buscando seu futuro naquele velho, capaz de tamanhas

crueldades contra o próprio filho.

Ele sorriu.

– Amanhã, gostaria que você conhecesse o capitão da guarda imperial.

Ela nunca havia conhecido o capitão, mas sabia qual era a função dele. Oficialmente, era responsável pela segurança pessoal do imperador. Extraoficialmente, esse dever se estendia a outras funções sobre as quais ninguém falava. Espionagem. Assassínatos. O capitão era bom em fazer pessoas desaparecerem.

– Ele tem algo para mostrar a você – o imperador disse.

– O quê?

– Uma surpresa. Agora fique feliz, Kestrel. Estou lhe dando tudo o que você pode desejar.

Às vezes o imperador era *sim* generoso. Ela já tinha visto audiências em que ele tinha dado a senadores terras particulares em colônias novas ou lugares de poder no Quórum. Mas ela também tinha visto como a generosidade dele tentava as pessoas a pedir mais. Então, as sobrelhas dele pesavam, como o olhar de um gato, e ela via como os presentes dele faziam as pessoas revelarem o que realmente queriam.

Mesmo assim, ela não podia deixar de querer que o casamento fosse adiado por mais do que alguns meses. Primeiro Verão era melhor do que a semana seguinte, claro, mas ainda era muito cedo. Cedo demais. Será que o imperador aceitaria um ano? Ou mais? Ela começou:

– Primeiro Verão...

– É a data perfeita.

O olhar de Kestrel recaiu sobre sua mão fechada, que se abriu com um aroma doce e pousou vazia sobre a mesa.

O garfo de açúcar tinha desaparecido com o calor de sua mão.

Arin estava no escritório do pai, que ele provavelmente nunca conseguiria ver como seu, por mais velhos que fossem os fantasmas de sua família morta.

Era um dia claro. A janela do escritório dava para uma vista detalhada da cidade, com suas áreas devastadas pela revolta. A luz pálida do sol de inverno conferia um brilho difuso ao porto de Herran.

Arin não estava pensando nela. Não estava mesmo. Estava pensando em como as muralhas da cidade demorariam para ser reconstruídas. Na safra de noz-de-lareira que logo chegaria ao sul do país e em como ela traria o alimento e o comércio tão necessários a Herran. Ele não estava pensando em Kestrel, nem no último mês e uma semana em que não pensara nela. Mas não pensar era como erguer pedregulhos, e ele estava tão distraído por esse esforço que não ouviu quando Sarsine entrou no escritório, sequer notou sua presença até ela enfiar uma carta aberta na cara dele.

O selo rompido mostrava o desenho de duas espadas cruzadas. Uma carta do imperador valoriano. As feições de Sarsine indicaram a Arin que ele não iria gostar do que estava prestes a ler.

– O que é isto? – ele perguntou. – Mais um imposto? – Ele esfregou os olhos. – O imperador deve saber que não temos como pagar, não de novo, tão pouco tempo desde a última arrecadação. Assim já é demais.

– Bom, agora sabemos por que o imperador fez a gentileza de devolver Herran aos herranis.

Eles haviam discutido isso antes. Parecia a única explicação para uma decisão tão inesperada. Antes, os rendimentos de Herran iam para os bolsos dos aristocratas valorianos que a colonizaram. Depois, veio a Revolta de Primeiro Inverno e o decreto do imperador, e esses aristocratas haviam retornado à capital, considerando a perda de suas terras como o custo da guerra. Agora, o imperador podia pilhar Herran através de impostos contra os quais a população não tinha como protestar. A riqueza do território seguia direto para os cofres imperiais.

Um golpe ardiloso. Mas o que mais inquietava Arin era a sensação incômoda de que havia algo que ele não estava vendo. Tinha sido difícil pensar naquele dia em que Kestrel lhe apresentara a oferta e as exigências do imperador. Tinha sido difícil ver qualquer coisa além da linha dourada que marcava a testa dela.

– Só me diga quanto vai nos custar desta vez – ele disse a Sarsine.

A boca dela se contorceu.

– Não é um imposto. É um convite. – Ela saiu do escritório.

Arin abriu o papel. Suas mãos ficaram imóveis.

Como governador de Herran, Arin era convocado a comparecer à capital valoriana. *Em homenagem ao noivado de lady Kestrel com o príncipe herdeiro Verex*, dizia a carta.

Sarsine tinha chamado aquilo de convite, mas Arin o reconheceu pelo que era: uma ordem, uma que ele não tinha o poder de desobedecer, por mais que, teoricamente, não fosse mais escravo.

Os olhos de Arin deixaram o papel e se voltaram para o porto. Quando ele trabalhava nas docas, um dos outros escravos era conhecido como Guardador de Favores.

Os escravos não tinham posses ou, pelo menos, nada que seus conquistadores valorianos vissem como posses. Mesmo se Arin *tivesse* algo, não tinha bolsos onde guardar. As roupas com bolsos eram reservadas aos escravos domésticos. Essa era a medida da vida sob os valorianos: o povo herrani sabia seu lugar de acordo com a presença ou não de bolsos em suas roupas e com a ilusão de poder ter algo particular dentro delas.

Mas os escravos tinham uma moeda. Eles trocavam favores. Comida a mais. Um catre mais grosso. O luxo de alguns minutos de descanso enquanto outra pessoa fazia seu trabalho. Se um escravo nas docas queria algo, pedia ao Guardador de Favores, o herrani mais velho dentre eles.

O Guardador de Favores mantinha um novelo de lã com uma cor diferente para cada homem. Se Arin tivesse feito um pedido, seu barbante estaria enrolado e preso com um nó em volta de outro, amarelo, por exemplo, e esse barbante amarelo estaria amarrado a um verde, dependendo de quem devia o quê a quem. Os nós do Guardador de Favores registravam tudo.

Mas Arin nunca teve nenhum barbante. Nunca pedia nada. Não ofertava nada. Já rapaz naquela época, desprezava a ideia de dever algo a alguém.

Agora, examinou a carta do imperador valoriano. Era lindamente escrita. Fraseada com esmero. Combinava bem com o ambiente de Arin, o verniz de aparência líquida da escrivaninha de seu pai e as janelas de vidro chumbado que deixavam a luz de inverno entrar no escritório.

A luz facilitava muito a leitura das palavras do imperador.

Arin amassou o papel com o punho e apertou firme. Sentiu falta do Guardador de Favores. Deixaria seu orgulho de lado para se tornar um mero barbante se ao menos pudesse ter o que queria.

Arin trocava seu coração por um nó trançado de barbante se isso significasse que ele nunca mais precisaria ver Kestrel.



Ele se consultou com Tensen. O velho examinou o convite desamassado e alisado, com um brilho nos olhos verde-claros. Colocou o papel grosso e enrugado na mesa de Arin e apontou para a primeira linha de escrita com um dedo ressecado.

– Esta é uma excelente oportunidade – ele comentou.

– Então você vai – Arin disse.

– Claro.

– Sem mim.

Tensen mordeu os lábios. Ele lançou a Arin aquele olhar professoral que lhe servira bem como tutor de crianças valorianas.

– Arin. Não sejamos orgulhosos.

– Não é uma questão de orgulho. Estou muito ocupado. Você vai representar Herran no baile.

– Não acho que o imperador vai ficar satisfeito com um simples ministro da agricultura.

– Estou pouco me lixando para a satisfação do imperador.

– Mandar-me *sozinho* vai insultar o imperador ou revelar que sou mais importante do que pareço. – Tensen coçou a barba grisalha, observando Arin. – Você precisa ir. É um papel que deve representar. Você é um bom ator.

Arin abanou a cabeça.

Os olhos de Tensen ficaram mais sombrios.

– Eu estava lá naquele dia.

No dia do último verão, em que Kestrel o tinha comprado.

Arin conseguia sentir de novo o suor descendo pelas suas costas enquanto aguardava no cercado de espera lá embaixo, no fosso do leilão. A estrutura era telhada, o que significava que Arin não conseguia ver a multidão de valorianos amontoadas no nível da terra, apenas Logro no centro do fosso.

Arin sentia o fedor de sua pele, sentia os pedregulhos sob seus pés descalços. Estava dolorido. Enquanto ouvia a voz de Logro subir e descer no cantarolar cômico de um leiloeiro experiente, ele pressionou os dedos hesitantes em sua bochecha machucada. Seu rosto parecia uma fruta podre.

Logro estava furioso com ele naquela manhã. “Dois dias”, ele havia resmungado. “Alugo você por *dois dias* e você me volta com a cara desse jeito. Qual é a dificuldade de construir uma estrada e ficar de boca calada?”

Aguardando no redil de espera, sem prestar atenção no burburinho contínuo do leilão, Arin não queria pensar na surra e em tudo o que a havia causado.

Na realidade, os hematomas não mudariam nada. Arin não podia se iludir com a ideia de que Logro conseguiria vendê-lo algum dia para uma casa valoriana. Os valorianos se preocupavam com a aparência de seus escravos domésticos, e Arin não se encaixava nesse papel nem quando seu rosto não estava coberto por vários tons de roxo. Ele parecia um trabalhador braçal. *Era* um trabalhador braçal. Trabalhadores braçais não eram levados para dentro de casa, e era nas casas que Logro precisava plantar os escravos fiéis à revolta.

Arin recostou a cabeça na madeira crua da parede do redil. Lutou contra sua frustração.

Um longo silêncio caiu no fosso. A calma significava que, enquanto Arin não estava prestando atenção, Logro havia fechado negócio e entrado na casa de leilão para um intervalo.

Então o zumbido da multidão, feito uma nuvem de gafanhotos. Logro estava de volta ao fosso, parando perto do bloco em que outro escravo estava prestes a subir.

Para seu público, Logro disse: “Tenho algo muito especial para vocês”.

Todos os escravos no redil de espera se empertigaram. O torpor vespertino ficou para trás. Mesmo o velho – cujo nome Arin descobriria, depois, ser Tensen – ficou visivelmente alerta.

Logro tinha falado em código. “Algo muito especial” transmitia um sentido secreto aos escravos: a chance de ser vendido de forma a contribuir para a revolta. Espionagem. Roubo. Talvez assassinato. Logro tinha muitos planos.

Era o *muito* na frase de Logro que deixara Arin aflito, porque essa palavra indicava a venda mais importante de todas, aquela por que eles estavam esperando: a oportunidade de um rebelde ser colocado na casa do general Trajan.

Quem estava lá no alto, em meio à multidão de valorianos?

O general em pessoa?

E Arin, com toda a sua estupidez, havia desperdiçado sua chance de vingança. Logro nunca o escolheria para a venda.

Quando o leiloeiro voltou o rosto para o redil de espera, porém, seus olhos apontaram diretamente para os de Arin. Os dedos de Logro se contraíram duas vezes. O sinal.

Arin tinha sido escolhido.

– Aquele dia – Arin disse a Tensen, ambos sentados sob a luz de inverno do escritório de seu pai – era diferente. Tudo era diferente.

– Era mesmo? Você estava disposto a fazer tudo pelo seu povo na época. Agora não?

– É um *baile*, Tensen.

– É uma oportunidade. No mínimo, podemos aproveitá-la para descobrir os planos do imperador de roubar a colheita de noz-de-lareira.

A colheita seria em breve. Seu povo precisava muito dela como alimento e para o comércio. Arin pressionou os dedos contra a fronte. Uma dor de cabeça estava crescendo atrás de seus olhos.

– O que há para saber? O que quer que ele tire vai ser demais.

Por um momento, Tensen não falou nada. Depois, disse, lúgubre:

– Faz semanas que não ouço notícias de Thrynne.

– Talvez ele não tenha conseguido sair do palácio e ir à cidade para falar com nosso

contato.

– Talvez. Mas já temos poucas fontes preciosas no palácio imperial. É uma época incerta. A elite do império está gastando todo seu ouro para se preparar para a estação de inverno mais abundante da história valoriana, que dirá com o noivado. E os colonizadores que antes viviam em Herran estão cada vez mais ressentidos. Eles não gostaram de devolver as terras roubadas para nós. São uma minoria, e o exército é fiel ao imperador, por isso ele pode se dar ao luxo de ignorá-los. Mas todos os sinais apontam que a corte está em uma situação instável, e não podemos nunca esquecer que estamos à mercê do imperador. Quem sabe o que ele vai decidir depois? Ou como essa decisão vai nos afetar? *Esta* – Tensen apontou para o convite – seria a maneira ideal de investigar o silêncio de Thrynne. Arin, você está me ouvindo? Não podemos nos dar ao luxo de perder um espião tão bem posicionado.

Assim como Arin estava bem posicionado. Perfeitamente posicionado. Naquele dia no mercado, ele não soube ao certo como Logro descobrira que Arin seria o escravo perfeito para a venda. Logro tinha um talento para identificar fraquezas. Um olho para desejos. De alguma forma, tinha visto dentro do coração da compradora e soubera como manipulá-la.

No começo, Arin não a viu. O sol o havia cegado quando ele entrou no fosso. Houve um burburinho de gargalhadas. Ele não conseguia ver a multidão de valorianos lá no alto. Não se importava com a vergonha incômoda que crepitava em sua pele. Disse a si mesmo que não se importava. Não se importava com o que eles diziam ou com o que ele ouvia.

Então, sua visão ficou mais clara. Ele piscou para vencer o sol. Viu a garota. Ela ergueu a mão para fazer uma oferta.

A visão dela foi um ataque. Ele não conseguia ver seu rosto direito – não *queria* ver seu rosto, não quando todo o resto nela o fazia querer fechar os olhos. Ela tinha uma aparência muito valoriana. Tons dourados. Quase lustrosos, como uma arma erguida contra a luz. Ele mal conseguia crer que ela era de verdade.

E era limpa. Uma pureza de pele e forma. Fazia com que ele se sentisse imundo. Distraiu-o por um momento de notar que a menina era pequena. Frágil.

Absurdo. Era um absurdo pensar que alguém como ela pudesse ter algum poder sobre ele. Mas ela teria se ganhasse o leilão.

Ele queria que ela ganhasse. O pensamento cobriu Arin de uma alegria implacável, vil. Nunca a tinha visto antes, mas adivinhou quem ela era: lady Kestrel, filha do general Trajan.

A multidão ouviu sua oferta. E, de repente, pareceu que Arin valia, sim, alguma coisa.

Arin esqueceu que estava sentado à mesa de seu pai, duas estações depois. Esqueceu que Tensen aguardava que ele dissesse algo. Arin estava de volta ao fosso. Lembrou-se de quando erguera os olhos para a garota, sentindo um ódio que era tão duro quanto puro.

Um diamante.

Kestrel decidiu se vestir de maneira extravagante para o encontro com o capitão da guarda imperial. Ela escolheu um vestido brocado gelo e dourado cuja longa bainha se abria numa cauda. Como sempre, prendeu a adaga com cuidado, mas, naquela manhã, apertou as fivelas mais do que o necessário. Ela as soltou e voltou a apertar várias vezes.

O capitão chamou por ela em sua suíte enquanto Kestrel terminava seu copo matinal de leite condimentado. Ele recusou o convite para se sentar enquanto ela bebia. Quando ele arregalou os olhos diante de seu vestido e escondeu um breve sorriso maldoso, Kestrel soube que não gostaria do lugar aonde iriam, fosse qual fosse. Quando o capitão não sugeriu que ela trocasse por algo que não manchasse tão fácil, ela soube que era dele que não gostava.

– Pronta? – perguntou o capitão.

Ela deu um gole de seu copo, observando-o. Ele era um homem enorme, com uma cicatriz no rosto que cortava os lábios. Seu maxilar havia sido quebrado; tinha uma saliência à esquerda. O capitão tinha um perfil surpreendentemente fino, com o nariz reto, mas ela só o viu de relance quando ele olhou ao redor pela sala de visita para confirmar que estavam a sós. Ele era uma pessoa que preferia encarar os outros. Então, seus traços se contorceram.

Kestrel se perguntou o que ele faria se soubesse que ela não tinha sido uma cativa completamente relutante na casa de Arin após a revolta herrani.

Ela colocou o copo vazio em uma mesinha.

– Aonde vamos?

O sorriso dele voltou.

– Visitar uma pessoa.

– Quem?

– O imperador mandou não contar.

Kestrel ergueu o queixo e encarou o capitão.

– Que tal dicas? O imperador mandou não dar nenhuma dica, nem bem pequenininha?

– Bom...

– E confirmar palpites? Por exemplo – ela tocou um arpejo ao longo da ponta da mesa de ébano –, imagino que vamos à prisão.

– Não é bem um palpite arriscado, milady.

– Devo arriscar um desafio mais estimulante? As suas mãos estão limpas, mas suas botas estão sujas. Ligeiramente manchadas. As manchas são brilhantes; secaram há pouco. Sangue?

Ele estava entretido agora. Estava gostando do jogo.

– Você está acordado há mais tempo do que eu hoje, pelo que vejo – Kestrel disse. – E andou ocupado. Mas que incompatível ver sangue em suas botas e sentir um cheiro tão agradável em você... um aroma sutil. Vetiver. Muito chique. Uma dose de âmbar-gris. O leve toque apimentado. Ah, capitão. Você andou... pegando emprestado os óleos perfumados do imperador?

Ele pareceu não ver mais graça agora.

– Acredito que um palpite tão bom merece uma dica, capitão.

Ele suspirou.

– Estou levando você para ver um prisioneiro herrani.

O leite azedou no estômago de Kestrel.

– Homem ou mulher?

– Homem.

– Por que é importante que eu o veja?

O capitão deu de ombros.

– O imperador não disse.

– Quem?

O capitão movimentou os pés pesados.

– Eu não gosto de surpresas – Kestrel disse –, assim como o imperador não gosta de compartilhar seus óleos.

– É um qualquer. Não temos nem certeza do nome dele.

Não era Arin. Foi tudo o que Kestrel conseguiu pensar. Não tinha como ser ele; o governador de Herran não era um qualquer. Aprisioná-lo poderia deflagrar um novo conflito.

Mas havia alguém na prisão.

O gosto do leite havia azedado em sua boca, mas Kestrel sorriu ao se levantar.

– Vamos, então.



A prisão da capital ficava fora das muralhas do palácio, situada um pouco abaixo na montanha, do outro lado da cidade, numa cavidade natural que se expandia, fortificada e espiralada com escadarias que pareciam descer ao infinito. Era pequena – boatos diziam que a prisão do império oriental era do tamanho de uma cidade subterrânea –, mas seu tamanho se adequava aos propósitos do imperador valoriano. A maioria dos criminosos era enviada a um campo de trabalhos forçados nas minas do norte congelado. Aqueles que ficavam para trás eram os piores, e eram logo executados.

Lamparinas a óleo estavam acesas, e o capitão guiou Kestrel pela primeira escadaria sombria e abafada. O tecido da cauda do vestido sussurrava atrás dela. Era difícil não imaginar que ela era uma prisioneira sendo levada à sua cela. As batidas do coração de Kestrel pregavam uma peça nela; tremiam com a ideia de ser pega em algum crime, trancafiada na escuridão.

Eles passaram por uma cela. Dedos se curvaram como vermes brancos pelas grades da pequena janela que havia ali. Uma voz rouca disse algo numa língua que Kestrel não reconheceu. Tinha um tom ciciado que ela não conseguiu identificar até entender que devia ser o som de uma pessoa sem dentes. Ela recuou.

– Fique longe das grades – disse o capitão. – Por aqui – acrescentou, como se houvesse outro caminho a não ser para baixo.

Quando os degraus da escadaria finalmente terminaram, Kestrel perdeu o equilíbrio ao parar em terreno firme. O corredor cheirava a pedra úmida e esgoto.

O capitão abriu uma cela e fez sinal para Kestrel entrar. Por um momento, ela hesitou, com uma certeza instantânea e brutal de que ele pretendia prendê-la ali. Ela levou a mão à adaga no quadril.

O capitão riu. O som causou um guizo metálico no canto da cela e o capitão ergueu a lamparina para iluminar um homem sentado que lutava contra as correntes presas à parede. Seus calcanhares descalços raspavam o chão desnivelado enquanto tentava recuar, para longe do capitão.

– Não se preocupe – o capitão disse a Kestrel. – Ele é inofensivo. Tome. – Ele passou a lamparina para ela, depois puxou a ponta solta da corrente para colocar o prisioneiro algemado contra a parede. O homem tremia e choramingava. Começou a rezar a todos os cem deuses herranis.

Ela não o reconheceu. Um alívio. Em seguida, uma vergonha profunda. De que importava se ela o conhecia ou não? O prisioneiro iria sofrer. Ela podia ver o sofrimento dele escrito nos olhos do capitão, iluminados pela lamparina.

Kestrel não ficaria. Não conseguiria assistir. Ela se voltou para a porta.

– É contra as ordens do imperador – o capitão lhe disse. – Ele mandou que você estivesse presente durante todo o processo. Disse que, se não cooperasse, eu deveria cortar os dedos do homem em vez da pele.

A prece do prisioneiro cessou. Então recomeçou, trêmula.

Kestrel se sentia como aquela voz fina, chorosa. Como o som de uma engrenagem apertada com firmeza, depois solta.

– Aqui não é o meu lugar – ela disse.

– Você é minha futura imperadora – disse o capitão. – É, sim, o seu lugar. Ou achava que governar eram apenas vestidos e bailes? – Ele verificou se a corrente estava firme. O homem se deixou cair em suas amarras. – A lamparina, milady. – O capitão a chamou para mais perto.

O prisioneiro ergueu a cabeça. A luz da lamparina iluminou seus olhos e, embora Kestrel soubesse que aquele homem acabado não era Arin – o prisioneiro era velho demais, seus traços delicados demais –, ela sentiu um aperto no peito. Eram olhos comuns entre os herranis. Mas cinza e claros, como os de Arin. De repente, pareceu que Arin estava engasgando no nome do deus da misericórdia, que estava lhe pedindo algo que ela não tinha ideia de como dar.

– A lamparina – o capitão repetiu. – Você vai dificultar as coisas logo no começo, lady Kestrel?

Ela deu um passo à frente. Então, viu o contorno de um balde perto do prisioneiro, cheio até a borda com fezes e urina, e notou que a mão direita do homem estava envolta por uma luva de gaze.

O capitão a arrancou. A prece do prisioneiro engasgou.

Três dedos estavam sem pele.

Kestrel entreviu o músculo rosado e mole, as faixas de tendão brilhantes. Seu estômago se revirou. O capitão puxou uma mesinha de um canto escuro da cela e colocou a mão do homem sobre ela, com a palma para cima.

– Qual é seu nome? – o capitão lhe perguntou. Como não ouve resposta, o valoriano sacou sua adaga e perfurou o quarto dedo do prisioneiro. Sangue foi derramado.

– Pare – Kestrel suplicou. – Pare com isso.

O prisioneiro se debateu, mas foi imobilizado pelo punho. O capitão ergueu a adaga novamente.

Kestrel o segurou pelo braço. Ela cravou os dedos e o rosto do capitão pareceu se abrir – quase sedento, com um brilho que dizia que estava ansioso pelo fracasso dela. Era disso que se tratava. Kestrel estava sendo reprovada no teste do imperador sem saber quais eram os critérios dele. Cada hesitação era uma mácula contra ela. Cada grama de sua piedade estava sendo registrada pelo capitão, acumulada para ser despejada diante do imperador, dita para que ele respondesse: “Que menina patética. Sem força de vontade nenhuma. Ela não tem estômago para governar.”

Ela não tinha. Não se governar um império significasse aquilo.

Ela não soube ao certo o que teria feito em seguida se o prisioneiro não tivesse ficado imóvel. Ele estava olhando fixamente para Kestrel. Seus olhos estavam arregalados, transbordantes. Pasmos. Ele a reconheceu. Ela não o conhecia. No entanto, a urgência da expressão dele era de alguém que havia encontrado a chave para uma caixa que estava desesperado para abrir.

– Meu nome é Thrynne – ele sussurrou para ela em herrani. – Diga a ele que eu...

O capitão se livrou da mão frágil de Kestrel e deu a volta no prisioneiro.

– Fale você mesmo para mim – o capitão disse em herrani fluente com um forte sotaque. – Que bom que está pronto para falar. Agora, Thrynne. O que estava dizendo? Me falar o quê?

A boca do prisioneiro se abriu e se fechou sem emitir som algum. O sangue escorreu pela mesa. A lâmina do capitão cintilou.

Kestrel estava mais calma agora. Era a forma como o prisioneiro olhava para ela – como se ela fosse um golpe de sorte. Ela não podia trair aquilo, mesmo se não entendesse a razão. Ela se obrigaria a aguentar. Cuidaria do que quer que a expressão dele estava pedindo para que ela cuidasse.

– Não me lembro – Thrynne disse.

– Fale ou vou esfolar você vivo.

– Capitão – Kestrel disse. – Ele está confuso. Dê um momento para ele...

– Você está confusa se pretende interferir no meu interrogatório. Você está aqui para ouvir. Thrynne, fez uma pergunta. Pare de olhar para ela. Ela não é importante. Eu sou.

O olhar de Thrynne alternou entre os dois valorianos. Ele soltou um som gutural, áspero e urgente, com o leve queixume de uma dor sufocada. Concentrou os olhos em Kestrel.

– Por favor – ele disse, com a voz rouca –, ele precisa saber.

O capitão arrancou um pedaço de pele e o jogou no balde.

Thrynne gritou. Cortado por goles de ar, o grito ecoou pela cabeça de Kestrel.

Ela estendeu o braço na direção do capitão. Tentou conter a mão que empunhava a faca. Ele a jogou para trás com facilidade, sem nem olhar, e ela caiu.

– Não me ignore, Thrynne – disse o capitão. – Não existe mais “não”. Só “sim”. Você está me entendendo?

Thrynne mordeu a língua para não gritar.

– Sim.

Kestrel se levantou.

– Capitão...

– Quieta. Você só está atrapalhando tudo. – Virou-se para Thrynne. – O que você estava fazendo *ao ouvir atrás das portas de uma reunião secreta entre o imperador e o líder do Senado?*

– Nada! Limpando. Eu limpo.

– Isso está me parecendo um “não”.

– Não! Quer dizer, sim, sim, eu estava varrendo o chão. Eu limpo. Sou um servo.

– Você é um escravo – o capitão corrigiu, embora o imperador tivesse emitido um decreto que libertava os herranis. – Não é?

– Sim. Eu sou.

Kestrel havia sacado a adaga em silêncio. Se o capitão continuasse de costas para ela, ela poderia conseguir fazer algo. Pouco importava que suas habilidades de combate fossem

esdrúxulas. Ela poderia detê-lo.

Talvez.

– E por quê – o capitão disse a Thrynne com a voz suave –, por que você estava ouvindo atrás da porta?

A adaga na mão de Kestrel tremeu. Ela sentiu o cheiro do óleo perfumado do imperador no capitão. Obrigou-se a se aproximar. O leite do café da manhã lhe subiu à garganta.

Thrynne tirou os olhos do capitão para olhar para ela.

– Dinheiro – ele disse. – Este é o ano do dinheiro.

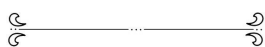
– Ah – disse o capitão. – Agora sim. Você foi pago para ouvir, não foi?

– Não...

O capitão desceu a faca. Kestrel vomitou, deixando a adaga cair nas sombras. O som dela batendo contra a pedra foi abafado pelo grito agudo de Thrynne. Ela limpou a boca com a manga do vestido; não estava olhando, estava tapando os ouvidos com as mãos. Mal ouviu o capitão dizer:

– Quem? Quem pagou você?

Mas não houve resposta. Thrynne havia desmaiado.



Kestrel chegou a seus aposentos como uma enferma. Infectada. Banhou-se até se sentir esterilizada. Largou o vestido arruinado onde estava, amontoado no chão do banheiro. Depois se deitou na cama, com o cabelo solto e úmido, e pensou.

Ou tentou pensar. Tentou pensar no que deveria fazer. Então, notou que o cobertor de penas, grosso mas leve, estremecia como um ser vivo. Ela estava tremendo.

Lembrou-se de Logro, o líder dos herranis. Arin havia obedecido a ele, o seguido. Amado até. Sim, ela sabia que Arin o havia amado.

Logro sempre ameaçara as mãos de Kestrel. Quebrá-las, cortar seus dedos, esmagá-los sob os dele, até ficar obcecado por ela de outra forma. Ela voltou a sentir: a avalanche fria de terror quando começou a entender o que ele queria e tomaria dela.

Ele estava morto agora. Arin o havia destripado. Kestrel tinha visto com os próprios olhos. Tinha visto Logro morrer e se tranquilizou de que ele não tinha como machucá-la. Kestrel olhou fundo para suas mãos, inteiras, imaculadas. Elas não estavam descamadas em carne viva. Eram finas, com as unhas curtas para o piano. Pele macia. Uma pequena marca de nascença perto da base do polegar.

Tinha as mãos bonitas, ela pensou. Estendidas contra o cobertor, pareciam ter a perfeição da inutilidade.

O que ela poderia fazer?

Ajudar o prisioneiro a fugir? Para isso, precisaria de uma estratégia que dependesse da ajuda de outras pessoas. Kestrel não tinha poder de barganha suficiente contra o capitão. Ninguém na capital lhe devia favores. Ela não conhecia os segredos da corte. Era nova no palácio e não tinha a lealdade de ninguém ali, não a ponto de ajudar com um plano tão maluco.

E se ela fosse pega? O que o imperador faria com ela?

E se não fizesse nada?

Ela não podia ficar sem fazer nada. Não ter feito nada na prisão já havia custado caro.

Este é o ano do dinheiro, Thrynne dissera. Ele dissera essas palavras como se fossem para ela. Era uma frase estranha. Mas lembrava algo familiar. Talvez fosse o que o capitão tinha presumido: Thrynne estava revelando que fora pago para obter informações. O imperador tinha muitos inimigos, nem todos estrangeiros. Um rival no Senado poderia ter contratado Thrynne.

Conforme o cobertor de penas ia se acalmando, transformando-se num campo nevado com picos sobre os joelhos unidos de Kestrel, ela se lembrou de sua ama-seca herrani dizendo: “Este é o ano das estrelas”.

Kestrel era pequena. Enai estava fazendo um curativo em seu joelho ralado. Kestrel não era uma criança desastrada, mas sempre se esforçava demais, e hematomas e sangue eram as consequências disso. “Tome cuidado”, Enai havia dito, ao enrolar a gaze. “Este é o ano das estrelas.”

Tinha parecido uma frase estranha para se dizer. Kestrel havia pedido uma explicação. “Vocês, valorianos, marcam os anos por números”, Enai dissera, “mas nós os marcamos de acordo com nossos deuses. Fazemos o ciclo pelo panteão, um dos cem deuses por ano. A deusa das estrelas rege este ano, por isso você tem que tomar cuidado com seus pés e seu olhar. Essa deusa adora acidentes. Beleza também. Às vezes, quando a deusa está irritada ou simplesmente entediada, resolve que a coisa mais bonita é o desastre.”

Kestrel devia ter achado aquilo bobo. Os valorianos não tinham deuses. Não havia um além nem nenhuma das outras superstições herranis. Se havia algo que os valorianos veneravam, era a glória. O pai de Kestrel ria do conceito de destino. Era o general do império; se acreditasse em destino, dizia ele, teria ficado sentado em sua tenda esperando que o país de Herran lhe fosse entregue numa linda taça de cristal. Em vez disso, ele o havia conquistado. Suas vitórias, dizia ele, eram mérito dele.

Quando criança, porém, Kestrel havia ficado fascinada pelo conceito dos deuses. Eles davam boas histórias. Ela havia pedido que Enai lhe ensinasse os nomes de todos os cem e o que eles regiam. Certa noite, no jantar, quando seu pai rachara um prato frágil com o garfo, ela disse em tom de brincadeira: “Cuidado, pai. Este é o ano das estrelas”. Ele tinha ficado imóvel. Kestrel ficou assustada. Talvez os deuses fossem reais, afinal. Aquele momento era um desastre. Ela viu o desastre nos olhos do pai. Viu o desastre no braço de Enai no dia seguinte, na forma de um hematoma: um largo hematoma roxo feito por uma mão grande.

Kestrel parou de perguntar sobre os deuses. Esqueceu. Talvez houvesse um deus do dinheiro. Talvez esse fosse o ano dele. Ela não sabia ao certo. Não entendeu o que a frase significara para Thrynne.

Diga a ele, Thrynne falara. Ele precisa saber. O capitão tinha suposto que Thrynne estava falando dele próprio. Talvez estivesse. Mas Kestrel lembrou dos olhos cinza do prisioneiro e de como ele parecia reconhecê-la. Claro, ele era um servo do palácio. Os servos sabiam quem ela era sem que ela soubesse os nomes e rostos de todos. Mas ele era herrani.

Digamos que ele fosse novo no palácio. E se a reconhecesse de sua vida em Herran, quando tudo era uma série de jantares e bailes e chás, quando sua maior preocupação era contornar o desejo de seu pai de que ela entrasse para o exército e o ódio que ele sentia de sua música?

Ou talvez Thrynne a reconhecesse de quando tudo havia mudado. Depois da Revolta de Primeiro Inverno. Quando os herranis conquistaram a capital e Arin havia tomado posse dela.

Ele precisa saber, Thrynne dissera.

Devagar, como pequenas peças de uma máquina perigosa em movimento, Kestrel substituiu uma palavra por um nome.

Arin precisa saber.

Mas saber o quê?



Kestrel tinha as próprias perguntas a Thrynne. Ela buscava uma forma de ajudá-lo e de entender o que ele havia dito – mas, para tanto, precisava ver Thrynne a sós... e isso exigia a permissão do imperador.

– Estou envergonhada pelo meu comportamento – ela disse ao imperador na manhã seguinte. Eles estavam na tesouraria particular dele. O bilhete dele aceitando seu pedido para vê-lo e escolhendo aquele cômodo para o encontro parecia ter sido escrito com benevolência. Mas ele estava em silêncio agora, examinando uma gaveta aberta na parede alveolada de gavetas do chão até o teto. Ele estava concentrado no conteúdo da gaveta, que Kestrel não conseguia ver. – Eu me comportei mal na prisão – Kestrel disse. – A tortura...

– Interrogatório – ele disse, voltado para a gaveta.

– Me lembrou da Revolta de Primeiro Inverno. Do... que eu passei.

– O que você passou. – O imperador tirou os olhos da gaveta.

– Sim.

– Nunca discutimos em detalhes aquilo pelo que você passou, Kestrel. Eu imaginaria que, o que quer que tenha sido, faria você incentivar os procedimentos do capitão em vez de atrapalhar seus métodos de interrogatório. Ou temos uma visão diferente do que você sofreu nas mãos dos rebeldes herranis? Preciso reavaliar a história da filha do capitão que fugiu do cativeiro e navegou por uma tempestade para me alertar da revolta?

– Não.

– Você acha que um império sobrevive sem métodos sórdidos? Acha que uma imperatriz pode lavar as mãos diante deles?

– Não.

Ele fechou a gaveta. O estalo foi sonoro como uma explosão.

– Então o que temos a discutir além da minha decepção? Da minha mais profunda decepção? Pensei que você fosse melhor do que isso.

– Permita-me me redimir. Por favor. Eu falo herrani muito bem, e minha presença deixou o prisioneiro disposto a falar. Se eu o questionasse...

– Ele morreu.

– O quê?

– Morreu, e levou consigo todas as informações que escondia.

– Como?

O imperador fez um sinal irritado com a mão.

– Infecção. Febre. Um balde de dejetos.

– Não entendo.

– A prisão é projetada para evitar suicídios. Mas esse homem, Thrynne, era inteligente. Dedicado. Desesperado. Quaisquer que sejam as características que podem levar alguém a decidir infectar feridas abertas enfiando-as num balde de dejetos.

A náusea de Kestrel ameaçou retornar. E a culpa: um gosto ruim no fundo da garganta.

O imperador suspirou. Ele se acomodou na cadeira e fez sinal para Kestrel se sentar na cadeira em frente a ele. Ela se afundou nela.

– Você conhece o tipo dele, Kestrel. Acha que alguém como ele recorreria a medidas assim para proteger um senador valoriano que tivesse lhe pago para saber como votar?

– Não – ela disse. Qualquer outra resposta pareceria falsa.

– Quem você acha que o contratou?

– O oriente, talvez. Eles devem ter espiões entre nós.

– Ah, claro que têm. – O imperador manteve o olhar firme. Ele não esperava uma resposta; queria ver se ela diria o que ele já estava pensando.

– Ele trabalhava para Herran – Kestrel disse devagar.

– É claro. Diga-me, o líder deles é um homem inspirador? Nunca o conheci, mas você foi prisioneira dele. Você diria que esse novo governador tem... carisma? O tipo de influência e poder que levaria as pessoas a assumir riscos extremos por ele?

Ela engoliu em seco.

– Sim.

– Tenho uma coisa para mostrar a você. – Ele apontou para uma gaveta que havia fechado.
– Tire o que está lá dentro.

Era uma moeda cunhada com o perfil do imperador.

– Mande cunhar essa série em celebração do seu noivado – ele disse. – Vire a moeda.

Kestrel a virou. O que ela viu a deixou assustada. Era o símbolo de agulhas de tricô cruzadas.

– Sabe o que isso significa?

Kestrel hesitou em falar.

– É o emblema de Jadis.

– Sim. A história perfeita, penso eu, para representar você.

Jadis era uma guerreira das antigas lendas valorianas. Uma tenente. Seu exército havia sido derrotado e ela foi levada como prisioneira de um líder militar inimigo que a colocou em seu harém. Ele gostava de todas as suas mulheres, mas desenvolveu uma predileção pela valoriana. No entanto, não era bobo. Ele a convocava nua para sua cama, para que ela não tivesse a chance de esconder uma arma. E também mandava que a amarrassem, pelo menos no início. Não confiava em suas mãos.

Entretanto, Jadis era doce e afável, e, com o passar do tempo e as viagens do acampamento do líder militar, ele notou que ela havia ficado amiga das outras mulheres do harém. Elas a ensinaram a tricotar. Às vezes, quando não estava em batalha, ele a via do lado de fora da tenda das mulheres, tricotando algo disforme. Divertia-o saber que a reputação da ferocidade valoriana não passava de um mito. Como sua pequena guerreira estava domada!

“O que é isso?”, ele perguntou.

“É para você”, Jadis disse. “Você vai gostar, vai ver só.”

O tecido de lã cresceu com o passar dos meses. Virou uma piada interna entre eles. Ele perguntava se era para ser uma meia, uma túnica, um manto. A resposta dela era sempre a mesma: “Você vai gostar, vai ver só”.

Certa noite, na tenda do líder militar, muito depois de ter parado de mandar que as mãos dela fossem amarradas, ele a fitou. “Você sabe que batalha vem amanhã?”

“Sim”, Jadis respondeu. O líder militar planejava atacar o coração de Valória. Tinha chances de sair vitorioso.

“Você deve me odiar por isso.”

“Não.”

A palavra trouxe lágrimas aos olhos dele. Ele quis chorar contra a pele dela. Não conseguia

acreditar.

“Meu amor”, ela disse, “estou quase terminando seu presente. Permita-me tricotar ao seu lado. Vai lhe trazer sorte na batalha.”

Isso o fez rir, pois não poderia imaginar que ela achasse que ele realmente fosse vestir aquela massa feia e disforme de lã. Ele se animou ao lembrar como ela dedicara-se ao seu tricô infeliz. E daí que ela não tivesse jeito para a coisa? Era prova de sua devoção.

Ele foi até a abertura da tenda e mandou que buscassem a cesta de tricô dela.

Sentou-se ao lado dela na cama e desfrutou de Jadis novamente. Depois, ela tricotou ao lado dele. O murmúrio baixo das agulhas deixou o líder militar com sono.

“Você ainda não terminou?”, provocou ele.

“Sim. Acabei de terminar.”

“Mas o que é?”

“Não está vendo? Não gostou? Olha mais de perto, meu amor.”

Ele olhou, e Jadis enfiou as agulhas na garganta dele.

A moeda pesava na palma de Kestrel. Todo o ar deixou seus pulmões.

O imperador disse:

– Estávamos discutindo agora há pouco sobre seu cativeiro sob Arin.

– Não foi nada do que o senhor está pensando. – Ela apertou os dedos em volta da moeda.

– Não sou como Jadis.

– Não? Ouvi dizer que o governador é um homem atraente.

– Eu não achava. – Não mesmo, não no começo. Que triste ela não ter visto quem Arin realmente era, que lamentável quando enfim viu, e que terrível agora que não o tinha mais e o imperador questionava seus segredos. – Ele nunca foi meu amante. Nunca.

Isso era verdade. O som da voz dela deve ter convencido o imperador, ou a forma como ela apertava a moeda. A resposta dele foi suave:

– Acredito em você. Mas e se não acreditasse? Importaria se o escravo tivesse dormido em sua cama? Ah, Kestrel. Não me olhe com tanto espanto. Você acha que sou um puritano? Ouvi os boatos. Todos ouviram. – Ele se levantou e se aproximou para envolver o punho que ela havia cerrado em volta da moeda. – É por isso que precisa de Jadis. É um presente. Se a capital pensa que você se entregou ao governador de Herran, é melhor que pensem que foi por um propósito.

“Você fez uma escolha quando se colocou diante de mim e defendeu a independência herrani. Você escolheu meu filho. Escolheu minha causa.” Ele deu de ombros. “Sou um homem pragmático. Não tenho interesse de me envolver numa batalha com Herran quando o oriente me chama. A sua solução – a condição de Herran como um território independente do

império – teve um custo político alto em alguns sentidos... mas foi valioso em outros. E necessário do ponto de vista militar. Mais uma vantagem? O exército me ama agora que a filha do general vai se casar com meu filho.

“Acho que nos entendemos, não? Ganho uma filha inteligente o bastante para comandar um império no futuro e, enquanto isso, posso contar com a boa vontade dos soldados do seu pai. Você ganha uma coroa e uma absolvição por quaisquer... indiscrições do passado.”

Kestrel abaixou a mão, abrindo o punho, mas não o suficiente para deixar a moeda cair.

– A sua adaga, por favor, Kestrel. – Ele estendeu a mão.

– O quê?

– Dê-me a sua adaga. – Como ela não se moveu, ele disse: – É simples demais. A noiva do meu filho precisa ter algo mais elegante.

– Foi meu pai quem me deu essa adaga.

– E eu não serei seu pai também?

O imperador tinha acabado de tornar impossível para Kestrel recusar sem ofendê-lo. Ela sacou sua adaga adorada. Apertou o polegar uma vez contra o rubi cravado no cabo da adaga e entalhado com seu selo: as penas de uma ave de rapina. Apertou com tanta força que chegou a doer. Depois, entregou a arma ao imperador.

Ele a guardou na gaveta que abrigara a moeda e a fechou. Com sua própria adaga rebrilhando no quadril, olhou para Kestrel. Ele tocou a linha dourada na testa dela, que a marcava como uma mulher comprometida.

– Tenho sua lealdade ao império, não tenho?

– É claro. – Ela tentou ignorar a leveza de sua bainha.

– Que bom. E o que passou passou, não é mesmo?

– Sim.

O imperador pareceu satisfeito.

– Não haverá nenhum sinal de qualquer simpatia que você possa ter em relação a Herran... ou ao governador daquele território. Se tiver alguma, apague isso de você. Caso contrário, não vai gostar das consequências. Estamos entendidos?

Sim. Kestrel via agora que o imperador não pretendia que a visita dela à prisão fosse um simples teste ou lição. Tinha sido um aviso do que poderia acontecer com quem atravessasse seu caminho.

Kestrel carregou a moeda de Jadis consigo para todos os lados. Estava no seu bolso no dia em que surpreendeu o príncipe na sala de música dela.

Ela parou de repente ao deparar com o príncipe Verex sentado a uma mesa com as peças de um jogo oriental. Ele olhou de relance para ela, depois de volta para as peças de mármore. O rosto dele ficou vermelho. Ele ficou brincando com um canhão em miniatura.

– Fronteiras é um jogo de dois oponentes – Kestrel disse. – Estava me esperando?

– Não. – Ele soltou a peça do jogo e enfiou as mãos embaixo dos braços. – Por que eu estaria?

– Bom, esta sala é minha.

Nos seus primeiros dias no palácio, o imperador havia dado a Kestrel um piano novo e ordenado que o instalassem ali na ala imperial, dizendo que a acústica daquele cômodo era excelente. Não era. Havia eco demais na sala. Soava maior do que era de fato. Suas paredes de pedra não tinham enfeites, seus móveis eram rígidos. As estantes eram parcamente decoradas com objetos que nada tinham a ver com música: astrolábios, jogos, um boneco de argila, telescópios quebrados.

– Sua sala – Verex repetiu. – Imagino que tudo no palácio esteja aqui para você tomar. O que é meu antigo quarto de brinquedos perto do palácio que meu pai vai lhe dar? – Ele encolheu os ombros tensos.

O olhar de Kestrel recaiu sobre o soldado de argila. Ela viu sua tinta lascada, seu lugar de prestígio no centro de uma prateleira. A sala era um lugar frio e nada convidativo para qualquer criança. Ela lembrou que Verex também havia perdido a mãe cedo na vida.

Kestrel se sentou diante dele.

– Seu pai não me *deu* esta sala – ela disse. – Provavelmente queria que dividíssemos esse espaço e passássemos mais tempo juntos.

– Você não acha mesmo que isso seja verdade.

– Ainda assim, cá estamos nós, juntos.

– Não era para você estar aqui. Paguei uma das suas damas de companhia. Ela me disse que você tinha planejado passar a tarde na biblioteca.

– Uma das minhas servas trabalha para *você*?

– Pelo jeito, a filha do general, apesar da reputação de tão inteligente, se acha imune a toda espionagem mesquinha de que uma corte é capaz. Ela não parece tão inteligente agora, não é?

– Definitivamente mais inteligente do que alguém que decide revelar que subornou a dama de companhia dela. Por que não me conta qual delas, Verex, e completa seu erro de uma vez?

Por um momento, ela achou que ele viraria a mesa e jogaria as peças de Fronteiras para o alto. Mas logo percebeu o que ele estava fazendo sozinho diante daquele jogo, que era a nova moda na corte. As peças estavam organizadas no arranjo de iniciante. Verex estava praticando.

A mágoa no rosto dele parecia expressar as palavras mais claras.

– Você me odeia – Kestrel disse.

Ele se afundou na cadeira. Seu cabelo louro e desgrenhado caiu para a frente, e ele esfregou os olhos como alguém que havia acordado muito cedo.

– Não, na verdade não. Eu odeio *isso*. – Ele apontou para a sala ao redor. – Odeio que você esteja me usando para conseguir a coroa. Odeio que meu pai ache essa uma ideia genial.

Kestrel tocou uma peça do jogo de Fronteiras. Era um batedor.

– Você poderia dizer para ele que não deseja casar comigo.

– Ah, eu já disse.

– Talvez nenhum de nós tenha muita escolha nessa questão. – Ela viu a curiosidade ligeira dele e se arrependeu das suas palavras. Trouxe o batedor das Fronteiras próximo ao general. – Gosto desse jogo. Me faz pensar que o império oriental gosta tanto de uma boa história quanto de uma batalha.

Ele lhe lançou um olhar de quem notou a mudança de assunto súbita, mas disse apenas:

– Fronteiras é um jogo, não um livro.

– Fronteiras *pode ser* como um livro, com suas possibilidades variáveis de fins diferentes e com os personagens que podem mudar de direção rumo ao inesperado. Fronteiras também é complexo. Leva o jogador a pensar que sabe a história de seu oponente. Pegue a história do jogador inexperiente, por exemplo. O iniciante que não vê as armadilhas sendo armadas. – A expressão de Verex tinha ficado mais suave, então Kestrel organizou as peças para uma jogada inicial e as moveu em diferentes arranjos para dois oponentes, explicando como um suposto iniciante poderia vencer um jogo caindo deliberadamente numa armadilha só para montar a sua própria. Quando o general verde por fim derrubou o vermelho, Kestrel disse: – Podemos treinar juntos.

Os olhos arregalados de Verex de repente brilharam.

– Por “treinar”, você quer dizer “ensinar”.

– Amigos jogam juntos o tempo todo sem pensar em praticar ou ensinar, vencer ou perder.

– Amigos.

– Eu não tenho muitos. – Ela tinha apenas uma. Sentia uma saudade terrível de Jess. Jess havia partido para as ilhas do sul com a família a fim de cuidar de sua saúde. No passado, Jess teria ido para uma adorável casinha que sua família possuía à beira-mar no calor da ponta sul de Herran, mas o Decreto de Meio Inverno ordenava que os colonos valorianos abandonassem todas as propriedades em Herran. Os colonos foram recompensados pelo

imperador e os pais de Jess tinham comprado uma casa nova nas ilhas. Mas Kestrel via a saudade de casa nas cartas da amiga. Kestrel sempre respondia. Elas se correspondiam com frequência, mas cartas não eram o suficiente.

Verex cutucou o general vermelho derrubado com seu general verde, ouvindo a batida rochosa de mármore contra mármore.

– Talvez possamos ser amigos, se me explicar por que *você* não diz ao meu pai que não quer se casar comigo.

Mas Kestrel não podia explicar.

– Você não *me* quer – Verex disse.

Ela não podia mentir.

– Você afirmou que não tem escolha – ele disse. – O que quis dizer com isso?

– Nada. É sério, quero me casar com você.

A raiva dele retornou.

– Então vamos listar os motivos. – Ele os contou nos dedos. – Você busca o império e um marido que possa manipular com a mesma facilidade que essas peças de jogo.

– Não – ela disse, mas por que Verex não acreditaria no retrato que fazia dela: insensível, com sede de poder? Era o mesmo em que Arin acreditava.

– Quer rir da minha cara. Para que no nosso baile de noivado possa me ver perder em Fronteiras enquanto você e todos os aristocratas e os governadores dos territórios riem de mim.

– Um baile? Todos os governadores? Tem certeza? Ninguém me falou disso.

– Meu pai conta *tudo* a você.

– Ele não me conta. Juro, não sabia nada sobre esse baile.

– Então ele está jogando com você também. Meu pai tem duas faces, Kestrel. Se acha que ele adora você, deveria pensar melhor.

Kestrel ergueu as mãos para o alto.

– Você é impossível. Não dá para me culpar pela predileção dele e dizer que não passo de um brinquedinho nas mãos dele. – Ela se levantou e caminhou em direção à porta, porque viu que a breve paz entre eles havia se desfeito e a cabeça dela estava a mil. Um baile de noivado. Com todos os governadores. Arin viria. Arin estaria lá.

– Por que será que meu pai não lhe contou? – Verex perguntou. – Será que foi para que, pegando você desprevenida, ele pudesse observar exatamente o que há entre você e o novo governador de Herran?

Kestrel parou, deu meia-volta.

– Não existe *nada* entre nós.

– Vi a moeda de Jadis. Ouvi os boatos. Antes da revolta, ele era seu escravo favorito. Você lutou um duelo por ele.

Ela quase colocou a mão numa prateleira para se equilibrar. Sentia como se pudesse cair.

– Eu sei por que vai se casar comigo, Kestrel. É para que todos esqueçam do que houve depois da revolta, para que ninguém coloque *você* na prisão, ao contrário de todos os valorianos na cidade de Herran. Você era especial, não era? Porque era *dele*. Todo mundo sabe o que você era.

A vertigem dela desapareceu. Ela pegou o soldado de argila da prateleira.

No mesmo instante, viu pela expressão de Verex que ela segurava algo que ele estimava. Ela o partiria em pedaços, o jogaria no chão. Quebraria Verex da mesma forma como o pai dele o havia quebrado.

Como ela havia partido o próprio coração. De repente, Kestrel sentiu os pedaços de seu coração, como se o amor fosse um objeto, algo tão frágil como um ovo de pássaro, com uma casca num tom impossível de rosa opaco. Ela viu o frígir de sua gema ensanguentada. Sentiu os pedaços da casca perfurando sua garganta e seus pulmões.

Kestrel colocou o soldado de volta na prateleira. Certificou-se de que sua voz soasse clara antes de sair da sala.

– Se não quiser ser meu amigo, vai se arrepender de ser meu inimigo.



Kestrel deixou sua suíte e dispensou as damas de companhia. Não confiava mais nelas. Sentou-se diante de uma janelinha que emitia uma luz fraca. Quando tirou a moeda de Jadis do bolso, ela pareceu pesada em sua mão.

Este é o ano do dinheiro, ela lembrou. Ela havia mesmo planejado ir à biblioteca naquele dia, como sua dama de companhia havia informado Verex. Pretendia pesquisar os deuses herranis, depois achou melhor não. A biblioteca abrigava uma coleção ridícula de livros; era mais um cômodo luxuoso onde os integrantes da corte se reuniam para tomar um chá tranquilo ou onde um oficial militar poderia consultar um dos milhares de mapas. A biblioteca teria servido perfeitamente para Kestrel se quisesse encontrar um mapa ou socializar... ou se quisesse que os integrantes da corte a vissem pesquisando livros herranis.

Ela tinha se afastado das portas grossas da biblioteca.

Agora, estava aconchegada em sua poltrona de veludo, tentando se concentrar nas verdadeiras palavras de sua conversa com Verex, e não no tom emocional delas. Virou a moeda, virou-a de novo. Imperador. Jadis. Imperador. Jadis. *Ele tem duas faces*, Verex havia dito sobre o pai. Kestrel pensou nessa frase enquanto examinava cada lado da moeda. *Doas faces*: a expressão pendeu como um anzol no poço escuro de sua memória. Algo foi fisgado.

Os herranis acreditavam que os deuses não regiam apenas uma coisa, mas todo um conjunto de ideias, ações e objetos relacionados. A deusa das estrelas era a deusa das estrelas, mas também dos acidentes, da beleza e dos desastres. O deus das almas... Kestrel sentiu um nó na garganta ao lembrar de Arin invocando esse deus, que regia o amor. *Minha alma é sua*, ele havia dito. *Você sabe*. A expressão dele tinha sido tão franca, tão verdadeira. Temerosa, até, do que estava dizendo. E ela também sentiu medo, pela maneira como ele havia expressado o que ela sentia. Paralisada de medo.

A moeda. Kestrel se obrigou a trazer sua atenção de volta à moeda.

Não havia nada de honesto no deus do dinheiro. Ela lembrou disso agora. Esse deus tinha duas faces, como aquela moeda de ouro. Às vezes homem, às vezes mulher. *Ele governa a compra e a venda*, Enai dizia, *o que significa que rege a negociação. E as coisas ocultas. Não dá para ver os dois lados de uma moeda ao mesmo tempo, dá, minha pequena? O deus do dinheiro sempre guarda um segredo*.

O deus do dinheiro também era o deus dos espiões.

Arin se lembrava.

No começo, tinha sido fácil cumprir a promessa de ser o espião de Logro. “Você é em quem eu mais confio”, o líder da revolta murmurara nos ouvidos de Arin depois da venda dele à filha do general. “Você é o meu braço direito, rapaz, e, cá entre nós, vamos colocar os valorianos aos nossos pés.”

Tudo havia corrido bem e se encaixado perfeitamente.

Exceto...

Exceto.

A filha do general havia se interessado por Arin. Era uma oportunidade concedida pelos deuses, mas, mesmo naqueles primeiros dias como escravo dela, Arin teve o pressentimento – incômodo, suave, elétrico, como faíscas saindo de roupas no inverno – de que o interesse dela seria o motivo de sua ruína.

E Arin era Arin: ele forçou sua sorte, como sempre.

Esse hábito tinha ficado ainda pior com ela. Dizia coisas que não deveria. Quebrava regras e ela o observava fazer isso sem falar nada sobre sua desobediência.

Era, concluiu ele, porque ela não se importava com o que ele fazia.

Depois veio o impulso cujo perigo ele devia ter notado – *teria* notado, se tivesse admitido a si mesmo o que o fazia querer acordá-la embora os olhos dela estivessem abertos.

Por que ela devia se importar com o que um escravo fazia?

Arin *faria* com que ela se importasse.



Arin se lembrava.

De como não conseguia dormir no barracão de escravos por causa da música que cortava a escuridão através do terreno desde a casa do general, onde a menina tocava e tocava, sem nem se importar com o cansaço dele, porque não sabia que ele estava cansado, porque sequer pensava nele.

Ele foi açoitado com as costas nuas pelo mordomo valoriano por alguma infração leve. No dia seguinte, ela ordenara que ele a acompanhasse a uma festa. O orgulho o impedira de se crispar de dor enquanto se mexia. As listras ardentes em suas costas se abriam e sangravam. Ela não podia ver, ele não a deixaria ver, não lhe daria essa satisfação.

Mesmo assim, ele procurou algum sinal de que ela ficara sabendo do açoite. Seu olhar perscrutou o rosto dela, sem encontrar nada além de um desconforto por ser examinada com

tanta atenção.

Ela não sabia. Ele tinha certeza de que conseguiria ver se ela soubesse. Culpa era uma emoção que ela não sabia esconder muito bem.

A distância, onde ela estava sentada num divã brocado, com uma xícara e um pires na mão, ela deixou o olhar cair, voltou-se para um lorde e riu de algo que ele havia dito.

A inocência dela era enlouquecedora.

Ela devia saber. Devia saber o que seu mordomo havia feito. Devia saber que a culpa era dela, quer ela tivesse dado a ordem, quer não – quer ela soubesse, quer não. Inocente? Ela? Jamais.

Ele ergueu o colarinho alto de sua camisa para esconder uma chicotada que atingira seu pescoço.

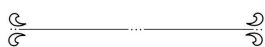
Ele não queria que ela soubesse.

Não queria que ela visse.

Mas...

Olhe para mim, ele pensava furiosamente. *Olhe para mim*.

Ela ergueu os olhos. E olhou.



As lembranças eram estranhas. Uma rede de açoites, dispostos uns contra os outros, traços ardentes que poderiam parecer um desenho se não estivesse claro que haviam sido feitos por uma mão ensandecida e descontrolada. Os açoites eram inflamados pelo sentimento.

Ele sentia queimar, queimar.

– Arin – Tensen disse durante sua reunião com o tesoureiro herrani, que estava com a cara ainda mais fechada do que o normal –, onde você está com a cabeça? Não ouviu nada do que eu falei.

– Fale de novo.

– O imperador mandou cunhar uma nova moeda para celebrar o noivado.

Arin não queria ouvir sobre o noivado.

– Acho que você deveria ver a moeda – Tensen disse.

Arin pegou a moeda e não viu o que quer que Tensen achava que ele deveria ver.

Tensen lhe contou a história de Jadis.

Arin deixou a moeda cair.

Ele lembrava.

Lembrava de ter mudado.

Viu Kestrel dar uma flor a um bebê que todos os outros estavam ignorando. Observou-a perder alegremente em um jogo de cartas para uma velha senhora valoriana de quem a alta sociedade caçoava, sem nem se dar ao trabalho de falar baixo, porque ela era senil demais, diziam, para entender.

Arin estava atrás de Kestrel durante esse jogo. Tinha visto sua mão maior.

Viu a honestidade dela com ele. Ela a oferecia como um copo de água translúcida que ele bebia sedento.

As lágrimas dela cintilando na escuridão.

A criatura feroz que era a mente dela: esguia, de garras afiadas, nem um pouco disposta a ser capturada.

Arin viu Kestrel ficar entre ele e a punição, como se isso não significasse nada, em vez de tudo.

– Arin? – Tensen o chamou de suas lembranças.

Arin lembrava dos dias frios depois que a tinha visto pela última vez, depois que ela lhe entregara o decreto do imperador com a liberdade herrani e lhe falara do seu noivado. “Me dê os parabéns”, ela havia dito. Ele não tinha acreditado. Tinha implorado. Ela não lhe dera ouvidos. “Ah, Arin”, Sarsine dissera a ele durante o tempo em que ele não deixava os cômodos nos quais Kestrel tinha morado. “O que você esperava?”

Angústia. Tudo havia se encaminhado para isso.

– Arin – Tensen repetiu. Arin não podia mais ignorá-lo. – Pela última vez, você vai à capital ou não?

Embaixadores e aristocratas começaram a chegar à capital em preparação para o baile. Todo dia, novos grupos de cavalos elegantes eram trazidos aos estábulos imperiais, cansados da árdua cavalgada pelas estradas de inverno. Embora Kestrel tivesse salientado as dificuldades das más condições de viagem para seus convidados, pelo visto o imperador não achava isso importante. Se ele os havia convidado, eles precisavam vir. Lareiras foram acesas para aquecer as suítes de hóspedes do palácio que seriam habitadas por algum tempo: depois do baile de noivado, haveria festas e eventos até o casamento.

Certa tarde, Kestrel atravessou a cidade de carruagem rumo ao porto, com uma dama de companhia tremendo ao seu lado. Não havia por que essa menina não ser a que estava a serviço de Verex, mas Kestrel amontoou peles por sobre o colo dela e incentivou a dama de companhia a aproximar os pés do tijolo aquecido no piso da carruagem.

Seu avanço pela cidade foi lento. As estradas eram íngremes e estreitas, feitas menos para a conveniência da sociedade e mais para reduzir o avanço de um inimigo morro acima, rumo ao palácio.

Nenhum navio novo havia aportado. Kestrel não deveria esperar ver algum navio herrani mesmo. Era a temporada das tempestades verdes. Ninguém em sã consciência navegaria entre a península de Herran e a capital.

O vento do porto rachava os lábios de Kestrel.

– O que estamos fazendo? – perguntou a dama de companhia entre os dentes que batiam.

Kestrel não podia dizer que estava procurando o navio que traria Arin. O tempo estava se esgotando para ele fazer a travessia mais longa, porém mais segura pelo desfiladeiro da montanha, que havia sido desobstruído depois da assinatura do tratado de Herran. O fim de semana do baile se aproximava. A maioria dos convidados já chegara. Mas não ele.

– Nada – Kestrel disse. – Só queria olhar a paisagem. – A menina piscou: seu único sinal de incômodo por ter sido arrastada até o porto. Contudo, Kestrel não tinha permissão de sair sem acompanhantes. Ela tinha centenas de presentes de noivado: uma pena feita do marfim de uma baleia cornífera, um dado de rubi de um lorde colonial que soubera da paixão de Kestrel por jogos, até uma inventiva tiara desmontável para viagens... A lista de presentes era longa, mas Kestrel teria trocado todos por uma única hora de privacidade fora do palácio. – Vamos – ela disse, e não retornou mais ao porto.



Ela jantou com os senadores. Sobre a borda de sua taça de vinho, Kestrel observou o líder do Senado, que parecia estranhamente bronzeado para o inverno, murmurar algo ao imperador.

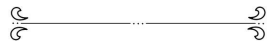
O que você estava fazendo?, ela lembrou do capitão questionando Thrynne na prisão, ao

ouvir atrás das portas de uma reunião secreta entre o imperador e o líder do Senado?

De repente, parecia que a taça de Kestrel estava cheia não de vinho, mas de sangue.

O imperador ergueu os olhos e pegou Kestrel olhando fixo para ele e o líder do Senado. Ergueu uma sobrancelha.

Ela desviou o olhar. Bebeu a taça de vinho até o último gole.



Seu pai mandou um pedido de desculpas. Não poderia vir ao baile. Estava focado no combate perto da fronteira com as planícies ocidentais. *Sinto muito*, escreveu o general Trajan, *mas tenho minhas ordens*.

Kestrel parou de reler as linhas pretas escassas. Em vez disso, fitou o espaço vazio daquela folha de papel. O branco feria seus olhos. Ela soltou a carta.

Ela sequer havia considerado a vinda do seu pai como uma possibilidade, não até o momento em que pegou a carta nas mãos e a abriu.

Aquela esperança ofuscante. Aquela queda rumo à decepção. Ela deveria estar preparada para isso.

Lembrou-se das últimas palavras da carta: *ordens*. Kestrel se perguntou até onde iria a obediência de seu pai ao imperador. O que o general teria feito na cela de prisão de Thrynne? A faca dele teria cortado com a mesma facilidade que a do capitão, ou, pior, não teria cortado?

Quando ela pensou no pai e o imaginou no papel do capitão, na sua mente não era Thrynne quem estava na prisão. Era ela quem estava acorrentada. *O que você estava fazendo*, perguntava o general, *negociando com o imperador pela vida de um escravo?*

Kestrel balançou a cabeça e deixou de ver a prisão ou o pai. Ficou olhando por uma janela de um de seus aposentos no alto da ala interna do palácio, que dava para a barbacã, por onde entrariam os visitantes.

Tirou a palma da janela fria. O portão da barbacã estava fechado.

Saia da janela, ela ouviu o pai ordenar.

Ela continuou onde estava. O vidro se cobriu de névoa.

Não existe mais “não”, Kestrel. Só “sim”.

A vista a cobriu de névoa.

Ela saiu da janela. Afinal, não havia nada para ver.



Os dias passaram.

Houve uma apresentação para a corte. Um cantor herrani. Sua voz era razoável, mas mais

aguda que a de Arin. Mais fina. Kestrel sentiu raiva pela forma como a voz desse cantor desconhecido mal atingia as notas graves de seu registro. Era uma música inferior, fraca. Não tinha nada da força de Arin, de sua resistência suave.

Kestrel guardava com carinho a lembrança do canto de Arin. Era como mel na colmeia de seu coração. Ao longo da apresentação, começou a ter medo de que a música que ouvia agora substituísse sua lembrança da voz de Arin. Ele nunca cantaria para ela de novo. E se ela sequer conseguisse lembrar que ele já cantara para ela uma vez? Ela curvou os dedos sob a borda da cadeira e apertou com firmeza.

Finalmente, a apresentação terminou. O público respondeu o silêncio do cantor com um silêncio frio. Ninguém aplaudiu – não porque todos os demais pudessem julgar a qualidade da música e considerar que o cantor tinha deixado a desejar, mas porque não viam motivo para aplaudir um escravo, mesmo depois de lembrar que ele não era mais um escravo. E Kestrel, que em momento algum havia esquecido o que aquele homem era ou não, definitivamente também não tinha intenção de aplaudir.



A música dela também era um problema. O piano trazia pouco consolo – e todo consolo que tenha lhe dado se revelou falso. Kestrel começou a compor o que pensava ser um *impromptu* o mais complexo possível. Então, as notas tropeçavam, se misturavam e deixavam espaços que ela não conseguia preencher.

Não era um *impromptu*. *Impromptus* eram para solistas. Aquilo era um dueto.

Não, não bem um dueto... apenas metade de um.

Kestrel fechou a tampa sobre as teclas.



Ela inventou uma versão solitária de Morder e Picar. Jogou contra um fantasma. Jogou contra si mesma. O cemitério – a pilha de peças deixadas na mesa depois que os jogadores pegavam suas mãos – ia diminuindo até todas estarem voltadas para cima como uma verdade derradeira que ela deveria ser capaz de decodificar. O tigre mostrava seus dentes. A aranha tecia sua teia. Camundongo, peixe-pedra, víbora, vespa... As gravuras pretas nas peças de marfim ficaram subitamente nítidas, depois se embaçaram diante de seus olhos.

Kestrel misturou as peças e tentou mais uma vez.



Ela convidou Jess para o baile. Sua carta praticamente implorava para que a amiga viesse. A resposta de Jess chegou: ela iria, claro que iria. Prometeu ficar com Kestrel pelo menos uma semana. Kestrel sentiu um enorme alívio.

Não durou muito.



Ela tomava chá nos salões do palácio com as filhas e os filhos dos militares de alto escalão. Comia canapés em pães brancos finos que tinham um gosto horrível porque sua cor vinha de pó de giz. Kestrel fingia que a tensão e a secura de sua garganta tinham a ver com o pão, e não com a decepção crescente de cada dia que não trazia Arin.



Na última manhã antes do baile, quando os vigilantes do tempo no palácio previram que até o fim do dia uma tempestade de neve que se formava sobre as montanhas fecharia o desfiladeiro para Herran, Kestrel subiu no bloco enquanto a costureira prendia uma barra de renda prateada em seu vestido de baile.

Era o toque final. Kestrel olhou fundo para as camadas de tecido. A cor de sua base de cetim era indefinida. Às vezes lembrava pérolas tiradas de dentro das conchas. Então, a luz da janela diminuía e o vestido ficava escuro, coberto por sombras.

Kestrel estava cansada das longas horas sobre o bloco da costureira, cansada de pensar em todos os olhos que a observariam entrar no salão de baile, de toda a fofoca que percorreria o palácio sobre detalhes tão pequenos quanto sua escolha de vestido. Tinham sido feitas apostas, ela ouvira dizer. Fortunas inteiras poderiam ser ganhas ou perdidas com base no que ela vestiria.

Ela tirou os olhos do vestido para observar as nuvens carregadas de neve se formando no céu. Olhava como se a janela fosse sua última saída, cada nuvem uma pedra disposta para tapar a janela.

A costureira era herrani. Tinha sido liberta junto com o restante de seu povo quando o imperador emitira seu decreto quase dois meses antes. Por que Deliah continuou na capital em vez de retornar a Herran, Kestrel não sabia. Não perguntou e Deliah quase nunca falava. Ela também não falou nada naquele dia – não a princípio. Fixava os alfinetes com uma precisão silenciosa. Mas seus olhos cinzentos se ergueram uma vez para examinar Kestrel.

Kestrel viu certa especulação na duração daquele olhar. Uma espera, uma curiosidade.

– Deliah, o que foi?

– Você não soube?

– Soube do quê?

Deliah torceu a bainha.

– O representante herrani chegou.

– Como assim?

– Chegou hoje de manhã, no dorso de um cavalo. Atravessou o desfiladeiro no último momento.

- Tire esse vestido.
- Mas ainda não terminei, milady.
- *Tire.*
- Só mais alguns...

Kestrel arrancou o tecido pelos ombros. Ignorou o grito curto de Deliah, as espetadas dos alfinetes e o repicar agudo deles se esparramando pelo chão de pedra. Kestrel passou por cima do vestido, colocou suas roupas diurnas e correu porta afora.

Ele estava esperando no salão de recepção, uma figura solitária na vasta câmara abobadada. O representante herrani era um homem de idade avançada que apoiava o peso de seu corpo magro sobre uma bengala.

Kestrel hesitou. Aproximou-se mais devagar. Não conseguiu evitar olhar por cima dos ombros dele em busca de Arin.

Ele não estava lá.

– Pensei que os tempos bárbaros do império valoriano haviam chegado ao fim – o homem ironizou.

– O quê? – Kestrel disse.

– Você está descalça.

Ela olhou para baixo e só então notou que seus pés estavam congelando, que ela havia esquecido até da existência de sapatos quando deixou o cômodo de vestiário e atravessou o palácio diante do olhar de todos, diante do olhar dos guardas valorianos que cercavam o salão de recepção agora.

– Quem é você? – Kestrel perguntou.

– Tensen, ministro da agricultura.

– E o governador? Onde está?

– Não vem.

– Não... – Kestrel pressionou a palma da mão contra a testa. – O imperador emitiu uma *convocação*. Para uma função estatal. E Arin *recusa*? – Sua raiva estava se avolumando em tantas camadas quanto seu vestido de baile: raiva de Arin, da forma como ele estava cometendo suicídio político.

Raiva de si mesma. De seus pés descalços e da maneira como eram prova – prova pura, nua, fria – de sua esperança, de sua necessidade de ver alguém que ela deveria esquecer.

Arin não tinha vindo.

– Recebo esse olhar desapontado o tempo todo – Tensen disse, sorridente. – Ninguém nunca fica animado ao conhecer o ministro da agricultura.

Ela por fim se concentrou no rosto dele. Seus olhos verdes eram pequenos e sagazes, sua pele enrugada era mais escura que a dela.

– Você me escreveu uma carta. – A voz dela era hostil. – Disse que tínhamos muito a discutir.

– Ah, sim. – Tensen fez um sinal negligente com a mão. A luz da lamparina iluminou o

anel de ouro maciço que ele usava. – Precisamos conversar sobre a colheita de noz-de-lareira. Mais tarde. – Devagar, ele lançou os olhos para os soldados valorianos que cercavam o salão, depois voltou a encarar Kestrel. – Queria saber sua opinião sobre algumas questões a respeito de Herran. Mas sou um homem de idade avançada, milady, e a cavalgada me cansou. Preciso de um pouco de descanso na privacidade dos meus aposentos, acredito eu. Poderia me mostrar onde eles ficam?

Kestrel entendeu a mensagem. Não foi cega à maneira como ele indicara que a conversa deles poderia ser ouvida, nem surda ao seu convite codificado de que poderiam conversar mais livremente na suíte de hóspedes. Mas ela sofria com a dor na garganta, e disse apenas:

– Seu trajeto foi árduo?

– Sim.

– E a neve, já está caindo?

– Sim, milady.

– O desfiladeiro da montanha vai fechar.

– Sim – Tensen confirmou, com delicadeza, e entreviu demais. Kestrel podia ver que ele ouviu aquele tom horrível na voz dela e que o reconheceu como o som de alguém que estava contendo as lágrimas. – Como era esperado – ele acrescentou.

Isto, porém, ela não imaginava: essa esperança ridícula, dolorosa. Afinal, quem desejaria ver alguém que já tinha ficado para trás? Que bem isso faria?

Nenhum.

Pelo visto, Arin também sabia disso. Sabia melhor do que ela, senão sua esperança teria sido igual à dela e o teria levado ao palácio.

Kestrel se empertigou.

– Você pode encontrar seus aposentos sozinho, ministro Tensen. Tenho assuntos mais importantes para tratar.

Ela deixou o salão a passos largos. O piso de mármore raiado era frio sob seus pés: um lago congelado com fraturas que ela não se importava em ver.

Ela andou sem se importar.

Não se importava.



Jess arrumou o vestido de gala de Kestrel, deu um passo para trás, inclinou a cabeça e perscrutou.

– Você está nervosa, não está? Seu rosto parece tenso – Jess observou.

– Não dormi bem esta noite. – Era verdade. Kestrel tinha pedido para Jess vir com

antecedência de sua casa na cidade, para passar a noite anterior ao baile nos aposentos de Kestrel no palácio. As duas amigas haviam dividido a cama, como às vezes faziam em sua infância em Herran, e conversado até a lamparina ter queimado todo o óleo. – Você roncou – Kestrel disse.

– Eu não.

– Roncou sim. Roncou tão alto que até as pessoas nos meus sonhos reclamaram.

Jess deu risada e Kestrel ficou contente por sua mentirinha boba. Rir suavizou o rosto de Jess, encheu suas bochechas descarnadas. Tirou a atenção das olheiras sob seus olhos castanhos. Jess nunca parecia bem. Não mais, não depois que tinha sido envenenada na noite da revolta herrani.

– Tenho uma coisa para você. – Jess abriu seu baú e tirou um embrulho de veludo. – Um presente de noivado. – Jess desfez o embrulho. – Fiz para você. – O veludo abrigava um colar de flores presas a um fio preto, com pétalas grandes, desabrochadas, talhadas com fragmentos areados de vidro amarelo-âmbar e finos caracóis de chifre. As cores eram claras, mas o tamanho e a largura das flores as deixavam com um ar quase feroz.

Jess prendeu o colar em volta do pescoço de Kestrel. As flores tilintaram umas contra as outras, deslizando para repousar contra o corpete do vestido.

– É lindo – Kestrel disse.

Jess ajustou o colar.

– Entendo por que você está nervosa.

Kestrel prendeu a respiração. O estalido das flores silenciou.

– Eu não deveria dizer isso. – Os olhos de Jess fitaram os de Kestrel. Estavam duros, sem piscar. – Odeio o fato de que você vai entrar para a família do imperador. Odeio saber que vai sair deste quarto para seu baile de noivado. Com o *príncipe*. Você deveria ser minha irmã. Deveria se casar com Ronan.

Kestrel não via Ronan desde a noite da Revolta de Primeiro Inverno. Ela havia escrito cartas, depois as queimara. Tinha mandado um convite para a corte. Foi ignorada. Ele estava na cidade agora, Jess dissera. Tinha se aproximado de um grupo de luta. Depois disso, Jess havia fechado o bico e não falara mais nada; e Kestrel, que amava Ronan à sua maneira e sentia falta dele, não tinha coragem de perguntar.

Devagar, Kestrel disse a Jess:

– Já lhe falei antes. O imperador fez a oferta de casamento com o filho dele. Eu não podia recusar.

– Não podia? Todo mundo conhece a história de como você voltou à fúria do exército imperial contra Herran. Podia ter pedido qualquer coisa ao imperador.

Kestrel ficou em silêncio.

– É porque você não *queria* recusar – Jess disse. – Você nunca faz nada contra a sua vontade.

– É um casamento político. Pelo bem do império.

– O que faz você pensar que *você* é a pessoa ideal para o império?

Kestrel nunca tinha visto tanto ressentimento nos olhos de Jess. Kestrel disse baixo:

– Seja como for, Ronan não quer nem saber de mim.

– Verdade. – Jess pareceu se arrepender de suas palavras duras, depois se arrependeu do arrependimento. Sua voz continuou fria. – Estou feliz que ele não vem hoje. Como o imperador pôde convidar os *herranis* para o baile?

– Foi só um. Um herrani.

– É repulsivo.

– Eles não são mais escravos, Jess. São membros independentes do império.

– Então recompensamos assassinato com liberdade? Esses rebeldes mataram valorianos. Mataram nossos *amigos*. Odeio o imperador por esse decreto.

Palavras perigosas.

– Jess...

– Ele não sabe. Não viu a selvageria dos escravos. Eu vi. *Você* viu. Esse tal governador manteve você como uma espécie de brinquedo...

– Não quero falar sobre isso.

Jess voltou a cara fechada para o chão. Sua voz saiu baixa:

– Você nunca quer.



Kestrel se postou ao lado de Verex na parte de fora das portas fechadas do salão de baile. Não conseguia distinguir as palavras, mas ouviu o ritmo seguro. O imperador era um orador experiente.

A cabeça de Verex estava baixa, suas mãos enfiadas nos bolsos. Ele estava vestido no estilo militar formal: todo de preto, com guarnições douradas que refletiam a linha horizontal reluzente traçada sobre a sobrelanceira de Kestrel. Sua adaga cintada cravejada de joias combinava com a dela. O imperador finalmente dera a Kestrel a adaga que havia prometido e era mesmo muito elegante: ornamentada com diamantes e afiada à perfeição. Era pesada demais. Puxava seu quadril para baixo.

Ela queria que o imperador parasse de falar. Seu estômago subia e descia com o som da voz dele. Suas unhas se cravavam nas palmas das mãos.

Verex arrastava os pés.

Ela o ignorou. Tocou em uma das pétalas de vidro em seu colar. Parecia frágil.

A voz do imperador parou. As portas se abriram.

Foi como uma alucinação: a multidão em um salpicar de cores, o calor, os aplausos, a fanfarra.

O estrépito de som diminuiu, porque o imperador voltou a falar e, então, deve ter parado de falar, porque Kestrel ouviu o silêncio ansioso que veio logo antes do beijo de Verex.

Seus lábios eram secos. Delicados.

Ela estava esperando pelo beijo, era tudo planejado e ela fez o possível para estar o mais distante possível de si mesma quando aconteceu. Mas sua mente não poderia ficar adormecida para sempre. Ela lhe disse para ficar calma, para não fugir, não era tão mau, o beijo era apenas uma coisa, uma coisa vazia, um papel em branco. Porém, Kestrel estava acordada e conhecia o sabor de suas próprias mentiras.

– Desculpe – Verex disse baixo quando se afastou. Então, eles estavam dançando diante de todos.

O beijo a deixara dormente. Ela demorou para registrar a palavra de Verex. Quando registrou, parecia uma palavra dela, como se a dirigisse para a versão antiga de si mesma, aquela que havia largado Arin. *Desculpe*, ela disse a si mesma. *Perdão*. Kestrel achava que sabia o preço de suas escolhas, mas, quando o príncipe a beijou, entendeu claramente que pagaria por aquilo pelo resto de sua vida.

– Kestrel?

– Desculpe – Kestrel repetiu enquanto rodavam pelo piso do salão de baile. Os pés do príncipe não tinham nenhum talento natural; ele era duro, mas dançava razoavelmente bem, como alguém cujo professor viesse às aulas armado de uma chibata.

– O que fiz foi imperdoável – Verex disse. – É por isso que você está com uma cara tão triste?

Kestrel fitou a guarnição do paletó dele.

Verex continuou:

– Talvez haja um último motivo para você estar decidida a se casar comigo.

Os arcos dos violinistas desceram pelas cordas.

– Meu pai está usando alguma informação para ameaçar você – Verex disse.

Kestrel ergueu os olhos, depois voltou a desviá-los. Verex puxou suas mãos unidas contra o peito. A multidão murmurou e suspirou.

Ele deu de ombros.

– É típico do meu pai fazer isso. Mas o que ele...?

– Verex, eu sou uma opção tão terrível como esposa?

Ele abriu um sorriso leve. A dança estava chegando ao fim.

– Não é das piores.

– Vamos concordar, então, em fazer o melhor possível com o que temos – Kestrel sugeriu.

Verex fez uma reverência e, antes que Kestrel pudesse concluir se aquilo era um “sim” ou se apenas indicava o fim da dança, ele passou a mão dela para a de um senador. Depois houve outra dança e outro senador, e ela foi rodopiada em direção aos braços do ministro da fazenda.

Depois disso, os rostos e títulos não importavam mais.

Enfim, ela pisou propositalmente em falso para que alguém pisasse em seu pé. Aceitou os pedidos de desculpas envergonhados de seu parceiro, mas suplicou por um descanso e se esforçou para mancar um pouco enquanto ia se sentar no canto dos jogadores.

Kestrel escolheu uma cadeira dourada longe dos outros, mas não demoraria para que alguém puxasse uma cadeira para perto, e ela teria de conversar e sorrir mesmo sentindo os músculos de suas bochechas doloridos como se alguém as tivesse beliscado.

Ela não precisava se preocupar. Todos os olhos estavam concentrados no príncipe herdeiro, sentado a uma mesa de Fronteiras, de frente para o tenente de alta patente da guarda da cidade.

O jogo estava se encaminhando rumo a um fim humilhante para o príncipe. O tenente já havia capturado muitas das peças cruciais de Verex, alinhando as figuras verdes em uma fileira. O general de Verex estava isolado de suas tropas e flanqueado pelas do tenente. As peças de mármore iam abrindo caminho, derrubando outras.

Verex ergueu os olhos para encontrar os dela do outro lado do salão. Ele colocou um dedo hesitante em sua infantaria verde.

Era apenas um jogo. Importava se Verex fizesse o movimento errado e perdesse?

Mas Kestrel pensou em Arin, que não havia respondido à convocação do imperador, e se indagou o que ele poderia perder por isso.

Ela pensou na possibilidade de paz com Verex.

Encarou o olhar do príncipe e fez que não – um gesto mínimo, uma mera inclinação do queixo.

Ele tirou a mão da infantaria e a pousou sobre a cavalaria.

Kestrel usou a ponta de dois dedos para tirar uma bolinha imaginária do tecido, movendo a mão à frente, para longe do corpo.

Verex moveu a cavalaria duas casas à frente.

E assim continuou. A presunção se esvaía do rosto do general enquanto o exército de Verex fazia avanços significativos e derrubava peças importantes. Verex olhou para o pai, que havia surgido à beira do grupo de pessoas. Quando os olhos inquisidores do príncipe se voltaram de novo para a noiva e ela viu como a esperança os fazia brilhar, Kestrel não pôde mais desviar o

olhar. Oferecia suas sugestões silenciosas. Ele as obedecia.

O general verde derrubou o vermelho.

O grupo deu vivas ao seu príncipe. O imperador cruzou os braços e se balançou sobre os calcanhares, com a expressão entretida, concentrada no filho.

Mas não desaprovadora.

Kestrel ouviu Verex recusar outra partida. Agora que o espetáculo havia chegado ao fim, a atenção da multidão logo se voltaria para ela. Havia um jogo de Fronteiras em outra mesa próxima entre a filha de um senador e Risha, a princesa oriental que tinha sido raptada na infância e criada no palácio imperial como uma refém mimada. Kestrel tinha imaginado que Risha seria uma boa jogadora de Fronteiras, mas, por tudo o que viu, a princesa possuía (ou cultivava) uma mediocridade evidente no jogo. Não havia interesse em ser recebida *naquela* mesa. Um pouco mais ao longe, havia uma partida entre o ministro herrani – Tensen, ela lembrou do nome dele – e um barão valoriano de pouca importância que provavelmente só havia aceitado jogar contra Tensen pelo prazer de derrotá-lo diante de um público. Muitos estavam assistindo, arregalando os olhos risonhos quando Tensen esquecia como uma peça se movia ou parecia cochilar entre as jogadas. Essa farsa poderia prender a atenção das pessoas, mas não por muito tempo.

Então viriam atrás dela.

Kestrel sentiu um nó na garganta quando pensou em fingir alegria por seu noivado. Mas precisaria fazer isso. Precisaria dançar a noite inteira até as acinzentadas horas da manhã, até o último convidado deixar o salão de baile e os sapatos dela estarem gastos e seu coração, em frangalhos.

Kestrel se levantou. O imperador não a estava observando, pelo menos não agora. Seus olhos ainda estavam em seu filho. Ela cortou a multidão, dizendo a todos que a paravam que havia prometido uma dança a outra pessoa. O salão de baile estava abarrotado de gente. Os rostos se amontoavam em volta dela como fantoches infantis.

Ela conseguiu desviar de todos e entrou discretamente em um corredor onde o ar era mais fresco. Ninguém ficava ali. Não havia nada para ver, nada para fazer. Aquela área só era usada em tempo bom, quando as sacadas que cercavam o corredor ficavam abertas para os jardins do palácio lá embaixo. Todas as sacadas estavam com as cortinas fechadas para o corredor, e Kestrel sabia que as janelas de vidro de cada balaustrada haviam sido fechadas e trancadas para o inverno. Apesar de todas as tentativas de impedir a entrada do frio, ele penetrava por baixo das cortinas de veludo. Envolvia os pés de Kestrel em volta das sapatilhas.

Depois de uma olhada rápida para trás para garantir que não havia ninguém por perto e que ninguém a via, ela mergulhou por uma cortina e a fechou atrás de si.

A sacada era um cubo, com paredes de vidro feito gelo negro: fatias finas da noite lá de fora. A luz do corredor traçava a costura da cortina e iluminava sua barra, mas Kestrel mal conseguia ver as próprias mãos.

Ela tocou a vidraça. Aquelas janelas estariam abertas na noite de seu casamento. As árvores lá embaixo estariam em flor, o ar perfumado por flores de cera.

Ela se sentiria sufocada por esse cheiro. Kestrel sabia que odiaria o aroma de flores de cera por toda a vida, enquanto comandasse o império, enquanto carregasse os filhos de seu marido. Enquanto envelhecesse, assombrada pelos fantasmas de suas decisões.

Houve um som repentino. O deslizar das argolas de madeira da cortina na haste. A luz brilhou atrás de Kestrel.

Alguém estava atravessando o veludo.

Ele o puxou com tudo, entrando na sacada de Kestrel – mais perto, mais perto até ela se virar e a cortina balançar e parar. Ele prendeu o veludo contra o caixilho. Segurou a extensão do tecido no alto, na altura de seus olhos cinza, que ficavam prateados nas sombras.

Ele estava ali. Ele tinha vindo.

Arin.

Kestrel havia esquecido. Ela achava que lembrava bem demais dos traços do rosto dele. Seu ar inquieto quando ficava parado. A maneira como olhava fundo nos olhos dela, como se cada simples olhar fosse uma decisão irrevogável.

O sangue dela parecia coberto de pólvora negra. Como ela poderia ter esquecido como era arder feito um pavio diante dele? Ele a olhou e ela viu que não se lembrava de absolutamente nada.

– Não posso ser vista com você – ela disse.

Os olhos de Arin flamejaram. Ele cerrou a cortina atrás de si. A sacada fechada caiu numa escuridão profunda.

– Melhor? – ele perguntou.

Kestrel andou para trás até o calcanhar de seu sapato tocar no balaústre e suas escápulas nuas encostarem no vidro. O ar estava diferente. Estava quente agora. E com um estranho perfume de maresia.

– O mar – ela conseguiu dizer. – Você veio pelo mar.

– Parecia mais prudente do que montar no meu cavalo até a morte certa nas montanhas.

– *Meu* cavalo.

– Se quiser Dardo de volta, é só voltar para casa.

Ela abanou a cabeça.

– Não acredito que veio navegando até aqui.

– Tecnicamente, quem navegou foi o capitão, me amaldiçoando o tempo todo. Exceto quando fiquei enjoado. Aí ele só riu da minha cara.

– Pensei que você não viesse.

– Mudei de ideia. – Arin veio se recostar contra a balaustrada ao lado dela.

Era demais. Ele estava perto demais.

– Agradeço se mantiver distância.

– Ah, falou a imperatriz. Bom, devo obedecer. – Mas ele não se moveu a não ser para virar o rosto na direção dela. A luz da costura da cortina traçava uma linha fina descendo pela bochecha dele feito uma cicatriz reluzente. – Eu vi você. Com o príncipe. Ele parece difícil de engolir, mesmo para os padrões do império.

– Você não sabe nada sobre ele.

– Sei que o ajudou a trapacear. Sim, observei vocês. Vi você jogar Fronteiras. Os outros

podem não ter notado, mas eu a conheço. – A voz dele ficou áspera. – Pelos deuses, como pode respeitar alguém assim? Vai fazer o rapaz de bobo.

– Eu nunca faria isso.

– Você mente mal.

– *Nunca.*

Arin abaixou a voz.

– Talvez não seja sua intenção. – Ele se afastou, e aquele traço de luz não o tocava mais. Seu corpo era pura sombra. Logo a visão dela se acostumou e ela o viu encostar a cabeça na janela. – Kestrel...

Uma emoção apertou o peito dela. Espremeu-o até cair num silêncio terrível. Mas Arin não disse nada depois disso, apenas o nome dela, como se seu nome não fosse um nome, mas uma pergunta. Ou talvez não tenha sido a forma como ele o dissera, e ela estivesse enganada e só tivesse ouvido uma pergunta porque o som dele falando seu nome a fizesse querer que ela fosse a resposta.

Algo estava repuxando dentro dela. Puxando contra sua alma. *Diga a ele*, essa parte dizia. *Ele precisa saber.*

Contudo, essas palavras tinham um quê de terror. Sua mente estava lenta demais para entender por quê, de tão tentada que ela estava a dizer a Arin que seu noivado tinha sido uma barganha pela liberdade de Herran.

– Não quero conversar sobre seu noivo. – Arin se afastou da balaustrada e se ergueu o bastante para lançar uma sombra sobre ela se houvesse alguma luz. – Estou atrás de informações.

– Fofoca, Arin? – ela disse descontraída, e brincou com seu colar no escuro até seu tilintar frenético a fazer soltá-lo.

– Estou procurando um servo herrani. Ele está desaparecido.

A lembrança de Thrynne veio à tona. *Diga a ele. Ele precisa saber.* Essas tinham sido as palavras do homem torturado.

– Quem é ele para você? – Kestrel perguntou.

– Um amigo.

– Você poderia perguntar para o mordomo do palácio.

– Estou perguntando para você.

Ela mal conseguia acreditar. O mero *fato* de Arin perguntar era pura inconsequência. Mesmo que a confiança dele não se estendesse a ponto de admitir a verdade da situação: que Thrynne tinha sido um espião enviado para coletar informações sobre o imperador e que deviam imaginar que ele havia sido capturado. No entanto, estava claro que Arin era o tipo de pessoa que destruía a precaução em pedacinhos. Ninguém com algum senso de

autopreservação questionaria o paradeiro de seu espião à futura nora do imperador, que já o havia traído no passado.

A autopreservação nunca tinha sido o forte de Arin.

O que ele faria com a verdade sobre o noivado de Kestrel?

Onde a minha honra fica nessa história?, ele havia lhe perguntado certa vez.

Ela não conhecia o sentido de honra dele. Achava que não era igual à do seu pai: monumental, esculpida em mármore. Não, a honra de Arin era um ser vivo. Ela sentia a forma como a honra dele se movia. Não conseguia ver o rosto dela, talvez tivesse muitos, mas achava que a honra de Arin era do tipo que prendia a respiração e mordida os lábios até sangrar.

Se ela contasse a verdade a Arin, ele destruiria a paz que ela havia alcançado com tanto sacrifício. Quase não importava o amor dele. Arin não deixaria que alguém a aprisionasse para que ele ficasse livre. Ele encontraria um jeito de pôr fim ao noivado dela... e ela permitiria.

Ela tinha sentido isto antes, sentia agora: o impulso de cair junto com ele, de mergulhar dentro dele, de perder a noção de si mesma.

Haveria um escândalo e depois guerra.

Kestrel deveria guardar esse segredo. Teria de mentir com todo o seu ser. Ela conseguia ser fria. Consequia ser distante. Mesmo com ele.

Quanto a Thrynne... ela tinha um plano.

– Muito bem – Kestrel disse. – Fale o nome do seu amigo. Vou revelar o que sei em honra à proteção que me deu depois da Revolta de Primeiro Inverno. Um valoriano lembra de suas dívidas.

Arin ficou imóvel.

– Não sabia que tinha feito algo que exigia recompensa. O que fiz, fiz por você.

– Exatamente. Então, pergunte. Vou responder. Vamos ficar quites.

– Quites? Se insiste em ver as coisas dessa maneira, eu e você nunca vamos quitar todas nossas dívidas.

– Você quer a informação ou não?

– O que eu quero... – ele murmurou as palavras. Depois, sua voz saiu mais firme e clara. – O nome do meu amigo é Thrynne. Ele limpa. Pisos, principalmente. – Arin descreveu os traços do homem.

Kestrel fingiu pensar.

– Não. Sinto muito. Não me lembro de ver alguém parecido com ele.

– Talvez se tiver mais tempo para considerar...

– Duvido. Existem centenas de servos e escravos no palácio. Como vou conhecer todos?

– Então você não me dá nada?

– Quando foi que lhe dei algo?

Arin retrucou com ternura:

– Você já me deu muita coisa, no passado.

– Bom – Kestrel disse –, por mais agradável que esteja a conversa, quero voltar para a minha festa. – Ela deu um passo em direção à cortina.

O movimento dele foi rápido. Ele bloqueou o caminho, descendo as mãos ao lado do corpo dela para se segurar na balaustrada. Ele não a tocou, mas estava próximo o bastante agora para que ela visse a silhueta escura da boca dele e o brilho furioso em seus olhos. Ele disse:

– Não foi só por isso que vim aqui.

Dava para sentir o cheiro de mar na pele dele, mais forte agora: salgado e penetrante.

– Kestrel, você não é assim – ele emendou.

Ela se encostou contra o vidro frio.

– Não sei o que você quer dizer.

– Essa voz que está usando, esse tom ardiloso... acha que não reconheço? É o som de você montando uma armadilha. Escondendo-se atrás das suas próprias palavras. Eu sei que o jeito como está falando *não é você*. Fale o que quiser sobre mim, sobre o que aconteceu entre nós, sobre o formato do sol e a cor da grama e qualquer outra verdade neste mundo que queira negar. Negue tudo até os deuses a arrebatarem. Mas você não pode dizer que não a conheço. – Ele estava tão perto agora que o ar entre eles estava vivo contra a pele de Kestrel. – Eu... andei pensando em você. – Ele abaixou a voz. – Andei pensando em como nunca foi desonesta comigo.

A risada de Kestrel foi esbaforida. Curta, incrédula.

– Vou reformular – Arin disse. – Você pode ter me enganado. Mas foi fiel a si mesma. Às vezes até a mim. Você nunca foi falsa.

– Esqueceu que mandei o exército do meu pai para massacrar o seu?

– Eu sabia que você faria isso. Você sabia que eu sabia. Não houve mentira nenhuma nisso. Nunca senti que havia uma mentira em seus lábios. Por favor, Kestrel. Por favor. Não minta.

Ela se segurou com firmeza na pedra fria da balaustrada.

Ele disse:

– Você sabe alguma coisa sobre Thrynne?

– Não. Agora me deixe passar.

– Ainda não acabei. Kestrel... você realmente quer se casar com o príncipe?

– Pensei que você não quisesse falar dele.

– Querer e precisar são coisas diferentes. – A boca dele pairava próxima à dela. – Diga: esse noivado é mesmo decisão sua? Porque eu não consigo acreditar. Não a menos que ouça da sua boca.

O vidro contra as costas dela era uma chama gelada. Ela tremia. Ele estava perto demais. Bastaria que ela soltasse os dedos da balastrada para se apoiar nele. Parecia inevitável, como um copo d'água prestes a transbordar.

A barba por fazer dele roçou em seu rosto.

– Você quer? – ele disse. – Você deseja o príncipe?

– Sim.

– Prove – Arin murmurou no seu ouvido. O calor dele caía sobre ela. A palma da mão dele rangeu contra o vidro ao lado da sua cabeça.

– Arin. – Ela mal conseguia falar. – Deixe-me passar.

Os lábios dele tocaram no pescoço dela e foram subindo.

– Prove que o deseja – ele disse encostado ao cabelo dela. Seu beijo percorreu a bochecha dela. Roçou em sua testa, depois repousou bem na linha dourada que marcava seu noivado.

– Eu o desejo – ela disse, mas sua voz tinha o som de quem estava se afogando.

O beijo dele estava ali, aguardando perto de seus lábios.

– Mentira – ele murmurou.

Ela colocou a mão entre a boca deles e empurrou. Estava trêmula, espantada pela forma como o havia afastado. Sentia uma sede súbita e cruel, e raiva de si mesma por essa sede que havia criado.

– Eu mandei *me soltar*. Ou você vai me manter aqui contra a minha vontade?

– Desculpe – ele disse. Abriu as cortinas com tudo e desapareceu.

A luz feriu os olhos de Kestrel. Ela piscou, com os cílios úmidos, a visão iluminada, embaçada demais.

Quando sua pulsação havia se acalmado e ela conseguia ver, respirar e pensar novamente, entrou no corredor, hesitante.

Estava vazio. Ela podia ouvir a música agora. Odiou poder ouvir. Todo o seu futuro estava naquele salão de baile sem ar. Ela se perguntou se aquela dor dentro dela passaria algum dia – e se talvez não se sentisse pior quando a dor passasse.

Ela precisava voltar ao baile. Sem dúvida já haviam notado sua ausência. O imperador estaria curioso para saber onde ela estava.

Devagar, Kestrel desceu o corredor rumo ao salão de baile.

Ela estava quase chegando quando alguém saiu das portas abertas. Tensen olhou para ela. Seus olhos se arregalaram e ele balançou a cabeça, caminhando a passos largos na direção dela com uma urgência que desafiava sua idade e fazia sua bengala parecer inútil.

– Você não pode entrar lá – ele disse.

– Eu preciso.

– Não, você precisa encontrar um espelho. As portas fechadas. Porque Arin acabou de atravessar ruidosamente o salão de baile. A boca dele estava brilhando. As pessoas podem achar que foi por causa do vinho, e não por causa do óleo brilhante, a menos que elas também vejam você.

Kestrel levou os dedos à testa e à marca de noivado que Arin havia beijado momentos antes. Tocou no cabelo, seus cachos desfeitos.

Como ela estava?

Com cara de alguém que havia cometido uma ligação ilícita?

– Exatamente – Tensen disse, com o semblante carregado.

– Venha – Kestrel disse, virando-se para retrair seus passos de volta pelo corredor, na direção contrária ao baile.

– Com você?

– Precisamos conversar.

Kestrel guiou Tensen até um pequeno salão vazio onde lamparinas e uma lareira estavam acesas. Tensen fechou a porta atrás de si.

– Trave a porta com a bengala – Kestrel disse, apontando para um gancho na tapeçaria que ficava mais ou menos na altura da maçaneta. – Afinal, não precisa dela mesmo.

Tensen lançou um olhar conformado para ela antes de colocar a ponta curva de sua bengala na maçaneta e encaixar a ponta reta no gancho.

– Não vai segurar. Não se alguém quiser muito entrar.

Ela o ignorou. Parou diante do espelho sobre a cornija da lareira, que abrigava um vaso largo de flores de estufa.

Talvez fossem as rosas, a maneira como cobriam seu pescoço no reflexo do espelho, subindo pelo queixo. Talvez fosse a fuga apressada pelo corredor.

Kestrel estava com um rubor esbaforido. A vermelhidão subia por suas bochechas. Seus lábios, embora Arin não os tivesse tocado, estavam vermelhos como se tivessem sido mordidos. O preto de seus olhos eram poços arregalados. O colar que Jess lhe dera tinha se quebrado, as pétalas de vidro rachadas pendiam fracas do cordão, despedaçadas pela pressão entre ela e Arin.

O reflexo de Kestrel a encarava de volta. Tinha o ar de alguém que havia sido escancarada e não podia ser fechada de novo.

Ela estava a cara do escândalo.

Seu cabelo não era o pior. Sim, o arranjo para cima estava se soltando, um cacho escapava aqui e ali, mas seu cabelo era curto demais para tranças intrincadas, por isso ele se desfazia com frequência. Kestrel tinha o hábito de parecer um pouco desgrenhada e prender o cabelo para trás sozinha.

O verdadeiro problema era a marca. A linha dourada em sua testa estava manchada.

– Tem um pouco de óleo e purpurina? – Tensen perguntou.

Kestrel lançou um olhar exasperado ao reflexo dele no espelho. Ela não carregava uma bolsa. Onde ele achava que ela guardaria esses itens? Os cosméticos estavam na penteadeira da sua suíte.

– Vou procurar uma de suas damas de companhia no salão de baile – Tensen sugeriu. – Ou você tem alguma amiga de confiança? Alguém que possa buscar o que você precisa e trazer para cá?

Kestrel pensou no tempo que levaria. Pensou que uma de suas damas de companhia trabalhava para Verex. Pensou em Jess e em qual seria a reação da sua amiga se o ministro

herrani da agricultura a abordasse no baile pedindo a assistência dela para fazer Kestrel voltar a ter uma aparência respeitável.

– Não – Kestrel disse. – Busque uma lamparina.

A expressão de Tensen foi de reprovação. Mostrava que ele não via como uma lamparina poderia ajudar e que aquele tempo estava sendo desperdiçado. Mas ele fez o que ela pediu.

Kestrel apagou a lamparina e a colocou na cornija para esfriar. Com a adaga, cortou o tecido da bainha da manga inferior, grata pelas muitas camadas do vestido. Ela pegou as rosas do vaso pesado de cerâmica, colocou seus caules pingando na cornija e jogou um pouco da água do vaso no pedaço de tecido. Ela o usou para limpar a testa. Lembrou-se do beijo de Arin ali e esfregou com força. Jogou o pano de lado. Desatou o colar, pegou a pétala de vidro amarelo-âmbar mais cintilante e a esmigalhou sobre a superfície da cornija com a base do vaso. Ela triturou as pétalas até virarem pó. Mergulhando um dedo no óleo da lamparina, Kestrel soltou um silvo ao queimar o dedo, mas não esperou a dor passar. Traçou uma linha de óleo horizontal sobre as sobrancelhas.

Agora o brilho. Ela encostou o dedo no pó de vidro.

– Você vai se cortar – Tensen disse, mas sua desaprovação havia sumido.

– Vou tomar cuidado – ela disse, passando o pó sobre a linha de óleo. Ela colocou os cachos soltos de volta no lugar e os prendeu com mais firmeza. As rosas voltaram ao vaso, o vaso retornou a seu lugar diante do espelho e Kestrel limpou o pó de vidro restante da cornija com seu pano de seda umedecido. Jogou o pano e o colar no fogo. – E então? – ela perguntou a Tensen, voltando-se para ele.

– Excelente.

Ela abanou a cabeça.

– Que otimista. – A marca brilhava, mas estava longe de ser dourada. – É sempre otimista assim? – ela perguntou. – Acho que deve ser, senão não teria escrito aquela carta para mim ou sugerido que tínhamos informações para trocar.

– Estou errado?

– Você esquece que estou acima de você na hierarquia. Quem faz perguntas aqui sou *eu*. *Você* responde. Ministro Tensen, o que você era antes da Guerra de Herran, dez anos atrás?

Os escravos não gostavam daquela pergunta. Ela já vira dentes rangerem diante dela. Se um sentimento pudesse ter um som, Kestrel pensava que o produzido por essa pergunta pudesse ser o mesmo das pétalas de vidro estilhaçadas sob o vaso pesado.

Mas Tensen apenas sorriu.

– Eu era ator.

– Imagino que seja uma boa experiência para um mestre de espões.

Tensen não ficou nem um pouco desconcertado por ter esse título imputado a ele. Ele

parecia definitivamente encantado pela conversa.

– Espero não ser tão óbvio assim para todos.

– “Esperança” é a palavra de ordem aqui, já que seu governador deu todos os sinais de que não viria aqui nesta noite e, se mandou alguém à capital no lugar dele, deveria ser alguém de importância política para ele, alguém em que ele confiasse, alguém inteligente e observador. Você fez de tudo para parecer mais fraco do que é, mas você não é nenhum velhote prestes a cochilar.

– Bom, velho eu sou. Essa parte é verdade.

Kestrel soltou um som impaciente.

– Você é mesmo o ministro da agricultura?

– Gosto de pensar que consigo representar muitos papéis.

– E deve ser mesmo muito otimista se acredita que o imperador não vai notar, ainda mais quando ele sabe muito bem que Herran tem espiões no palácio.

O sorriso de Tensen se desfez.

– O que a senhorita sabe, milady?

– Que essa conversa vai terminar agora a menos que você me faça uma promessa.

Ele arqueou a sobrancelha.

– Prometa que Arin nunca vai saber que você e eu conversamos – ela disse. – Posso dar informações. Você pode repassá-las para seu governador. Mas elas não podem ser ligadas a mim.

Tensen a considerou. Passou uma mão enrugada sobre o encosto entalhado de uma poltrona e mordeu os lábios como se achasse algo errado no estilo da poltrona.

– Sei que sua presença na casa de Arin depois da Revolta de Primeiro Inverno foi... complicada.

– Eu não queria estar lá.

– Talvez não a princípio.

Devagar, Kestrel disse:

– Eu nunca poderia ter ficado.

– Milady, não cabe a mim saber o que a senhorita queria, ou poderia ou não poderia. Mas sua condição me surpreende. Se é solidária o bastante com meu governador, ou à causa dele, para compartilhar algo comigo, por que Arin não pode saber? Jurei pelo deus da lealdade que o serviria. Você estaria me fazendo quebrar meu juramento.

– Você sabe como escapei do porto da cidade?

– Não.

– Arin me deixou ir – ela disse. – Por mais que me deixar ir fosse o mesmo que convidar o exército valoriano para derrubar as muralhas da cidade. Então me prometa o que pedi, porque é do *seu* interesse que Arin não saiba. Não se pode confiar que ele vá sempre escolher a segurança do seu país ou dele próprio.

Tensen ficou em silêncio.

– Você enxerga? – Kestrel insistiu. – Enxerga que o motivo por que você me impediu de entrar no salão de baile é o mesmo por que não pode contar a Arin que eu sou a fonte de suas informações? Não vamos fingir que você não sabe como fiquei daquele jeito e por que não poderia estar daquele jeito quando voltasse ao salão de baile. – O olhar de Kestrel pousou sobre suas mãos. Ela queria ter algo para fazer com elas. Imaginou que segurava uma das rosas sobre a cornija. Quase conseguia sentir a textura da flor, sua curva aveludada tão profundamente macia quanto a cortina da sacada. – Minha relação com Arin é impossível – ela disse baixo. – Perigosa. É melhor mantermos distância um do outro.

– Sim – Tensen disse. – Entendo.

– Você promete?

– Você confia que eu manteria essa promessa?

– Confio na minha capacidade de destruir você se não o fizer.

Ele deu risada. Não era bem uma gargalhada incrédula, apenas o tipo de riso que os mais velhos às vezes dão diante dos jovens.

– Pode falar, milady. A senhorita tem a minha palavra.

Kestrel lhe contou sobre Thrynne e o que o homem torturado havia dito.

O ministro levou a mão à boca, com o polegar contra as rugas perto de um dos olhos. Enquanto ouvia, cerrou o punho, ainda cobrindo a boca. Ele parecia estar se esforçando para não vomitar.

Tensen deixou a mão cair.

– Você acredita que Thrynne tinha algo importante a dizer a Arin. O que Thrynne ouviu durante a reunião do imperador com o líder do Senado?

– Não sei.

– Mas poderia descobrir.

Kestrel, porém, já estava a caminho da porta.

– Não.

Tensen estendeu as mãos.

– Que mal tem?

Ela abanou a cabeça diante do absurdo óbvio dessa pergunta.

– Você tem medo de descobrir mais? – Tensen perguntou. – Soube que adora fazer apostas altas.

– Isto não é um jogo.

– E no entanto você jogou bem até o momento. Está jogando agora, inclusive.

Kestrel pousou a mão sobre a bengala que bloqueava a porta.

– Esse tipo de conversa não pode acontecer novamente. Não sou do seu povo. Tenho meu próprio país e meu próprio código... Não tenho motivo para virar sua espiã.

– Então por que me contou o que sabia?

Kestrel deu de ombros.

– Os valorianos não veem sentido no sagrado, mas honramos o último pedido de um moribundo. Conte para você o que sabia por Thrynne.

– Apenas por ele?

Kestrel entregou a bengala a Tensen.

– Boa noite, ministro. Aproveite o restante do baile.



Verex encontrou Kestrel num canto do salão de baile servindo-se de um copo de água gelada com limão na qual flutuavam galhos de hortelã.

– Onde você esteve? E por que está se servindo? Dê-me aqui. – Ele pegou a jarra das mãos dela e serviu.

Mas Kestrel não estava olhando para ele de verdade. Sua mente era uma sacada cortinada. Estava tomada pela lembrança de um movimento quente. De chegar perto da ruína. De se aproximar, de se afastar, dizer adeus...

Verex colocou o copo gelado na mão dela. A água com limão e hortelã tinha um gosto estranho: doce, clara e penetrante.

Ele se demorou servindo um copo para si mesmo. Seus movimentos eram tensos. Parecia o tempo todo prestes a dizer algo.

– Obrigado – ele por fim murmurou.

– Pelo quê? – O coração de Kestrel parecia feito de traição. Verex não conseguia sentir isso? Não conseguia notar? Por que a estaria agradecendo?

– Pelo jogo de Fronteiras. Você me ajudou a vencer.

Ela já tinha esquecido isso.

– Ah. Não foi nada.

– Aposto que para *você* não – ele disse, cortante. Seus olhos rodearam o salão, depois

pousaram no imperador. Verex bebeu. – Não consegui achar você mais cedo. Procurei por toda parte.

O copo de Kestrel estava frio e transpirando em sua mão. Ela passou o polegar rapidamente pela condensação. Notou que alguns cortesãos estavam perto, tão próximos quanto a polidez permitia. Eles estavam se aproximando.

– Algum senador abordou você? – Verex perguntou. – Eles fazem isso. Ficam tentando cair nas suas graças por uma chance de influenciar o imperador. Então, Kestrel? *Onde* você estava? E o quê... – Ele franziu a testa, examinando-a com mais atenção. – Sua marca está apagada.

– Ah – ela disse. – Estou com dor de cabeça. – Enquanto os cortesãos observavam, ela esfregou a testa, borrando a marca. Torceu para que o gesto parecesse casual, distraído, como se viesse fazendo aquilo a noite toda.



Arin perambulou pela suíte do palácio que ele iria dividir com Tensen. Não era pequena nem grande, nem luxuosa nem pobre. Arin tinha pensado que o mordomo do palácio apontaria para o contingente herrani uma suíte de quartos insultante, mas essa suíte parecia escolhida para mandar a mensagem de que os herranis não importavam nem de uma forma nem de outra.

Ele tirou a camisa. Faltava muito ainda para a meia-noite. O baile rodopiava em seu eixo vertiginoso. Tensen ainda não havia voltado.

Arin conseguia sentir o perfume de Kestrel em seu corpo. Exalava levemente de sua camisa, misturado ao aroma do mar. Dobrando o tecido – não exatamente dobrando, mais alisando-o sobre o encosto da poltrona do vestiário, como se o tecido fosse um ser vivo que precisasse de carinho –, Arin encontrou um buraco no tecido onde o ombro encontrava o tronco. Enfiou o dedo no rasgo e praguejou.

Bem, era uma camisa antiga. Ele tinha escolhido suas roupas mais elegantes. Tinha as arrancado do baú ao chegar ao palácio e se vestido às pressas, atrapalhando-se com as abotoaduras, sabendo que estava atrasado para o baile. Talvez o rasgo tivesse acontecido ali, com sua pressa.

Teria acontecido mais cedo ou mais tarde. Todas as suas roupas mais elegantes eram de dez anos antes. Eram do seu pai.

Não eram do tamanho de Arin. Mesmo depois dos ajustes, parecia não haver espaço em lugar nenhum. Seu pai tinha sido um homem elegante, com proporções artísticas. Se ficasse ao lado de Arin, um estranho nunca adivinharia que eles eram parentes.

Arin levou a mão ao rosto. Sentiu os ossos que o faziam parecer tão diferente. Havia o roçar de uma barba.

Como ele devia ter parecido ridículo, com suas roupas mal ajustadas e sua barba por fazer, diante daqueles cortesãos refinados.

Parecia rude, bruto.

Inadequado.

Arin abriu a navalha, encheu o lavatório e passou espuma. Tentou se barbear sem olhar com atenção demais para seu rosto no espelho do lavabo.

Um corte manchou a espuma de sangue.

Ele continuou, mais atento agora, até terminar. Tirou a espuma com um pano e jogou água na cabeça abaixada. Voltou a se olhar, pingando. Seu rosto estava limpo.

Às vezes, Arin conseguia ver o garoto que tinha sido antes da guerra. Quando isso acontecia, costumava sentir uma ternura por aquela criança, como se ela fosse inteiramente apartada de Arin, como se não fizesse parte dele mesmo. Aquele garoto não culpava Arin por existir enquanto ele não existia, mas, quando Arin vislumbrava essa criança, normalmente persistindo em seus olhos, sempre desviava o olhar. Sentia um corte leve, como o entalhe da navalha.

O rosto de Arin estava úmido, seu cabelo preto pela água. Ele teve um calafrio, sentindo de súbito o inverno. Procurou algo para vestir e colocou uma camisa de dormir e um roupão.

Arin voltou a sentir o nervosismo de quando estava do lado de fora da cortina da sacada. A cortina havia balançado depois que Kestrel a fechou atrás de si e, com cautela, ele tocara seu balançar. Lembrou-se da expressão atormentada que ela lançara por sobre o ombro antes de desaparecer atrás do veludo.

Então lá, no escuro, com ela... A garganta de Arin se apertou como se ele sentisse sede. *Prove*, ele havia dito a ela, com palavras cobertas de desejo, cheias de um tipo traiçoeiro de confiança, que vinha e o abandonava e depois voltava e partia em marés tão rápidas que ele não conseguia se manter em pé. *Prove que o deseja*. Kestrel o havia empurrado.

Ele poderia jurar que sentira nela o mesmo desejo que havia nele. Estava na pele dela feito um aroma. Não estava? Mas então Arin lembrou-se de como ela havia escapado de sua casa em Herran. Ele a viu novamente no porto: ela tinha uma arma nas mãos, e aquele lampejo em seus olhos. Aquilo o destruíra. *Ele* tinha feito aquilo, ele havia causado aquilo, mentido para ela, a enganado, matado seu povo, assassinado tudo o que havia feito Kestrel se abrir para ele na noite de Primeiro Inverno... antes de saber de sua traição.

Claro, ela tinha escolhido outra pessoa.

Houve uma batida na porta do vestiário.

– Arin? – Tensen chamou. – Posso entrar?

Não, Arin quis responder e, se ainda estivesse na frente do espelho e visto seu rosto, teria mesmo dito isso, porque seu reflexo mostraria uma pessoa vulnerável e incerta, e ele teria sentido desprezo por si mesmo. Não permitiria que ninguém o visse assim.

Tensen bateu de novo.

O cabelo úmido de Arin estava frio. Um fio de água gelada descia por seu pescoço. Arin se secou, passando a toalha em seu cabelo curto, ainda de costas para o espelho. Foi abrir a porta.

Tensen examinou o rapaz, o que o fez cerrar o maxilar. Mas o homem mais velho abriu um sorriso descontraído, puxou a cadeira do vestiário e se sentou, suspirando.

– Isso – ele disse – foi exaustivo. E proveitoso.

– O que você descobriu? – Arin perguntou.

Tensen lhe contou sobre Thrynne.

– Meus deuses – Arin disse.

– Não, Arin. Não aceito que fique com essa cara. Thrynne sabia do risco que estava correndo quando veio à capital. Ele fez isso por Herran.

– Eu pedi para ele vir.

– Todos fazemos escolhas. O que você escolheria: o bem de Herran ou o seu?

A resposta de Arin foi rápida:

– Herran.

Tensen não disse nada por um momento, ficou apenas olhando com o ar pensativo de alguém que considera uma pergunta que não é fácil responder. Arin não gostou daquela expressão, se inquietou diante dela, mas, antes que pudesse falar, Tensen disse:

– O que *você* me faria escolher?

– Não posso dizer o que você escolheria por você.

– Não, o que você me faria escolher por *você*? Digamos que você estivesse no lugar de Thrynne, preso ou coisa pior, e minha intervenção pudesse ajudar você, mas prejudicar nosso país. O que eu deveria fazer?

– Deixar-me lá.

– Sim – Tensen disse devagar. – Foi o que pensei que você diria.

Arin passou os dedos no cabelo úmido e puxou até seu couro cabeludo doer.

– Tem certeza dessa notícia?

– Minha fonte é segura.

– Quem?

Tensen agitou a mão.

– Ninguém importante.

– Mas quem?

– Prometi que não diria. Não obrigue um velho a quebrar suas promessas.

Arin franziu a testa, mas disse apenas:

– Este não é o ano do dinheiro. E o que Thrynne ouviu o imperador e o líder do Senado conversarem?

– Não sei.

– Vou descobrir.

– Cuidado, Arin. *Eu mesmo* posso dar um jeito.

– Ah?

Tensen sorriu.

– Recrutei uma pessoa nova. – Ele se recusou a dizer mais. Encontrou uma posição confortável na cadeira e mudou de assunto de maneira que fez Arin virar a cabeça. – Bom, acho que eles fazem um casal encantador.

– Quem?

– O príncipe e lady Kestrel.

Arin sabia a quem Tensen havia se referido.

– O beijo deles foi bonito – disse o mestre de espiões. – Há quem pense que o casamento seja apenas uma aliança política... Eu mesmo pensava isso, até os vir se beijando.

Arin ficou olhando em silêncio.

– Você deve ter perdido – Tensen disse. – Foi no começo do baile. Mas, claro, você chegou tarde.

– Sim – Arin disse finalmente. – Cheguei tarde.

Kestrel se deitou na cama ao amanhecer. Seus pés estavam doloridos de tanto dançar. Ela pendurou a adaga desafivelada no gancho da cabeceira. Sentiu um arrepio, mais pelo cansaço do que pelo frio, enquanto entrava embaixo das cobertas ao lado de Jess. Ela já estava dormindo, enroladinha em seu canto da cama.

– Jess – Kestrel murmurou. – Eu quebrei seu colar.

A garota estendeu a mão tateante e apertou a de Kestrel.

– Faço outro para você – ela murmurou. Com os olhos ainda fechados, ela franziu a testa.
– Eu o vi no baile.

– Viu quem? – Mas Kestrel sabia quem, e Jess voltou a dormir.



Um grupo seletivo de cortesãos e dignitários visitantes foi convidado a tomar um chocolate quente com Kestrel no Jardim de Inverno na manhã seguinte ao baile. Peles brancas e cinza encapotavam as mulheres, enquanto os homens preferiam peles de zibelina, com a exceção de alguns jovens fanfarrões que ostentavam as peles listradas e descoradas de tigres-orientais. Braseiros ardiam em todo o pátio aberto do jardim, que terminava ao sul num labirinto de sebes de sempre-vivas.

Kestrel chegou tarde e sozinha. Apesar do pouco sono, tinha acordado algumas horas depois da alvorada porque seu corpo sabia que precisava. Jess ainda dormia. Kestrel se demorou em suas preparações, trocando de vestido duas vezes, na esperança de que Jess acordasse. Mas isso não aconteceu, e Kestrel hesitou em acordá-la. Por fim, saiu da suíte.

Embora os lacaios no Jardim de Inverno devessem ter anunciado a chegada de Kestrel, ela os subornou para que não o fizessem. Ajeitou suas peles brancas mais perto do rosto e caminhou sozinha por uma trilha de árvores com ramos de frutas rosas e vermelhas. Eram venenosas, mas bonitas, espalhadas como notas musicais intensas contra as barras pretas dos galhos. Atrás das árvores, Kestrel vislumbrava e ouvia a festa.

Muitos se queixavam de suas bolhas nos pés de tanto dançar.

– Vou enfiar meus pés descalços na neve, para anestesiá-los! – gritou uma colona das ilhas do sul.

– Ah, não – sorriu um jovem galanteador. – Deixe que eu os esquento para você.

Toda a cena parecia bela e divertida... e falsa. Como saber se o jovem galanteador gostava mesmo da mulher, se é que gostava de mulheres? Kestrel não era a única na corte que pretendia se casar com alguém que não desejava.

Kestrel conseguia ver o imperador sentado no centro do pátio ao lado do maior braseiro,

cercado por senadores. Ao fim do pátio, próximo ao labirinto de arbustos, Verex estava curvado sobre um tabuleiro de Fronteiras. Ele estava de costas para Kestrel. A princesa oriental estava diante dele, com a expressão doce enquanto executava uma jogada impiedosa.

Os herranis não haviam sido convidados para esse evento exclusivo. Kestrel não precisava ter medo de encontrar o olhar de Arin... ou de não encontrar seu olhar.

Mas, enfim, ele poderia vir de qualquer forma. Era típico dele aparecer sem ser convidado.

Não era?

Kestrel notou que havia parado perto de uma árvore. Suas mãos estavam na casca do tronco. Era prateada; lisa e fina como papel em algumas partes, áspera em outras. Ela estava passando os dedos nas estrias e nos nós da casca como tinha visto cegos fazerem para entenderem um objeto. Ao pensar nisso, percebeu que estava tentando entender se queria ou não ver Arin no Jardim de Inverno. Essa era uma pergunta tola. Era uma tolice pura e castigante sequer considerar qualquer uma das possibilidades quando ela já havia concluído que nenhuma delas importava.

Portanto, não importava que suas unhas curtas haviam encontrado uma farpa na casca. Não importava que estava nervosa enquanto arrancava uma tira longa e curva da casca. Ou que estava triste enquanto desenrolava a tira como um pergaminho com uma mensagem em branco que não conseguia ler.

Ela olhou para a casca e lembrou-se da pele esfolada de Thrynne. Soltou. A casca caiu trêmula no chão. Kestrel ergueu os olhos e viu o imperador novamente.

Ela saiu de trás das árvores venenosas. Suas pegadas eram silenciosas na trilha. O primeiro grupo de cortesãs, reunidas em volta de um braseiro, não notou sua chegada.

Lady Maris, filha do líder do Senado, estava murmurando algo que causou uma série de risos abafados de suas amigas.

– ... todos fossem bonitos como ele, eu também os libertaria – Maris estava dizendo. – Ou faria dele o *meu* escravo particular.

Kestrel pisou deliberadamente em um galho caído. Ele estalou.

Maris ergueu os olhos. Suas amigas empalideceram e pararam de rir, mas os olhos de Maris eram provocadores.

– Chocolate, lady Kestrel? – ela ofereceu. – Está quentinho.

– Sim, obrigada. – Kestrel se juntou às garotas. Elas abriram espaço, afastando-se.

Maris ergueu o bule de chocolate de seu suporte sobre o braseiro e serviu para Kestrel, que aceitou a pequena xícara e deu um gole. Foi só quando o chocolate queimou sua língua que Kestrel soube exatamente o grau de sua raiva. Ela fervia: tão escura e amarga que chegava a ser doce. Kestrel sorriu.

– Lady Maris, seu pai está com uma aparência muito boa. Está bronzeado. Sua família

passou em algum lugar ensolarado?

– Ah, nem me fale! – Maris soltou um bufo dramático. – É terrível demais, demais!

As outras mulheres relaxaram, aliviadas por Kestrel não parecer se interessar por vingança. *E por que se interessaria?*, pareciam dizer suas expressões. Tinha sido uma fofoca inocente. Na verdade, lady Kestrel deveria se alegrar de ouvir elogios sobre o governador herrani. Não deveria ter sido tão ruim ser prisioneira dele, não é? Aquelas mulheres viam um lado bem diferente da moeda de Jadis.

Kestrel as observou pensarem isso, encolherem os ombros cobertos de peles e beberem seus chocolates.

– Acredita que meu pai navegou até as ilhas do sul sem mim? – Maris disse. – Uma viagem de luxo para os céus azuis enquanto a única filha dele definhava no inverno daqui. Mas pode ter certeza de que, se *eu* tivesse ido, nunca teria permitido que o sol escurecesse minha pele. As pessoas ficam com uma aparência tão vulgar! Ele está parecendo um estivador! Sério, o que meu pai tinha na cabeça?

Kestrel não deveria ter perguntado a Maris sobre o líder do Senado. Deveria evitar tudo o que tivesse a ver com ele. Tinha jurado a si mesma que não se envolveria mais nos assuntos herranis.

No entanto, tinha sentido raiva. Ainda sentia.

No entanto, o líder do Senado estava bronzeado.

No entanto, aquilo não era normal.

Sua mente não parava de voltar a esse detalhe, como um polegar esfregando uma mancha num pedaço de seda ou aquela casca fina da árvore de frutinhas venenosas.

E daí que o líder do Senado estava bronzeado? Uma viagem às ilhas do sul explicava tudo. Ela insistiu consigo mesma para deixar esse assunto de lado.

Não deixou.

– As ilhas do sul têm muitos encantos – Kestrel disse. – Sem dúvida seu pai lhe trouxe presentes.

– Não – Maris disse. – O patife. Ah, eu amo meu pai, mesmo, mas ele não poderia ter pensado um pouquinho em mim? Um presentinho sequer?

– Ele não comprou nada? Mas as ilhas do sul têm linho, perfume, açúcar, chás prateados...

– Pare! Não me lembre disso! Não posso suportar!

– Pobrezinha – disse uma de suas amigas, tentando confortá-la. – Mas pense, Maris. Agora seus muitos admiradores têm mais opções de presentes para agradar você.

– É verdade, não é? E eles *precisam* me agradar.

– É isso o que os jovens modernos fazem na capital? – Kestrel perguntou. – Dão presentes?

– Ah, sim... Só que eles costumam pedir algo em troca.

– Um beijo! – gritou uma das nobres.

– Ou uma resposta a uma charada – disse outra. – As charadas estão bem em voga. E a resposta é sempre amor. – O que fazia sentido, considerando que a corte estava repleta de rapazes que haviam escolhido se casar em vez de servir ao exército. Quando faziam vinte anos, todos os valorianos precisavam lutar pelo império ou começar a ter filhos. *Futuros soldados*, seu pai diria. *O império precisa crescer*, acrescentaria ele, e Kestrel se perguntava se era essa a mentalidade de todos os generais ou só a de seu pai: ver algo tão frágil quanto um bebê e imaginar que ele cresceria forte o bastante para matar. Então, Kestrel recearia ficar como o pai, e ele saberia que tinha dito a coisa errada, e os dois não diriam mais nada.

– Não, já ouvi outras charadas – disse uma menina, trazendo Kestrel de volta à conversa. – Alguns com respostas diferentes: espelho, vela, ovo...

– Gosto de charadas – disse Kestrel. – Conte-me uma.

– Tem uma que não consigo resolver de jeito nenhum – disse a nobre sentada ao lado de Maris. – É assim: *Salto sem erguer os pés, minha cabeça é cheia de vento. Não tenho asas, mas tento voar... Quem sou eu?*

Kestrel se serviu de um pouco de creme. Ela não estava mais brava. A verdade era que, assim como o pai, ela gostava de cortar com certas armas. Ela tomou um gole esbranquiçado de chocolate, o creme fresco e macio contra os lábios.

– Maris sabe a resposta dessa charada – ela disse.

– Eu? – Maris perguntou. – De jeito nenhum. Não consigo adivinhar.

– Não? A resposta é *toló*.

O sorriso de Maris se desfez. Houve um silêncio quebrado apenas pelo tilintar delicado de Kestrel colocando sua xícara na bandeja. Ela ergueu as peles brancas sobre os ombros e saiu andando.

Notou a princesa oriental fazendo uma jogada em Fronteiras. Seu cavaleiro pulou sobre as peças de Verex para matar um sapador. Verex riu. O som surpreendeu Kestrel. Ele parecia feliz. Kestrel teria ido à mesa, para descobrir de uma vez por todas que tipo de jogadora era a princesa e por que Verex tinha rido tanto. Mas o imperador encontrou o olhar dela e a chamou.

– Temos um problema – o imperador disse a Kestrel quando ela se aproximou. – Venha nos ajudar. – Os senadores em volta dele eram de cargos altos, todos com lugares no Quórum. Kestrel se juntou a eles, feliz pelo líder do Senado estar de costas para o círculo de sua filha.

– Problema? – Kestrel disse ao imperador. – Não me diga que já acabou o chocolate.

– É um problema mais grave – ele disse. – As planícies bárbaras.

Kestrel olhou de soslaio para a princesa oriental, mas Risha estava concentrada em seu jogo

contra Verex e o imperador havia falado baixo para que ninguém mais ouvisse. Risha tinha uma graciosidade perfeitamente proporcional à sua beleza. Seu cabelo preto era trançado como o de uma valoriana. Usava anéis, enquanto uma verdadeira oriental teria mantido os dedos nus, e o contraste do ouro contra a pele bem escura de Risha era admirável. Ela tinha mais ou menos a idade de Kestrel. Talvez Risha não se lembrasse muito de sua vida no oriente antes do rapto. Talvez tivesse se acostumado com a capital e visse ali como seu lar. Kestrel não saberia dizer o que a menina teria pensado sobre o imperador se referindo ao seu país como um problema e a seu povo como bárbaros. Incomodada, Kestrel lembrou que também já os havia chamado de bárbaros no passado, só porque era assim que todos que ela conhecia os chamavam. Kestrel não fazia mais isso. Ao mesmo tempo que parecia uma diferença significativa, não mudava nada.

– Seu pai escreveu que o povo da planície se revelou ardiloso – disse o imperador. – As tribos orientais em nossas fronteiras são habilidosas em ataques clandestinos. Desaparecem quando o general reúne as tropas contra elas.

– Incendeie as planícies – disse uma senadora, uma mulher que havia servido sob o comando do pai de Kestrel. – Elas estão secas nesta época do ano.

– São terras boas – o imperador retrucou. – Queria transformá-las em fazendas. Um incêndio estragaria meu espólio.

E mataria o povo da planície, Kestrel pensou, embora ninguém tivesse dado esse argumento. As planícies eram vastas e tão para o norte de Dacra que não chovia muito nessa época do ano. Os soldados valorianos colocariam fogo enquanto o povo da planície dormia. Eles acordariam e fugiriam para o rio, se conseguissem chegar até lá. Mas um incêndio correria rápido e feroz pela grama seca e seria provável que, quando o povo da planície acordasse, já fosse tarde demais. Eles seriam queimados vivos.

Houve um debate sobre se o incêndio poderia colocar as tropas valorianas em risco. Se não fosse esse o caso, seria uma vitória importante, argumentou o líder do Senado. As planícies ficavam acima do delta onde reinava a rainha oriental. Se Valória capturasse as planícies, encurralaria os selvagens no sudeste do continente.

– Então será uma questão de tempo – disse o imperador – até Valória governar todo o continente.

– Queime os gramados, portanto – disse a senadora que havia servido no exército. – O fogo vai fazer bem para a terra, no fim das contas. No futuro.

Kestrel observou Risha derrubar uma das peças de Verex, uma sem importância. Risha tremia em suas peles. Nunca fazia frio no oriente. Esse conhecimento habitava a memória de Risha ou tinha sido dado a ela como fora dado a Kestrel, como uma informação sobre outrem? A princesa era pequena quando fora capturada, tão pequena quanto Kestrel quando sua família se mudara da capital para o recém-conquistado território de Herran. Talvez Risha nem se lembrasse de sua terra natal.

Kestrel viu Herran, seu jardim de lá e as sementes sob seus dedos infantis enquanto sua

ama os pressionava na terra macia.

Ela viu uma planície incendiada. Chamas agitadas e crepitantes, cavalos correndo desvairados, barracas queimadas até só sobrar a madeira, que ruiria. Pais pegando seus filhos no colo. O ar sufocante, quente e preto.

– Kestrel? – chamou o imperador. – O que acha? Seu pai escreveu que você já o aconselhou bem no passado sobre o oriente.

Ela piscou. O céu estava branco sobre o Jardim de Inverno. As árvores pingavam suas frutas mortais.

– Envenene os cavalos.

O imperador sorriu.

– Curioso. Desenvolva.

– O povo das planícies depende de cavalos – Kestrel disse. – Para o leite, o couro, a carne, para caçar... Mate os cavalos, e as tribos não vão conseguir viver sem eles. Vão viajar para o sul para se refugiar no delta. As planícies serão suas. Você pode ceifar a grama e usar para alimentar os *seus* cavalos. Pode cultivar a terra quando quiser.

– E como propõe que envenenemos os cavalos?

– O suprimento de água – sugeriu a senadora militar.

Isso poderia envenenar as pessoas também. Kestrel fez que não.

– O rio é grande e veloz. Qualquer veneno seria diluído. Em vez disso, mande meu pai enviar batedores para determinar onde os cavalos pastam. Passe veneno nesses gramados.

O imperador se recostou no assento. Sua xícara de chocolate fumegava, cobrindo seu rosto enquanto ele virava o queixo e examinava Kestrel com o olhar oblíquo.

– Muito bem, lady Kestrel. A senhorita resolve todos os meus problemas. Entrega as planícies não assoladas pelo baixo preço de um veneno. Que gentil que, ao mesmo tempo, minimize as mortes de civis do lado inimigo.

Kestrel não disse nada.

Ele tomou um gole de seu chocolate.

– Você já viu seu pai em batalha? Deveria. Eu gostaria de ver *você* lutar sob uma bandeira negra, apenas uma vez. Gostaria de ver você numa guerra de verdade.

Kestrel não conseguiu encarar o olhar fixo do imperador. Ela ergueu os olhos e notou o príncipe e Risha deixarem seu tabuleiro de jogo. Eles desapareceram no labirinto de sebe. Kestrel entendeu agora por que Verex parecia tão feliz. Perguntou-se se toda a corte sabia sobre ele e a princesa. Desconfiava que sim.

– Ah – o imperador falou com indolência –, os herranis querem falar com você, Kestrel. Fizeram um pedido formal.

As palavras dele pareceram se prolongar no ar mais tempo que o possível. Kestrel teve a estranha impressão de que o imperador tocava um piano e tivesse acertado um acorde dissonante que capturara o fascínio de todos que ouviam.

– Não é nenhuma surpresa – ela disse, fria. – Os herranis são obrigados a falar comigo de quando em quando. Fui nomeada emissária deles.

– Sim, precisamos corrigir isso. Você tem ocupações demais para um trabalho tão maçante. Eles vão ser notificados de que você renunciou ao cargo. Não há necessidade de encontrar nenhum dos representantes herranis novamente.



Quando Kestrel voltou à sua suíte, sua cama estava vazia e feita. A mala de Jess havia sumido.

Mas Jess prometera. Sua visita era para durar mais tempo do que isso. Elas mal tinham se visto e, para Jess *partir*, partir agora, tão cedo...

Kestrel tocou a corda de seda do sino. Quando suas damas de companhia chegaram em sua sala de estar, ela perguntou:

– Onde está minha carta?

As damas ficaram sem entender.

– Da minha amiga – Kestrel disse. – Para mim. Ela não é de partir assim. Não sem avisar.

Houve um silêncio. Então, uma das damas disse:

– Ela mandou que o baú fosse enviado à casa dela na cidade.

– Por quê?

Um silêncio deixou claro que ninguém sabia a resposta. Kestrel mordeu os lábios fechados.

– Já passou da hora – disse uma dama de companhia. – Não seria bom colocar outro vestido para a tarde? O que você vai vestir?

Kestrel fez um gesto com a mão muito semelhante a um que sempre via o imperador fazer. Não tinha sido proposital. Isso a incomodou.

– Não me importo – ela disse apenas. – Escolham vocês.

Suas damas de companhia começaram a trabalhar, tirando suas peles e separando vestidos. Enquanto elas descartavam alguns tecidos e aprovavam outros, Kestrel se perguntou o que Jess teria decidido. Ela afastou esse pensamento para longe.

Mas isso era como descartar uma peça de Morder e Picar só para tirar uma série de outras piores. Porque havia Arin, na sacada aveludada de sua mente, e havia o Jardim de Inverno, frio com a ausência dele, e havia as frutas rosas e vermelhas, e seu terrível conselho ao imperador.

Kestrel sabia o que aconteceria depois que os cavalos orientais fossem mortos.

Ela imaginou os campos verde-amarelos de relva. O leve ressonar dos gafanhotos. As carcaças de cavalos apodrecendo ao sol.

O povo da planície morreria de fome. Seus filhos ficariam de barriga vazia. Chorariam pela falta de leite de égua. O povo da planície se deslocaria a pé para o sul até a cidade da rainha no delta. Muitos cairiam no caminho. Alguns não se levantariam mais.

Isso iria acontecer. Iria acontecer por causa de Kestrel. Ela era a responsável por aquilo.

Mas não era melhor assim? A alternativa não teria sido pior?

A alternativa quase não importava. Não impedia que Kestrel sentisse um terror angustiado pelo que havia feito.

Uma das damas de companhia soltou um grito agudo.

Ela havia aberto o guarda-roupa. Mariposas-mascaradas saíram voando. Debateram-se contra as lamparinas e rodopiaram pelo ar assustadas, em espirais cinza. Suas asas empoeiradas começaram a piscar em tons de laranja e rosa enquanto se camuflavam nas tapeçarias.

– Elas destruíram as roupas! – Uma dama de companhia estapeou os insetos em pleno ar. Uma mariposa atingiu o carpete e jazeu imóvel. Suas asas ficaram vermelhas com pontas brancas para se igualar exatamente ao desenho do carpete. As mariposas-mascaradas podiam se camuflar mesmo quando mortas.

Kestrel se agachou e a pegou. As patas felpudas e inertes penderam em sua mão. As asas vermelhas mudaram de cor para condizer com a sua pele.

As damas de companhia caçaram com furor as mariposas. Mariposas-mascaradas eram uma praga doméstica comum na capital, e essa não era a primeira vez que destruíam um guarda-roupa inteiro de roupas caras. A julgar pela quantidade de mariposas, as larvas deviam estar se alimentando das sedas de Kestrel havia pelo menos uma semana. As damas de companhia mataram quase todas as mariposas, esmagando-as contra as paredes. As mariposas-mascaradas foram deixando manchas de cores indiscerníveis. Asas quebradas perdiam sua camuflagem.

– Saíam, todas vocês – Kestrel disse às damas de companhia. – Tragam servos para esvaziar o guarda-roupa.

Nenhuma das damas de companhia pensou em questionar por que *todas* precisavam sair. Ninguém perguntou por que Kestrel simplesmente não podia convocar servos com um repicar do sino. Elas olharam satisfeitas para a carnificina de asas empoeiradas e saíram.

Quando ficou sozinha, Kestrel abriu todo o guarda-roupa e encontrou uma peliça cheia de larvas de mariposa. Usando a adaga, cortou um pedaço do tecido onde mais larvas rastejavam. Ela o levou até a penteadeira, que estava amontoada por frascos de perfumes e óleos e jarras de creme. Pegou um pote de sais de banho e jogou todo o conteúdo por uma janela; depois, colocou o tecido e suas larvas no pote e tampou frouxamente, para o ar poder entrar. Para garantir, riscou uma cruz no centro da rolha com a ponta da adaga. Kestrel colocou o pote no fundo de sua penteadeira e arrumou os frascos para escondê-lo.

Ela se recostou na poltrona do vestiário, pensando nas criaturas que se alimentavam do tecido no pote. Elas já estavam gordas. Logo virariam mariposas.

Quando isso acontecesse, ela tinha um plano para elas.

Kestrel foi até o escritório e escreveu uma carta para o ministro herrani da agricultura.

Kestrel colocou a xícara no pires.

– Não foi a *sua* presença que solicitei – ela disse.

– Que pena. – Arin sentou de uma forma insuportavelmente familiar na cadeira diante dela do outro lado da mesa na biblioteca. Era como se a cadeira sempre tivesse sido dele.

Ele se recostou no assento, inclinou a cabeça para trás e olhou-a pelos cílios semicerrados. A luz da manhã iluminava seu perfil.

– Preocupada, lady Kestrel? – Ele perguntou em valoriano, com a voz encrespada pelo sotaque. Ele sempre pronunciava os erres baixo demais na garganta, de maneira que, sempre que falava na língua dela, tudo soava como um leve rosnado. – Com medo do que vou dizer... ou fazer? – Ele abriu um sorrisinho triste. – Não precisa. Serei um perfeito cavalheiro. – Ele puxou as abotoaduras. Foi só então que Kestrel notou que eram curtas demais nos braços dele e exibiam os punhos.

Ela sofreu ao ver o constrangimento dele, a forma como isso se revelou de repente. Sob aquela luz, os olhos cinza dele eram claros demais. Sua postura era confiante. Suas palavras, cheias de farpas. Mas seus olhos estavam incertos. Arin voltou a mexer nas abotoaduras como se houvesse algo de errado com elas – com ele. *Não. Você está perfeito*, ela sentiu vontade de dizer. Ela imaginou: como seria estender o braço para tocar o pulso exposto de Arin.

Isso não levaria a nada de bom.

Sentia-se nervosa, com frio. No estômago, uma rajada de neve.

Kestrel deixou as mãos caírem no regaço.

– Não tem ninguém aqui mesmo – Arin disse –, e os bibliotecários estão atrás das estantes. Você está segura.

Era mesmo cedo demais para os cortesãos estarem na biblioteca. Kestrel havia contado com isso e com o fato de que, se alguém aparecesse e a visse com o ministro herrani da agricultura, esse encontro chamaria pouco interesse.

Um encontro com Arin, porém, era uma história completamente diferente. Era frustrante: a capacidade extraordinária dele de atrapalhar seus planos – e a própria noção que ela tinha de si mesma. Ela disse:

– Aparecer onde não foi chamado parece ser um hábito seu.

– E o seu é colocar as pessoas em seu devido lugar. Mas as pessoas não são peças de tabuleiro. Você não pode arrumá-las como bem entender.

Um bibliotecário tossiu.

– Fale baixo – Kestrel murmurou para Arin. – Pare de ser tão...

– Inconveniente?

– Para ser franca, sim.

Ele abriu um sorriso: rápido, sincero, surpreso consigo mesmo. Depois foi mudando, devagar.

– Posso ser pior.

– Aposto que sim.

– Posso lhe dizer como.

– Arin, como está sendo para você aqui, na capital?

Ele encarou seu olhar.

– Prefiro conversar sobre o que estávamos conversando.

Ela colocou os dedos ao longo dos cravos que prendiam o couro verde ao tampo da mesa. Sentiu cada cravo frio, pequeno, duro. O silêncio dentro dela era como aqueles cravos. O que guardava era algo delicado: uma sensação como seda frágil, voando ao som da voz dele.

Se ela e Arin fossem falar sobre o que estavam falando, essa seda poderia se rasgar. Voaria para o alto. Cobriria a luz e lançaria uma sombra colorida.

Que cor seria, Kestrel pensou, a seda do que ela sentia?

Como seria soltar, deixar que essa seda a cobrisse?

– Não foi uma pergunta insincera – ela disse baixo. – Imagino que a capital seja estranha para você.

Arin a examinou, pensativo agora.

– Para você é estranha?

– Não deveria ser.

– Você foi criada em Herran. Esta não é sua casa.

– É o meu país.

O rosto de Arin se fechou em linhas que ela conhecia muito bem. Ele deu de ombros, um movimento pequeno e breve, depois se serviu de um pouco de chá.

Hesitante, Kestrel perguntou:

– Estão tratando você bem?

Um fio de vapor subiu e envolveu o rosto dele. Ele bebeu da xícara e a desceu, um gesto tão fluido como o de qualquer cortesão. Mas a mão dele era a mão de um trabalhador braçal e a xícara de porcelana, pintada com flores e uma borda de ouro, parecia deslocada. Arin franziu a testa para a xícara:

– Às vezes acho que seria mais fácil ser ignorado. Aqui, ninguém me ignora. Mesmo

quando me ignoram, não é de verdade. A maneira como *não* me olham é como se estivessem encarando. Quando era escravo em Herran, ninguém nem olhava para mim. Ninguém olha para os escravos. – Arin colocou a xícara no pires com um estalo abrupto. – Kestrel, quando foi que aconteceu? Sempre me pergunto quando fiz a coisa que estava além de sua compreensão. Houve algo que tornou impossível para você me perdoar? As mentiras...

– Eu também teria mentido.

– A revolta herrani. Eu a tramei por meses. Tramei contra *você*.

– Entendo a razão.

– Seus amigos, então. Seu povo. O veneno. A morte de Benix. A doença de Jess. Foi culpa minha. Você me culpa.

Kestrel balançou a cabeça, não para negar as palavras dele, mas porque não era tão simples assim.

– Às vezes imagino que sou você. Imagino sua vida. O que fizemos com ela. E eu sei o que *você* fez em troca. É verdade, eu o culpo... e ao mesmo tempo não. Se eu fosse você, teria feito o mesmo. Poderia ter feito até pior.

– Então o que você *não* entende? – A voz dele ficou rouca. – Foi... o beijo? Na cozinha de casa. Foi *essa* a coisa imperdoável?

– *Arin*.

– Eu não deveria ter te beijado.

– Arin.

– Desculpe, Kestrel. Desculpe. Diga o que posso dizer.

Não foi a tristeza que a fez hesitar. Foi a voz dele. Foi o que havia por trás dela: aquele rio subterrâneo de canção que estava sempre lá, que ele tentava represar e bloquear e enterrar. Tinha sido seu segredo. Quando ela o comprara, já naquele momento sentira a tensão desse segredo. Arin era um cantor. Mas ele havia rejeitado isso, escondido. Seu segredo parecia tão vital, tão firmemente guardado, que Kestrel nunca o tinha obrigado a vir à tona, e não tinha pensado em questionar se Arin escondia outra coisa.

Ele estava esperando que ela falasse. Um relógio da biblioteca soou. O som a despertou de sua lembrança. Um novo pensamento a fez sentir um comichão de pavor.

Mesmo se Arin não soubesse dos segredos dela, ele os sentia. Era como se ele pudesse ouvi-los, sussurrando entre as trevas do seu coração. Kestrel tinha decidido nunca contar para ele. No entanto, um momento atrás, havia falado tão abertamente, como alguém que desejava que ele adivinhasse quais eram os seus segredos.

Ela encarou os olhos ansiosos dele. Pensou nos pregos na mesa, na força necessária para cravá-los nela. Pensou na tentação, na coisa inteligente a se fazer e em como, nos dezessete anos antes de conhecer Arin, ela sempre soubera o que escolher.

– Eu perdoo você – Kestrel falou com o tom despreocupadamente gentil, quase entediado.
– Pronto, está se sentindo melhor? Minha decisão de casar com o príncipe não tem nada a ver com culpar você. Não tem absolutamente nada a ver com você. Apenas quero outra coisa.

Ele ficou olhando sem dizer nada.

– Sêrio, Arin. Tenho a oportunidade de um dia reinar sobre metade do mundo conhecido. Não é tão difícil assim entender.

Ele se virou para olhar pela janela. A luz estava mais forte agora. Branqueava seu rosto.

– Já que estamos sendo tão sinceros – ela disse –, queria que me dissesse por que está aqui no lugar do Tensen. Ele mandou você?

– Ele não chegou a ler seu bilhete – Arin disse, voltado para a janela. – Vi seu selo e abri a carta.

– Imagino que eu deva repreender você por isso. – Ela ergueu um ombro com elegância. – Mas também posso anunciar para você, tanto faz.

Arin olhou para ela nesse momento.

– Anunciar o quê?

– Que não sou mais a embaixadora imperial de Herran.

– Mas você aceitou. Foi parte do tratado que o imperador assinou. É lei.

– A lei é escrita pela espada. Quem segura a espada é o imperador, não você, e, se ele diz que não devo mais ser sobrecarregada por um cargo cansativo, quem sou eu para discordar? Não vamos discutir por conta disso. O chá está bom, não está? Um pouco forte demais, talvez. Acho que não vou terminar minha xícara.

A expressão de Arin estava ficando perigosa.

– Então vamos falar sobre *chá* agora?

– Você prefere chocolate?

– Quando vir você da próxima vez, devo elogiar seus sapatos deslumbrantes e suas luvas de couro? Porque o que mais você vai ter para discutir? A vida de futura imperatriz não a cansa? – Arin tinha passado a falar em sua própria língua agora, mas ela nunca tinha ouvido esse tom antes. Sua voz era afetada e sarcástica. Era uma zombaria de como os cortesãos falavam. – Talvez possamos discutir os últimos crimes do seu querido império enquanto tomamos chá. Posso admirar os formatinhos ardilosos do açúcar endurecido e passar para você um cisnezinho de açúcar numa colher. Posso colocá-lo para nadar na sua xícara enquanto finjo que os massacres no oriente não estão acontecendo. E talvez eu comente como os povos das ilhas do sul ainda são escravos e as tribos da tundra do norte foram exterminadas há tanto tempo. Você vai dizer que os escravos do sul têm uma vida melhor sob o império do que quando eram livres. Veja toda aquela água encanada que desce das montanhas pelos aquedutos imperiais, você vai dizer. Não é lindo? Quanto às tribos do norte, eles nunca foram

muitos mesmo.

A voz dele era tensa. A zombaria tinha ficado para trás.

– E posso dizer que Herran está enfraquecida quase a ponto da fome. Somos pobres, Kestrel. Estamos nos alimentando de um suprimento escasso de grãos e esperando pela colheita de noz-de-lareira, e pela notícia do quanto seu imperador vai se apropriar dela. E se eu perguntar se você tem essa informação? Você provavelmente vai dizer que lembra que sua ama herrani assava pão de noz-de-lareira para você. Talvez até tenha viajado para a ponta sul da península de Herran onde essas árvores são cultivadas e lembra como o sol lá é escaldante o ano inteiro. Vai falar isso num tom caloroso, como se estivéssemos compartilhando algo, quando o que compartilhamos é o que seu povo rouba do meu. Eu vou pedir para você *me dizer*. Me dizer com quanto vamos ter de sobreviver depois do dízimo do imperador. Você vai dizer que não sabe. Não tem intenção de saber.

Kestrel havia se levantado da cadeira.

– Então vou ficar quieto – Arin disse – e você vai mexer seu chá. Vai beber e eu vou beber. Pronto. É assim que vai ser daqui para a frente?

Kestrel estava zozza.

– Vá embora – ela sussurrou, embora fosse ela quem estivesse em pé. Arin não se moveu da mesa. Ele ergueu os olhos para ela, com o maxilar tenso, e ela não entendeu como ainda podia estar no rosto dele aquela expectativa dura, aquela confiança furiosa. *Não falhe comigo*, seus olhos diziam. *Não falhe consigo mesma*.

Ela saiu da mesa.

– Você é melhor do que isso – ele gritou atrás dela. Um bibliotecário saiu de trás das estantes para mandar que ele ficasse quieto. Kestrel saiu andando.

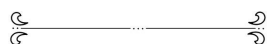
Arin disse:

– Como a inconsequência da sua vida não envergonha você?

Ele disse:

– Como você não sente um vazio?

Eu sinto, ela pensou enquanto atravessava as portas da biblioteca e deixava que elas batessem atrás de si. *Eu sinto*.



Kestrel tremia quando sentou diante da penteadeira. Maldito Tensen. Maldito por não pegar suas próprias cartas ou por dormir até tarde enquanto Arin as bisbilhotava. Ela tinha sido discreta no que havia escrito – aquela era a corte imperial e os únicos segredos colocados em papel tinham a *intenção* de virar fofoca –, mas e se ela não tivesse sido?

Seria melhor que ela reconsiderasse seu plano. Não dava para confiar que Tensen

mantivesse Arin sob controle. Ela era uma tola de sequer considerar virar a nova espia do ministro da agricultura. Que tipo de mestre de espões deixa que suas cartas sejam lidas?

Mas, também, que tipo de pretensa espia sela uma carta com seu próprio selo? Que erro idiota.

Kestrel olhou para os frascos em sua penteadeira e imaginou qual seria o som se jogasse todos no piso de pedra. Um estrondo grande e glorioso. Um momento se passou, depois outro, e ela se acalmou, estendendo o braço cuidadoso para pegar um pote colocado atrás dos outros.

Kestrel teve a impressão de ver o pote em suas mãos como se ele estivesse muito longe.

Você é melhor do que isso, Arin havia dito.

Os dedos dela apertaram o pote. Ela o trouxe para perto. Abriu um sorriso duro, tão fino quanto o vidro contra suas unhas.

As larvas de mariposa-mascarada tinham formado casulos. Estavam inchando, invólucros arredondados cobrindo toda a seda.

Kestrel devolveu o pote ao lugar. Esperaria as mariposas chocarem. Não demoraria muito. Então, faria sua jogada.



Ela alegou uma doença de pouca importância: um resfriado adquirido por ficar tempo demais no Jardim de Inverno depois do baile. Verex não a visitou, mas mandou um bilhete gentil junto com um frasco de remédio.

O imperador não deu notícia.

Kestrel escreveu para Jess – uma carta zombeteira cheia de expressões que repreendiam Jess por abandoná-la em seu momento de necessidade. Havia festas demais, pessoas entediadas demais. Jess a tinha deixado indefesa.

Preciso da minha amiga, Kestrel escreveu. Então, viu o nervosismo em sua cursiva pontuada. Sentiu o medo incômodo de que tivesse sido *mesmo* abandonada, de que, sem saber, tivesse ofendido Jess.

Eu o vi, Jess dissera. Ela tinha visto Arin no baile.

Mas ela havia segurado a mão de Kestrel no escuro. Certamente, Jess não teria feito isso se tivesse adivinhado o que Arin e Kestrel estavam fazendo enquanto os convidados dançavam.

Talvez ver Arin tivesse assustado Jess. Era compreensível. Jess tinha visto coisas que Kestrel não vira na noite da Revolta de Primeiro Inverno. E Jess sabia que a culpa era de Arin.

Kestrel riscou a última linha da carta.

Sinto sua falta, querida irmã, ela escreveu no lugar.

A resposta de Jess demorou a chegar. Era curta. Jess estava cansada, explicava a carta, sua

saúde, pior do que imaginava. *Quando receber isto, já vamos ter partido de volta para o sul*, Jess escreveu. Toda a família iria. Jess sentia muito.

Isso explicava algumas coisas. Mas Kestrel se pegou relendo a carta em sua sala de recepção vazia, procurando sinais de amor como se esse sentimento pudesse estar contido no dois pontos sobre o *i* ou no risco decorativo na última palavra da última frase de Jess. O papel na mão de Kestrel parecia fino.

Impaciente, Kestrel amassou o selo de cera da carta entre os dedos. Tentou não pensar em como não havia tido a oportunidade de ver Jess uma última vez. Tentou não pensar em como a sala vazia parecia subitamente ainda mais vazia.



Kestrel se limitou às partes da suíte que eram indubitavelmente particulares: seu quarto de dormir e seu vestiário. Certo dia, mesmo sendo impossível ouvir o bater de asas tão pequenas, Kestrel ergueu a cabeça, andou rápido até a penteadeira e abriu caminho entre os frascos para ver mariposas-mascaradas incubando no pote. Algumas lutavam para sair dos casulos. Outras se prendiam ao vidro, com as asas translúcidas, ou se amontoavam de ponta-cabeça na parte debaixo da rolha, num tom marrom-claro granido.

Kestrel acendeu uma vela. Quando todas as mariposas tinham saído dos casulos e a vela já havia queimado, Kestrel jogou cera derretida sobre a rolha do pote das mariposas. Ela o fechou com cuidado, para que nenhum ar pudesse entrar no pote.

Demorou um dia para as mariposas morrerem. Depois disso, Kestrel anunciou às damas de companhia que se sentia bem melhor.

Houve uma recepção na galeria do palácio. Todos foram convidados para admirar a coleção de arte roubada do imperador. O pai de Kestrel havia lhe dito uma vez que o exército tinha uma ordem permanente de poupar obras de arte durante a pilhagem de cidades. “Ele não gostou quando assolei o palácio herrani na invasão.” O general dera de ombros. “Mas foi a melhor manobra militar.”

Seu pai nunca havia temido o imperador, então Kestrel disse a si mesma que também não tinha o que temer. Foi por isso que, mesmo diante de uma multidão de convidados reunida em volta de estátuas e quadros, Kestrel abriu caminho até Tensen.

Algumas sobranceiras curiosas se ergueram – “Ela não consegue ficar longe dos herranis, não é mesmo?”, Kestrel quase podia ouvir –, mas o imperador estava de costas para ela agora e ela só precisava de alguns momentos. Ela colocou a mão discretamente no bolso do vestido.

Tensen estava diante de uma paisagem roubada das ilhas do sul. Arin não estava com ele. Estava atrasado. Talvez nem viesse afinal, considerando a última conversa entre os dois.

A pintura admirada por Tensen mostrava um campo onde tecidos haviam sido pendurados para alvejar ao sol, e safras de flores índigos eram cultivadas por sua tinta.

– Lady Kestrel – Tensen começou, satisfeito, mas ela o interrompeu.

– Vejo que você aprecia uma boa paisagem – ela disse. – Sabia que essas flores são pintadas com índigo de verdade? Representam ao mesmo tempo que *são* a coisa. – Kestrel começou a falar longamente, em alto e bom som, sobre arte. Ela viu os cortesãos que estavam perto, antes interessados em ouvir a conversa, se entediarem e virarem as costas. Kestrel foi deixando o volume da voz baixar gradualmente enquanto Tensen esperava, com os olhos verdes curiosos... e brilhando com uma esperança cautelosa. Mesmo se não tivesse chegado a ver o bilhete que Arin roubara, não seria difícil adivinhar que Kestrel queria discutir mais do que apenas arte.

Ela tirou a mão do bolso.

– Que detalhes primorosos – ela disse, apontando. – Olhe, quase dá para ver cada pétala. – Com um toque dos dedos, ela colocou uma mariposa-mascarada no canto inferior da pintura, onde ela encontrava a moldura. A mariposa se prendeu. Assumiu um tom roxo. Virou parte do quadro.

Tensen olhou para a mariposa, depois para ela.

Com a voz baixa, ela disse:

– Vou descobrir o que Thryne ouviu. E, quando descobrir, vou deixar outra mariposa aqui para você. Venha à galeria toda manhã. Crie carinho por este quadro. Procure a mariposa. É assim que você vai saber quando me encontrar.

– Onde?

– Fora do palácio. – Mas o seu conhecimento da cidade era escasso e ela não sabia como ser mais específica.

– Tem uma taverna na cidade que serve herranis...

– Então também deve servir o capitão dos espiões da guarda. O imperador deve saber o que você é, Tensen. Ele não faz nada para contê-lo agora porque está esperando para descobrir o que você sabe e o que vai fazer com isso. – Kestrel olhou de soslaio para o imperador. O príncipe Verex o havia abordado e falava algo, inflamado, com o rosto vermelho. O perfil do imperador exibia um tédio sardônico.

– Então onde? – Tensen perguntou.

Kestrel observou o imperador pegar uma taça de vinho de uma serva que, logo em seguida, desapareceu no pano de fundo como se ela também fosse uma mariposa-mascarada. *Ninguém olha para os escravos*, Arin dissera. Isso deu uma ideia para Kestrel.

– Como a comida fresca é trazida para o palácio?

– Os auxiliares da cozinha compram no mercado da cidade, das barracas dos merceeiros e na Travessa do Açougue.

– Isso. Lá. Vamos nos encontrar na Travessa. Se você se vestir como um servo ninguém vai prestar atenção em você.

– A noiva do príncipe vai atrair mais do que alguns olhares.

– Deixe que eu me preocupo comigo. – Ela estava ansiosa para resolver o detalhe mais complicado do encontro: *quando*. – Olhe. – Ela apontou para o canto inferior da moldura e explicou como ele precisava imaginar que a linha era a borda de um relógio quadrado e que o tempo se movia pela moldura do amanhecer até o anoitecer. O lugar onde a mariposa estivesse indicava a hora do encontro no dia seguinte.

– E se outra pessoa vir a mariposa? – Tensen perguntou.

– É apenas uma mariposa. Uma praga comum. Não significa nada.

– Um servo pode encontrar antes de mim e tirá-la daí.

– Então é isso o que vou imaginar que aconteceu se não vir você na Travessa no horário combinado. Sério, Tensen. Quer minha ajuda ou não? – A hesitação dele era compreensível, mas a irritava e a incomodava ainda mais porque ela tinha a sensação incômoda de estar jogando um jogo fadado ao fracasso. O vencedor conhece toda a sua linha de jogo. Kestrel, porém, via apenas uma jogada e talvez a próxima.

Verex estava falando mais alto. Kestrel não conseguia ouvir o que ele dizia ao imperador, mas as pessoas começaram a encarar a cena mesmo antes de Verex sair da galeria batendo os pés.

– Dizem que o príncipe não aprova o que está acontecendo no oriente – Tensen

murmurou.

Kestrel não queria pensar no oriente.

– Os escravos falam que a princesa oriental é como uma irmã para Verex – Tensen acrescentou. – Foram criados juntos, no começo, depois do rapto dela.

Automaticamente, os olhos de Kestrel procuraram Risha. Quando a viu, parada no canto oposto do longo salão, Kestrel sentiu seu sangue empalidecer. Sentiu o pulso parar. Ela imaginou o sangue bombeado pelo seu corpo ficando rosa, depois transparente. Feito àgua rala, gotejante.

Não foi Risha que fez Kestrel ficar fria nem o pequeno quadro oriental que a princesa encarava como se estivesse pendurado na lua. Kestrel disse a si mesma que não era a expressão óbvia de perda no rosto de Risha.

Mas não havia mais nada naquela galeria capaz de fazer Kestrel sentir tamanha culpa.

– Houve uma vitória valoriana nas planícies orientais – Tensen disse. – Você ficou sabendo? Não? Bom, você estava doente. Seu pai envenenou os cavalos das tribos e conquistou as planícies. Foi rápido.

Ela tentou não ouvir. Olhou para a princesa solitária.

Kestrel iria até ela. Largaria Tensen e a mariposa azul-índigo, e cortaria caminho pelos cortesãos, passando entre as esculturas de pedra-sabão saqueadas da tundra do norte, porque, se não fosse até Risha agora, Kestrel tinha certeza de que se tornaria igual às estátuas: lisa, fria, dura.

Antes que ela pudesse se mover, outra pessoa surgiu ao lado da princesa.

Era Arin. Ele falava com brandura com Risha. Kestrel não tinha como saber realmente que a voz dele era branda, não de tão longe, não com o burburinho das conversas dos cortesãos. Mas ela sabia. Simplesmente sabia, podia ver a compaixão nos olhos dele, na curva tênue de sua boca. Arin não diria nada além de palavras gentis àquela jovem. Ele se aproximou dela. Risha respondeu e ele tocou três dedos do dorso da mão dela.

E por que Arin não se compadeceria de Risha? Ele tinha perdido sua família. Tinha perdido tudo para os valorianos. Claro que isso o atraiu à perda dela. Seu sofrimento em comum criava um abrigo em volta deles no qual Kestrel jamais poderia entrar.

O que ela teria dito a Risha afinal?

Foi culpa minha.

Ou: Poderia ter sido pior.

Seria uma tolice tão grande quanto contar a verdade para Arin. Kestrel teria de engolir suas palavras e ficar em silêncio, e engolir novamente até sua barriga estar cheia de tudo o que ela não poderia dizer.

Ela se perguntou se Arin ergueria os olhos e a veria os observando. Mas os olhos dele

continuaram focados em Risha.

Kestrel sentiu que sua vida tinha assumido o formato de um canivete. Seu coração, uma lâmina dentro de um pedaço de madeira.

– É melhor você ir – Tensen disse de repente. Ela havia esquecido que ele estava ao seu lado, que estavam cercados pela corte e que sua intenção era que aquela conversa com Tensen fosse o mais breve possível. Sua intenção era evitar a atenção do imperador.

Que os fitava do outro lado da galeria.

A fúria dele fervia. Os cortesãos sentiram isso. Foram se afastando.

– *Espere* – ela disse a Tensen, embora o imperador estivesse atravessando a multidão aos empurrões na direção deles.

– Acho melhor não.

– Espere. Por que meu pai envenenou os cavalos orientais?

– Por que outro motivo vocês, valorianos, fazem as coisas? Para vencer, óbvio. Agora, se me der licença...

– Foi ideia dele? Do imperador? Ou... o que as pessoas estão dizendo? – Quantas pessoas sabiam do papel dela na conquista das planícies?

– A corte não se importa com como ou por que o general Trajan fez o que fez. É com o resultado que eles se alegram.

– Obrigada – Kestrel disse, mas Tensen já havia ido embora.

O imperador a encurralou. Ela tentou não levar a mão à nova adaga de diamante nem sentir falta daquela que seu pai lhe dera e que fora tomada pelo imperador. A multidão abriu um grande círculo para eles.

– Mandei você ficar longe dos herranis – o imperador murmurou, furioso.

– Não, não mandou. – A voz dela era um milagre. Calma. Firme. Não tinha como vir dela.
– Não lembro das palavras exatas.

– Fui perfeitamente claro. – O imperador desceu a mão sobre o braço dela. Para o resto da corte, o gesto poderia ter parecido carinhoso. Eles não viram como ele enfiou o polegar na parte de dentro do cotovelo dela e beliscou a carne naquela região.

No começo, a dor foi pequena. Maldosa, quase infantil. Não parecia séria, o que deu a Kestrel a coragem de mentir.

– Foi o que eu disse ao ministro Tensen. Que não sou mais a embaixadora imperial de Herran. Não era isso o que você queria? Pensei que seria educado avisar o ministro pessoalmente.

– Fico surpreso de não ter avisado ao governador.

– Não quero conversar com o governador.

– Não? Você não conversou com Arin? – As unhas do imperador eram afiadas.

Kestrel quase viu seu erro, mas parte dela insistia que não poderia haver erro, não com ele. A mente dela estava tomada de chumbo. Dizia *negue*. Embora o conhecimento do que havia feito de errado de repente crepitasse pelo corpo dela, o medo corroía seus pensamentos e a iludia, dizendo para ela mentir com tanta firmeza a ponto de transformar a mentira em verdade.

– Não – ela disse ao imperador. – É claro que não.

– Não é isso – sussurrou o imperador – o que meus bibliotecários dizem.

Ele beliscou com mais força. A dor se aprofundou. Trouxe o medo pra dentro dela. Prendeu seus pés firmes no chão.

– Você me desobedeceu, Kestrel. Me desobedeceu duas vezes.

– Desculpe – ela disse. – Sinto muito.

O imperador a soltou, com a unha do polegar ensanguentada.

– Não, não sente – ele disse. – Mas ainda vai sentir.

No entanto, o imperador não fez nada.

O pavor de Kestrel cresceu. Havia uma casquinha em forma de meia-lua e um hematoma dolorido na dobra interna do cotovelo. Era improvável que essa fosse sua única punição.

As cartas de Kestrel para Jess, cheias de uma falsa alegria, não tiveram resposta. Passou pela mente de Kestrel que o imperador estivesse interceptando sua correspondência. Mas, por mais que a magoasse, isso não era o suficiente para a vingança do imperador. Algo pior estava por vir.

Ela tinha visto como ele agia com os outros. Recentemente, um soldado tinha sido condenado por deserção, e seus pais, da alta sociedade, suplicaram perdão. A deserção era uma forma de traição. A punição para traição era a morte. Os cortesãos fofocavam que, talvez, só dessa vez, o soldado fosse enviado “para o norte” – o que significava o campo de trabalhos forçados na tundra. Mas os pais obviamente tinham esperanças de um resultado melhor do que esse. O ouro deles foi parar em certos bolsos. Diversas vezes, pediram ao imperador para libertar seu filho. O imperador sorria e dizia que ia ver. Ele se deleitava com a espera, vendo as pessoas se contorcerem sob a faca de sua aparente indecisão.

Kestrel sentiu vergonha do seu erro. Sua culpa instintiva de ser pega. E, pior: uma desconfiança de si mesma, serpenteante como uma enguia. O que ela pensava que estava fazendo, com suas mariposas e promessas de traição a Tensen?

Ela pensou no que o pai diria se soubesse.

Pensou na prisão e nos dedos esfolados de Thrynne.

Talvez o imperador planejasse uma punição mais adequada a uma filha, como proibir Kestrel de tocar piano.

Talvez uma humilhação diante da corte.

Talvez as cartas roubadas fossem *mesmo* suficientes.

O hematoma de Kestrel desbotou. A cicatriz se desfez.

Apreensiva, Kestrel finalmente concluiu que o imperador não correria o risco de fazer nada extremo contra a filha do general Trajan.

Ela jantava com o imperador todas as noites. Ele demonstrava uma gentileza ardilosa, a ponto de paparicar. Agia como se nada houvesse acontecido.

Kestrel parou de se preparar para um golpe que não vinha.

Talvez nunca viesse.



Para Arin, o palácio imperial era uma grande caixa de truques arquitetônicos. Não importava, porém, quantos corredores sem saída havia. Ele não ligava para a série vertiginosa de cômodos de lazer. Ignorava a maneira como escadarias estreitas e sinuosas podiam se dividir em tantas direções.

No fim, o palácio era como qualquer outra construção e, em todas as construções, os servos eram alojados no mesmo lugar: o pior.

Então, quando Arin saiu em busca da costureira de Kestrel, não foi tão difícil encontrá-la. Ele pegou as escadas para baixo. Entrou na escuridão. Seguiu o ar bolorento. O calor insuportável. As chamas da cozinha. Os cheiros de cebola doce e frita.

Os servos *herranis* foram prestativos. Prestativos demais. Seus olhos brilhavam. Eles teriam revelado tudo a ele. Seus rostos pediam para ouvir perguntas tão pequenas quanto o paradeiro de uma costureira. Mesmo os escravos dos vários territórios conquistados, cujas línguas Arin não falava e que trabalhavam em hierarquias tensas e arcanas com os *herranis* recém-libertados, admiravam Arin com expressões de quase veneração.

O fracasso de Arin ardia junto dele. Era como um veneno, crescendo continuamente. Os servos *herranis* pediam para ouvir a história de como Arin havia derrubado uma montanha sobre as tropas valorianas. Como havia salvado o ministro Tensen durante aquele ataque em uma propriedade do interior? Foi de uma batalha de bestas ou de uma adaga atirada?

As histórias não valiam de nada. Tudo o que Arin havia feito, desde a Revolta de Primeiro Inverno até sua resistência final contra o general valoriano, não fez nenhuma diferença. Seu povo ainda pertencia ao império.

– Deliah – Arin recordou os *herranis* reunidos na última cozinha. – Onde ela está?

A oficina dela ficava numa área mais agradável do palácio, no piso térreo, em um cômodo com luz suficiente para fazer as peças de tecido reluzirem. Quando Arin entrou, Deliah estava costurando, com o colo amontoadado de tecidos cor de vinho escuro e intenso. Sua boca estava cheia de alfinetes. Ela os tirou devagar, um a um, quando Arin fez sua pergunta.

– Quero saber quem está subornando você – ele disse.

– Não era isso que eu achava que você ia perguntar.

– Fui até a cidade. – Arin odiava ficar no palácio. Ele se sentia melhor na cidade, embora também não gostasse de lá e nunca conseguisse se livrar da sensação de estar em território inimigo. Ele perambulava e ficava pelos becos. – Tem uma taverna...

– Sei qual é. É o único lugar que serve *herranis*.

– Eles servem todo mundo, especialmente apostadores e escriturários. Se *eu* fosse apostar em alguma coisa, seria no fato de que você deve ter todos os cortesãos do palácio rondando-a em busca de uma pista sobre o que sua senhora vai usar no casamento dela. O prêmio pode ser imenso.

Deliah estava enfiando os alfinetes na almofadinha amarrada a seu punho. Agora ela parou

e passou o dedo pelo gramado prateado e rígido de alfinetes amontoados.

– Não falo nada a ninguém sobre o vestido de casamento. Não aceito subornos. Nem mesmo de você.

– Não estou dizendo que aceita. Não é isso o que eu quero. Só me diga quem está perguntando.

– Se quiser uma lista, vai ser longa.

– Então me diga quem *não* está perguntando.

Ela continuava desconfiada.

– Por quê?

– Porque essa é a pessoa que já sabe.

Deliah voltou a tocar nos alfinetes.

– O líder do Senado – ela disse. – A maioria dos cortesãos pergunta pessoalmente, mesmo os mais importantes. Eles não querem correr o risco de outra pessoa descobrir o que eles acham que eu vou contar. Mas nunca vi o líder do Senado. Até a filha dele, Maris, quis saber. O suborno dela foi a promessa de que eu poderia trabalhar para ela. – Deliah soltou uma gargalhada breve. – Eu visto a família imperial. O imperador nunca me deixaria ir. – Os olhos dela afrontaram Arin, desafiando-o a prometer que algo iria mudar, que ele poderia mudar a situação dela.

A vergonha abrasadora que ele sentia se resfriou num caroço preto: algo duro, cauterizado.

Ele começou a sair.

– Alguma coisa aconteceu com ela – Deliah disse de repente.

Ele parou.

– Como assim?

– Antes de você chegar, algumas semanas antes, as damas de companhia de lady Kestrel me trouxeram um vestido. Era branco e dourado. Estava imundo. A bainha tinha sido arrastada por alguma coisa, não sei o quê. Estava nos fundilhos do vestido também. Nos joelhos. Havia vômito numa das mangas. Algumas das costuras estavam abertas.

A boca de Arin ficou seca.

– As damas de companhia queriam saber se eu tinha como recuperar – Deliah disse. – Impossível. Não tinha como recuperar. Rasguei o vestido em farrapos.

Arin se obrigou a falar.

– Quando?

– Já disse quando.

– Kestrel estava com alguém no dia em que usou esse vestido?

Deliah abriu as mãos sem saber.

– Não faço ideia de quando *exatamente* ela o usou ou na companhia de quem ela estava. Você teria de perguntar para as damas de companhia dela, o que não recomendo. Pelo menos uma está trabalhando para o príncipe e só os deuses sabem quantas respondem ao imperador.

– Você deve saber mais.

– Conteí tudo o que sei.

– Você a vê. Quando ela experimenta um vestido... você vê a pele dela. Tinha algum... ferimento? – Ele teve a lembrança angustiante do rosto de Kestrel depois que Logro a atacara. – Hematomas? Cicatrizes? Qualquer coisa. Qualquer coisa naquela época. Qualquer coisa depois disso.

– Não – Deliah disse, causando um profundo alívio para ele até ela acrescentar –, não que eu tenha conseguido ver. Mas não a vesti na última semana.

– Fique de olho nela.

– Não posso fazer isso. Não posso ficar espionando para você. O imperador...

– *Eu* sou o governador de Herran.

Ela lhe lançou um olhar de piedade.

– Nós dois sabemos o quanto isso vale.

Ele cobriu os olhos. Balançou a cabeça.

– Pelo menos me diga se tem mais alguma coisa... estranha.

Ela encolheu os ombros.

– O de sempre. Ordens para um vestido novo. Pequenos reparos. Queixas sobre as pragas que entraram nos guarda-roupas e comeram o tecido. Esse tipo de coisa. – Deliah ainda estava com aquele olhar em seu rosto e Arin quis se defender, dizer que o único motivo por que ela deveria informar as ações de Kestrel era que obviamente a filha do general estava tramando algo, que o vestido arruinado era prova do que ele não conseguia mas *precisava* ver, porque Kestrel tinha talento para se meter em tramoias, e às vezes era ela quem puxava as cordas, mas outras ela puxava as pontas até revelar algo que não deveria descobrir.

Arin quis insistir que, se um segredo era do interesse de Kestrel, era do interesse do imperador, e que isso era do interesse de Herran. Foi por isso que ele pediu a ajuda de Deliah. Era pelo seu país. Apenas por isso.

Não por preocupação com Kestrel.

Não por amor.

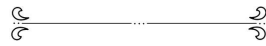
Não porque a descrição daquele vestido destruído fez Arin tentar imaginar tudo o que poderia ter sido feito contra Kestrel enquanto ela o vestia ou tudo o que ela poderia ter tentado fazer.

No fim, ele não conseguiu dizer nada. Estava em silêncio quando começou a sair da oficina de Deliah.

– Ela gosta de você – Deliah disse de repente. – Disso eu sei.

Aquela era uma mentira tão óbvia que chegava a parecer uma piada cruel.

Arin deu risada.



A mente de Arin tinha mergulhado em sombras, o que talvez fosse o motivo pelo qual ele não notou que o corredor também estava escuro. Todas as lamparinas, exceto uma, haviam se apagado. A última crepitava com seu pouco óleo.

Ele não prestava atenção aonde ia. Sua intenção era voltar aos seus aposentos, mas esse corredor não era nem um pouco perto daquela ala. Notou que estava numa parte inutilizada do palácio, na qual pendiam tapeçarias desfiadas que – pelo que ele conseguia ver sob a pouca luz – exaltavam as conquistas valorianas de um século antes, quando Herran estava em seu ápice e Valória era um país minúsculo com guerreiros que não se banhavam e gostavam tanto da visão do sangue que cortavam a própria pele para vê-lo.

As tapeçarias eram grosseiras. Elas o teriam feito rir se ele estivesse no clima para isso, de tanto que os valorianos eram ruins em beleza. Eles a roubavam. Eles a forçavam. Nunca haviam conseguido criá-la.

No entanto, isso o fez pensar nas mãos de Kestrel saltando pelas teclas do piano, depois descendo e correndo desbragadas, e isso o fez pensar no vestido destruído, e isso o fez seguir ainda mais pelo corredor escuro, como se pudesse fugir de seus próprios pensamentos, e isso o fez dar de cara com uma parede.

Ele praguejou. Ergueu os olhos para a carpintaria rolada do teto e tentou tomar muito cuidado para não insultar o deus dos perdidos. Em vez disso, concentrou-se nos entalhes da carpintaria do seu beco sem saída e notou uma estranha linha dura que cortava o desenho circular. Estreitando os olhos sob a luz da lamparina que se extinguia, entreviu um brilho no teto. Metal. Havia uma linha de metal passando horizontalmente pelo teto – não pelo teto, não exatamente. Ela estava *inserida* no teto.

Arin estava tão distraído se perguntando o que era aquilo que não viu uma sombra avançar em sua direção e parar atrás dele.

Ele ouviu o som metálico de uma engrenagem. Aquela linha ganhou vida – um portão desceu de sua fenda no forro.

O portão tombou no piso de pedra. Encurralou Arin no beco sem saída. Embora ele já estivesse se virando, e a adrenalina bombeasse em suas veias e zumbisse alto em seu cérebro, ele não chegou a ver a sombra atrás dele se revelar um homem. Não viu seu rosto.

Houve uma rajada de ar súbita. Arin foi lançado de costas contra a grade, então não viu mais nada.

Arin jazia caído na pedra. Seu pescoço estava curvado dolorosamente contra algo frio e duro. Ele levou vários segundos difusos para pensar *portão* e, depois, *emboscada*.

Não se moveu. Não abriu os olhos. Não devia ter ficado apagado por tanto tempo, porque mãos o apalpavam em busca de armas. Arin não usava nenhuma adaga no quadril; era algo valoriano demais. Mas sua faca foi tirada de uma das botas. Seu agressor partiu para cima dele, ajoelhando-se em seu peito. Pesado. Tirou o ar de seus pulmões.

A cabeça de Arin latejava. Ele precisou de todas as suas forças para não vomitar.

O peso em seu peito se moveu.

– Vamos deixar você mais bonito – o homem disse, e colocou a ponta de uma lâmina contra os lábios de Arin.

Arin ergueu o punho e acertou um osso. Empurrou o homem de cima dele. Ele estava acordado agora, estava em pé. Não seria derrubado novamente.

Seu agressor balançou a cabeça para se recuperar do soco, deixando o cabelo iluminado pela luz da lamparina. Era louro. Valoriano. Trajava o preto militar.

E estava bem armado. Uma faca em cada mão. Uma espada pequena na cintura. Uma daquelas facas era de Arin.

Ele precisava recuperá-la.

Arin ainda estava encurralado entre o homem e o portão. Uma posição péssima. O homem avançou com a mão que empunhava a faca herrani, e Arin desviou. A faca raspou o portão atrás dele, soltou faíscas. Acertar o metal em vez da carne pareceu desequilibrar o valoriano, e Arin se lançou no espaço aberto quando o ataque passou reto. Arin deu uma joelhada no intestino do homem, segurou um de seus punhos e recuperou a faca.

Mas não antes de o homem cortar o ar com sua adaga.

Era uma adaga linda. Arin viu seu lampejo. Chamou sua atenção; sem que ele soubesse o porquê, fez com que começasse a pensar quando não deveria pensar em nada. Arin não recuou rápido o bastante. A lâmina cortou seu rosto.

A dor ardeu da sua testa até a bochecha. O sangue inundou o olho esquerdo de Arin. Ele estava piscando, estava meio cego, estava desesperado para saber se ainda era possível piscar caso o olho tivesse sido arrancado. Chorou sangue. Seu rosto se cortou no meio. Ele conseguia sentir o ar entrar na carne rompida e, por instinto, levou a mão a ela.

Foi isso o que o salvou. Involuntariamente, bloqueou um segundo golpe, que o acertou no antebraço. A adaga o cortou de lado e, em seu choque, Arin não lutou contra o impulso, o que o lançou contra a longa parede do corredor.

O valoriano havia derrubado sua faca. Mas a mão de Arin ficou tateando a parede, embora sua mente gritasse para ele não ser tão idiota, não havia nenhuma arma ali.

A mão de Arin envolveu uma lamparina apagada embutida na parede e a arrancou. Ele a quebrou contra a cabeça do homem. Ouviu um grito. Enfiou os cacos mais fundo.

Agora a luta era dele. Agora, Arin estava lembrando todos os truques violentos que já havia aprendido com os punhos, os cotovelos e os pés, e estava esquecendo que nunca tinha sido treinado de verdade para empunhar uma arma, exceto na infância, e seu braço de menino havia tremido sob o peso de uma espada de tamanho infantil, e o pequeno Arin havia implorado para não ser obrigado a fazer aquilo, então o que ele adulto sabia sobre a espada que arrancou da bainha do agressor? O que Arin sabia sobre a adaga valoriana que surgiu em sua mão como se um deus a tivesse colocado ali? O que poderia fazer enquanto suas duas lâminas cortavam a escuridão e o valoriano gritava “Não, por favor”, e Arin o perfurava como se aquilo fosse uma arte, como se fosse *sua* arte?

Com toda a graciosidade do mundo, o corpo de Arin disse *minha* e arrancou a alma daquele homem.

Onde estava o fôlego de Arin?

Ele tomou ar. Com um olho bom, Arin olhou para o caos ensanguentado do valoriano aos seus pés. Ele soltou a espada. Tentou limpar a cegueira preta e vermelha do lado esquerdo do rosto. O sangue corria. Por mais que Arin apertasse contra a leve cortina úmida, não conseguia ver através dela.

Desistiu.

Ele ainda estava segurando a adaga valoriana. Estava a segurando de maneira estranha, como se pertencesse a ele, o que era impossível. No entanto, seus dedos a apertavam e se recusavam a soltar.

Com a respiração ainda trêmula, a dor ainda ardente, Arin ergueu a adaga contra a luz fraca.

Ele conhecia aquela lâmina.

Como poderia conhecer?

A adaga era leve, bem equilibrada. Não tinha sido feita para uma mão forte. Arin tinha sido um ferreiro; ele enxergava a qualidade quando a apalpava. A espiga era simples, mas resistente. O cabo tinha sido banhado em ouro, sem excesso – nada ali dava peso extra à adaga nem interferia em sua eficiência leve.

E ela era querida. Alguém havia cuidado muito bem da lâmina que tinha cortado o rosto de Arin.

Nada disso explicava por que a mão dele segurava a arma com tanta firmeza. Arin franziu a testa, depois limpou o sangue do cabo. Havia algo vermelho por trás do vermelho. Um rubi.

Era um selo.

O selo da adaga exibia as penas curvadas de um kestrel.

Depois de se recuperar da visão de Arin pingando sangue no carpete de sua suíte, Tensen foi excepcionalmente prático.

– Deixe-me ver – ele disse e, com calma, colocou Arin numa poltrona.

Arin continuava com o pano úmido contra o rosto. No corredor escuro, ele havia rasgado a manga da camisa e a pressionado contra o corte latejante. Não a soltara desde então. Tinha medo de saber o que havia por trás. Tudo doía demais para saber o grau exato de seu ferimento.

– Arin. – Tensen tentou soltar os dedos que o jovem pressionava contra o rosto. Arin suspirou e deixou. Pensou em coisas como noção de profundidade e em como teria sido a luta se ele tivesse apenas um olho. Pensou no rosto de um monstro.

O corte sangrava copiosamente. Sangue escorreu para dentro da boca de Arin e pelo seu pescoço enquanto Tensen o examinava.

– Abra – Tensen disse.

Os cílios de Arin estavam grudados pelo sangue.

– Abra – Tensen repetiu e, como Arin continuou sem abrir os olhos, o ministro buscou uma jarra de água do quarto de banho e a jogou sobre o rosto do outro.

Arin silvou de dor. Engasgou com a água. Recostou-se contra a cadeira, encharcado, tremendo como um bicho enquanto os dedos de Tensen iam para o canto de seu olho e abriam seus cílios.

Arin vislumbrou um pouco de luz, depois o sangue voltou a correr.

– Não acertou o olho – Tensen disse. – O corte foi do meio da testa, passou pela sobrancelha e pulou para a bochecha. Seu cílio está até arranhado, só um pouco. Mas o osso da sua sobrancelha pegou o pior do golpe.

Arin se encheu de alívio.

Tensen tirou um lenço limpo do bolso e o passou no lado esquerdo do rosto de Arin.

– Você precisa de pontos. E – ele olhou com mais atenção para a mão direita de Arin, curvada contra a coxa – uma pinça.

Os cacos da lamparina tinham se incrustado na palma de sua mão quando ele ergueu o portão de ferro para escapar da emboscada.

Tensen disse:

– O deus da sorte deve adorar você.

– Não diga isso.

– Dê aos deuses o que é dos deuses, Arin, ou eles podem não ser tão generosos com você na próxima tentativa de assassinato.

– Não sei se a intenção era me matar. Pelo menos não imediatamente. – *Vamos deixar você mais bonito*, o homem havia dito. Arin teve a impressão de que seu rosto era um papel no qual uma mensagem tinha sido escrita. Arin contou isso a Tensen, incluindo que o homem vestia o emblema da guarda do palácio. Mas não disse nada sobre a adaga e seu selo. Ele a havia colocado dentro da bota, onde ela não se encaixava bem na bainha feita para a sua faca. Ele sentia a lâmina valoriana chacoalhar sempre que movimentava os pés. O botão do punho da adaga ficava saliente para fora da bota, mas Arin tinha puxado as calças para baixo de modo a escondê-lo.

Tensen começou a fazer os curativos. O corte no antebraço de Arin tinha sido de raspão, amortecido pela lã de seu casaco. Tensen limpou a ferida, a cobriu com firmeza e a deixou estar. Em seguida, começou a fazer espuma com o sabonete nas mãos até elas estarem com uma nuvem branca e trêmula, com bolhas estourando levemente. Era linda aquela nuvem. Cheirava a flores de verão; era um poema aerado. Parecia muito inocente. Mas Arin sabia o que Tensen pretendia fazer com ela.

– Isso – Tensen disse – vai ser bem refrescante. – Ele colocou a espuma no corte no rosto de Arin.

Mortal. O sabão corroeu a ferida. Enfiou a língua ardente dentro da carne de Arin. Ele não conseguia respirar. Se respirasse, soltaria um berro.

Tensen enxaguou tudo. Em seguida, passou mais sabão. Mais água. Quando terminou, Arin estava caído em sua cadeira e sentiu uma gratidão desesperada quando Tensen pressionou outro pano no corte. O ardor em seu rosto latejava. Arin continuou de olhos fechados e voltou a mergulhar na dor antiga, familiar, profunda, com tanta facilidade como em um banho quente. Como essa dor antiga era melhor agora. Como era reconfortante, como uma amiga. Arin quase estava apaixonado por ela.

Mas Tensen andava pela suíte e Arin sabia o que aconteceria em seguida. Ele abriu seu olho bom para ver Tensen esterilizando uma agulha na chama de uma lamparina a óleo.

– Não – Arin disse rouco. – Chame Deliah.

– Você não é um vestido.

– Chame-a – ele disse, embora já tivesse visto Tensen costurar feridas no campo de batalha. Foi por isso que ele havia aceitado levar o velho para todas as missões militares em Herran, isso e o fervor nos olhos verdes de Tensen, a franqueza em sua voz quando jurara fazer tudo por seu país. Tensen tinha a vocação de um ator para se transformar em tudo o que quisesse ser. Se fosse um médico, ele seria. Ele ironizava que era porque já havia representado o papel de um médico certa vez numa produção teatral. Arin não se importava muito com a origem das habilidades de Tensen. Ele as respeitava. Mas não deixaria que Tensen fizesse os pontos em seu rosto.

– Não sei se seria prudente que Deliah soubesse – Tensen disse.

– Você acha que *isto* pode ser mantido em segredo?

Tensen abriu um leve sorriso para mostrar que o outro tinha razão. Arin nunca mais teria o mesmo rosto.

O ministro saiu.

Quando ele voltou com Deliah, o tecido no rosto de Arin estava encharcado de sangue e ele se sentia quase sonolento. Deliah lhe lançou um olhar severo com uma pontada de exaustão, como se Arin fosse uma criança que havia se machucado fazendo exatamente o que ela lhe dissera para não fazer. A expressão a fez parecer um pouco com a mãe dele. Foi o que Arin imaginou enquanto ela colocava a linha na agulha e punha as mãos frias contra seu rosto quente. Não foi difícil ver sua mãe quando estreitava o único olho lacrimejante. A agulha entrou. Saiu. Ele sentiu o puxão áspero da linha. Um aperto dolorido. Tensen limpou o sangue para que Deliah pudesse ver melhor, e ela recomeçou. Um raio costurado em sua bochecha.

Talvez porque metade do seu rosto não parecia mais seu rosto. Talvez porque ele queria muito esquecer o que Deliah estava fazendo ou precisava acreditar que poderia ter sido pior. Arin lembrou-se da surra que havia levado no dia anterior ao que Kestrel o comprara. Ele estava juntando cascalho com outros escravos alugados para construir uma nova estrada valoriana. Mantinha-se de cabeça baixa. Estava se comportando... até ouvir o som de alguém sendo arrastado.

Arin erguera os olhos. Dois valorianos puxavam um oriental na direção dos outros escravos. Um murmúrio correu entre os herranis que trabalhavam na estrada. Pelo que Arin ouviu, o escravo oriental havia conseguido fugir alguns dias antes. Acabara de ser recapturado.

A lei valoriana para escravos fugitivos era clara.

Arin avançou. Gritou com os valorianos. Disparou ofensas.

Ainda bem que seus patrões daquele dia não entendiam bem a língua de Arin, senão sua punição teria sido pior. O supervisor deu um soco na cara de Arin. Os valorianos ordenaram que os herranis segurassem Arin no chão. Eles obedeceram. Jogaram-no contra o cascalho. O supervisor o acertou novamente. Mesmo de onde estava caído, Arin pôde ver os outros patrões preparando o fugitivo oriental. Pelo cabelo, puxaram a cabeça do escravo para trás.

O oriental encontrou os olhos de Arin enquanto um valoriano sacava a adaga. “Não se preocupe”, o escravo gritou para Arin em herrani, que não era muito diferente da língua oriental de Dacra. “O imperador vai ter o que merece.”

Então, os valorianos cortaram suas orelhas e seu nariz.

– Pronto – Deliah disse, cortando o fio. – Treze pontos, duas costuras separadas: testa e bochecha. Deixei o olho como está.

O sangue apenas pingava agora. Arin abriu seu dolorido olho esquerdo. Com os dois olhos

abertos e limpos, deixou de ver sua mãe morta em Deliah. Ela lavou as mãos vermelhas numa bacia.

– Muito bem-feito – Tensen disse.

– Não me peçam para fazer isso de novo – ela disse e saiu.

Tensen puxou uma cadeira para perto de Arin, sentou e começou a arrancar o vidro de sua mão direita. Depois de todo o resto, essa sensação era estranhamente satisfatória.

– Deliah revelou algumas coisas interessantes hoje – Arin disse. A pinça de Tensen pegou um caco grande e o arrancou.

– Ah, é? – Tensen colocou o vidro na mesa ao lado.

Arin lhe contou o que ela havia dito. O velho ouviu. Os cacos manchados de sangue foram se acumulando.

– Vale a pena investigar isso – Arin disse.

– Não acredito que a escolha do vestido de lady Kestrel seja a maior prioridade para Herran.

Arin tensionou as mãos, depois se crispou quando isso enfiou o vidro mais fundo. Tensen, com a pinça erguida, lhe dirigiu um olhar frio que dizia a Arin que ele havia recebido o que merecia.

– Você está errado – Arin disse. – O fato de que o líder do Senado talvez saiba sobre o vestido é importante. Os ganhos de uma aposta acertada podem comprar uma ilha para o líder do Senado e nenhuma parte do dinheiro viria dos cofres imperiais. Thrynne deve ter ouvido algo entre o líder do Senado e o imperador. E se o imperador estiver recebendo um favor, e retribuindo o líder do Senado com uma dica para a aposta perfeita? Precisamos descobrir que favor foi esse.

Tensen puxou um caco minúsculo para a superfície da palma da mão de Arin. Ele o examinou.

– E o vestido arruinado – Arin continuou. – Algo perigoso está rondando Kestrel.

– Vômito numa manga e terra nos joelhos? Não sejamos dramáticos. Então a senhorita bebeu vinho demais e tropeçou durante um passeio embriagado pelo Jardim de Inverno. Não é da nossa conta.

– Ela está tramando algo – Arin insistiu. – Posso sentir.

Tensen colocou a pinça na mesa.

– Você está vendo o que quer ver.

– Não, não faz sentido. Não quero que ela tenha problemas.

– Mas talvez você gostaria que ela *visse* problemas. Que se sentisse infeliz com a nova vida. O que você faria nesse caso, Arin? Iria resgatá-la dessa vida?

Arin não disse nada.

– Para mim, ela parece feliz – Tensen disse.

– As costuras do vestido estavam rasgadas. As saias estavam imundas. Não tem lama no Jardim de Inverno. O jardim tem paralelepípedos. De onde vieram as manchas?

Tensen o encarou.

– Arin. Não quero ser maldoso e sei que você acha que o que Deliah disse é importante, mas tudo o que estou ouvindo é uma obsessão pela noiva do príncipe e o que ela gosta de vestir.

Arin fechou a boca. Sentiu um calafrio, resfriado subitamente pela dúvida.

– Por favor – Tensen disse. – Deixe a espionagem comigo.

– Só que você não descobriu nada. Não desde que me contou sobre Thrynne.

– Tudo a seu tempo.

– E seu recruta novo? Ele descobriu alguma coisa? – Arin viu a expressão de Tensen mudar ligeiramente. – Ou *ela*?

– Nada ainda. Mas tenho motivos para crer que vamos ter notícias em breve.

– Não gosto nem um pouco disso. Não gosto de como você parece satisfeito com zero informação vinda de alguém cujo nome nem sei.

– Penso em meu informante como Mariposa.

– Quero um *nome*.

– Entendo. Você está preocupado se podemos confiar nessa pessoa. Não há necessidade. Mariposa tem fortes motivações para nos dar aquilo de que precisamos.

Arin bateu a mão boa contra a mesa de canto.

– Vou mandar você de volta para Herran. Juro que vou enfiar você no próximo navio se não me contar quem é seu informante. Agora.

Tensen voltou a arrumar os cacos espalhados em um monte. Ele relaxou em sua cadeira. Seus olhos verdes e pequenos brilhavam.

– Vi você conversando com a princesa Risha na outra noite.

Ele ficou em silêncio e o silêncio começou a falar com Arin.

– Sim – Arin disse devagar. – Ela parecia mal.

– Claro. O que aconteceu nas planícies foi uma tragédia. O povo dela está refugiado na capital oriental. Centenas morreram durante a jornada das planícies.

– Você está me dizendo que...?

– Não deve ser fácil ser uma faca apontada contra a garganta de seu próprio povo. Foi para

isso que Risha foi raptada na infância. O imperador pode deixar a rainha oriental de luto a qualquer momento. Fico surpreso por ainda não ter matado a irmã mais nova da rainha... Enfim, é uma carta que ele só pode jogar uma vez. Deve estar esperando o momento certo. Queria saber o que Risha pensa, enquanto ele espera.

Arin absorveu o que seu ministro estava dizendo – ou o que *pensou* que ele estava dizendo. Passou pela sua cabeça que seria sensato desconfiar do seu próprio mestre de espionagem, que havia sido empregado para trabalhar à base de *mentiras*. E Tensen tinha sido ator antes da guerra. Mas Arin não via motivos para Tensen fingir que Risha fosse sua Mariposa. Arin via por que ela agiria contra o império.

O velho olhou para ele com ternura. Arin sentiu uma falta inesperada de sentir ternura. Foi tomado por uma sensação terrível, tão familiar. Fazia dez anos que ele estava sob o domínio dela. Já estava cansado. Por que não conseguia superar? Ele não era nenhuma criança. Não tinha mais que se sentir solitário.

A perda de sangue deixou Arin zozinho. Seus pensamentos pareciam flutuar desgarrados.

Tensen se levantou e trouxe outra bacia de água para Arin, que mergulhou sua mão direita dentro dela.

– Risha é muito bonita – o ministro comentou.

– Sim – Arin disse. – Ela é. – Era difícil pensar. Arin estava exausto.

– Bom, vou para a cama – Tensen disse. – A menos que eu precise arrumar as malas para uma partida repentina pelo mar de inverno tomado por tempestades.

– Não. Vá dormir.

Tensen sorriu e o deixou sozinho.

Arin ficou um longo tempo sentado naquela poltrona. Considerou o que sabia, o que pensou que sabia e o que sabia que não sabia. Depois reconsiderou tudo.

Seus pensamentos começaram a assumir formas estranhas. Bateram asas e saíram voando. Arin se viu portando essas asas e voou rumo ao sono.

Teve sonhos em que mariposas cobriam seu rosto. Suas pernas se tornaram suturas negras. Elas colocaram ovos em uma longa linha que descia de sua testa até sua bochecha. Os ovos chocaram.

Ele sonhou com Kestrel. Sonhou com Risha.

Sonhou que Kestrel havia se tornado Risha, que o Sol havia se tornado a Lua, e ele não sabia dizer se tinha sido cegado pela luz ou pelas trevas.

Uma infecção entrou na ferida. A febre de Arin subiu, furiosa.

Ninguém olha para os escravos, Arin havia dito. Kestrel começou a olhar com muita atenção para os dela. Ela se concentrou em uma. Essa mulher específica na verdade não era uma escrava, mas uma serva remunerada, uma das valorianas escolhidas para ser dama de companhia de Kestrel. Era um sinal de alto prestígio ser servido por alguém do seu próprio povo; em troca, as damas de companhia valorianas recebiam salários dignos e vestidos azuis de serviços com barras brancas.

Kestrel não se lembrava do nome da mulher. Mas ela tinha mais ou menos a altura e o peso de Kestrel. Poderia servir.

Certa manhã, não muito tempo depois da recepção na galeria imperial, Kestrel deu um jeito de ficar a sós com a serva e derrubou um grande copo de água nela.

– Desculpe! – Kestrel gritou. – Ah, como sou estabanada!

– Não tem importância, milady – disse a mulher, desconcertada. – É só água.

– Mas água é *muito* molhada. Você deve estar desconfortável. Tome, vista isto. – Kestrel ofereceu um de seus vestidos, escolhido com cuidado por ter um corte simples, sem ornamento, mas feito de um tecido valioso.

– Não posso aceitar – recusou a dama de companhia.

– Claro que pode! E vai ficar com ele. Acha que eu sentiria falta? Ora, você me insulta se pensar isso. Pegue, pode usar meu vestiário.

A dama de companhia estava relutante, mas Kestrel colocou o vestido com firmeza em suas mãos. A expressão da mulher mudou enquanto examinava melhor a situação. Kestrel viu seus pensamentos. Mesmo se a dama de companhia trabalhasse o ano inteiro, nunca conseguiria comprar um vestido como aquele. Era um tesouro. Poderia usá-lo e ficar deslumbrante. Ou talvez o vendesse. O tecido era veludo. Daria uma fortuna.

A dama de companhia foi experimentar o vestido de Kestrel.

Quando voltou para a sala de estar, Kestrel pôde ver que ela precisou de todo o seu autocontrole para não girar pela sala e sentir as saias rodando.

– Serviu perfeitamente – a mulher disse. – Tem certeza de que posso ficar com ele?

– Claro. – Kestrel pegou o uniforme da mulher de seu braço dobrado.

– Ah. Preciso levar meu uniforme de volta para a governanta.

– Eu cuido disso.

– Mas não posso deixar que você...

– Eu insisto. – Kestrel sorriu. Depois, pediria desculpas à governanta. Explicaria que não

fazia ideia de onde havia enfiado o vestido. Cobriria todos os custos.

Depois que a dama de companhia saiu, Kestrel levou o uniforme para seu quarto e o secou diante da lareira. Ela o escondeu no fundo de um guarda-roupa cheio de roupas de verão que continuaria fechado pelas próximas duas estações.

Era possível que essa dama de companhia trabalhasse para Verex – ou pior, para o capitão da guarda do palácio ou para o imperador. Mas Kestrel achou que uma troca de vestidos não pareceria digna de nota. Era apenas a extravagância de uma patroa bondosa.



Kestrel ficou à espera de uma noite em que não tivesse sido convidada para nenhum evento. Isso levou certo tempo. Havia jantares, noites de jogos e lutas de espadas amistosas sem derramamento de sangue encenadas para um público que aplaudia. Esperava-se que a noiva do príncipe comparecesse a tudo.

Ao que tudo indicava, porém, o governador de Herran não sofria dessa pressão.

Arin nunca vinha. Mais de uma semana havia se passado desde que ela o vira na galeria de arte. Kestrel não se atreveu a pedir notícias dele. Quando, em uma ocasião, encontrou os olhos de Tensen do outro lado de um grupo de cortesãos, ele balançou a cabeça.

A menos que tivesse informações para dar a Tensen, ela deveria manter distância – ainda mais depois do que havia acontecido da última vez. Kestrel ainda conseguia sentir as unhas do imperador cravadas em sua pele.

Ele não tinha cumprido sua ameaça contra ela – pelo menos era o que ela pensava. Mas o humor dele havia piorado. Toda a corte sentia isso. Kestrel não foi a única a sentir alívio quando enfim chegou uma noite em que ninguém tinha a obrigação de se enfeitar e se reunir diante do imperador. Uma atmosfera de feriado dominou o palácio. Havia boatos de amantes que se encontrariam para beijos congelados no labirinto de sebe do Jardim de Inverno. Alguns cortesãos juraram que deitariam na cama cedo com tijolos quentes aos pés.

Kestrel tinha seus próprios planos. Naquela noite, limpou a marca de noivado da testa e amarrou um lenço no cabelo. Ela vestiu o uniforme rústico azul e branco e procurou um par de sapatos confortáveis.

Quando se olhou num espelho, hesitou. Seus traços pareciam um pouco menores. Ela estava pálida demais.

Você me desobedeceu, ouviu o imperador dizer.

Não existe mais “não”. Só “sim”, disseram seu pai e o capitão da guarda em uma só voz.

Mas: *Você é melhor do que isso*, Arin disse. Então, ela ouviu a própria voz, gritando a oferta mais alta para comprá-lo. Ela ouviu os tons calmos, refinados, que havia usado para persuadir o imperador a envenenar os cavalos orientais. A culpa cresceu dentro dela.

Kestrel deixou a suíte. Manteve a cabeça baixa e o ritmo rápido.

Ninguém viu lady Kestrel. Os aristocratas nos salões nem olharam para ela. Os servos sim: viram alguém familiar, mas irreconhecível, o que não era estranho num palácio com centenas de servos e escravos.

Ela era apenas uma criada. Se seu caminhar era um pouco altivo demais, isso passou despercebido. Se ela às vezes parecia perdida no alojamento dos servos, isso era ignorado como o problema de uma garota nova.

A criada apertou o lenço. Encontrou a saída para um dos pátios atrás da cozinha. Passou pelos guardas do palácio, que a ignoraram. Embora mulheres fora do exército não pudessem andar sozinhas, poucas pessoas se importavam se uma criada quebrasse as regras. Ela estava irreconhecível.

Kestrel caminhou para dentro da cidade congelada.



– Finalmente – Tensen disse. – Uma noite sem nada para fazer. Ele voltou o olhar perscrutador para Arin, que estava deitado em um divã perto da lareira da sala de estar. – Você parece melhor. Quase apto para a sociedade.

– Disso eu duvido.

– Bom, sua febre passou, não? E o inchaço no seu rosto diminuiu. Você não está mais tão horrível. Mais uma noite de repouso, Arin, e é hora de correr atrás do prejuízo. Você não pode evitar a corte para sempre. Além disso, as reações podem ser reveladoras.

– Sim, exclamações abafadas e repulsa descarada vão ser muito informativas.

– Você vai causar burburinho. Burburinhos são bons. Geram todo tipo de fofocas e conjecturas... e uma ou outra verdade de vez em quando.

– Fico surpreso de você precisar de *mim*. Pensei que tivesse o acesso perfeito a informações. Cadê sua Mariposa, Tensen?

O ministro não disse nada.

Arin se levantou e se aproximou do fogo. Estava fraco por causa da febre; seus movimentos eram desarticulados. O coração da chama estava vermelho como o rubi incrustado no cabo da adaga que Arin guardava na bota.

– Nenhuma informação ainda de quem planejou a emboscada?

Tensen deu de ombros.

– O imperador não está contente. Posso pensar num bom motivo para isso. Você está vivo e seu agressor não.

– Não existem provas de que o imperador estivesse por trás daquilo.

– O emblema da guarda do palácio naquele homem morto não é prova suficiente para você?

– Se foi o imperador, por que ele não fez mais nada? Não disse nada?

– Eu acho – Tensen disse – que ele não gostaria de admitir a derrota. – Seus olhos verdes se estreitaram. – O que faz você pensar que o imperador *não* estava por trás disso? Você tem algum outro inimigo que eu não conheça?

– Não. Foi ele.

– Então você está só sendo difícil.

– Uma das minhas maiores qualidades.

Tensen se levantou da poltrona.

– Vou visitar a galeria de arte.

– Você vai lá com frequência.

– Representei um conhecedor de arte certa vez, no festival de teatro herrani quinze anos atrás. É difícil perder velhos hábitos.

– Então você deve adorar olhar para todas as preciosidades do imperador.

Tensen parou com a mão na maçaneta. Olhou para Arin.

– Você pode não acreditar em mim, mas certas pessoas vão respeitar você mais com a sua aparência atual. O imperador vai se arrepender de ter deixado essa marca em você. Esteja pronto para amanhã, Arin. Está na hora de sair desta suíte. Você já está bem e acabaram as desculpas para evitar o mundo lá fora.

Arin refletiu sobre as palavras de Tensen por muito tempo depois que o ministro saiu. Ele pensou em seus sonhos febris, dos quais não conseguia se lembrar direito, embora eles o tivessem enchido de uma premência obscura. Uma inquietude.

Na bota de Arin havia uma bainha, em sua bainha estava a adaga de Kestrel e, no sulco da navalha, estava o sangue seco dele.

Na capital havia uma taverna, na taverna havia uma guarda-livros e, nas mãos da guarda-livros, havia um livro de apostas.

Arin vestiu seu casaco de inverno, certificou-se de que tinha tudo de que precisava e partiu para a cidade.

O frio era arrebatador. Beliscava as bochechas de Kestrel e a perseguia pelas ladeiras. Ela sentiu vontade de rir. O palácio tinha ficado para trás, no alto da colina, e ela estava ali, percorrendo o bairro nobre da cidade, com suas casas altivas e lamparinas a óleo incandescentes. As ruas de paralelepípedos lembravam lençóis de gelo marmóreos. As carruagens se moviam devagar, ao contrário de Kestrel. Ela descia escorregando por aquela área. Não queria nada com ela.

Queria as ruas apertadas e sujas das Estreitas, o cheiro de peixe do cais. E ela chegaria lá.

Queria me sentir livre, Arin disse a ela uma vez em Herran. Ela respirou o ar frio: era livre, então ela se sentiu livre; era vivo, então ela se sentiu viva.

Kestrel se perguntou o que aconteceria se nunca mais voltasse ao palácio.

Envolveu os braços no peito. Havia entrado numa região mais escura da cidade. Os candeeiros eram raros. Logo não haveria mais nenhum. Kestrel pegava todas as ruas para baixo, pois esse era o caminho rumo ao mar. As ruas se tornaram uma rede de becos: as Estreitas.

Ela desviou de um gato que correu para as sombras. O frio era estrondoso ali. Ressoava entre as casas lotadas. Chocava-se com o barulho vindo das portas escancaradas de uma taverna. Kestrel viu a placa, que mostrava um braço quebrado, e observou um homem com a aparência de um aristocrata valoriano sair tropeçando da taverna para vomitar na rua. Ele ergueu a cabeça, limpou a boca e voltou os olhos turvos na direção de Kestrel, sem vê-la de verdade.

Então, estreitou os olhos. Seu olhar estava desfocado, mas ganhava foco devagar.

– Eu conheço você? – ele perguntou.

Kestrel saiu apertando o passo.



– Você não está com uma cara boa – disse a guarda-livros. Ela estava com as mãos enfiadas no bolso da calça e os pés em cima da mesa. Examinou Arin por sobre as pontas de aço de suas botas.

Era cedo para a Braço Quebrado estar tão movimentada. Mas um navio havia aportado e seus marujos já estavam bêbados. Num canto, soldados valorianos discutiam por causa de uma partida de Morder e Picar.

A guarda-livros, porém, estava serena; reclinava calmamente a cadeira para trás, avaliando o cenário, fumando, à espera. As pessoas vinham até ela.

– Quer fazer uma aposta? – ela perguntou a Arin. Mais ou menos da idade dele ou um

pouco mais velha, a guarda-livros era apenas parte valoriana. Seu cabelo solto era de uma cor que se manifestava em alguns valorianos, que a chamavam de “ruivo guerreiro”, mas seus olhos pretos e achatados indicavam uma ascendência do norte.

Arin sorriu. O sorriso puxou seus pontos de maneira dolorosa.

– O que eu quero – ele disse – é uma conversa.

– Só isso? Você não me parece o tipo que quer apenas o que lhe faz bem. Essa marca no seu rosto é recente.

– Quero ver as apostas.

Ela expirou uma nuvem de fumaça.

– Eu estava certa. Você é *mesmo* um dos malucos. Ninguém vê as apostas... a menos que peçam com jeitinho.

– Sei pedir com jeitinho.

Ela apontou para a cadeira vazia ao lado dela.

Arin se sentou.

– Posso passar informações.

Ela deu de ombros.

– Não tenho por que confiar em você.

– Posso trabalhar para você.

– Você não pode me dar o que preciso. Sou uma empresa de uma mulher só. Tenho meus capangas, claro, para lembrar às pessoas de me pagar. Você serviria para o trabalho. Mas, sem ofensa, não pelo preço que está me cobrando.

Arin hesitou, depois colocou a mão no bolso. Na palma de sua mão estava um brinco de esmeralda, com uma pedra do tamanho de um ovo de pássaro. Tinha pertencido à sua mãe.

– Isso serve?



O prazer de Kestrel com o ar frio passou mais ou menos quando ela chegou ao cais. Ela tinha vestido o máximo de camadas possível sob o uniforme, mas tremia quando se aproximou da casa do capitão do porto. Rochas e conchas de ostras se esmigalharam sob suas botas.

A entrada da casa dava para o mar e seu passeio era iluminado por tochas. Kestrel continuou de costas para a casa e para as sombras reunidas ali. Ela ouviu marinheiros gracejando enquanto entravam na casa para deixar o nome com o capitão do porto, que os registrava em seu livro. Ele anotava tudo o que entrava e saía do porto – marinheiros que desembarcavam de licença na cidade e navios que aportavam. Anotava o ponto de origem dos navios e as mercadorias que traziam.

Em seu livro de registros, devia estar escrito o que Kestrel precisava saber sobre o navio do líder do Senado. Ele não havia trazido nenhum item de luxo para a sua filha da viagem às ilhas do sul. Talvez por avareza, talvez porque estivesse bravo com Maris... ou seu navio não havia trazido nenhum item de luxo – o que era muito estranho, já que normalmente o único objetivo de uma viagem às ilhas eram as mercadorias.

E se o líder do Senado *não* tivesse ido às ilhas? Ele podia ter viajado para outro lugar onde o sol ardia escaldante no inverno, quente o bastante para bronzear sua pele. E se tivesse ido à ponta sul da península de Herran, onde eram cultivadas as árvores de noz-de-lareira? Ela se lembrou da preocupação de Arin com a colheita e com quanto o imperador tomaria. Talvez o líder do Senado estivesse estimando o valor da safra em segredo.

Kestrel esperou até os marujos terem saído da casa e pegado a curva do passeio que levava à cidade. Em seguida, pegou uma rocha encrustada com conchinhas minúsculas, avaliou seu peso nas mãos e quebrou uma das janelas dos fundos da casa do capitão do porto.

Um baque veio de dentro da casa: uma cadeira, tombada para trás, havia caído de quatro.

O som de botas pesadas. As dobradiças de uma porta desgastada pelo mar rangeram. Pés nas rochas, aproximando-se ruidosamente.

Kestrel podia ter certeza de que a adaga dele estava empunhada. A dela também estava. Ela havia escolhido a bainha mais simples que possuía e envolvido o botão cravejado de joias da adaga com um lenço, mas ainda conseguia ver os olhos afiados do diamante através do tecido.

O capitão do porto alcançou os fundos da casa. Ele era grande – um ex-soldado, como todos os capitães de porto. Empunhava uma espada, não uma adaga. Ele ainda não a tinha visto.

Se Kestrel errasse nessa jogada, era provável que perdesse. Uma luta com aquele homem poderia terminar em morte... ou em prisão. Ela seria levada diante do imperador.

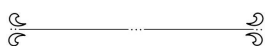
Ele exigiria explicações.

O mar congelante estava no sangue de Kestrel. Suas veias corriam junto com ele.

Ela pegou outra rocha e a lançou nas sombras. A pedra caiu mais adiante na praia.

Por instinto, o capitão do porto virou para ver o que tinha feito aquele barulho.

Kestrel acertou o botão do punho da adaga na parte de trás da cabeça dele.



A guarda-livros soltou um assobio.

– Você sabe bem como surpreender uma garota. – Ela tocou a esmeralda na palma da mão de Arin. – Como vou saber se é verdadeira?

– É um risco que precisa correr. Minha oferta vale apenas por hoje. Pegue e me dê o que eu quero... ou duvide de mim e eu vou embora. – Ele fechou a mão em torno do brinco. Arin

pôde ver que a guarda-livros estava sedenta por ver a pedra de novo. Ela parecia estar exatamente como ele se sentia.

– Brincos vêm em pares – ela disse. – Onde está o outro?

– Perdido.

– Tem mais algumas surpresinhas como essa?

– Não.

Os olhos pretos dela brilhavam sob a luz de velas. Embora o barulho na taverna Braço Quebrado tivesse aumentado depois que eles começaram a conversa, Arin teve a impressão de que as coisas estavam mais silenciosas: um abafamento do mundo, uma respiração suspensa enquanto a guarda-livros decidia. Ele desejou ardentemente que ela dissesse sim. Queria desesperadamente que dissesse não.

– Dê-me aqui.

A mão de Arin não se moveu. Então, devagar, afrouxou o punho em volta da joia. Deixou que ela deslizasse, verde e cintilante. Ele segurava a memória com as pontas dos dedos: o rosto da mãe à noite, envolto por duas estrelas verdes gêmeas. Ela colocava a mão em sua testa e lhe dava a bênção dos sonhos. A mãe tirou a mão e Arin abriu a dele, deixando cair o brinco na mão da guarda-livros que esperava.



Kestrel puxou o corpo inconsciente do capitão do porto. Seus braços queimavam, seu joelho ferido gritava em protesto, mas Kestrel afundou os calcanhares nas rochas e o puxou até o homem estar escondido atrás da casa onde as sombras eram mais densas. Então, com a respiração cortante e rarefeita na garganta, ela entrou, trancou a porta e se dirigiu para o livro de registros aberto na mesa dele.

Ela folheou até as entradas do começo do inverno. Encontrou o navio do líder do Senado – *Maris*.

Ponto de origem: ilhas do Sul. Mercadorias: nenhuma.

Kestrel soltou a página, que caiu com um suspiro.

Ela estava errada em desconfiar que o líder do Senado tinha viajado a Herran em vez de para as ilhas do sul. Ali estava a prova.

Em que mais ela poderia ter se enganado? Seu sangue acelerou de medo de si mesma, medo de suas escolhas, de sua certeza. O coração de Kestrel voava, uma batida contra a outra, como as páginas folheadas de um livro.

Todas as mentiras dela para Arin tinham valido a pena se ela nem conseguia enxergar a verdade? Kestrel havia pensado que sabia o que era melhor para Arin. Talvez suas maiores mentiras fossem as que havia contado para si mesma.

Mas então...

Kestrel voltou a folhear o livro de registros.

E se o líder do Senado tivesse mentido para o capitão do porto? E se o capitão do porto tivesse mentido para seu livro?

Ela encontrou as entradas mais recentes. O *Maris* estava aportado no cais agora. O livro listava o número do píer.

Kestrel deixou o livro aberto sobre a mesa exatamente como estava antes. Revirou as gavetas da mesa até encontrar uma bolsa cheia de prata. Ela a colocou no bolso, puxou a gaveta e jogou tudo o que havia dentro no chão.

Ficou sabendo que o capitão do porto foi atacado?, ela imaginou os guardas da cidade comentando. *Um simples caso de roubo.*

Kestrel saiu da casa em direção ao píer.



– Você entende – disse a guarda-livros enquanto embolsava a esmeralda – que não pode fazer nenhuma aposta depois que olhar no meu livro. Não comigo, nunca. – Ela sentou com mais seriedade agora, com o ar profissional, os quatro pés da cadeira firmes no chão. Tirou um livro fino do bolso interno da jaqueta. – Tem algo em particular que gostaria de ver?

– Mostre as entradas sobre o casamento.

A guarda-livros ergueu uma sobrancelha, o que o fez pensar que ela sabia quem ele era. Ela encontrou a lista e mostrou o livro para Arin, com o polegar segurando a costura aberta.

Essas apostas se referiam à noite de núpcias. Entravam em grandes detalhes. Os apostadores demonstravam um grau de curiosidade e imaginação que fez Arin desejar nunca ter visto aquilo.

– Não isso – ele disse. – Não foi isso o que quis dizer. Quero ver as apostas sobre o vestido.

As duas sobrancelhas da guarda-livros estavam arqueadas agora, dessa vez com um desprezo entediado. Ela virou algumas páginas e mostrou o livro novamente.

Arin viu a aposta do líder do Senado. Estava entre várias entradas relativas ao vestido. Outros haviam palpitado a mesma cor em que o líder do Senado havia apostado – vermelho –, mas ninguém mais havia apostado o número de botões, o decote, o comprimento da cauda, o estilo da bainha...

Arin reexaminou as páginas. Ele havia se enganado sobre algo. Havia passado pelos apostadores do vestido rápido demais, correndo para encontrar o nome do líder do Senado e para fugir da memória da primeira série de apostas que tinha visto. Ele viu agora que o líder do Senado não era o único que havia entrado em detalhes minuciosos sobre o vestido de casamento. Outra pessoa havia apostado exatamente da mesma forma, e mais recentemente.

Arin mostrou o nome.

– Quem é essa?

A guarda-livros espiou.

– Uma engenheira do palácio. Trabalha com água. Aquedutos. Canais. Esse tipo de coisa.

Arin fechou o livro e o devolveu.

– Só isso? – ela perguntou.

– Sim. – Ele acrescentou: – Se quiser uma dica, essa é a aposta certa.

A guarda-livros ergueu a bota para fincar o pé no assento da cadeira, deixando uma perna balançando e a outra dobrada na posição perfeita para colocar um cotovelo no joelho, apoiar o queixo no punho e olhar para Arin.

– Você me pagou bem demais. Que tal eu lhe dar um extra?



Os marujos caminhavam no passeio. Kestrel se manteve atrás, esfregando os braços para se aquecer. As ondas batiam contra os cascos dos grandes navios mercantis aportados no píer que se estendia rumo ao mar negro e vítreo.

Ela manteve os olhos em um navio específico. Viu diversos marinheiros do *Maris* descerem para o píer, prontos para a licença em terra firme, e os deixou passar.

Então, Kestrel avistou o alvo perfeito. Ele andava sozinho, com as bochechas coradas pelo frio e pela bebida. Seus passos levemente embriagados cambaleavam um pouco. Ele cantarolava.

– Marujo – ela gritou enquanto ele passava –, gostaria de um jogo de cartas?

Ele parou. Aproximou-se e Kestrel pôde ver que ele não estava nada bêbado. Seus olhos eram alertas, sua expressão um misto de simpatia e malícia. O marinheiro tirou um cachimbo do bolso, e a maneira lenta e deliberada como o encheu de tabaco mostrou a Kestrel que ele não seria um oponente fácil.

Ela se divertiria ainda mais com o jogo desse jeito.

– Então? – ela disse. – Vai querer jogar?

Ele abriu um sorriso agradável.

– É claro.

Eles saíram do passeio e entraram na praia rochosa, onde encontraram alguns engradados de madeira agrupados. Havia sinais de um jogo anterior abandonado: uma garrafa vazia de vinho e cinzas de tabaco esparramadas.

Kestrel se sentou.

– Imagino que você tenha um baralho.

– Todo marinheiro carrega um. – Ele se sentou diante dela. Acendeu seu cachimbo, sugou até o tabaco se crispar e brilhar, e levou a mão à bolsa.

Kestrel disse:

– Vamos apostar alguma coisa.

– Estava torcendo para que você dissesse isso.

– Cuidado com a mente suja, marujo. Vamos apostar por perguntas e respostas.

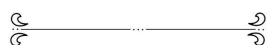
– Posso fazer o tipo de perguntas de alguém com a mente suja?

– *Se* você vencer, sim.

– Estou avisando, eu sou muito bom.

Kestrel sorriu.

– Eu sou melhor.



A guarda-livros subiu no colo de Arin, de frente para ele. Acomodou os joelhos ao lado dos quadris dele, levou os dedos com cheiro de fumaça ao maxilar dele. Inclinou a cabeça de Arin para trás. Seus olhos pretos brilharam para ele, e seu cabelo vermelho caía sobre a bochecha do herrani. Ele sentiu o frio do cabelo dela contra seus pontos. Pensou em seu rosto arruinado e em como, naquele momento, não se sentia arruinado.

– *Eu* gostaria de fazer uma aposta – ela disse, e se debruçou para sussurrar no ouvido dele.

As mãos de Arin desceram para a cintura dela.



– Você parece frustrado – Kestrel disse.

O marinheiro jogou suas cartas sobre a mão vitoriosa de Kestrel espalhadas em cima do engradado.

– Eu estava esperando algo mais excitante do que dizer que sim, o *Maris* navegou para o sul de Herran no mês passado. Posso pelo menos perder de um jeito mais *interessante*?

A risada de Kestrel era branca no gelo.

– Podemos apostar seu casaco.

– Ah, doçura, por que não pulamos para a parte em que você vence e eu o dou para você?



Arin tirou a guarda-livros do seu colo. Ele a colocou gentilmente na cadeira dela.

– É triste – ela disse – ver alguém agindo contra os próprios interesses.

Às vezes, era como se Kestrel ainda fosse dona dele. Arin pensou na prata que ela havia pagado por ele. Sentia seu peso terrível. Não conseguia esquecer. Estava lá, dura e reluzente dentro dele. À medida que foi conhecendo Kestrel em Herran, a prata se afundou devagar por águas incertas. Depois veio o impulso quente da corrente. Ele emergiu. A prata ficou lá no fundo, e a ideia de mergulhar para buscá-la dava uma sensação de afogamento. Porém, às vezes – especialmente desde o tratado, especialmente nessa cidade maldita e especialmente agora –, a prata parecia próxima. Reluzindo como um tesouro.

Mas Arin conhecia a correnteza de seu sangue.

– Conheço bem meus interesses – ele disse, afastando-se dela.

Ela sorriu, apoiando as botas de volta em cima da mesa.

– Um dia você vai aprender.

Arin deixou a mesa. Saiu da taverna noite adentro.



O marinheiro se levantou e ofereceu a mão para Kestrel com um floreio. Ela deixou que ele a ajudasse a se levantar. Ele vestiu seu casaco em volta dos ombros dela e juntou o tecido solto com um ar quase fascinado.

– Ó, doce dama do palácio, não deseja vir comigo para o mar?

– Eu afundaria o navio. Não vê que dou azar?

– Exatamente meu tipo. – Ele lhe deu um beijo caloroso na bochecha. Depois subiu as rochas, correndo até o passeio. – Estou congelando! – gritou. Ele correu em direção à cidade. Abriu os braços e voltou a cantarolar. Ele cantou a plenos pulmões. O canto era mais ou menos afinado, e Kestrel gostou de ouvi-lo apesar das rebentações, entrecortado pela respiração do homem que corria.

Não era um canto bonito. Não era a voz de Arin: uma bebida intensa servida até a borda. Mas era alegre. Kestrel ficou contente em ouvir e considerou ser grata pelo que tinha.

Kestrel tinha o que precisava. Era hora de voltar ao palácio. Mas seus pés caminhavam lentos pela cidade. Subiam a colina devagar.

Ela não queria voltar. A recusa crescia dentro dela: como uma pedra na garganta, dura e dolorosa. Ela parou diante de uma ponte alta sobre o rio que descia da montanha e ziguezagueava pela cidade. Kestrel precisava atravessá-la. Precisava descer do outro lado e subir pelo bairro aristocrático com suas lamparinas a óleo em forma de diamante.

Mas ela não fez a travessia.

Tocou o parapeito de ferro forjado que seguia a extensão do rio. O metal frio queimava. Kestrel passou a mão por ele enquanto andava – devagar, depois rápido, correndo ao longo da beira do rio sem nenhum fim a não ser ver aonde ele a levava... desde que a levasse para longe de onde ela deveria estar.



Uma engenheira hidráulica. Arin subiu um lance de pequenos degraus que levava para fora das Estreitas. Ao chegar no alto, virou-se para olhar a cidade lá embaixo. Os candeeiros espalhavam-se na escuridão, feito joias sobre um veludo preto.

Para Arin, as apostas sobre o vestido de casamento eram claras. Embora Tensen tivesse duvidado dele, Arin estava certo: o líder do Senado estava sendo pago com informações lucrativas. Ele tinha feito um favor ao imperador. Mas o quê?

E se a engenheira hidráulica estivesse sendo paga da mesma forma, o que *ela* havia feito?

Arin ouviu o som da água corrente. O rio.

Havia um canal, ele lembrou, onde o rio se adelgava e se acalmava. Uma série de comportas, arquitetadas pela própria engenheira hidráulica.

Arin encontrou o rio e o seguiu.



Kestrel parou ao ver as comportas. A princípio, se maravilhou com seu desenho, com a forma como uma série de registros podiam ser abertos ou fechados para aumentar ou diminuir o nível da água para que um barco pudesse entregar suas mercadorias.

Que invenção! Que mente sagaz havia criado aquilo!



Quando Arin chegou às comportas, alguém estava lá. Uma criada do palácio, de costas para ele. Ela era valoriana; apesar da luz fraca de uma lamparina distante, ele conseguia ver a bainha

branca de sua saia azul saindo por debaixo do casaco largo. Seu cabelo estava coberto por um lenço de trabalho. Ela estava entre as sombras, um mero amontoado de trevas.

Sem saber por quê, seu coração se apertou diante da visão. O menino que ele já havia sido, aquele que Arin entrevia de vez em quando no espelho, levantou a voz tímida dentro dele para dizer *solitária*. Dizer *linda*.

Mas ela não era uma pintura. Era uma pessoa. Era uma estranha valoriana com quem ele não queria ter nada a ver, com seu vestido palaciano que lembrava Arin de tudo o que o império havia tirado dele.

Ele mandou o menino embora.

Arin continuou andando. Seguiu o canal até fazer a curva. Mesmo se olhasse para trás, não conseguiria mais ver a criada.



Quanto mais Kestrel contemplava as comportas, mais começava a se sentir como o rio. Sentiu sua personalidade hesitante. As coisas confinadas atrás das comportas. As mentiras de ferro que ela mesma havia instalado e trancado com firmeza.

Ela ouviu passos: outro andarilho noturno. Eles ficaram mais lentos, mas não pararam. Seguiram em frente, tornaram-se ecos distantes, depois sumiram.

Ela também deveria partir. Kestrel não poderia evitar o palácio para sempre.



Algo fez Arin voltar. A mão de algum deus? Ele não soube dizer. Contudo, seus pés estavam retrazando seus passos antes mesmo que ele se desse conta. Seu corpo estava iluminado, vivo, insistente.

A mente de Arin rumorejava com esse enigma enquanto ele acelerava o passo. Por que ele sentiu esse impulso de voltar? Não havia nenhum grande mistério em uma criada do palácio sozinha à beira do canal. Não havia nada mais para ver.

Mas...

Rápido, diziam seus pés.

Rápido, dizia seu coração.

A criada, porém, não estava mais lá.



Ele continuou procurando. Quando o canal se abriu para o rio e uma ponte arqueou o dorso sobre a escuridão, ele se lembrou dos sapatos da criada: botas pretas de duelo. Por que uma criada calçaria botas que faziam parte do traje cerimonial de um duelo valoriano?

A menos que ela não tivesse nada mais prático para calçar. Arin teve a estranhíssima

imagem de uma dama de companhia sem rosto vasculhando entre pilhas de sapatos glamorosos em busca de um par confortável.

Por que ele pensaria isso?

Também havia algo de errado na adaga dela. Não era raro uma criada usar uma – todos os valorianos usavam –, mas ninguém envolvia o cabo em tecidos. Tornava difícil empunhar. Arin não conseguia pensar em nenhum motivo por que alguém cobriria o cabo daquela forma... a menos que precisasse escondê-lo.

Ele corria agora. O suor fazia arder o corte em seu rosto.

Embora não tivesse visto as mãos da criada, ele não parava de imaginar uma lembrança delas.

Viu dedos pálidos, leves. Lembrou-se deles tocando nos seus. Sentiu-os deslizando sob sua camisa, contra a sua pele. Viu-os tirando música de teclas pretas e brancas, acelerarem, depois aquietarem a melodia, acalmá-la e fazê-la entrar em sonhos.

Quando Arin realmente viu a mão da garota na escuridão, pousada em um balaústre perto da ponte, pensou que fosse um fantasma da sua imaginação. Os dedos da criada batiam como ondas ao longo do parapeito. Tocavam uma canção inaudível.

Ele conhecia aquele gesto.

Conhecia aquela mão.

Arin andou mais devagar. Ela estava perdida em pensamentos. Não o ouviu se aproximar ou, se ouviu, isso não importava para ela. O que importava era o rio. O que importava era a música em sua mente. Ela olhava fundo para a escuridão.

Arin se aproximou sem alarde, falou o nome dela sem alarde e tocou a mão fria, sem luva, sem alarde. Tocou a pequena marca de nascença em forma de estrela na base do polegar dela.

Ele não queria assustá-la. No começo, pensou que não tinha. Ele sentiu a calma dela antes de ela se virar. Sentiu o reconhecimento. Mas, quando Kestrel finalmente ergueu os olhos para Arin, ela se encolheu como se não o conhecesse. Ela livrou sua mão da dele e a ergueu – para se proteger, ele pensou. Para bloquear a visão de seu rosto.

Ele a tinha assustado afinal. Havia um grito em seus lábios. Pavor em seus olhos.

Um monstro era o que estava diante dela. Arin lembrava agora.

Esse monstro era ele.

Kestrel viu Arin se esquivar, Brutalmente, Da mão que ela erguera para tocar nele. Ela sentiu como se queimasse.

Ela quase sentiu a faca que havia feito aquilo com ele. A faca a cortou. Atingiu um órgão vital e ela se curvou dentro de si. O choque tornou impossível falar. A dor tirou o ar de sua garganta.

Os dedos de Arin tocaram as duas costuras que abriam a ferida no lado esquerdo de seu rosto.

– O que aconteceu com você? – ela sussurrou.

Ele cobriu a cicatriz. Mas Kestrel tinha visto sua extensão. A pele pálida comprimindo contra os pontos pretos. A maneira como a cicatriz mudava o rosto dele. A maneira como ele a escondia.

– Arin, fale comigo.

Ele continuou em silêncio.

– Por favor – ela disse.

Arin se agachou e Kestrel só foi entender o movimento quando ele tirou uma adaga da bota.

Sua adaga. Sua adaga querida, com um peso perfeito e seu selo entalhado no rubi do cabo. Sua adaga, que o imperador havia tirado dela semanas atrás.

– Isto – Arin disse, e a entregou para Kestrel.

Sinto muito, ela havia dito ao imperador.

Não, não sente. Mas ainda vai sentir.

Ela deixou a adaga cair no chão.

Arin a pegou.

– Cuidado. Vai estragar a lâmina. Fiquei sabendo que ela tem um corte bem afiado. Fiz questão de que o guarda do palácio de quem a tomei também soubesse disso. Eu achava que um valoriano teria mais coragem do que contratar alguém para me atacar num canto escuro.

– Arin, não fui eu.

– Eu não disse que foi. – Mas sua voz era furiosa e rouca.

– Eu nunca faria uma coisa dessas.

Arin deve ter sentido que ela estava prestes a chorar, que a adaga em suas mãos estava se distorcendo na visão embaçada dela. A voz dele ficou mais branda.

– Não acho que foi você.

– Por quê? – A voz dela hesitou, embargada. – Eu poderia ter planejado. Essa é minha adaga. Este é meu selo. Por que acredita no que eu digo? Por que acreditaria em alguma palavra minha?

Ele se virou para se debruçar na balaustrada, com os antebraços dobrados e a lâmina pendendo sobre o rio, o rosto de perfil. Por fim, disse:

– Confio em você.

– Pois não deveria.

– Eu sei – ele murmurou.

Ela ouviu a tensão na voz dele. Os olhos de Arin se voltaram para os dela e ela soube que ele sabia que ela tinha ouvido. O corpo dele assumiu uma posição de indiferença deliberada.

– Em termos lógicos – ele disse, com a voz ligeira –, a ideia de que você contratou alguém para me atacar não faz muito sentido. Não sei qual seria seu motivo.

– Talvez para pôr fim nos boatos.

– Seria uma pena. Eu gosto dos boatos.

– Não brinque. Você deve me culpar. Precisa.

Ele fez que não.

– Não faz seu tipo enviar outra pessoa para fazer seu trabalho sujo.

– Eu posso ter mudado.

– Kestrel, por que está tentando me convencer de que foi você?

Por que isso é culpa minha, ela teve vontade de dizer.

– Um momento atrás você insistiu que não tinha nada com isso – Arin disse –, e *essa* resposta faz sentido. Gostaria de me dizer por que o imperador pegou sua adaga? Quem ele queria punir com ela? Só eu... ou você também?

Kestrel não conseguia falar.

– Eu poderia até ficar lisonjeado – Arin disse – se o lisonjeio do imperador não tivesse doído tanto. – Ele se empertigou e voltou a oferecer a adaga para ela.

– Não – ela disse, incisiva.

– A culpa não é da lâmina.

Ela se engasgou com sua angústia. Com sua culpa, seu erro e a confiança dele.

– Se me der essa adaga, eu vou jogar no rio.

Arin deu de ombros. Ele voltou a guardar a adaga na bota, depois a encarou. O corte se curvava ligeiramente em sua bochecha num semissorriso, mas a boca dele estava séria

enquanto ele olhava para ela o observando.

– Sei que minha nova aparência é fascinante em diversos sentidos, mas estou farto de falar dela. Prefiro falar sobre *isso*. – Ele apontou para o lenço de trabalho de Kestrel e desceu o dedo até as botas pretas dela. – Kestrel, o que você está fazendo?

Ela tinha esquecido o que estava vestindo.

– Nada.

Ele ergueu as sobrancelhas escuras.

– Foi um desafio – ela disse. – A filha de um senador me desafiou a sair escondida do palácio sem acompanhante.

– Não me convenceu, Kestrel.

Ela murmurou:

– Eu estava cansada de ficar trancada dentro do palácio.

– Nisso eu acredito. Mas duvido que seja toda a verdade.

Os olhos de Arin estreitaram-se, examinando-a. A mão dele deslizou pelo balaústre conforme ele se aproximava. Ele levou os dedos até o colarinho do casaco do marinheiro; afastou-o do pescoço dela.

O mundo se encheu de volúpia, lento, imóvel.

Ele abaixou a cabeça. Seus pontos raspavam contra a bochecha dela. Arin afundou o rosto no espaço entre o pescoço e a gola do casaco e inspirou fundo. O calor tomou conta dela.

Kestrel imaginou: a boca dele se abrindo contra a pele dela. Os dentes de seu sorriso. E imaginou mais, viu o que ela faria, como se entregaria, como tudo se soltaria e se desenrolaria, feito uma opulenta fita de um carretel. Esse desvario tomou conta dela. Ela não conseguia se mover.

Ela sentia ele sentindo a imobilidade dela. Arin hesitou. Ergueu a cabeça e a olhou. O preto dos olhos dele estava enorme.

Ele a soltou.

– Você está com cheiro de homem. – Ele se distanciou. – Onde conseguiu esse casaco?

A voz de Kestrel não estava tão trêmula quanto o resto de seu corpo.

– Eu ganhei.

– Quem foi sua vítima desta vez?

– Um marinheiro. No baralho. Eu estava com frio.

– Desconcertada, Kestrel?

– Nem um pouco. – Ela firmou a voz. – Para falar a verdade, ele deu para mim.

– Que noite a sua. Saindo às escondidas. Tomando casacos de marinheiros. Por que será que ainda sinto faltar algo?

Ela deu de ombros.

– Gosto de um bom jogo de cartas. Os cortesãos não têm muito a oferecer.

– O que vocês apostaram nesse seu jogo noturno?

– Já disse. O casaco.

– Você disse que ele o *deu* para você. Mas também disse que ganhou. *O que* você ganhou, então, no baralho?

– Nada. Foi apenas pela diversão.

– Um jogo contra você sem nenhuma aposta? Jamais.

– Não vejo por quê. Já joguei contra você apostando fósforos.

– Sim, jogou. – Ele fechou os olhos por um momento. Kestrel viu a linha fina, quase vertical, que marcava a sobrancelha esquerda dele. Arranhava o coração dela.

Ele a fitou. Seus olhos cinza caçaram o rosto dela. Ela se sentiu caindo nas garras deles, como sempre. Arin sorriu. Não era um sorriso verdadeiro, e se prolongava no lado esquerdo de seu rosto.

– Desafio você para um jogo de Morder e Picar. Joga comigo?

Ela se voltou para o rio.

– Você devia deixar a capital.

– Uma jornada através das tempestades do mar sem ninguém para me fazer companhia? Que tentador!

Ela não disse nada.

– Não quero ir embora – Arin disse. – Quero jogar com você. Uma partida.

Havia a tentação e havia a coisa certa a se fazer. Era cada vez mais difícil para Kestrel fazer a melhor escolha.

– Quando? – ela conseguiu perguntar.

– Na primeira oportunidade.

Definitivamente não havia um jogo de Morder e Picar aos seus pés. Kestrel teria tempo de se preparar... embora ela não tivesse noção do motivo para essa preparação.

Não era apenas um jogo? Apenas um?

– Tudo bem – ela se ouviu dizendo.

– O vencedor leva tudo – Arin disse.

Ela olhou para ele.

– As apostas?

– A verdade.

Kestrel não poderia aceitar. Ela tampouco poderia negar, pois seria o mesmo que admitir que a verdade era algo que ela não poderia oferecer.

– Não interessa? – Arin perguntou. – Entendi. Talvez essa aposta não seja alta o bastante. Não para você. É isso, não é? Eu daria a *minha* verdade se você perguntasse. Você sabe. Você só não quer ganhar algo gratuito. – Os olhos dele a mediram. – Kestrel, você está escondendo algo. Quero saber o que é. Vamos fazer assim: se você vencer, faço o que você pedir. Se me mandar sair da capital, eu vou. Se quiser que eu nunca mais fale com você, não falo. Basta dizer seu preço. – Arin ofereceu a mão. – Dê-me a sua palavra de que vai pagar corretamente. Por sua honra valoriana.

Ela tentou não olhar para a mão estendida de Arin. Segurou a gola do casaco junto ao pescoço para se proteger contra o frio.

Perder era impensável. Mas, se vencesse... poderia mandar Arin para casa. Seria o melhor. A estadia dele tinha ficado perigosa demais. Difícil demais.

– Kestrel. – Ele tocou no punho descoberto dela. Devagar, deslizou os dedos para o calor da manga larga do casaco. O pulso dela acelerou sob o polegar dele. – Uma última vez – ele pediu.

Os dedos dela soltaram, quase como se não lhe pertencessem. Eles se abriram, e encontraram os dele.

Kestrel teve a impressão súbita de que ela era um quarto vazio e que todos os seus desejos entraram se atropelando. Amontoaram-se: delicados, de saias longas, com as sedas roçando umas nas outras.

– Sim – ela sussurrou.

Os olhos de Arin brilhavam na escuridão. A mão dele era quente.

– Jure.

– Os valorianos honram sua palavra.

– Venha. – Ele a puxou na direção de uma travessa que descia.

– Agora?

– Prefere jogar no palácio? Onde seria melhor, nos meus ou nos seus aposentos?

Ela soltou a mão dele. Esfregou a palma, tentando arrancar a sensação da pele dele.

Ele a observou fazer isso. Sua expressão mudou.

– Vamos jogar depois – ela disse, e foi então que ela teve certeza de que poderia ter aceitado pelo simples prazer de jogar contra ele ou mesmo pelo prêmio tóxico de mandá-lo para fora da capital, mas uma parte frágil dela também havia aceitado pela esperança furtiva de que poderia

perder. – Depois – ela repetiu.

– Não. Agora.

– Não podemos sair pelas Estreitas esperando topar com um jogo de Morder e Picar.

– Não se preocupe – Arin disse. – Conheço um lugar.

Arin ponderou se a febre realmente o havia abandonado. Ele se sentia fora de si.

Era a confusão.

Ele guiou o caminho pelas Estreitas. Sua passada era mais longa que a de Kestrel. Ele encurtava os passos... e, momentos depois, estava quase fazendo acrobacias.

Arin não sabia mais o que era ou não real. O que era real? O olhar de repulsa de Kestrel quando o vira pela primeira vez? Mas, então, a luz pálida da lamparina havia iluminado o rosto dela de maneira mais completa. Ele tinha visto espanto e tristeza.

Ou pensava ter visto. *Você está vendo o que quer ver*, Tensen lhe havia dito.

Quando Arin havia afastado o casaco roubado – emprestado? ganho? – da garganta de Kestrel, uma sensação havia faiscado entre eles. Não havia? Mas, então, ela havia se transformado em pedra. Como ficara na sacada, naquela primeira noite. Talvez essas faíscas fossem fruto da imaginação de Arin. Talvez fossem do tipo que se sente quando se leva um soco na cara.

Arin não havia mentido ao dizer que confiava nela. Porém, essa confiança sempre vinha acompanhada de um aperto no peito. Não fazia sentido confiar nela. Arin sabia todos os motivos. Sua confiança era tola. Nem um pouco saudável. Para ser franco, Arin não entendia sua própria confiança. Não sabia ao certo se esse impulso vinha de uma esperança real ou se era como o hábito de um pedinte, adormecido com a mão estendida pedindo moedas trocadas.

Arin espiou atrás. Kestrel estava olhando preocupada em volta do beco estreito – para o vômito e o lixo na sarjeta, para a luz laranja bruxuleante das casas de jogos iluminadas por tochas, para os degraus em ruínas. O gelo escorregadio de aparência maldosa.

Ela encontrou o olhar dele. Apertou o lenço de trabalho para esconder as bochechas como se ele fosse um estranho. Como se já não soubesse quem ela era e ela pudesse iludi-lo com seu disfarce.

Seu disfarce! Arin parou no meio do passo e se maravilhou com a visão dela vestida como criada. Seu cabelo brilhante estava escondido. Seu rosto sem maquiagem. Sua sobrancelha limpa. Aquela maldita marca dourada não estava lá.

Ele sentiu algo flutuante. Quase vertiginoso. Encheu os pulmões. Fez com que fiasse uma história. Uma fantasia pura que mostrou como sua mente era capaz de ir longe.

Arin imaginou que ela era a Mariposa de Tensen.

Sim, Arin zombou de si, lógico. Estava tudo explicado.

Fascinado por seus poderes de autoengano, Arin narrou para si mesmo sua historinha absurda. As alusões de Tensen sobre Risha como Mariposa não tinham passado de

insinuações. Tensen não havia falado nada diretamente. E Kestrel estava em uma excelente posição para recolher informações para o mestre de espões de Arin, não estava? Adorada pela corte. Filha do general. Próxima ao imperador. Prometida ao filho dele. Tensen nunca contaria a Arin se *ela* fosse a sua fonte.

Fazia todo o sentido. Olhe para ela agora. O uniforme de criada. Aquele casaco. Um segredo em seus olhos. Ah, sim, Kestrel daria uma excelente espia.

E não vamos esquecer aquele vestido arruinado que Deliah havia descrito, com as costuras rasgadas, vômito e a batinha suja.

Não seria típico de Kestrel se colocar em perigo?

Por quê? Por Herran?

Por *ele*?

Pelos deuses da loucura e das mentiras. Arin estava maluco.

Ele riu alto.



Kestrel também havia parado. Ela vira o rosto dele se encher de uma alegria estranha e dura antes mesmo que ele risse.

– Arin, o que há de errado? – ela perguntou.

– Nada. – Ele balançou a cabeça, ainda sorrindo. – Tudo. Sei lá.

– O que foi?

– Uma piada. Besteira. Irreal. Deixe para lá.

Ela relutou em insistir. Não queria ouvir aquela risada triste novamente.

Continuaram seguindo mais alguns passos embaixo das placas de madeira que pendiam sobre as portas dos estabelecimentos como bandeiras duras. Kestrel parou quando entendeu aonde Arin a estava guiando. Olhou para a taverna do outro lado da rua, aquela com a placa do braço quebrado, embaixo da qual o lorde enjoado quase a reconheceria sob o disfarce.

– Não posso entrar aí.

– Não é majestoso o bastante para você? – Arin continuava com aquele brilho sarcástico nos olhos.

– Alguém pode me reconhecer.

– Ninguém vai reconhecer você.

– Eu fico tão diferente assim com roupas simples? – Ela ouviu o tom acanhado em sua voz e sentiu vergonha.

– Kestrel, vou desconfiar que você se acha uma dama elegante demais para entrar na Braço

Quebrado. Ou que está com medo de perder para mim, o que é muito compreensível.

Ela franziu a testa para ele e caminhou na frente.

A taverna era toda sons frenéticos e luzes. Havia uma multidão de gente. O ar parado estava denso de fumaça de tabaco, do cheiro intenso de velas baratas de sebo e um odor acre e úmido que parecia o resultado de uma mistura de álcool e suor. Kestrel cortou a multidão.

– Você sabe para onde está indo? – ela ouviu Arin perguntar ao pé do seu ouvido, com voz de riso.

Ela seguiu em frente. Conseguiu respirar um pouco melhor perto do balcão, mas, quando chegou mais perto, viu três cortesãos desgrehados e bêbados falando alto. Ela conhecia um deles pelo nome. Era da alta sociedade e tinha feito parte do círculo íntimo do imperador na festa no Jardim de Inverno.

Kestrel abaixou a cabeça, com medo de ser reconhecida.

Ela não foi rápida o bastante. O olhar dele recaiu sobre ela... e passou reto. Ela viu que *não* a viu ou, pelo menos, não viu nada digno de sua atenção. Um dos seus companheiros riu de algo que o outro disse. O senador se voltou para eles. Houve um pedido alegre de mais uma rodada. Eles não olharam para ela.

– Você parou – Arin murmurou em seu ouvido.

Com o coração ainda martelando, Kestrel se virou tão abruptamente para encarar Arin que se chocou contra ele. A mão dele segurou seu ombro.

– Vou embora – ela disse.

– Você prometeu. Uma partida.

– Não aqui. Não agora.

A mão de Arin apertou mais firme.

– Se você abandonar o jogo, eu ganho.

O som das batidas do seu coração mudou em seus ouvidos. Aceleraram com o toque dele. Havia a tentação e havia... outra coisa, que poderia ter sido a coisa certa a fazer se ela não tivesse esquecido o que era.

Essa outra coisa mudou de forma. Endureceu dentro dela. Insistiu por um *sim*, desprezou o *não* e chamou Kestrel de covarde. Andou de mãos dadas com a tentação.

– Eu nunca abandono um jogo – ela disse. Ele sorriu. Ela o guiou até um canto cheio de mesas. Elas estavam todas ocupadas. Dois mercadores valorianos estavam sentados na mesa mais distante dos senadores. Kestrel caminhou até eles. – Cedam seus lugares para nós. – Ela lançou na mesa a bolsinha que roubara do capitão do porto. Os mercadores olharam para a bolsa, olharam para ela e decidiram beber em pé. Pegaram a bolsa e saíram.

– Rude, mas eficaz – Arin comentou enquanto Kestrel se sentava em uma cadeira, de costas para os cortesãos. Arin continuou em pé. Ela pensou que ele faria alguma provocação. Aquele

humor cáustico ainda não o havia abandonado por completo, mas tinha suavizado enquanto atravessavam a taverna. Ele parecia um pouco exausto, como um corredor cansado de correr. O que quer que havia se apoderado dele na travessa já tinha sumido... ou estava longe o bastante. Ela não conseguia mais ver aquilo em seu rosto ferido.

Seu rosto querido, querido para ela, ainda mais querido. Como ela poderia amar ainda mais aquele rosto pela sua ferida? Que tipo de pessoa via o sofrimento de alguém e sentia o coração se abrir ainda mais, com mais ternura do que antes?

Havia algo de errado com ela. Era errado tocar uma cicatriz e a achar bonita.

Arin não estava olhando para ela. Estava distraído.

Kestrel seguiu o olhar dele e encontrou uma ruiva de olhos pretos em uma mesa próxima, lançando um olhar frio para Arin. A expressão dele não mudou, mas algo dentro dele sim. Kestrel pôde sentir. Isso torceu seu coração.

Quando a atenção de Arin voltou para ela, Kestrel examinou a superfície da mesa.

– Vou pegar um jogo de Morder e Picar – ele disse. – E vinho. Devo pegar vinho?

A resposta era *não*, claro. Kestrel precisava de toda a sua sobriedade para uma partida que não deveria – *não poderia* – perder. Mas ela se sentiu subitamente angustiada e percebeu que estava nervosa desde que Arin a encontrara à beira do rio. Disse *sim*.

Ele hesitou, como se fosse criticar a decisão dela. Então, saiu da mesa. A multidão o engoliu. Kestrel não pôde ver aonde ele tinha ido.



Arin não queria deixá-la sozinha por muito tempo. Ela atrairia atenção. Era da natureza dela. Mas, quando voltou com vinho e um jogo, ela estava sozinha e em silêncio: um silêncio quase perturbador em meio à tormenta da taverna.

Ele a viu antes que ela o visse. Viu que estava infeliz. Lembrou que era isso o que tinha chamado a atenção dele à beira do canal quando pensara que ela era uma criada anônima: a sensação de que aquela estranha havia perdido algo tão valioso quanto o que ele havia perdido.

Em sua mente, Arin perdeu para Kestrel em Morder e Picar, e perdeu o direito a todas as suas perguntas.

Em sua mente, ele falou: *Diga-me o que quer.*

E ela disse: *Saia da cidade.*

Ela acrescentou: *Leve-me com você.*

Kestrel ergueu os olhos. Quando encarou os olhos dela – de um castanho extremamente claro, o tom mais suave antes de se tornar dourado –, Arin soube que era um tolo. Mil vezes tolo.

Ele precisava parar. Eram terríveis esses sonhos que tinha acordado. Por que se permitia

pensar neles? Eles distorciam tudo. Arin sentia vergonha agora, lembrando de como havia fingido – mesmo que por um momento – que Kestrel era a Mariposa. Ele arrancou essa mentira doce de sua mente. Recusou-se a pensar nela de novo. Pensamentos como esse o faziam se partir em dois, como seu rosto estava: um lado bom, e o outro dolorido e latejante.

Ele se sentou e pôs o jogo, a garrafa de vinho e a taça na mesa. Serviu.

– Só uma taça? – ela perguntou.

Ele a entregou para ela.

– Não estou com cabeça para vinho. É bom?

– Terrível. – Mas ela bebeu com sede.

Arin tirou o jogo da caixa. Kestrel pegou uma das peças, feita de madeira tosca, e a virou entre os dedos. Ela limpou uma sujeira com o polegar. Ele a observou beber mais uma vez.

Arin pensou no vestido arruinado que Deliah descrevera. Tensen ignorara aquilo com um aceno impaciente com a mão, um gesto que dizia a Arin que era ridículo imaginar algo terrível. Vômito na manga de um vestido? Ora, os cortesãos não gostam de vinho? Arin tinha visto dezenas de valorianos beberem até vomitar. Quanto à terra no vestido e às costuras rasgadas... qualquer um é capaz de tropeçar. O Jardim de Inverno não tinha lama, fato, mas Arin não tinha visto todos os terrenos do palácio. Havia lugares onde não tinha permissão de entrar. Kestrel podia ter tropeçado em qualquer lugar.

Tropeços e embriaguez não eram do feitio de Kestrel. Mas ele a observou esvaziar o copo.

Eu posso ter mudado, ela havia dito à beira do rio.

Arin tirou a peça de jogo das mãos de Kestrel. Misturou as peças com um vigor excessivo. Sacou as mãos de cada um.

A de Arin era ridícula. A única coisa que salvava aquele jogo de ser uma causa perdida era um par de camundongos, e os camundongos tinham um dos valores mais baixos. O restante de sua mão era uma variedade de peças de Pícar – que Kestrel adorava jogar e jogava bem. Ele, nem tanto.

E Kestrel tinha uma boa mão. Ele sabia. O rosto dela não revelava nada, não exatamente. Era mais como se ela se concentrasse para *não* revelar nada. Ela mudou sem dar nenhum sinal claro de mudança. Ficou com um ar mais intenso.

– Kestrel.

Ela descartou uma peça e sacou outra. Não olhou para ele. Ele havia notado – claro que havia – a forma como ela evitava olhar para ele agora. E não era nenhuma surpresa. O rosto de Arin queimava. Seus pontos coçavam. Ele sentia vontade de arrancá-los.

– Olhe para mim – ele disse. Ela olhou e Arin desejou de repente que não tivesse olhado. Ele limpou a garganta. Disse: – Não vou mais tentar convencer você a não se casar com ele.

Devagar, ela recolheu a peça nova. Olhou fixamente para a mão e não disse nada.

– Não entendo sua decisão – Arin disse. – Ou talvez entenda. Não importa. Você quer. Isso é claro. Sempre fez o que queria.

– Fiz? – A voz dela era inexpressiva e sem vida.

Ele continuou.

– Eu estava pensando... – Arin tinha uma ideia. Já fazia um tempo que pensava nela. Não gostava. As palavras tinham um gosto amargo em sua boca, mas ele havia pensado e repensado nelas e, se não dissesse nada...

Arin se obrigou a examinar suas peças mais uma vez. Tentou pensar que peça de Picar seria menos útil para Kestrel. Descartou uma abelha. No instante em que colocou a peça na mesa, ele se arrependeu.

Sacou uma peça alta de Morder. Isso deveria tê-lo estimulado, mas Arin tinha a sensação de voar na direção do momento inevitável em que Kestrel venceria e ele perguntaria qual era a vontade dela.

– Eu pensei...

– Arin?

Ela parecia preocupada. Isso o fez decidir. Arin respirou fundo. Seu estômago se transformou em aço. Seu corpo estava se preparando de uma maneira que ele conhecia bem. Arin estava tensionando os músculos necessários para um mergulho em águas profundas. Um soco no estômago. O erguer das notas mais fortes, graves e agudas que conseguia cantar. Seu estômago sabia o que ele precisava sustentar.

– Case-se com ele – Arin disse –, mas seja minha em segredo.

Ela tirou a mão das peças como se tivesse se queimado. Recostou-se na cadeira. Passou a mão no lado de dentro do cotovelo. Bebeu o que sobrara do vinho e ficou em silêncio. Por fim, disse:

– Não posso fazer isso.

– Por que não? – Arin ardia de humilhação, odiando-se por ter pedido. O corte queimava em sua bochecha. – Não é tão diferente do que já decidi antes. Quando me beijou na carruagem no Primeiro Inverno, você pretendia me manter em segredo. Se é que pensou em alguma coisa. Eu teria sido um daqueles escravos especiais, convocados no meio da noite quando o restante da casa dorme. Não era isso?

– Não. – A voz dela era baixa. – Não era.

– Então me diga. – Arin estava se amaldiçoando a cada palavra. – Diga o que era.

Devagar, Kestrel falou:

– As coisas mudaram.

Arin virou a cabeça para o lado, ergueu o queixo, inclinou a bochecha costurada para a esquerda para ficar sob a luz.

– Por causa *disto*?

Ela respondeu como se fosse óbvio.

– Sim.

Ele se levantou empurrando a mesa.

– Acho que vou querer aquela bebida.

Arin começou a se afastar, depois olhou para trás por sobre o ombro. Fez questão de que suas palavras soassem como um insulto.

– Não mexa nas peças.



Kestrel não entendeu. A raiva dele não fazia sentido. Não era claro que a ferida de Arin era culpa dela? E que coisas piores poderiam acontecer?

Ele não voltou.

Ela pensou naquilo que não estava compreendendo. Pensou em como a ferida de Arin podia correr mais funda do que a carne. Lembrou-se da pergunta dele e da resposta que dera. Lembrou-se delas mais uma vez.

Devagar, começou a ver o mal-entendido. Para ela, o *sim* era a mensagem do imperador talhada no rosto de Arin. Para Arin, o *sim* era a cicatriz em si, não o que ela significava. A raiva de sua aparência, da forma como ele achava que ela o via agora.

Um terror se apoderou dela. Ela não podia esperar até ele voltar. Precisava encontrá-lo. Precisava esclarecer as coisas.



Arin havia aberto caminho à força até o bar, onde esperou para pedir uma segunda taça. A valoriana responsável pelo bar o ignorou. Serviu todos os outros primeiro. Quando outros valorianos chegavam ao bar, ela os servia também. Ela não olharia para Arin a menos que ele fizesse um escândalo – o que ele estava totalmente disposto a fazer. Em sua cabeça, ouviu Kestrel dizer *sim*.

A superfície do balcão era pegajosa e tinha um cheiro ácido. Arin olhou fundo para ele e pensou no brinco de esmeralda, em como ele brilhava: encantado, seu. Sarsine o encontrara enganchado num carpete grosso ornamentado, enrolado e guardado no fundo de uma área desocupada da casa dele em Herran. A esmeralda tinha parecido uma daquelas histórias em que um deus se revela. Arin havia jurado nunca se desfazer dela.

Mas ele tinha se desfeito e entendia agora que não tinha sido informação que queria comprar. Tinha sido confiança. Arin não conseguia mais confiar em si mesmo. Acreditara que as apostas nas mãos da guarda-livros eram importantes. A esmeralda parecia uma promessa de que, se essa ideia se provasse verdadeira, então Arin poderia confiar em tudo em que

acreditava.

As palmas das mãos dele estavam pegajosas, espalmadas contra o balcão. Ele foi recuperando a calma. Lembrou da Kestrel que havia conhecido em Herran. Não pensou em quem ela era nos últimos tempos. E não cometeu seu erro cada vez mais frequente de reimaginar essa nova Kestrel – tão completamente valoriana, tão adaptada à corte e à capital – como a pessoa que ele queria que ela fosse.

Lembrou-se apenas de quem ela já havia sido. Arin fez para aquela Kestrel a mesma pergunta que havia feito à Kestrel vestida de criada do palácio, e ela deu a mesma resposta. Mas, dessa vez, seu *sim* também foi um *não*. Dessa vez, sua resposta foi uma caixa com fundo falso, e o sentido foi mais profundo do que ele tinha previsto.

Ele havia interpretado mal.

Arin começou a pensar que não deveria ter deixado a mesa. Precisava voltar. Precisava voltar agora mesmo.

E ele teria voltado, se não tivesse se distraído por um trecho de conversa de uma mesa perto dele.

Um grupo de senadores estava bebendo. A Braço Quebrado tinha um público muito variado naquela noite, mais do que sua cota costumeira de cortesãos. Eles falavam sobre o oriente.

– ... uma vitória impressionante – um deles disse. – Exatamente o tipo de estratégia que eu esperaria do general Trajan.

– Ele não pode levar todo o crédito – disse outro. – A ideia foi da filha dele.

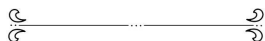
– Sério?

– Eu estava lá. Houve uma recepção no Jardim de Inverno na manhã seguinte ao baile de noivado. Só os membros mais importantes da corte foram convidados, claro. Alguns dentre nós debateram a melhor forma de conquistar as planícies orientais. O imperador até pediu o *meu* conselho. Particularmente, acho minha ideia muito boa. Mas que ninguém pense que não sou generoso. Entendo por que o imperador preferiu o plano de lady Kestrel. Foi ela quem sugeriu que o general envenenasse os cavalos. Os selvagens orientais não vão conseguir viver sem eles, ela disse. Todos concordamos que daria certo. E não é que deu?

Risos.

– À lady Kestrel. – O senador ergueu seu copo.

– À lady Kestrel!



Kestrel tinha se levantado para sair da mesa e procurar Arin quando ouviu o brinde.

Ela tinha sido reconhecida?

Ninguém estava olhando para a criada no canto. No entanto, Kestrel ficou ainda mais nervosa.

Não conseguia ver Arin no bar. Ele estava perdido em meio à multidão próxima ao bar.

Ou ele tinha saído da taverna? Será que ela o tinha ofendido tanto assim?

Kestrel tentava se tranquilizar, pensando que Arin não deixaria a partida no meio, quando ele surgiu da multidão de mãos abanando.

Ele puxou sua cadeira.

– Arin... o que eu disse antes, sobre a ferida...

– Não quero falar sobre isso. – Ele disse, e reposicionou suas peças.

– Mas eu preciso falar. Arin, seu rosto...

– Não dou a mínima para o meu rosto!

Kestrel fechou a boca. Arin se recusava a olhar para ela. Com um pavor nauseante que ela ainda não entendia, ela se afundou na cadeira.

– Por que aqueles senadores estavam brindando ao meu nome?

Ele não respondeu.

– Você sabe por quê?

Arin a encarou sem piscar.

– Jogue.

– Você continua sem taça. – Ela serviu vinho na dela. Derramou algumas gotas. Limpou-as com o polegar, esfregando a taça com firmeza, e a ofereceu para ele. Ele ignorou.

Então Kestrel jogou e observou Arin descartar algumas peças e pegar outras. Sentiu o pulsar da raiva dele. Estava pior do que quando ele havia deixado a mesa. Tinha ficado mais forte, quase se solidificara. Era o tipo de fúria que chegava a tremer. O jogo escapou do controle de Kestrel.

No fim, ela reconheceu a derrota. Contaria a verdade para Arin. Jurou a si mesma que contaria. Tudo poderia ser explicado. Ela estava com medo, medo da fúria dele agora e do que ele faria com a verdade. Mas ela lhe daria a verdade. Não suportava mais mentir.

Arin perguntou:

– Você disse ao general para envenenar os cavalos do povo da planície oriental?

– Quê?

– *Sim ou não?*

– Sim – ela respondeu, hesitante –, mas...

– Você entende o que fez? Centenas de pessoas *inocentes* morreram no êxodo para a cidade

da rainha.

– Eu sei. Foi uma coisa terrível...

– Terrível? Crianças morreram de fome enquanto suas mães choravam. Não existe palavra para isso.

A culpa deu um nó na garganta dela.

– Eu posso explicar.

– Como você explicaria assassinato?

– Como *você* explicaria? – ela disse, com o furor de sua própria ira. – Pessoas morreram por sua causa também, Arin. Você já matou. Suas mãos não estão nada limpas. A Revolta de Primeiro Inverno...

– *Não é a mesma coisa.*

Ele pareceu engasgar com as palavras e Kestrel ficou pasma por como tudo o que dissera saíra do jeito errado.

– Quis dizer que você teve seus motivos.

– Não posso sequer começar a falar dos meus motivos. Não posso acreditar que você os trouxe à tona, que é capaz de *comparar* isso... – A voz dele tremeu, então ficou mais baixa. – Kestrel. O único objetivo do império é a dominação. E você *ajudou*.

– Não tive escolha. Meu pai teria...

– Achado que você era fraca? Renegado você por não ser a guerreirinha dele, sempre pronta com o plano perfeito de ataque? Seu pai. – A boca de Arin se contorceu. – Sei que você quer a aprovação dele. Sei que se casaria com o príncipe para conseguir isso. Mas as mãos do seu pai estão banhadas de sangue. Ele é um monstro. Que tipo de pessoa alimenta um monstro? Que tipo de pessoa *ama* um monstro?

– Arin, você não está ouvindo. Não está pensando com clareza.

– Você tem razão. Eu não estava pensando com clareza, fazia tempo que não. Mas agora entendo. – Arin empurrou suas peças para o lado. Sua mão vencedora se esparramou para fora da fileira. – Você mudou, Kestrel. Não sei mais quem você é. E não quero saber.

Mais tarde, quando Kestrel lembrou desse momento, disse as coisas certas. Em sua imaginação, ele entendeu.

Não foi isso o que aconteceu, porém.

A fúria de Arin se transformou em repulsa. Ele estava com nojo. Ela pôde ver. Pôde ver pela mudança na postura dele, como se tentasse evitar uma contaminação. Ela via isso na dureza dos ombros dele quando ele lhe deu as costas, por mais que ela chamasse seu nome. Arin saiu andando. Deixou que as portas da taverna batessem depois que saiu.

A galeria do palácio estava em silêncio. Ossos deviam ser silenciosos assim, pensou Kestrel, enquanto jaziam a sete palmos de terra.

Ela ficou parada diante da pintura de Tensen por mais tempo do que realmente olhou para ela. Por fim, colocou uma mariposa na moldura. Contou a si mesma o tipo de mentira que se reconhece pelo que é. Kestrel concluiu que era melhor Arin pensar isso dela.

Sim. Era o melhor que poderia ter acontecido.

— E o que — disse o imperador — é tão urgente que você precisa retornar a Herran agora?

— Meu dever para com sua majestade imperial — disse Arin.

— Ele usa palavras tão belas — o imperador disse à corte, e os senadores, lordes e ladies esconderam os sorrisos maldosos de uma maneira que os deixou ainda mais evidentes. Não havia mais nada de belo no governador de Herran.

Risha não sorriu. Do outro lado da sala, Arin viu o olhar da oriental: sério, firme.

— Não sei o que pensar de você pedindo minha permissão para partir — o imperador disse. — Governador, você foi... *maltratado* aqui?

Arin sorriu com o lado cortado do rosto.

— De modo algum.

Os cortesãos sussurraram, sorridentes. Era tão bom quanto uma peça. O rosto desfigurado. A zombaria sutil do imperador. A farsa de que não havia nada de errado.

— E se desejarmos tê-lo aqui na corte? — perguntou o imperador.

Arin deu um passo adiante para ficar mais sob a luz. Ele viu, como se estivesse fora do seu corpo, a maneira como se postava diante do imperador naquela sala do trono ecoante. Arin não havia dormido desde que deixara Kestrel na cidade na noite anterior, mas se sentia extremamente lúcido. Sabia como o sol matinal iluminava as partículas de poeira em volta dele. Lançava um clarão forte sobre seu rosto talhado. Destacava os fios desfiados de suas roupas. E parava, demorado, sobre a adaga amarrada em seu quadril, e a maneira como a mão de Arin envolvia o cabo e cobria seu selo. A lâmina estava desembainhada. Tinha dois gumes. O guarda-mão era curto, feito para proteger uma mão muito menor que a de Arin, e estava preso no estilo valoriano. Tudo na adaga era valoriano.

Os cortesãos cochicharam.

O rosto dele.

Quem fez isso?

Aquela lâmina.

De quem é?

É uma adaga de mulher. Como a conseguiu?

Roubou, talvez.

Ou... ganhou de presente?

Arin quase podia ouvir as palavras murmuradas.

– Sua recepção foi muito melhor do que eu poderia esperar – Arin disse. O imperador abriu um sorriso ligeiro. Seus olhos não abandonaram a mão de Arin sobre o cabo da adaga. Arin estava satisfeito. Pensou que o imperador estava muito contente com o noivado de seu filho com a filha do general predileto do exército. O casamento colocaria o general Trajan na família imperial... e renovaria a lealdade dos soldados ao imperador.

Mas havia os boatos. Cunhar uma moeda de noivado não tinha sido o bastante para calá-los. Foi a primeira vez que Arin pensou nos boatos sobre ele e Kestrel de maneira fria. Pensou neles como algo de que poderia se aproveitar. Sim, Arin podia apostar que, se erguesse a mão para revelar o cabo e o selo da adaga de Kestrel, ela seria reconhecida. Os cortesãos exclamariam, surpresos.

Arin podia fazer os rumores parecerem reais.

Os valorianos sempre usavam suas adagas, exceto no banho ou na cama. Independentemente de os cortesãos julgarem um roubo ou um presente, pensariam muito no quão perto Arin devia ter chegado de Kestrel para pegar sua adaga.

– Por mais que adorasse ficar – Arin disse –, tenho a obrigação de voltar para governar seu território de maneira que seja do seu agrado.

– Um rapaz sério, não?

– Sim. – Arin moveu o punho sobre a adaga, não para revelar seu selo, mas para mostrar que poderia.

O imperador não gostou nada disso. Kestrel também não teria gostado se estivesse presente, ou mesmo Tensen, que tinha ido à sua querida galeria ao amanhecer e era provável que ainda estivesse lá. O ministro não gostaria nem um pouco do que Arin estava fazendo. Chantagear o imperador? Diante de toda a corte?

Não era para Arin estar em posse daquela adaga. Era para estar morto ou mutilado a ponto de ser irreconhecível. Ou ambos. Dava uma sensação boa lembrar o imperador de seu erro. Dava uma sensação boa ameaçá-lo ter de explicar para a corte por que a adaga da noiva de seu filho estava afivelada no quadril de outro homem.

– Estou livre para ir? – Arin perguntou.

– Meu caro governador, que pergunta! Vamos sentir sua falta, claro, mas não vamos detê-lo aqui.

Arin pensou que sairia da sala do trono sem nenhuma menção à ferida vermelha e negra que formigava em seu rosto. Mas o imperador disse com a voz suave:

– Muito bem-feitos seus pontos. – Então Arin foi dispensado.



– Que boas marés o levem – disse uma voz atrás dele no corredor vazio que saía da sala do trono.

Arin se virou e encontrou Risha. O tom caloroso e afetado das palavras dela sugeria que sua despedida era oriental, traduzida para o valoriano.

– Fico feliz de ver você partir – Risha disse. – Este não é o seu lugar. Paga caro aquele que não se adapta.

Por instinto, Arin tocou a bochecha cortada e se crispou. Depois, rangeu os dentes. Seu rosto não era mais o mesmo, mas e daí? Podia combinar com ele. Talvez antes Arin fosse meigo demais, confiante demais, com o rosto infantil demais, semelhante demais àquele menino que havia sido antes da guerra, aquele que o havia feito voltar para encontrar Kestrel parada à margem do canal iluminado pela lua.

Arin estava contente que o menino tinha ficado para trás. Estava contente por ser uma pessoa nova.

– Não sei como você suporta – ele disse a Risha em valoriano. As palavras saíram lentas e pesadas. Ele odiava a sensação dessa língua em sua boca.

Risha franziu a testa.

– Suporto o quê? Morar na corte imperial? – Ela balançou a cabeça. – Meu lugar é aqui.

Era perigoso mencionar Tensen ou as informações que o mestre de espões de Arin havia sugerido que Risha poderia lhes oferecer. Eles estavam sozinhos agora, mas as portas da sala do trono poderiam se abrir a qualquer momento. Rapidamente, em sua própria língua, Arin disse:

– *Obrigado.*

Um olhar confuso perpassou o rosto de Risha.

– Não falo herrani – ela o lembrou em valoriano.

Arin poderia ter dito mais, mas então as portas da sala do trono se abriram. A corte começou a sair e olhar para eles. Ele virou as costas. Deixou as palavras não ditas queimarem dentro dele. Obrigado, ele queria repetir, admirado por Risha se colocar em risco por um povo que não era o seu.

Como ela era diferente, Arin pensou enquanto saía. Sua boca estava tensa e com um gosto metálico, como se tivesse mordido a própria língua.

Como Risha era diferente de Kestrel.



Um peixe se debateu contra a tábua. Kestrel viu o peixeiro descer o cutelo com força. Ela pestanejou, embora soubesse que uma criada do palácio não se incomodaria com aquela visão. Uma criada não olharia duas vezes para a gosma rosada de sangue congelado sob as barracas da Travessa das Carnes. Uma criada do palácio não olharia fixamente para os órgãos ensebados na sarjeta e pensaria que nunca tinha visto as vísceras de uma galinha ou sequer pensado sobre o que havia dentro de uma.

Kestrel se obrigou a olhar firme para o chorume que descia a travessa. Quando sua garganta se fechou, o motivo estava bem diante dela. Estava na rua repugnante. Na madeira úmida do cutelo do peixeiro. Não estava na taverna Braço Quebrado na noite anterior ou em Arin virando o rosto ferido para ela. Não estava no que fizera para merecer aquilo.

Ela puxou o casaco do marinheiro com mais firmeza em volta dela, e ergueu a barra azul e branca de seu uniforme enquanto descia a travessa.

Uma garotinha valoriana corria à sua frente, com tranças de cabelo louro esbranquiçado balançando sobre os ombros. A menina segurava uma boneca de pano pelo braço. Algo na boneca chamou a atenção de Kestrel e ela só soube o porquê quando a menina alcançou a mãe e pediu outro brinquedo que a mulher carregava em sua cesta. Era um boneco vestido de preto. Então, Kestrel notou o ponto dourado costurado sobre a sobrancelha da boneca e entendeu quem aqueles bonecos representavam.

Kestrel passou pela menina e sua mãe. Tentou esquecer a boneca. Olhou em volta em busca de Tensen.

Ela o encontrou examinando um leitão destripado pendurado num gancho de uma das barracas.

– Ah, que bom – ele disse ao ver Kestrel. – Bem na hora. Mais um pouco e eu teria que comprar um porco para manter as aparências e só os deuses sabem como eu levaria *isso* para os meus aposentos sem que ninguém notasse.

Eles se misturaram à multidão de compradores – servos, em sua maioria, enviados de manhã para comprar a carne enquanto ainda estava fresca. Kestrel e Tensen abriram caminho até o fim da fileira de barracas e subiram por uma ladeira onde havia menos gente.

– O líder do Senado esteve no sul de Herran – Kestrel lhe contou. – Só consigo pensar num motivo. O imperador lhe pediu para examinar as plantações de noz-de-lareira e estimar o tamanho da safra. O imperador deve estar planejando tirar tudo de Herran. Ele vai saber se tentarem ficar com alguma parte para vocês.

Tensen parecia mais velho sob a luz da rua, suas rugas mais profundas, seus cílios miúdos.

– Isso vai causar fome.

Devagar, Kestrel disse:

– Tenho uma ideia.

Tensen esperou. Como ela continuou em silêncio, ele ergueu as sobrancelhas.

– Pode não ser uma ideia boa – ela disse.

– Ainda assim, deve ser melhor do que nada.

– Não estou muito convencida. – Ela pensou nos cavalos das planícies orientais. Ouviu Arin dizer *assassinato*. Essa palavra havia arranhado na voz dele, cravado as garras no fundo dela.

Tensen colocou uma mão em seu ombro. Por mais que a mão dele fosse leve em relação à do general, o gesto a fez lembrar de seu pai.

– Vocês podem colher a safra antes e escondê-la – ela disse para Tensen –, mas deixar algumas nozes-de-lareira nas árvores. Depois infectá-las. Escolham a praga que preferirem. Vespas-das-galhas, besouros, lagartas... qualquer coisa que procrie rápido. Quando o imperador pedir a safra, não vai ser culpa sua se não tiverem o que entregar. – O sorriso de Tensen ficou mais caloroso. Kestrel se perguntou como tinha sido o avô paterno ou o materno e se, caso ela tivesse um avô, ele olharia para ela da mesma forma. – Se o imperador pensar que estão mentindo, ele pode ver os campos devastados com os próprios olhos. Mas... isso pode devastar as árvores. Vocês podem passar fome no ano que vem quando não houver nada além de vermes crescendo nas árvores.

– Vamos nos preocupar com o ano que vem se sobrevivermos até lá – disse Tensen. Ele estreitou os olhos diante de alguns flocos de neve. Estavam começando a cair agora. – Arin está me pressionando para dizer quem forneceu as informações sobre o pobre Thrynne.

O coração dela deu um salto.

– O que você disse? Não pode contar que fui eu. Você prometeu.

– Não se preocupe. Nós dois sabemos o valor de uma mentira pelos motivos certos. Não vou revelar seu segredo. Insisti no anonimato da minha informante. Eu a chamei de Mariposa. Não incomoda você, incomoda? Ser chamada pelo nome de uma rele praga doméstica?

Kestrel sorriu com o canto da boca.

– Não me importo de ser uma mariposa. Não duvido que eu comesse a comer seda se isso me permitisse voar.



O punho da manga tinha finalmente desfiado. Arin jogou a camisa no baú. Desafivelou a adaga embainhada, cujo peso que quase chegava a ser leve o incomodava. Ele não gostava de ficar com a adaga de Kestrel. Mas também não gostava da ideia de guardá-la ou deixá-la para trás. Voltou a olhar para o baú escancarado. A camisa amarrotada estava caída sobre outras roupas.

Arin colocou a adaga de lado. Ele pegou de novo a camisa e puxou um dos fios, que desfiou livre, uma linha de teia de aranha que Arin enrolou em um dedo até cortar a circulação. Deu um puxão firme. O fio se rompeu da camisa. Ele o fitou.

Era loucura, a ideia de que um simples fio pudesse ajudar Herran. Mas Arin saiu dos aposentos, procurou Deliah e lhe pediu carretéis de linhas em cores variadas.



– Você está cheirando a peixe – Arin disse a Tensen quando o ministro entrou na suíte.

– Meu sapatos, creio eu. Pisei em alguma coisa. – Tensen ergueu os olhos e viu o baú

fechado com suas correias presas esperando ao lado da porta. – Arin, você vai me deixar?

– Não sirvo para nada aqui.

– Você acha que vai ser mais útil em Herran? Odeio ser rude, mas a esta altura você já deve ter entendido que ser governador não significa muito mais do que dar ao imperador aquilo que ele deseja. Sua prima está conseguindo fazer isso muito bem na sua ausência.

– Não vou para Herran. Vou para o oriente.

Tensen pestanejou, depois franziu a testa. Ele passou a mão no baú. Brincou com as correias.

– O que você espera encontrar lá?

– Aliados.

– O oriente não faz aliados. O oriente é o oriente. Eles não gostam de estrangeiros.

– Não estou pedindo seu conselho.

– Pelo visto, não mesmo. Porque, se estivesse, eu poderia lembrá-lo de que as pessoas que vão àquele país raramente voltam e os que voltaram não são mais os mesmos.

– Uma mudança me faria bem.

Tensen o examinou.

– Você passou a noite toda fora. Eu gostaria de saber o que inspirou essa sua decisão.

– Tensen, já estamos em guerra. Precisamos encarar os fatos. Herran vai ter que conquistar sua liberdade do império, e não somos páreos para ele. O oriente pode ser.

– Estrangeiros não podem entrar em Dacra.

– Não sou um estrangeiro qualquer.

Tensen fechou as mãos em concha e as abriu como se espalhasse sementes na terra. Era o gesto herrani de ceticismo.

– Não duvide de mim – Arin disse.

– Não é de você que eu duvido, mas da ideia. Não é seguro.

– Nada é seguro. Ficar aqui não é seguro. E voltar para casa é inútil. Você me perguntou quando cheguei aqui o que eu escolheria, eu ou meu país.

– Verdade – Tensen disse, devagar. – Perguntei.

– *Esta* é a minha escolha.

– Uma escolha como essa é fácil quando não se sabe qual vai ser o verdadeiro preço dela.

– Não importa se ela é ou não fácil. O que importa é que é *minha*.

Tensen mordeu os lábios. A pele frouxa de seu pescoço se afundou suave sob seu queixo abaixado. Abruptamente, ele ergueu os olhos e encarou Arin. Tensen tirou o anel de ouro do

dedo.

– Leve isto.

– Não posso levar.

– Eu quero que leve.

– Era do seu neto.

– É por isso que quero que leve.

– Tensen. Não.

– Pois não tenho o direito de me preocupar com você? – Tensen não olhou para o anel em sua mão estendida. Manteve os olhos fixos em Arin. – Você vai para o oriente não importa o que eu diga. Se não aceita o meu conselho, o mínimo que pode fazer é aceitar o presente deste velho.

Ainda relutante, Arin pegou o anel. Coube no seu dedo mínimo.

– Pode partir, então. – Tensen deu um tapinha no baú fechado com uma leveza deliberada, com o ar de quem escapa da emoção do momento e ao mesmo tempo não, porque esse escape era evidência da dificuldade de Tensen. Ele não estava mais encarando Arin. Isso fez o jovem se arrepender de ter pegado o anel. Fez com que se lembrasse da esmeralda da mãe. Fez com que se perguntasse qual dor era pior: abrir mão de algo valioso ou ver aquilo ser tirado de alguém. Em um lampejo a que teria resistido se pudesse, Arin lembrou de Kestrel na taverna, mordendo os lábios brancos enquanto ele a acusava. Ela tinha parecido encurralada. Tinha parecido acuada.

Não, *pega*. Era uma expressão de culpa.

– Passe em Herran no caminho para o oriente – Tensen disse, e Arin ficou feliz de ser tirado de seus pensamentos. – Tenho uma missão para você. – O ministro contou a Arin sobre a colheita de nozes-de-lareira.

– Onde conseguiu essa informação? – Arin perguntou.

Tensen sorriu.

– Você se encontrou com a Mariposa – Arin disse. – Fora do palácio. Por isso seus sapatos estão cheirando a peixe.

– Eu devia tê-los limpado – Tensen falou, com pesar.

Arin tentou imaginar Risha conversando com Tensen no cais ou talvez na Travessa das Carnes, mas não conseguiu.

– Quando foi esse encontro? É quase meio-dia. Você não estava na sala do trono hoje de manhã. – Ele lembrou que Kestrel também não.

Arin de repente ficou furioso consigo mesmo. Ele sabia exatamente o caminho que seus pensamentos estavam tomando. Mal podia acreditar. Mesmo agora, mesmo quando *sabia* o

que Kestrel tinha feito, mesmo quando a tinha ouvido *admitir* aquilo, ouvido de seus próprios lábios, a mente de Arin continuava jogando seu jogo doentio preferido. Notou que Risha definitivamente não cheirava a peixe. Ao contrário de Tensen. Que conveniente a imaginação de Arin ignorar a possibilidade de que Risha pudesse ter conversado com Tensen e depois trocado de sapatos antes de ir à sala do trono. Não, a mente desgovernada de Arin não se importava com a explicação lógica. Em vez disso, dava a Arin a imagem de Kestrel em seu vestido de criada. Encontrando-se com Tensen. Contando-lhe segredos.

– Pare – Arin vociferou. Tensen fechou a boca, com o rosto confuso. – Simplesmente pare. – Arin pressionou os dedos nas têmporas. Esfregou com força. – Você não precisa me dizer aonde nem quando foi. Não preciso saber.

– Arin, eu irritei você?

– Não.

– Então por que está irritado?

– Comigo mesmo. – Arin desceu a mão para apertar a parte de cima do nariz, enfiando o dedão no canto do olho esquerdo fechado. Ele ignorou como isso fez arder a pálpebra arranhada. Queria que aquela imagem de Kestrel desaparecesse. – É bobagem. – Arin se sentia exausto. Ele havia passado mal, não tinha dormido. Seu corpo estava muito pesado.

– Pelos deuses, Arin, sente-se. Você parece prestes a dormir em pé.

Sim, mentes cansadas pregam peças. Arin sabia disso. Ele tirou a mão do rosto. Encontrou uma cadeira, sentou e se sentiu melhor. Mais focado.

– Fui à cidade ontem à noite – ele disse a Tensen. – Perguntei à guarda-livros sobre as apostas do vestido. A engenheira-chefe do palácio sabia como jogar.

Tensen ouviu Arin explicar o que havia descoberto com a guarda-livros.

– Então, se o imperador pagou o senador por sua viagem a Herran com uma aposta de ouro – Tensen disse –, é possível que a engenheira hidráulica esteja lucrando com um favor parecido.

– Investigue isso.

– Vou investigar, mas o que você quer que eu faça com o que descobrir? Vai ser impossível mandar uma mensagem para você na cidade da rainha.

– Tem a ilha do templo – Arin disse. Os dacranos veneravam uma deusa e, como todos eram livres para adorá-la, os estrangeiros tinham permissão de aportar em uma ilha sagrada perto da costa sul do país. Era um grande centro comercial. – Você pode mandar uma mensagem para lá.

– Mesmo assim, correríamos o risco de a mensagem cair em mãos erradas. Falcões mensageiros podem ser capturados, códigos decodificados...

– Primeiro alguém teria que entender que está olhando para um código. – Arin tirou o saco

de carretéis enrolados. – Lembra-se dos guardadores de favores?

As horas foram se arrastando. O horário da refeição do meio-dia chegou e passou, e Arin e Tensen ignoraram a fome inquietante enquanto deliberavam sobre o código de barbantes, como cada cor representaria uma pessoa, assim como no novelo de barbantes do guardador de favores durante os anos de escravidão. Arin amarrou um número diferente de nós para cada letra do alfabeto herrani. Trançou sentidos na forma como uma cor cruzava outra e, no fim, segurava algo que parecia um ornamento que poderia ser costurado no punho de uma manga e exibido abertamente. Uma nova moda. Para quem visse, não pareceria nada além de decoração.

Preto era para o imperador. Amarelo, o príncipe. Tensen escolheu verde para ele mesmo.

– Tome. – Arin havia lhe entregado um novelo cinza. – Para sua Mariposa. – E acrescentou: – Para Risha.

Tensen sorriu.

Foi só depois que haviam escolhido uma cor para quase todos os cortesãos importantes que Tensen disse devagar, com um tom de que Arin viria a se lembrar:

– Não quer um barbante para lady Kestrel?

– Não. Não quero.



Naquele dia, Kestrel viu de sua janela os estandartes da barbacá serem levantados e soprarem na direção do mar com um vento que parecia quente. Uma chuva fina – não era neve – turvava a paisagem. Primeira Primavera chegaria antes do que Kestrel queria. Depois viria o Primeiro Verão e, com ele, o casamento.

Ela tirou os cadáveres de mariposas-mascaradas do seu envelope de papel em uma mesa de mosaico de mármore. Tinha dado metade de suas mariposas para Tensen no mercado, para caso ele quisesse deixar uma para ela no quadro na galeria.

Kestrel observou as mariposas mudarem para se camuflarem no mosaico. Depois, pegou uma com o dedo delicado e a observou mudar mais uma vez.

Sentiu um arroubo de fúria contra as mariposas por se esconderem tão bem. Resistiu à vontade de esmagá-las.

Ela não poderia tentar se explicar para Arin? Na noite anterior, Kestrel havia chegado perto de contar tudo para ele. Ainda poderia contar.

Sem saber o que fazer, Kestrel colocou as mariposas de volta no envelope.

Deliah veio. Kestrel havia esquecido que tinha marcado de experimentar um vestido diurno. A herrani cobriu o tecido de alfinetes em volta dela. Kestrel observou a janela se cobrir de névoa pela chuva.

Deliah parou de alfinetar.

– Acho que você deveria saber que Arin partiu hoje. Ele navegou quando os ventos subiram.

Kestrel desviou o olhar crispado. Voltou-se para a janela novamente, como se pudesse ver o porto e, além dele, as ondas e, sobre as ondas, um navio. Mas tudo o que Kestrel viu foram as muralhas do palácio. A chuva havia cessado. Havia erguido seu véu cinzento. O céu estava limpo agora e de um azul brutal.

Jovens cortesãos estavam fazendo pipas para os órfãos da guerra da cidade. Papel-manteiga preto era colado em molduras de gravetos e pintados com olhos dourados e penas de aves de rapina. Kestrel e Verex as levariam ao orfanato na Primeira Primavera.

No grande solário, que havia sido construído no palácio depois da invasão herrani, como se o imperador tivesse conquistado toda a história da arquitetura herrani junto com seu país, Kestrel fez uma corrente de papel para a cauda de uma pipa. Nas outras mesas, os cortesãos falavam baixo. Kestrel estava sentada sozinha. Seus dedos se moviam rápido, mas ela sentia como se outra pessoa os estivesse movimentando e ela não fosse nada além daquela boneca de pano que tinha visto em meio à multidão na Travessa das Carnes.

Kestrel pensou em quando visitaria as crianças. Quando lhes diria que seus pais haviam trazido glória ao império. Pensou em um navio velejando para longe.

Seus dedos pararam. Sua garganta se fechou. Kestrel mandou buscar um estojo novo de tintas. Começou a cobrir suas pipas com pinceladas de verde, azul e cor-de-rosa.

Ela ouviu um rugir de seda quando uma mulher sentou numa cadeira próxima à dela.

– Estão muito bonitas – Maris comentou. – Mas não são cores militares.

Kestrel mergulhou seu pincel num jarro de água, lavou-o ruidosamente e depois o mergulhou num pote de tinta roxa.

– São crianças, não soldados.

– Ora, você tem razão, claro. São cores muito mais alegres essas! Aqui, deixe-me ajudar.

Kestrel olhou brevemente para ela, mas Maris se contentou pintando em silêncio. Depois de fazer sua pipa parecer uma borboleta vistosa, Maris disse:

– Sua amiga tem um irmão maravilhoso. Conte-me tudo sobre ele. Ele está comprometido?

Kestrel ergueu o pincel. A tinta respingou em sua manga.

– Do que você está falando?

– Lorde Ronan. Muita sorte que os conquistadores de Herran nos trouxeram muito mais nobres rapazes, não é? Todo aquele território novo, tão belamente dividido pelo imperador dez anos atrás, acompanhado por adoráveis títulos de nobreza. Pena que a terra ficou para trás. Mas um lorde nunca deixa de ser um lorde. E ele é *muito* lorde! Outro dia mesmo, vi Ronan lutar na cidade e...

– Não viu. Não tem como ter visto.

Os olhos de Maris cintilaram.

– Não cabe a você decidir com quem ele pode ficar.

– Não foi isso o que quis dizer.

– Nem todas podemos ser imperatrizes. Eu preciso me casar. Tenho quase vinte anos. – Maris abaixou a voz. – Não quero ir para a guerra.

– Quis dizer que você deve ter visto outra pessoa na cidade. – Kestrel tentou falar com mais firmeza, mas já não conseguia acreditar em suas próprias palavras. – Ronan não está na capital. Ele viajou com Jess e os pais para o sul.

– Garanto a você que não.

– Eles partiram. – Os lábios de Kestrel tinham ficado dormentes. – Para cuidar da saúde de Jess.

A expressão de Maris mudou. Kestrel viu a mudança de confusão para uma compreensão curiosa até se fixar, enfim, numa compaixão que fez o estômago de Kestrel se revirar.

– Lady Kestrel – Maris disse –, você está enganada. Não sei por que a família deles evita a corte, mas Jess e Ronan frequentam muitos eventos na cidade. Eu os encontrei várias vezes. Eles estão na capital desde seu baile de noivado.



Kestrel foi à casa de Jess na cidade. O lacaio pegou o cartão dela, com seu selo pessoal gravado, e a convidou para a sala de recepção, que estava decorada por lanças polidas cruzadas. Não havia nenhum vestígio de pó. A casa não exibia nenhum sinal de ter ficado fechada para uma viagem de toda a família ao sul.

– A senhorita não está em casa – o lacaio disse.

– Mas a família está na residência? – Kestrel insistiu. – Jess *costuma* estar aqui?

O mordomo se remexeu e ficou em silêncio.

– O irmão dela está em casa? – Kestrel perguntou.

Como o lacaio continuou sem dizer nada, Kestrel perguntou:

– Você sabe quem eu sou?

– Ele não fica muito em casa. E a irmã...

– Se ela não está, vou esperar na sala de visitas até ela voltar – Kestrel disse, embora essa proposta implicasse o risco de ver Ronan.

O lacaio se inquietou.

– Não recomendaria isso, milady. Acredito que tanto o irmão como a irmã vão ficar fora por um bom tempo.

– Eu espero.

E ela esperou. Estava determinada a dormir no divã da sala de visitas se necessário.

A lareira queimava fraca. Seu chá esfriou.

Ela lembrou de Jess franzindo a testa enquanto dormia. Lembrou de esmigalhar a pétala de vidro do colar de Jess contra a cornija de mármore.

Seria o silêncio de Jess – sua ausência, suas mentiras – causado pelo presente quebrado? Talvez essa fosse a ofensa de Kestrel. Mas ela havia contado a Jess, e Jess a havia perdoado. Não?

Ou...

O que Ronan contara a Jess? Kestrel tinha pensado que o orgulho dele o impediria de contar à irmã sobre seu pedido de casamento a Kestrel na noite de Primeiro Inverno – e sobre sua rejeição, e quem Kestrel havia preferido no lugar dele.

O pavor a consumia. Quando o relógio bateu a terceira hora, ela se remexeu contra uma almofada, que exalou um vestígio do perfume de Jess. Uma flor branca de Herran, que se abriu na mente de Kestrel.

O perfume era fresco.

A sala de visitas tinha uma vista da rua. Kestrel podia ver sua carruagem e sua acompanhante esperando lá fora.

Kestrel resistiu à constatação. Ela não queria entender. Mas entendeu... Imaginou com clareza Jess sentada naquele mesmo sofá quando a carruagem de Kestrel estacionara. Jess havia dado instruções ao laçao. Depois se retirara para outra parte da casa. Estava esperando lá. Esperando Kestrel ir embora.

Foi o perfume que fez os olhos de Kestrel lacrimejarem.

– Volto outro dia – Kestrel disse ao laçao na saída, mas, quando pôs o pé na carruagem, ela olhou para o alto por sobre o ombro e viu o tremular de um tecido numa janela alta da casa. Uma cortina havia sido aberta. Alguém a estava observando.

No instante em que Kestrel olhou, a cortina se fechou.



Enquanto atravessava a barbacá, ouviu os guardas do palácio rindo.

– Para onde ele anda desaparecendo esses dias? – um deles disse.

– Para os canis – outro respondeu. – Anda brincando com os filhotes no meio da sujeira. O lugar perfeito para nosso ilustre príncipe, creio eu.

Kestrel parou. Ela voltou e abordou os guardas. Eles não ficaram com medo, o que significava que achavam que ela compartilhava de seu desprezo.

Ela olhou para o guarda que havia falado por último. Kestrel o estapeou. No silêncio espantado que caiu, Kestrel apertou a mão dolorida e saiu andando.



Verex estava escondido em um dos cercados do canil, sentado numa cama de palha imunda e acariciando um filhote com um pano embebido de leite. O filhote estava deitado tranquilamente nas mãos de Verex, com a pele frouxa e enrugada, e os olhos fechados.

Quando viu Kestrel, Verex também pareceu um animal, encurralado e desconfiado.

– Não diga – ele pediu a ela.

– Dizer o quê?

– O que vai dizer.

Ela se debruçou na grade do cercado de madeira.

– Pode me ensinar a fazer isso?

A mão que segurava o pano se ergueu com a surpresa. Gotas de leite pingaram no filhote.

Kestrel entrou no cercado, sentou-se ao lado de Verex na palha e estendeu a mão em forma de concha.

– Não. – Ele ergueu a palma esquerda da mão dela para encontrar a direita e formar uma concha maior. – Assim. – Ele colocou, delicado, o animalzinho nas mãos dela. Era um calor contagiante, macio e sem ossos. Todo o corpo dele se movia junto com a respiração. Kestrel se perguntou se tinha sido assim quando bebê nos braços do pai, como se ele tivesse sido tranquilizado e confortado a ponto de segurá-la como ela segurava aquela criatura.

– Ela é tão pequenininha – Verex disse. – A mãe dela se recusa a amamentá-la. – Ele lhe mostrou como colocar o pano de leite na boca da filhote.

– Preciso contar uma coisa para você.

O príncipe brincou com um fio de palha.

– Ah, já descobri. Não é difícil adivinhar o que meu pai usa para ameaçar você. – Ele viu o olhar de espanto dela. – Não para alguém que o conhece como eu. Ele teria mandado torcer o pescoço desse cachorro mesmo se a mãe o amamentasse. Ele não gosta dos fracos. Mas adora descobrir uma fraqueza. E agora seu governador foi embora.

Ela manteve os olhos turvos fixos no filhote.

– Não era isso o que eu tinha em mente. Não era isso o que eu queria contar.

– Mas é a verdade. Você o ama. Essa é a sua fraqueza. De uma forma ou de outra, é o motivo por que aceitou se casar comigo.

Kestrel passou o polegar na dobra macia de uma das orelhinhas. Ela olhou para a filhote, cega e adormecida mesmo enquanto mamava.

Verex disse:

– Ninguém gosta de ser usado.

– Sinto muito. Não era minha intenção usar você.

– Sinceramente, eu estava preparado para ser usado. Afinal, estamos na corte. Nunca sonhei... bom, sou filho do meu pai, não sou? É óbvio que meu casamento seria arranjado. É óbvio que eu não teria o direito de escolher. Sei que você sente raiva. *Eu* sei que sinto e que essa raiva me consome, mas... eu teria entendido, Kestrel, sobre o noivado. Entendo você agora. Você poderia ter me contado o *porquê*.

– Você acha que esse *porquê* importa?

– Você não acha?

– Verex, fez uma coisa terrível. – As costelas da filhote subiam e desciam enquanto Kestrel contou a Verex sobre seu plano para envenenar os cavalos das planícies orientais e por que o havia sugerido.

Ele ficou em silêncio. Uma mão se contorceu na palha. Kestrel pensou que ele queria tirar a filhote dela, mas ele não se moveu.

Ela disse:

– Fiquei sabendo que você não concorda com a guerra no oriente.

– Meu pai me acha mole. Ele tem razão.

– Você deve me culpar ainda mais por isso.

– Por ser dura? – Ele tirou o cabelo louro dos olhos para que pudesse vê-la melhor. – É assim que você se vê?

– Se eu não tivesse sugerido veneno, talvez as planícies não tivessem sido queimadas. Talvez nosso exército não tivesse feito nada.

Ele soltou uma gargalhada cética.

Ela disse:

– Se eu nunca tivesse conversado com seu pai, pelo menos o que quer que acontecesse não teria sido minha culpa.

– Não acredito que ignorância seja o mesmo que inocência. – Ele se recostou na palha farfalhante e malcheirosa. – Acho que você fez o melhor que pôde. Risha vai pensar o mesmo quando eu contar para ela.

– Não. Não conte para ela. Por favor.

– Eu conto tudo para ela – ele disse simplesmente.

O olhar de Kestrel recaiu sobre a filhote. Ela se perguntou como seria poder contar tudo a alguém. Acariciou a criatura macia.

– Ela vai sobreviver?

– Espero que sim.

Um jorro rápido e quente correu por entre os dedos de Kestrel. Ela soltou um gritinho agudo. A urina da filhote desceu pingando pela sua manga.

Verex arregalou os olhos já grandes.

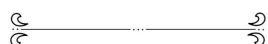
– Que sorte a sua.

– Sorte?

– Não é isso o que a maioria dos filhotes faz, sabe. Poderia ter sido pior.

Kestrel sorriu.

– Verdade – ela disse. – Você está certo. – O sorriso dela cresceu e se abriu numa gargalhada.



As servas ficaram horrorizadas. Prepararam o banho e praticamente arrancaram as roupas dela. Mas Kestrel afagou aquela sensação desprendida do perdão de Verex. Fez com que flutuasse em seu banho quente.

Ela pediu para ficar sozinha.

O banho esfriou. Seu cabelo, escurecido pela água, caía liso e lustroso sobre seus seios como uma armadura.

Arin a havia mudado. Era hora de admitir isso.

Kestrel se levantou no banho. A água a cobria. Ela se cobriu com os braços, estranha e irracionalmente acanhada pela própria nudez.

Que tipo de mudança Arin havia produzido nela?

Ela se lembrou do último verão e da sensação de que ele estava abrindo os olhos dela para o mundo. Ela pensou na filhote, em sua cegueira aveludada, e no desejo dela de nunca ter ouvido nenhum plano para as planícies orientais, para que não carregasse nenhuma responsabilidade pelo que havia feito.

Kestrel pensou que precisava abrir ainda mais os olhos.

Ela olhou.

Havia o roupão de pelúcia em torno dela, pois a noiva do príncipe precisava de conforto. Ela viu os vitrais nas janelas da sala de banho, pois uma valoriana precisava de beleza. Anéis de ouro cintilavam úmidos nos dedos enrugados de Kestrel. As guerras do general tinham trazido luxo para a filha.

E havia as regras. Elas pairavam invisíveis no ar úmido. Mas quem as decidia? Quem havia decidido que um valoriano honrava sua palavra? Quem havia convencido seu pai de que o império precisava continuar a digerir países inteiros e que escravos eram o direito de conquista de Valória?

Seu pai se atinha à sua honra com tanta firmeza, como algo sólido, algo que não tinha como ser arrancado dele. Passou pela cabeça de Kestrel que ela já havia pensado sobre a honra de seu pai e a de Arin, mas não sabia que forma dar à dela mesma.

Era uma desonra, ela concluiu, aceitar a honra de outra pessoa sem questionar.

Kestrel se agachou para tocar a torneira e o cano da banheira. Havia água corrente nas casas herranis, para as fontes principalmente, mas o palácio imperial era alimentado por um sistema engenhoso de canos que bombeavam água quente das fontes térmicas da montanha, aquecidas ainda mais com uma fornalha, e bombeada para os pisos mais altos. Esse sistema tinha sido inventado pela engenheira hidráulica chefe, a mesma que havia projetado os canais.

No dia seguinte à partida de Arin, Tensen pedira a Kestrel para investigar uma coisa. “A engenheira hidráulica chefe fez um favor ao imperador”, ele dissera. “Consegue descobrir o que foi?”

Kestrel tirou a mão do cano da banheira ainda morno que entrava no chão e desaparecia dentro dele. Ela foi até a janela e parou sob a luz do vitral reluzente. Suas mãos brilhavam em azul e rosa-escuro. Ela moveu o trinco e abriu a janela. Tudo ficou claro. O ar estava puro. Kestrel pôde sentir o aroma no vento: aquilo que a sopraria para a frente, rumo ao calor, ao desabrochar das flores, às árvores em pólen e depois em verde puro.

Primavera.

No sexto dia no mar, Arin parou de sentir enjoo. Naquela noite, não havia nuvens. As estrelas cobriam o céu. O navio ficou abonançado pela calmaria.

Arin estava no convés, virando a adaga de Kestrel entre as mãos. No fim, havia decidido levá-la consigo. Era dele agora, graças ao seu sangue. Ao menos era o que ele dizia a si mesmo.

Ele a embainhou. Inclinou a cabeça para trás e admirou a faixa de estrelas que arqueava sobre ele em uma mancha cintilante.

Sarsine parecera muito cansada quando Arin a tinha visto no caminho vindo da capital. Ele tinha ficado preocupado sobre o rosto pálido e as olheiras dela.

Ela bufara.

– É a comida.

– O que há de errado com ela?

– Não tem o suficiente. – Ela havia suspirado nesse momento e dito que todos os herranis andavam cansados.

– Isso vai mudar – ele lhe disse. Ele explicou como salvar a colheita de noz-de-lareira. Sarsine havia tocado o dorso da mão dele em sinal de gratidão. Depois, lhe lançara um olhar duro. Havia um fulgor em seus olhos. Ela disse:

– Olhe só o que fizeram com você.

– Não é nada.

Mas ela chorou pelo seu rosto desfigurado, o que o fez se sentir pior. Arin a deixou. Ele não sabia o que fazer além disso.

Mais tarde, Sarsine disse:

– Agora conte o que não contou.

Então ele lhe contou sobre Kestrel. Arin ficou lembrando agora, enquanto se virava para olhar para o espelho negro do mar.

Sarsine tinha ficado em silêncio. Eles estavam na biblioteca da casa da família deles, não no salão. O piano de Kestrel ficava no salão. Embora fora da vista, o instrumento pairava em sua mente: grande, reluzente. Intrusivo. Ele queria se livrar do piano.

Sarsine disse:

– Não me parece ela.

Arin respondeu com um olhar frio.

– Você a conhece melhor do que eu – Sarsine admitiu.

Ele balançou a cabeça.

– Eu estava mentindo para mim mesmo.

Ele sentia como se estivesse confuso por muito tempo, que a última coisa clara que fizera tinha sido afirmar que o tratado do imperador era um golpe. Arin sabia que seu exército teria perdido naquele dia. Os valorianos já tinham quebrado as muralhas da cidade. Mas o combate teria sido feroz. Os herranis teriam lutado até a morte. Teriam matado tantos quanto pudessem. O tratado acabou sendo uma vitória sem derramamento de sangue para o imperador: uma maneira de secar os recursos de Herran sem perder nenhum outro soldado valoriano.

Pode ser um golpe, Kestrel havia dito, mas você vai aceitar.

Nevava na época. A neve havia coberto os cílios dela. Antes, ele se perguntava o que teria acontecido se tivesse estendido a mão para tirar a neve. Imaginava os flocos derretendo-se em seus dedos. Sentiu vergonha ao se lembrar disso.

Arin não havia pegado no sono no convés de seu navio estranhamente parado, mas sentia como se estivesse sonhando. Como se sonhos e lembranças e mentiras fossem uma coisa só.

Ele se assustou com o som de um peixe saltando na água. Não fazia ideia de quanto tempo tinha ficado ali. As estrelas haviam se movido no céu.

Com frio, exausto, Arin desceu as escadas.



Ele deixou o inverno para trás. O vento havia ganhado força. Orçava as velas. Enchia suas barrigas de pano. O capitão herrani, que tinha sido uma verdadeira lenda antes da guerra, se regozijou. O navio acelerou sobre as ondas.

O sol se transformou em manteiga derretida. Arin tirou o paletó quente e surrado do pai. Não queria vesti-lo mais.

O mar se abriu em verde: incrivelmente claro. Arin via mundos inteiros na água. Peixes se separavam e se encontravam e se reagrupavam, como peças de um quebra-cabeça colorido.

Em certo ponto, uma criatura saltou da água. Sua barbatana dorsal era rosa e rajada. Soltou um estranho som sibilante e voltou a mergulhar.

A ferida de Arin enfim cicatrizou. Ele arrancou os pontos sozinho.



Agora estava realmente em águas orientais. O vento, o mar e o sol tornavam mais fácil não pensar.

Nem sempre, porém. Houve um dia brilhante e quente em que o sol estava a pino sobre a cabeça de Arin e ele viu o que parecia ser a sombra de um navio na água. Então, a sombra grande mudou e deslizou de uma forma que não fazia sentido. Arin ficou olhando,

percebendo que a sombra era na realidade uma enorme criatura marinha nadando bem embaixo do navio. Ele não havia entendido o que tinha visto.

Ouviu as palavras de Tensen novamente: *Você está vendo o que quer ver.*

Arin pensou em Kestrel e se perguntou se algumas feridas eram capazes de cicatrizar. Seu coração martelava em seus ouvidos. O ódio voltou a atordoá-lo.

Mas o que Tensen quer que você veja?, sussurrou uma voz dentro dele. Esse simples pensamento era um insulto a Tensen, que havia advertido Arin desde o princípio sobre sua obsessão por Kestrel.

Arin conseguia entender agora – de maneira dura, desagradável – que Kestrel tinha sido sincera com ele. Por muito tempo, ela havia tentado esclarecer as coisas. Ela havia mandado tropas para atacar as forças de Arin depois que fugira de Herran. Havia lhe contado do seu noivado. Em nenhum momento – Arin se crispou ao pensar –, ela havia respondido aos seus avanços. E, quando ele lhe havia perguntado sobre o ataque valoriano às planícies orientais, ela não tinha negado seu envolvimento. A culpa era clara em seu rosto.

O sol do meio-dia castigava a cabeça de Arin. Ele havia martelado seus pensamentos até se tornarem uma forma de não pensar: lisos e lustrosos como um escudo.

Arin girou o anel de Tensen no dedo, mas não o tirou.



O navio cortou as águas cor de jade do delta rumo à cidade da rainha oriental. Chegou o momento em que a embarcação não tinha mais como avançar. Arin entregou o anel de Tensen ao capitão. Arin o havia envolvido em um lenço margeado por uma mensagem costurada em código.

A mensagem dizia a Tensen que Arin chegara à cidade da rainha com segurança. Uma mentira inocente. Era quase verdade. Arin não queria que o velho se preocupasse. Quanto ao anel...

Eu não suportaria perder um presente como esse, Arin havia costurado no lenço.

Em seguida, afivelou a adaga de Kestrel, que ele bem que *queria* perder.

Arin desceu sozinho para um barquinho. Saiu remando para longe do navio, que navegaria de volta para Herran. O capitão passaria o anel e a mensagem para outras mãos. Havia o pequeno risco de o anel não chegar a Tensen. Poderia cair nas mãos de um valoriano. Mas Arin confiava menos ainda em si mesmo e não estava preocupado que o anel em si pudesse ser identificado. Era completamente banal.

Arin estava de frente para o navio enquanto remava para longe. Quando entrou num rio fino margeado por juncos, não podia mais ver o barco. Por duas vezes, rajadas de tempestades surgiram do nada, encharcaram sua pele e desapareceram.

O rio deu lugar a canais sinuosos. Havia começado a cidade. Ela era erguida com pedra

branca e lustrosa e com pontes pequenas sobre cada canal, como braceletes nos braços de uma dama. Em algum lugar, um sino começou a badalar em uma torre.

Arin estava começando a navegar tranquilo pelo labirinto aquático da cidade... mas não pelos olhares. Os barcos esguios que deslizavam pelo canal faziam seu barquinho parecer um enorme pato. Mesmo se isso não o marcasse como estrangeiro, sua pele o teria denunciado. As pessoas paravam o que estavam fazendo para olhar para ele. Um menino que lavava roupas no canal ficou tão espantado que deixou cair a camisa em suas mãos: ela saiu flutuando para dentro do canal, depois foi puxada pela corrente.

A notícia deve ter viajado à frente de Arin ou corrido ao longo das margens dos canais.

Arpões foram lançados sobre a água e capturaram o barquinho de Arin. Um arranhou seu braço e riscou uma pequena linha vermelha.

O barco de Arin foi puxado para um píer, onde ele foi logo capturado.

A prisão não era terrível. Tinha uma pequena janela com vista para o céu.

Quando o tiraram à força do barco, Arin havia tentado se explicar, mas, embora sua língua soasse parecida com o dracano, como se uma pele fina fosse tudo o que os impedia de entendê-lo, os orientais olhavam para ele com a mesma frustração incompreensiva que Arin sentia.

Os olhos pretos deles eram maquiados com as cores do pôr do sol. Homens e mulheres tinham o cabelo cortado rente e usavam as mesmas calças e camisas largas. Quando caiu uma violenta chuva repentina que fez as gotas saltarem na margem pavimentada do rio, ela encharcou o tecido branco, revelando músculos definidos.

Levaram a adaga de Kestrel. Ao verem uma arma imperial, algo no ar entre Arin e eles endureceu mais.

Uma mulher lhe fez uma pergunta breve.

– Olhem para mim – Arin havia respondido. – Não sou valoriano. – Os dracanos podiam ver seu cabelo escuro, o cinza dos olhos herranis. Deviam saber que ele tinha sido escravo de seus inimigos.

Mas sua última palavra havia agravado a situação dele. A tensão ficou mais forte.

– Por favor – ele dissera. – Preciso falar com sua rainha.

Isso eles entenderam.

Houve um avanço súbito contra ele. Seus braços foram torcidos atrás das costas. Suas mãos foram amarradas, e ele foi levado à força.

Em sua cela, Arin passou a mão sobre o retângulo de céu azul. Ele o bloqueava, o revelava, bloqueava de novo. Então, deixou a cor entrar por completo. As paredes de sua sala de aula em Herran tinham sido pintadas daquela cor. Arin pensou nos tempos em que seu pai ia ouvir a lição de lógica e mandava o tutor sair. Ele assumiria dali.

O prazer tranquilo dessa lembrança tentou fazer companhia para Arin. Quando escapou, Arin notou que estava com medo.

Um estrangeiro armado com uma adaga imperial pedindo para ver a rainha.

Arin havia sido muito idiota. Mas não idiota o suficiente para conseguir ignorar o que poderia esperar por ele quando alguém abrisse a porta da prisão.

Ele passou a mão na bochecha, sentiu a cicatriz saltada e sensível. A dor não era novidade para ele. Os valorianos haviam lhe mostrado as formas como o corpo pode ser traiçoeiro.

Quando Arin era escravo nas pedreiras, Logro também havia tentado lhe ensinar isso. Era para o próprio bem de Arin, ele dissera. Arin precisava aprender a resistir. Logro havia cortado

o lado de dentro do braço de Arin com uma pedra afiada. Arin havia sufocado um grito diante da visão de sangue. Segurara a mão de Logro. “Pare”, ele pedira. “Por favor.”

“Tudo bem, tudo bem.” Logro finalmente soltara. “Também não quero fazer isso. O que posso dizer? Gosto demais de você.”

E Arin, que tinha 12 anos na época, sentiu-se ao mesmo tempo envergonhado e grato.

Havia vários fins à história dessa cela de prisão oriental, dessa janela. A maioria não terminava bem. Arin não sabia como reagiria à tortura.

Lembrou-se de contar seu plano para Tensen. Viajaria para o oriente. Conquistaria a simpatia e o apoio da rainha. Fácil. Em sua memória, a própria voz de Arin chegava a soar displicente.

Não, não exatamente.

Arin estava *ansioso* para deixar a capital. Desesperado. Precisava escapar e sabia de quem estava fugindo. Como Arin poderia confiar em seus próprios instintos quando Kestrel havia provado que ele estivera tão terrivelmente enganado? Arin deveria saber que navegar para o oriente era uma má ideia. Jurou que, a partir de então, duvidaria de tudo em que quisesse acreditar.

Houve passos, vários, aproximando-se do outro lado da porta grossa de sua cela.

Lógica é um jogo, surgiu a lembrança da voz de seu pai. *Vamos ver como você joga*.

Havia uma janela em sua cela.

Um prisioneiro seria atraído para ela, como um inseto para a luz. Como ele estava.

Quem quer que estivesse vindo esperaria vê-lo perto dela.

Arin se afastou.

Posicionou-se no caminho em que a porta se abriria. Quando ela se abriu e um homem começou a entrar, Arin bateu a porta com força contra ele. Puxou o homem por trás e enforcou seu pescoço com o braço.

O guarda gritou em sua língua.

– Solte-me – Arin disse, embora fosse ele quem estivesse segurando o homem. – Tire-me daqui.

O dracano ofegou. Arranhou os braços de Arin, seu rosto. Falou novamente e só então Arin se lembrou de que tinha ouvido mais do que um par de passos.

O outro par pertencia a um homem parado no batente.

“Faça alguma coisa!”, Arin pensou que o guarda que ele segurava devia estar tentando dizer. Porque o segundo dracano estava estranhamente imóvel. Arin ergueu os olhos, sem entender o que o impedia de entrar na briga ou negociar pela vida do companheiro.

Em silêncio, o homem deu um passo para dentro da cela. A luz iluminou seu rosto. O

braço de Arin apertou mais firme em volta do pescoço do guarda.

O homem no batente tinha um rosto de crânio. Não tinha a ponta do nariz, suas narinas eram fendas anormalmente largas. Uma cicatriz que arranhava o lábio superior mostrava que o movimento da faca havia descido para cortar seu nariz. As orelhas do homem não passavam de orifícios.

– Você – o homem disse a Arin em herrani. – Eu me lembro de você.

O dia anterior ao que Kestrel o comprara.

O escravo oriental que havia tentado fugir.

O imperador vai ter o que merece, ele dissera a Arin.

– Vejo que você também ganhou suas marcas – disse o dracano parado no batente da porta da cela. – Mas ainda não está tão bonito quanto eu.

– Quem é você?

– Seu tradutor. Não vai soltar o guarda? – Ele apontou com a cabeça para o guarda, desmaiado sob o braço de Arin.

– O que vai acontecer comigo se eu soltar?

– Algo melhor do que se não soltar. Por favor, meu rapaz. Acha que minha rainha se daria ao trabalho de mandar alguém que fala sua língua se lhe desejasse mal?

Arin deixou o guarda escorregar para o chão.

– Bom menino – disse o homem de rosto de caveira, e ergueu a mão. Arin pensou que era para tocar em sua cicatriz ou talvez colocar a palma da mão em sua bochecha, como faziam os homens herranis. Era um gesto inapropriado para se fazer a um estranho, que dirá um estrangeiro, mas Arin decidiu deixar.

O homem usava um anel pesado e sua mão não foi em direção ao rosto de Arin, mas ao seu pescoço.

O anel picou Arin. Fez entrar uma pequena agulha que agitou seu sangue.

Os membros de Arin viraram chumbo. A escuridão subiu pelo seu corpo, abriu a bocarra e o engoliu por inteiro.



Uma mulher chorava. As lágrimas dela caíam mornas sobre sua sobrancelha, seus cílios, sua boca.

Não chore, ele tentou dizer.

Por favor, ouça, ela dizia.

Ele ouviria, claro que ouviria. Como ela poderia pensar que ele não daria ouvidos? Mas, quando Arin tentou responder, houve um farfalhar em sua garganta. Ele pensou em folhas. Lembrou-se da punição do deus da música, como ele havia sido castigado a ficar no tronco de uma árvore por um ciclo do panteão: cem anos de silêncio. Arin sentiu sua pele rachar como a casca de um tronco. Gravetos brotavam dele. Folhas cresciam. Enchiam sua boca de verde. O vento soprava seus galhos.

Arin abriu os olhos. Caiu água dentro deles. Ele piscou e percebeu que ninguém estava chorando sobre ele. Ele estava num barco embaixo da chuva. Estava amarrado, deitado de costas em uma embarcação lenta e estreita não muito diferente de uma canoa.

A chuva parou. Uma libélula de asas grandes como as de um pássaro voou sobre ele. Ela cintilou em tons de vermelho contra o céu subitamente azul.

Arin se debateu contra as amarras.

O barco se agitou e um rosto surgiu sobre ele. As mutilações do oriental eram mais marcantes à luz do sol. Ele estalou a língua.

– Não passou pela sua cabeça, pequeno herrani, que a rainha poderia ter me mandado para traduzir um interrogatório de uma natureza não muito amigável? Você é bem inocente.

Com a unha de um dedo, ele abriu o minúsculo compartimento na parte debaixo do anel. Tocou em Arin, e o crânio, o céu e a libélula escarlate desapareceram.



O imperador estava furioso. Ele demonstrou isso de algumas maneiras.

Ao ministro herrani da agricultura, que havia transmitido a notícia da safra de noz-de-lareira infestada, o imperador enviou um convite pessoal a uma apresentação teatral da conquista de Herran. Tensen tinha um lugar na primeira fileira e levou respingos de sangue animal durante a morte da família real herrani.

A corte usava formas adúlteras para acalmar o temperamento do imperador. Isso o irritou com consequências desastrosas. Muitos aristocratas descobriam que seus filhos e filhas haviam “decidido” abruptamente se alistar no exército e foram enviados ao oriente.

– Não cruze o caminho dele – Verex disse a Kestrel.

– Não é culpa de ninguém que as vespas-das-galhas arruinaram a safra. Ele não tem como me culpar.

– Ele culpa todo mundo.

Mas, com Kestrel, o imperador foi completamente gentil – a ponto de paparicar, até o dia em que anunciou que ela deveria comparecer a um desfile militar no final da semana.

– Seu pai está voltando para casa.

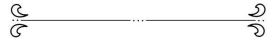
Em sua mente, Kestrel voltou a ser criança, montada em seu pônei para sair e encontrar o pai, para ser a primeira a ver sua bravura sobre o cavalo, gloriosamente encardido pela batalha. Ela usava a espada infantil que ele lhe dera. Ele sorria para ela. Chamava-a de sua pequena guerreira.

– Tome cuidado, Kestrel – disse o imperador. – É claro que você pode agir naturalmente perto de *mim*. Não existe necessidade de esconder nada. Mas a sociedade não vai entender uma felicidade tão evidente em seu rosto, não quando seu pai está ferido.

– Ele foi ferido?

Kestrel perguntou, perguntou o que pareceu umas cem, mil vezes, como seu pai estava, a gravidade de seu ferimento, onde, como. Ele estava voltando para Valória para descansar ou para morrer?

O imperador encolheu os ombros, sorriu e disse que não sabia os detalhes.



Uma serpente negra atravessava a cidade. Das ameias do palácio, Kestrel podia ver a serpente cintilar pequenas escamas douradas. Ela se esforçou para discernir a linha de frente dos soldados vestidos de preto. A sensação era de que alguém estava cobrindo seu nariz e sua boca. Seu medo lhe causava falta de ar.

Verex tocou em seu braço com doçura.

O imperador notou. Sua expressão era incompreensível. Verex o encarou, desafiador, e Kestrel se sentiu um pouco melhor.

O batalhão subiu a montanha, as botas de mais de mil soldados martelavam a estrada de pedra. Bandeiras pretas e galhardetes dourados tremulavam ao vento. Kestrel tirou uma pequena luneta do bolso da camisa.

– Que falta de dignidade – disse o imperador. – Você acredita que seu pai gostaria que você visse o rosto dele antes que ele visse o seu? Ele é um inimigo para que você o espione? Mostre respeito ao meu amigo.

Kestrel ficou vermelha. Guardou a luneta.

Só havia os três nas ameias: o imperador, o príncipe e ela. O restante da corte havia se reunido no pátio interno, enfileirados segundo seu grau de nobreza, rígidos e em silêncio. Muitos sabiam o que significava lutar. Os demais pensavam saber. Todos estavam parados em atenção.

Então, Kestrel ouviu as tropas pretas marcharem mais perto e pôde ver, à frente da linha, um homem sobre um cavalo, liderando os demais.

O coração de Kestrel pareceu chocar dentro dela algo que saiu voando aos céus. Seu pai devia estar bem. Seu ferimento não podia ser tão mal, senão ele teria sido carregado numa liteira ao palácio.

Kestrel deixou de se importar com a tal da dignidade. Disparou até os degraus de pedra que desciam as muralhas. Desceu a escadaria correndo, tropeçando na bainha do vestido, segurando-se no corrimão, maldizendo seus saltos.

Entrou no pátio no mesmo momento em que as cornetas soaram sua fanfarra. Os portões da barbacã se abriram e o batalhão entrou marchando.

O general cavalgou na direção de Kestrel. Aquela sensação alada dentro dela vacilou. O rosto de seu pai estava cinza. Um enorme curativo envolvia o sangue que escorria de seu torso.

O general parou o cavalo. O batalhão parou atrás dele e as muralhas do pátio ecoaram em silêncio.

Kestrel avançou na direção dele.

– Não – disse seu pai. Ela parou. Ele desmontou. Era agonizante ver como ele se movimentava devagar. Sangue descia pela sela. Mais uma vez, Kestrel quis ir até ele. Quando ele desceu para o chão pavimentado, ela quis oferecer o braço. Não de uma maneira óbvia. Uma filha não poderia andar de braço dado com o pai? Mas ele ergueu a mão de luva.

Ela se aproximou mesmo assim.

– Deixe-me ajudar.

– Não me envergonhe.

As palavras do general foram ditas baixo, entre os dentes. Ninguém ouviu a conversa. Mas Kestrel sentiu como se todos tivessem ouvido, e que todos reunidos ali sabiam tudo o que havia para saber sobre ela e seu pai enquanto ele guiava o caminho para dentro do palácio e ela era obrigada a seguir atrás.

Ele recusou os medicamentos.

– Há uma linha tênue entre remédios e veneno – ele disse.

O copo estava nas mãos do curandeiro, não de Kestrel, mas ela reagiu como se *ela* tivesse sido acusada.

– Ninguém envenenaria você – ela disse ao pai.

– Não foi isso o que ele quis dizer – Verex interveio.

Todos olharam para ele, inclusive o imperador, cuja expressão era a mesma de quando Verex confortara Kestrel sobre a muralha. O rosto do médico imperial, porém, demonstrava um respeito claro pelo príncipe. O pai de Kestrel apenas estreitou os olhos e pareceu cansado, e se recostou na cama ensanguentada. Kestrel não fazia ideia do que seu rosto revelava.

– Quase tudo o que cura também pode causar mal... dependendo da quantidade – Verex disse. – Mesmo na quantidade certa, o general pode não gostar dos efeitos colaterais.

– É apenas para combater a infecção – disse o médico – e fazer você dormir.

– Exatamente – disse o pai de Kestrel. O jeito como ele olhou para o remédio deixou claro o que faria caso o copo chegasse mais perto dele.

– Preciso limpar o ferimento.

– Pode muito bem fazer isso enquanto estou acordado.

– Por favor, pai – Kestrel disse. Ele a ignorou.

– Meu velho amigo – disse o imperador –, você provou seu valor mais de mil vezes. Não há necessidade para tanta teimosia.

– Ele pode beber à força – Verex sugeriu. Todos o olharam horrorizados.

– Você vai beber – o imperador disse ao general Trajan. – É uma ordem.

O pai de Kestrel suspirou.

– Odeio estar em menor número – ele disse, e bebeu.

Ele piscou com os olhos pesados. Voltou o olhar na direção de Kestrel. Ela não soube se ele pretendia falar ou apenas olhar e, se era para olhar, não soube o que ele queria ver ou o que viu. Mas ela segurou o ar, esperando uma palavra. Um gesto. Um gesto teria bastado.

Ele fechou os olhos. Seu rosto pareceu ficar mais lento. Ele dormiu.

Kestrel percebeu que ela nunca tinha visto seu pai dormir. Sem que soubesse como, foi isso o que fez as lágrimas por fim caírem.

– Não é tão grave – disse o imperador, mas as expressões no rosto do médico e de Verex

discordavam. – Tome. Chega de lágrimas. – O imperador lhe ofereceu um lenço e sua voz era doce.

Verex desviou o olhar.

Quando o imperador saiu, o médico disse a Kestrel:

– Seria melhor a senhorita sair também, milady.

– Não.

O médico tentou esconder sua impaciente desaprovação.

– Não vou desmaiar – ela disse, embora não confiasse em sua própria promessa.

– Você se importaria se eu ficasse também? – Verex perguntou para ela. Embora a pergunta soasse humilde, ela conseguiu encerrar o assunto. O curandeiro se pôs a trabalhar.

Verex conversou com ela o tempo todo. Descreveu o que cada instrumento do curandeiro estava fazendo e as propriedades antissépticas da lavagem.

– Ferimentos abdominais são perigosos – ele disse –, mas a lâmina não atingiu nenhum órgão interno.

– Como você sabe? – Kestrel perguntou.

– Ele já estaria morto a esta altura – o curandeiro disse, brevemente.

Era um corte longo e profundo. Expunha camadas rosa de carne e descia direto até a gordura amarelada. O antisséptico do curandeiro efervesceu na ferida e o sangue escorreu.

Kestrel sentiu o corpo leve, como se passasse mal. Ela iria desmaiar afinal. Então, olhou para o rosto adormecido do pai e se perguntou quem o protegeria enquanto ele dormia, se não ela. Ela manteve os olhos abertos. Fixou os pés no chão.

– Profundo demais para pontos – o médico murmurou.

– Em vez disso, ele vai fazer uma compressa com gaze úmida esterilizada – Verex explicou. – Vai cicatrizar devagar, de dentro para fora. – A voz do príncipe era forte e segura. Estava transformando as palavras negativas do médico em algo esperançoso. – Na verdade, é o melhor jeito de evitar a infecção, porque a ferida pode ser limpa todos os dias.

O médico olhou para ele de lado.

– Acredito que não preciso da narração.

Mas Kestrel precisava e Verex sabia disso.

Quando tudo estava terminado, o sangue limpo e a ferida escondida sob chumaços de gaze, o pai de Kestrel lhe parecia ao mesmo tempo maior e menor do que nunca. Antes, seu rosto sempre lhe parecera esculpido em pedra. Estava mais suave agora. As marcas de sol que se abriam de seus olhos fechados estavam brancas como cicatrizes tênues. Seu cabelo castanho-claro não tinha nenhum vestígio grisalho. Quando ela nasceu, ele era jovem. Agora, ainda não era velho. Contudo, parecia arcaico.

O médico saiu. Avisou que voltaria depois. Verex trouxe uma cadeira para que Kestrel pudesse se sentar à beirada da cama do pai. Ele voltou a ficar constrangido. Seus ombros curvados se acorcovaram um pouco mais quando perguntou se ela precisava que ele ficasse.

Ela fez que não.

– Obrigada... Obrigada pela ajuda.

Ele sorriu. Havia um quê de surpresa em seu sorriso. Kestrel pensou que ele não devia estar acostumado a receber gratidão.

Então ela ficou sozinha com o pai. A respiração dele era lenta e regular. A mão estava com a palma voltada para cima ao lado de seu corpo na cama, com os dedos ligeiramente curvados.

Kestrel não conseguia lembrar da última vez que havia segurado a mão dele. Ela era criança na época? Era óbvio que devia ter segurado a mão dele antes.

Ela hesitou, depois deixou a mão cair sobre a dele. Com a outra, fez os dedos relaxados dele apertarem os dela.



Ele acordou no meio da noite. A luz da lamparina estava fraca. Seus olhos abriram apenas de leve e vislumbraram sob a luz débil. Ele os abriu mais. Viu Kestrel e não sorriu, não exatamente, mas sua boca se moveu. Sua mão apertou a dela.

– Pai. – Kestrel teria continuado, mas ele fechou os olhos por um momento como alguém que diz *não* sem abrir a boca, sem forças para mexer a cabeça. Com ternura, ele falou:

– Às vezes esqueço que você não é um soldado.

Ele estava pensando no momento em que havia entrado no pátio do palácio e na forma como ela o recebera. Kestrel afirmou:

– Você acredita que não sei me portar perto de você.

Por um momento, ele ficou em silêncio.

– Talvez seja eu que não saiba. – Houve outro silêncio, longo o bastante para Kestrel pensar que isso fosse tudo o que ele diria, mas ele voltou a falar: – Olhe só como você cresceu. Lembro-me do dia em que nasceu. Dava para segurá-la com uma só mão. Você era a melhor coisa do mundo. A mais preciosa.

Você não acha mais isso?, ela sentiu vontade de perguntar. Entretanto, sussurrou:

– Conte-me como eu era.

– Você tinha um coração de guerreira, já naquela época.

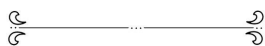
– Eu era apenas um bebê.

– Tinha sim. Seu choro era inflamado. Você apertava meu dedo com firmeza.

– Todos os bebês choram. Todos apertam firme.

Ele soltou a mão dela e tocou os dedos na bochecha da filha.

– Não como você.



Ele tinha dormido de novo. Quando o médico veio ao amanhecer para limpar a ferida, a dor o despertou.

– Mais? – O médico apontou para o copo vazio onde estava o remédio. O general lhe disparou um olhar soturno.

Depois que o médico saiu de novo, o general esfregou os olhos. O rosto dele estava lento de dor.

– Quanto tempo dormi?

– Umas quatro horas depois que o curandeiro limpou a ferida pela primeira vez. Mais três depois que acordou no meio da noite.

Ele franziu a testa.

– Eu acordei no meio da noite?

– Sim – Kestrel disse, confusa, mas já desconfiada, já se preparando como se fosse levar um golpe.

– Eu... disse alguma coisa que não deveria?

Kestrel entendeu que ele não se lembrava de ter acordado nem da conversa deles. Ela não sabia mais se o que ele havia dito tinha sido sincero. Mesmo se tivesse, ele pretendia dizer aquilo?

Afinal, ele estava sob o efeito dos remédios.

Uma emoção escapuliu. Saiu por um corte fino que Kestrel não soube como fechar.

– Não – ela falou para o pai. – Você não disse nada.

Arin acordou com a sensação de ser colocado em cima de uma superfície dura. Sua cabeça bateu e o mundo virou algo estranho e recortado, feito de céu e pedra e água. Sua visão foi clareando e Arin percebeu que estava deitado sobre um píer de pedra. O homem de rosto de caveira estava saindo do barco estreito ancorado ao píer. Ele murmurou algo.

– O que você disse? – Arin perguntou com a voz rouca.

O homem se acorrou e deu dois tapas leves na bochecha de Arin.

– Que preciso de um carrinho de mão.

Aonde quer que Arin estivesse indo, ele queria ir a pé.

– Houve um mal-entendido.

– Estrangeiros são ilegais em Dacra. Você quebrou nossas leis ao entrar no país. Vai ter que pagar o preço.

– Só me deixe explicar o *porquê*...

– Ah, motivos. Todos têm motivos. Não dou a mínima para os seus. – O oriental fitou Arin e, embora os olhos do homem não fossem mutilados, era difícil encará-lo. Arin lembrou-se dos poucos minutos em que o vira em Herran. Como o escravo oriental fugitivo estava sendo arrastado pela estrada que Arin era forçado a pavimentar. A adaga valoriana havia cintilado. Arin amaldiçoara seus patrões. Levara uma surra. O rosto do homem estava inteiro, depois não estava mais.

– Você fugiu de novo – Arin disse. – Conseguiu se libertar.

O homem se empertigou. Encarou Arin de cima.

– Você acha que fez algo por mim naquele dia?

– Não.

– Que bom. Porque acho que você gostava dos seus grilhões, pequeno herrani. Senão, teria lutado com todas as suas forças. Estaria como eu. – Ele se agachou para pegar as cordas em torno do peito de Arin, que se deu conta de que o dracano pretendia arrastá-lo.

– Deixe-me andar.

– Tudo bem. – A facilidade da resposta surpreendeu Arin até o homem tirar a adaga de Kestrel da bolsa pendurada em seu ombro, cortar as cordas que prendiam os tornozelos de Arin e observá-lo com um sorriso.

Foi então que Arin se deu conta de que não conseguia sentir direito os pés. Levantar seria uma tarefa árdua. Andar não parecia mais uma boa ideia.

Os pulsos de Arin estavam amarrados à sua frente. Cordas se enrolavam em seu tronco,

prendendo os bíceps. Ele concluiu que era uma demonstração saudável de respeito pela forma como ele atacara o guarda da prisão.

O oriental ainda sorria.

Arin foi se arrastando até ficar de joelhos. Levantou-se com dificuldade. Quase caiu para trás.

As solas de seus pés ardiam com mil facas minúsculas. Ele cambaleou. Arin viu novamente a lâmina de Kestrel na mão do oriental. Sentiu uma fúria súbita contra Kestrel, como se *ela* o tivesse drogado, amarrado e observado andar quando ele não era capaz.

Ele apertou os dentes até doerem. Deu um passo.

O dracano disse algo em sua língua.

– O quê? – Arin perguntou. Ele deu outro passo vacilante. Dobrou os cotovelos, fazendo subir as amarras nos pulsos. Isso o ajudou a se equilibrar. Flexionou os dedos. Sentia-os perfeitamente. Consequia abrir e fechar as mãos. – O que você disse?

– Nada.

– Fale o que você disse.

– Quer saber? Aprenda minha língua por conta própria. – O homem estava incomodado, aparentemente pelo que quer que havia dito enquanto Arin tentava caminhar. Ele olhou para baixo e abriu a bolsa para guardar a adaga de Kestrel.

Arin reconhecia uma oportunidade quando via uma.

Com o ombro, jogou o peso em cima do homem, fazendo os dois tombarem no chão. A adaga caiu na pedra. O homem empurrava Arin de cima dele, mas o herrani ergueu um joelho no estômago do dracano e rolou no chão para pegar a adaga.

Depois, Arin veria a sorte que tivera. Na hora, porém, não pensou em absolutamente nada. A adaga estava em suas mãos, ele a virava pelo cabo. O gume afiado à perfeição cortou as cordas em seus pulsos.

O dracano soltou um grito sufocado no chão, com a mão na barriga. Arin subiu em cima dele sem conseguir lembrar direito quando ou como havia ficado em pé. Quando havia arrancado as cordas que amarravam seu peitoral? As cordas jaziam num monte sobre o píer. Arin olhou para elas. Olhou para o homem, que retribuiu o olhar.

Não, não exatamente.

O dracano não estava olhando para Arin. O olhar dele estava apontado para trás de Arin.

Arin se virou. Pela primeira vez, realmente viu onde estava: uma enorme ilha no meio do rio. O píer era suntuoso, rodeado por muralhas baixas de pedra translúcida cobertas de vieiras. Uma trilha subia a ilha a partir dali, rumo a um castelo de telhados de duas águas e paredes que cintilavam como vidro.

Mas o píer não importava, tampouco a trilha ou o castelo.

O que importavam eram as fileiras de guardas vestidos de branco com suas pequenas bestas, curvas e entalhadas, apontadas para Arin.

– Muito bem – disse o homem de rosto de caveira. Ele se levantou e estendeu a mão para pegar a adaga de Kestrel.

Arin detestou o quanto odiava abrir mão da adaga.

O homem pegou a arma.

– Muito bem.

Derrotado, Arin murmurou:

– Já ouvi, não precisa repetir.

Começou a chover. O dracano olhou para ele através do cinza reluzente da chuva.

– Não. Foi o que eu disse antes, quando você se levantou e andou.



O castelo tinha parecido de vidro porque era feito daquela estranha pedra translúcida. Através da chuva, Arin conseguia ver os vultos de pessoas se movendo atrás das paredes externas. Mas outras figuras pareciam estar *dentro* da rocha.

Arin limpou a água dos olhos.

– Sempre chove tanto aqui?

– Espere só até o verão – disse o dracano. – Fica tão quente que alguns dos canais da cidade secam e andamos neles como estradas afundadas. Aí você vai sentir falta da chuva.

– Não vou estar aqui no verão.

O outro homem não disse nada.

Enquanto atravessavam o portão do castelo, Arin tentou olhar dentro da parede.

– São... estátuas lá dentro?

– São os mortos. – Quando Arin lhe lançou um olhar espantado, o homem disse: – Nossos ancestrais. Sim, eu sei que *certos* povos de outros países botam fogo nas pessoas que amavam ou as jogam num buraco embaixo da terra. Mas Dacra é uma nação civilizada.

Eles entraram no castelo. Arin estava tão encharcado que sentia como se a chuva ainda caísse sobre ele. Suas botas chapinhavam. Lá dentro, algumas das paredes eram feitas de mármore branco sólido e outras de pedra vítrea. Dava uma sensação vertiginosa. Arin achou difícil avaliar a extensão e a forma das coisas.

– E então? – perguntou o dracano. – Onde você mantém os *seus* parentes mortos?

– Não sei onde eles estão – Arin disse simplesmente. O outro homem ficou em silêncio e isso deixou Arin tenso, ressentido. Ele se perguntou quando deixaria de revelar coisas que não

deveria revelar. Era um péssimo hábito.

Havia começado com ela. Ele podia jurar que ela era a origem disso tudo.

– Na terra – Arin disse, embora não tivesse visto com os próprios olhos o que havia sido feito com os cadáveres de seus pais e sua irmã. – Nós enterramos nossos mortos, como tenho certeza de que você sabe já que viveu em meu país por tempo suficiente para aprender nossa língua. – O dacrano não admitiu isso, tampouco admitiu que estava alfinetando Arin com perguntas cujas respostas ele já sabia. Isso enfureceu Arin ainda mais. – Vocês não são mais civilizados do que nós.

– Você pediu para andar. Aqui está, andando. Pediu para falar com minha rainha. Vai falar. Quebrou três leis nossas...

– Três?

O homem foi erguendo os dedos, começando pelo mindinho.

– Entrou no nosso país. Portou a arma de nosso inimigo. E golpeou um membro da família real.

Arin o encarou. O homem abriu um sorriso lento.

– Mas fomos benignos – ele disse.

– Quem é você?

O homem guiou o caminho por um corredor coberto por pinturas do tamanho de um palmo.

– Espere. – Arin segurou o braço do homem.

O dacrano abaixou os olhos para a mão de Arin sobre ele, depois lançou um olhar que fez Arin soltar.

– Também não é permitido *tocar* em um membro da família real. Não é uma ofensa tão grave quanto me *golpear*, mas mesmo assim. Não sei o que minha irmã vai fazer com você. Acho improvável que a rainha tenha como sentenciá-lo à morte mais de uma vez.

– Sua irmã?

– Este último crime acarreta em uma punição menor, mas acho que você também não vai gostar muito.

Arin havia parado, apenas vagamente consciente de que tinham entrado em uma câmara de abóbada alta.

– Se você é irmão da rainha, significa que é irmão de Risha.

O dacrano também parou.

– Risha?

Havia uma energia silenciosa nessa nova sala que impedia que Arin dissesse qualquer outra

coisa.

Era a desconfiança. Eram os olhos atentos dos guardas.

Era a expressão severa da jovem rainha, que olhava Arin como se já tivesse decretado sua morte.

— Não repita esse nome — o homem de rosto de caveira murmurou para Arin.

A rainha fez uma pergunta ríspida. A resposta de seu irmão foi lenta, complexa. Marcada por pausas. Cada pausa dava vida a um novo tom de voz.

A chuva devia ter cessado. O forro de duas águas, feito daquela pedra diáfana, brilhava com o sol repentino. A luz prismática iluminava o salão. Arin observou as mudanças de expressão da rainha enquanto ouvia o irmão. Seus olhos pretos, maquiados por desenhos de cores elaboradas, se estreitaram. Ela o interrompeu.

— Esta é a parte em que eu traduzo — o dracano disse a Arin — e você confia que vou dizer a verdade.

A rainha disse:

— Você quebrou três de nossas leis — neste ponto, seu irmão interrompeu a tradução para erguer quatro dedos —, o que mantém você vivo é nossa curiosidade. Satisfaça-a.

Arin disse:

— Eu tenho uma proposta...

— Não — o homem lhe disse. — Não comece por aí. Nem sabemos seu nome.

Então Arin deu seu nome e cargo.

— *Governador* é um título valoriano — disse a rainha. — Você é valoriano.

O insulto trespassou seus ossos.

— Você não pode negar — a rainha continuou. — Ouvimos falar de você. Arin dos herranis, que já mordeu os calcanhares de seus mestres, voltou a ser um cão domesticado. Você não prestou um juramento de lealdade ao imperador?

— Estou quebrando esse juramento agora.

— Você quebra seus juramentos com tanta facilidade?

— Você não quebraria pelo seu povo?

— Não vou traduzir isso — o homem de rosto de crânio lhe avisou. — É ofensivo. Você é um tanto autodestrutivo, não?

Impaciente, a rainha interrompeu. Ordenou que Arin explicasse sua posse da adaga valoriana.

— É um lembrete — ele disse.

— De?

— Daquilo que desprezo.

A rainha considerou isso. Seu rosto era mais magro que o de Risha, mas muito parecido com o da irmã mais nova. Ao olhar para a rainha, era fácil voltar a sentir sua admiração por Risha, a maneira como essa admiração havia crescido no momento em que Tensen revelara que ela era sua Mariposa. Arin disse à rainha:

– Sei que o seu país sofreu. Sei que o meu país é pequeno demais para enfrentar o império sozinho. Se eu tivesse de escolher o império ou o oriente, escolheria vocês. Permita que Herran seja seu aliado.

Ela inclinou a cabeça.

– O que exatamente faríamos com vocês?

– Deixe que lutemos por vocês.

– Em troca da nossa proteção de sua pequena península, sem dúvida. Como você mesmo apontou, Herran *é* pequena. Seus soldados mal inchariam nossas fileiras. Você *quer* que seu povo seja nossa carne de canhão? Mesmo se quiser, como isso funcionaria? Sequer falamos a mesma língua.

– Podemos aprender a de vocês.

A rainha ergueu a sobrancelha cética.

– Vou provar isso para você – Arin disse.

– Gostaria de vê-lo tentar.

– *Muito bem* – Arin disse, usando a expressão dacrana que conhecia, aquela que o homem de rosto de crânio havia lhe dito no píer.

A surpresa da rainha foi óbvia. Mas ela não sorriu, e o que ela disse em seguida fez Arin cogitar que talvez a tivesse ofendido profundamente.

– Passemos, então – ela disse –, para a questão da sua pena.



Por portar uma arma inimiga, Arin foi proibido de portar qualquer arma.

Por entrar em território dracano, Arin não tinha permissão de partir.

Por seus crimes contra Roshar, o irmão da rainha, a parte lesada recebeu permissão de escolher sua punição de preferência.

– Depois mando matar você – Roshar disse a Arin após levá-lo ao quarto em que ficaria. – Preciso de tempo para decidir o melhor método.

Arin olhou para ele. As mutilações tornavam difícil encontrar qualquer semelhança com Risha ou a rainha. Roshar deve ter notado o tom do olhar de Arin. A maneira como o examinava. O dracano sorriu com desprezo.

– Ou talvez encontre uma punição melhor do que a morte.

Arin desviou o olhar.

Roshar começou a tirar as coisas de Arin – exceto a adaga – da bolsa e a colocar sobre uma mesa. Comida, água, roupas.

– O que é isto? – Roshar ergueu um pacote que continha novelos de lã.

– Conjunto de costura.

– Você fez uma viagem longa.

– Sim.

– Desde a capital imperial. – Baixo, Roshar perguntou: – Minha irmãzinha está bem?

– Sim. Ela...

– Não quero falar sobre ela. Só queria saber como ela está.

– Você conversou sobre ela com a rainha quando entramos no salão?

Roshar olhou para Arin como se ele fosse louco.

– É óbvio que não.

– Então o que falou tanto para a rainha?

– Seus crimes. Em belíssimos pormenores.

– Não – Arin disse –, parecia uma história.

Roshar cutucou um frasco de água.

– Você claramente não sabia *nada* sobre nosso país se se deu ao trabalho de trazer *isto* aqui.

– Por que não quer me contar o que disse?

Roshar continuou cutucando o frasco, fazendo-o balançar sobre a mesa. Devagar, falou:

– Talvez eu tenha contado uma história. Talvez, fosse sobre dois escravos numa terra distante e como um ajudou o outro.

– Mas não ajudei. – Arin se lembrou da história de novo. Sentiu o gosto de terra na boca, sentiu o cascalho sob o rosto. Ouviu os gritos. Sentiu vergonha.

– Você me salvou – Roshar disse.

Arin ficou confuso. A princípio, pensou que era sarcasmo. Mas havia algo sincero na voz de Roshar, como uma sede. Roshar estava reinventando o que realmente tinha acontecido? Talvez estivesse imaginando uma versão do mundo em que a faca valoriana nunca tivesse cortado seu rosto. Uma ficção. Uma história com final feliz.

– Sinto muito – Arin disse, cauteloso. – Eu tentei. Mas não pude fazer mais.

– Você fez. Salvou algo dentro de mim que me fez ter coragem de fugir de novo.

— Quero que você faça uma coisa por mim — o pai de Kestrel pediu.

Já havia passado a Primeira Primavera. Kestrel tinha perdido a maior parte das celebrações com o pai nos aposentos dele, como fazia todos os dias. O único evento a que havia comparecido foi no orfanato, onde as crianças olharam desconfiadas para as pipas coloridas que ela oferecia. “Não é da cor certa”, dissera uma menininha. “Quero uma preta.” Mais tarde, Verex havia vasculhado as rejeitadas.

— Posso ficar com esta? — Ele ergueu uma pipa verde e rosa. — É a minha favorita — ele disse. Kestrel sorriu.

Agora, ela olhava com desconfiança para o pai deitado na cama. Esperou para saber o que ele pediria.

— Quero que vá aos clubes de batalhas da cidade — ele disse — e recrute pessoas para o exército.

Kestrel afastou a cadeira da beirada da cama. A madeira rangeu alto. Ela brincou com um bordado em sua manga e imaginou que sua decepção era um fio que poderia ser atado em nós e costurado com firmeza. Durante todas as horas em que ela estivera sentada ao pé do pai, essa era a primeira vez que ele lhe pedia algo. O que ela esperava que ele pedisse?

Talvez um copo d’água. Ou saber o que havia acontecido com a adaga que ele lhe dera. Ele não tinha como não ter visto a nova. A lâmina extravagante do imperador estava bem ali, em plena vista, amarrada na cintura de Kestrel.

Parecia impossível dizer ao pai certas coisas a menos que ele perguntasse.

Mas algumas palavras vinham fácil, porque eram furiosas e já haviam sido ditas muitas vezes.

— Não quero ter nenhuma relação com o exército.

— Kestrel.

— Olhe o que eles fizeram com você.

— Vai cicatrizar.

— E a próxima? Você vai continuar lutando até o dia em que for morto e eu tiver um lugar vazio à mesa para o fantasma do meu pai?

— Não acreditamos em fantasmas.

— Então você vai me deixar sem nada.

— Precisamos de mais soldados — ele disse. — O exército está no limite.

— É só parar de tentar conquistar novos territórios.

- Não é essa a vontade do imperador.
- Qual é a *sua* vontade?
- Essa – ele lhe disse – é uma pergunta tola.

Era porque ele a conhecia desde seu nascimento que sabia exatamente que palavras a magoariam mais? Não... Não devia ser o tempo o que dava esse poder a alguém. Arin também o tinha. *Não sei mais quem você é*, ele havia dito. *E não quero saber*.

Se ela fosse aos clubes de batalha e alistasse mais soldados para o exército, isso tornaria a morte deles culpa sua? O sangue das pessoas que eles matariam estaria em suas mãos? E o sofrimento e o ódio daqueles que foram deixados para trás – eram responsabilidade dela também? Ela se lembrou dos órfãos da guerra que queriam pipas pretas.

- Recrute-os você – ela disse para o pai.

Ele ficou em silêncio enquanto ela caminhava em direção à porta. Foi esse silêncio que acabou a detendo. Embora Kestrel estivesse de costas para ele, ainda o via deitado na cama, ferido. Pálido e cansado. Exausto como ela nunca o tinha visto.

Se ela recrutasse mais valorianos... poderia ajudá-lo quando ele voltasse ao campo. Mais soldados poderia significar que ele ficaria seguro por mais um ano. Talvez dois.

Kestrel suspirou. Com as costas ainda viradas para ele, ela disse:

- Não sei por que você acha que *eu* poderia convencer alguém a se alistar.
- O povo ama você.
- O povo ama *você*. Não sou nada além da sua filha.
- Você escapou de Herran. Alertou sobre a revolta. E, a esta altura, todo mundo deve saber como conquistei as planícies orientais.
- Preferia que você tivesse roubado o mérito dessa ideia.
- Jamais faria isso.

Kestrel se virou, recostou as costas contra a porta e cruzou os braços. Ela pensou no último pedido de informação de Tensen.

- Você conhece a engenheira hidráulica chefe?
- Elinor? – De sua cama, o general olhou para Kestrel com os olhos estreitados de dor. A conversa o havia esgotado. Sua respiração estava irregular. Se fosse outra pessoa, ele já teria pedido o remédio. – Conheço um pouco.
- Das suas campanhas no oriente? – Com exceção das planícies, as terras de lá eram úmidas, especialmente mais para o sul, embora os soldados valorianos nunca tivessem chegado à cidade da rainha no delta.
- Sim, e em Herran também. Por quê?

– Ela tem uma casa aqui. Pensei que talvez... depois de ir aos clubes de batalha, você gostaria que eu a visitasse. Poderia pedir para que ela entrasse para o regimento quando ele voltasse para o oriente. Você pode precisar de alguém para construir pontes ou diques...

– Sim. – Se tivesse mais energia, o general teria sorrido. – Preciso. Mas ela é do imperador agora. Ele não gosta de dividir. Não perca seu tempo visitando-a.

Kestrel parou, depois disse:

– Vou aos clubes de batalha sob uma condição.

– Ah. – Ele recostou a cabeça no travesseiro úmido. – Um acordo. O que preciso fazer desta vez?

– Tomar seu remédio.



Os clubes de batalha eram sociedades nem tão secretas. Havia quatro na cidade, todos os quais ofereciam aos jovens aristocratas quartéis-generais luxuosos projetados para festas particulares, momentos sensuais em quartos ocultos – e, obviamente, lutas.

Cada clube era equipado com uma variedade impressionante de armas. Havia salas trancadas para combatentes que desejassem ficar a sós e arenas voltadas a disputas feitas para serem vistas.

Todos conheciam as poucas regras dos clubes. Limpe seu próprio sangue. Pague as apostas adiantado. Somente é permitida a entrada de membros. Mesmo lady Kestrel teria tido problemas para entrar se não tivesse mostrado o anel de sinete do seu pai.

Os clubes a incomodavam. Não importava quantos lambris forrassem as paredes ou que móveis tivessem encostos de seda das ilhas do sul. Os cômodos ainda cheiravam a vinho, suor e sangue. Faziam com que ela se lembrasse de sua luta com Irex em Herran. A bota dele quebrando seu joelho. Lembrou do peso de Logro jogando-a no chão.

A boca de Kestrel ficou seca.

Ela pediu água. Foi servida. Depois, começou a trabalhar.

Depois de três clubes, havia coletado cerca de vinte nomes. Não era muito. Alguns dos valorianos que se alistavam tinham os olhos desvairados e riam. Outros ficavam lisonjeados. Outros ainda – especialmente os mais próximos dos vinte anos – ficavam resignados, porque de todo modo o império logo os faria escolher entre o casamento e o exército. Se um cidadão não fosse fazer filhos para aumentar a população do império, precisava ir à guerra.

Em um clube, duas jovens assinaram juntas. Insistiram em escrever seus nomes na mesma linha. Diante disso, Kestrel percebeu que elas eram um casal. Muitas pessoas que se amavam dessa forma – ou que, por outros motivos, não queriam se casar contra a vontade – entravam para o exército. Kestrel observou as moças assinando, e pensou em seu próprio casamento e se sentiu ainda pior do que antes.

Kestrel pegou a lista. Colocou-a no bolso da camisa.

No último clube, a luta estava a pleno vapor.

A pequena arena estava lotada e ruidosa, o ar pesado. Kestrel chegou tarde e precisou aguardar no fundo da plateia. Espiando por sobre o ombro de outra pessoa, ela viu dois lutadores, ambos homens, com o cabelo louro amarrado. O que estava de costas para ela era esguio, mas rápido.

Era uma luta de pugilismo. Kestrel não conseguia ver nenhuma arma nas mãos dos combatentes nem amarradas em seus corpos, então aquele não era um duelo por honra, mas por diversão.

O homem maior acertou um soco no rosto do mais magro. Ele soltou um grito. O público se levantou.

Kestrel também. Ela conhecia aquele grito. Podia jurar que reconhecia aquela voz. Mas o espaço que lhe havia dado uma visão dos lutadores havia se fechado. Não conseguia ver mais nada agora, e as pessoas estavam gritando, e ela não conseguia saber se estavam gritando o nome de alguém.

Ela sim. Gritava um nome. O barulho abafou seu grito.

Kestrel abriu caminho a cotoveladas até chegar à frente. O homem magro estava se levantando do chão. Deu uma série de cruzados no estômago do oponente, puxou sua orelha e acertou um soco em seu rosto.

O lutador maior caiu. Não se levantaria mais.

A plateia começou a gritar de novo e, dessa vez, claramente *estavam* gritando um nome. Era o mesmo nos lábios de Kestrel, aquele que ela voltou a dizer quando o vencedor se virou, limpou o sangue da boca e a viu.

Ronan.

Depois que o público se dispersou, Kestrel pediu para o dono do clube arranjar um cômodo privado. Ronan era membro e poderia ter providenciado isso sozinho. Em vez disso, ficou olhando e ouvindo as instruções de Kestrel com o ar entretido ou de alguém que tinha a agradável surpresa de rever uma velha amiga. Mas seu sorriso era irônico.

Ele pediu uma garrafa de vinho gelado. Quando ele e Kestrel ficaram a sós, bebeu metade num único gole.

– Uma audiência particular com a futura imperatriz – Ronan disse, desenrolando as faixas de linho ensanguentadas de seus dedos. – Que honra. – Ele acomodou seu corpo alto numa poltrona e ergueu os olhos para ela. Ele tinha um corte no lábio. Seu cabelo louro estava solto e suado, e seu rosto de traços delicados estava roxo por hematomas.

Quando Kestrel era pequena, o irmão mais velho de Jess não olhava para ela. Até que, certa noite, quando Kestrel tinha em torno de quinze anos, ela e seu pai foram convidados para um jantar da sociedade na casa dele. No terceiro prato, ela perguntou ao senador se ele se casaria com todas as suas amantes se pudesse ter mais de uma esposa.

Kestrel não tinha a intenção de irritar o senador. Só estava curiosa. Não sabia que a esposa dele, também presente no jantar, não sabia sobre as amantes.

Mandaram Kestrel sair da mesa para ficar sozinha na suíte de Jess.

Ronan levou a sobremesa dela às escondidas. Eles comeram os pedaços de bolo de cobertura branca, enchendo a cara de açúcar de confeitiro, e ela riu de Ronan imitando a reação do imperador, enchendo as bochechas e segurando o ar até seu rosto ficar vermelho.

Depois disso, Ronan passou a prestar atenção nela.

Kestrel sentia falta do amigo. Sentia falta dele agora, mesmo com ele sentado à sua frente; tudo no corpo dele era jovial e despreocupado, exceto pelos olhos, que se importavam demais e estavam frios.

Ele esvaziou o copo.

– O que você quer, Kestrel?

– Você contou para Jess?

Ronan arqueou uma sobrancelha.

– Se contei para Jess. – Ele girou a taça pelo cabo. – Vamos ver. Se contei para Jess que aqueles boatos eram verdadeiros, que durante todo o outono você teve um amante...

– Não é verdade.

– Tem razão. Começou no verão, quando você o comprou. Se contei *isso* para Jess? Se contei para ela que você preferia comprar alguém para levar para a cama a amar o irmão dela?

Talvez tenhamos nos perguntado o que era tão repulsivo em se casar comigo que fez você preferir um escravo. Talvez eu tenha dito para Jess: “Eu sei, eu sei. Você também a amava. Mas na noite de Primeiro Inverno ela não estava lá quando você tomou o vinho envenenado. Não estava lá quando engasgou e sufocou, e arrastei você para nos escondermos atrás de uma cortina enquanto os escravos esfaqueavam nossos amigos. Kestrel não estava lá quando abracei minha irmã moribunda. Porque Kestrel saiu do baile com *ele*”. – Ronan colocou a taça sobre uma mesa com uma precisão de uma delicadeza infinita. – Não, não contei isso para Jess. Já basta um coração partido na família.

Kestrel sentiu o sabor da memória daqueles bolos açucarados. A doçura perdida deles tornava impossível falar.

– Algum problema, Kestrel?

Embora ela soubesse que ele não queria ouvir a resposta dela, ela não pôde deixar de dizer.

– Jess não responde minhas cartas. Quando vou visitá-la, os servos dizem que ela saiu. Mas eu sei que não. Ela fica nos aposentos dela, esperando que eu vá embora. Pensei que talvez...

– Eu andasse lhe contando algumas verdades duras. – Ronan dobrou os dedos e depois os abriu, dando de ombros. – Já considerou que o que quer que tenha acontecido entre vocês seja culpa *sua*?

Eu o vi, Jess havia dito quando Kestrel se deitara na cama ao lado dela na noite do baile de noivado. O que exatamente Jess havia visto?

– O que é isso? – Ronan se debruçou rápido para puxar o papel dobrado que saía do bolso da camisa dela. Ele tirou a lista de recrutamento.

– Nada. – Ela estendeu o braço para pegar.

Ele puxou o papel para mais perto de si e o desdobrou.

– Ahhh. Eu sei o que é *isto*. Olhe só, você conseguiu até que Caris se alistasse. Agora, onde será que tem uma pena?

– Não. Ronan, não faça isso.

Segurando a lista de recrutas no alto, fora do alcance de Kestrel, como se eles fossem duas crianças, Ronan vasculhou o quarto com uma mão.

– Pare. – Kestrel puxou o braço dele. Ela tentou cortar caminho na frente dele. Ele desviava, e se contorcia, e ria. Abriu uma escrivaninha e encontrou uma jarra de vinho onde deveriam estar os papéis.

– Bom, muito bom, mas não é exatamente o que estou procurando... – Ele abriu as gavetas. Soltou um grito ao encontrar pena e nanquim.

Ronan, mandado para guerrear. Ronan, sangrando na terra.

Ela estava à beira de lágrimas.

– Por favor – ela disse –, não assine.

Ele molhou a pena na tinta e colocou a lista na escrivaninha, segurando-a com ambas as mãos, como se ela pudesse sair voando.

– Eu imploro – Kestrel disse.

Ronan sorriu e assinou.



A acompanhante de Kestrel esperava paciente na porta do clube. A criada não disse nada enquanto entravam na carruagem e Kestrel dava a ordem para retornar ao palácio. Mas a menina observou enquanto Kestrel abria o papel amarrotado e o pousava sobre o colo.

Com solavancos trêmulos, a carruagem avançou. Foi subindo a montanha devagar.

– Está suja – a criada disse. Ela estava olhando para a lista.

Estava borrada de tinta. Kestrel havia derrubado o frasco quando finalmente tirou a lista das mãos de Ronan. A página tinha manchas cor de ferrugem perto do nome dele; os dedos de Ronan ainda deviam estar sangrando. Embora a criada não tivesse como saber, não depois que a página tinha sido amassada, o papel estava um pouco arqueado, como quando exposto à água ou ao suor – ou a lágrimas.

Kestrel dobrou a página com cuidado. Destruí-la não mudaria nada. Não era a assinatura que importava, mas o ato de assinar. Os recrutas ainda compareceriam ao quartel da cidade. Tinham dado suas palavras, tendo Kestrel como testemunha. Os valorianos honravam sua palavra.

– O que é? – perguntou a criada.

– Uma lista de convidados. – Kestrel imaginou uma longa mesa desocupada posta com pratos brancos vazios. *Ela* os havia posto.

De repente, Kestrel se inclinou para a frente e bateu no vidro que a separava do cocheiro da carruagem. Ela tinha mudado de ideia, disse.

Kestrel deu ao cocheiro um novo destino.



– Não sabia que você tinha interesse em engenharia hidráulica – Elinor disse enquanto uma escrava da ilha do sul lhes servia um raro licor com gosto de caramelo queimado. Era caríssimo.

Kestrel deu um gole de sua taça de cristal esculpido. A casa de Elinor era modesta. As paredes eram pintadas em vez de forradas de papel de parede. Uma longa rachadura percorria o gesso branco decorado no teto.

Ainda assim, a engenheira hidráulica tinha um licor caro. Havia uma porção de frutinhas claras, doces e importadas numa tigela sobre a mesa baixa perto do divã onde ela e Kestrel estavam sentadas. Claro, Elinor *serviria* as melhores comidas e bebidas para uma visita do

nível de Kestrel. Mas o licor e as frutas pareciam demais para alguém com os seus recursos, a julgar pelo estado de sua casa. Tensen teria dito a Kestrel sobre as apostas feitas sobre o vestido de casamento dela. Ela pensou que as frutas, o licor e até mesmo as taças de cristal poderiam ter sido compradas no crédito por alguém que esperava uma grande quantia de dinheiro em questão de meses. Afinal, não faltava muito para o casamento no Primeiro Verão.

Kestrel forçou um sorriso.

– O imperador acha que devo me interessar por tudo o que preocupa o império. E meu pai foi muito grato pelas suas habilidades durante a guerra.

O rosto fechado da engenheira ficou rosado de orgulho.

– Você não serviu com o general no oriente? – Kestrel perguntou.

– Anos atrás. – O rosto de Elinor perdeu sua alegria. Ao ver o olhar questionador de Kestrel, ela disse: – O oriente é uma terra selvagem. Os sapadores podem até ser membros do exército tecnicamente, milady, mas eu não estava preparada. Os dacranos são combatentes ferozes. Meu trabalho era construir pontes e diques, não lutar, mas os juncos à beira dos rios eram altos. Estavam infestados de tigres. Escondiam bárbaros armados de bestas. Seu pai me manteve segura. Ele me manteve viva.

Se o imperador tivesse recompensado a engenheira, poderia ter sido por um favor que ela havia feito no oriente? Talvez não tivesse relação nenhuma com Herran.

A escrava da ilha do sul voltou a encher a taça da engenheira. Kestrel a observou. Era uma jovem, mais nova que Kestrel. As ilhas do sul – Cayn Saratu, como seu povo as chamava – tinham sido um dos primeiros territórios conquistados por Valória. O pai de Kestrel era tenente na época. A menina era jovem o bastante para ter nascido escrava. Nunca havia conhecido outra vida. Podia nunca ter conhecido a língua de sua mãe, talvez nem mesmo a mãe.

De repente, Kestrel deixou de se importar se o segredo do imperador era sobre Herran, o oriente ou algum outro território. Desejou que o império fosse aquela longa mesa que assombrava sua mente. Queria virar essa mesa e fazer todos aqueles pratos vazios se quebrarem no chão.

A escrava se remexeu, inquieta. Kestrel percebeu que estava encarando a menina, que perguntou:

– Mais, milady?

– Não, obrigada.

A engenheira disse a Kestrel:

– Você não deve se lembrar de mim. Era criança quando a vi pela última vez. Foi logo depois da colonização de Herran.

Kestrel voltou a olhar para Elinor, para seu ar firme e inteligente. Kestrel teve uma lembrança vaga de se agachar à beira da fonte de sua casa em Herran e despejar tinta vermelha

surruplada da oficina dos escravos na fonte. Ela estava curiosa. Tinha ouvido uma palavra no jantar na noite anterior enquanto seu pai conversava com a convidada. *Diluição*. Era uma palavra que ela não conhecia.

– Tingi nossa fonte de cor-de-rosa por causa de você – Kestrel contou à engenheira.

– Jura?

– Eu queria tingir de vermelho, mas não havia tinta suficiente. – Kestrel tocou no desenho esculpido em sua taça e perguntou: – O que você estava fazendo em Herran? Você morava lá?

– Não, projetei os aquedutos da cidade. O sistema herrani de água corrente era muito primitivo.

– Você foi a Herran recentemente?

– Não – disse a engenheira, mas ela desviou o olhar. – Por que eu iria?

– Ah, não sei. Talvez eu desejasse que tivesse ido, assim podíamos falar sobre lá. Às vezes tenho saudades de casa.

Elinor franziu a testa.

– Herran é uma colônia. Sua casa é aqui.

– Herran *era* uma colônia. Agora é um território independente.

– Pela graça do nosso imperador.

Com a voz baixa e desamparada, como alguém que tenta pegar algo perdido que sempre havia estado ali, Kestrel disse:

– Sinto falta dos pássaros que cantam lá nesta época do ano. Eles voavam carregando palha no bico e construíam ninhos sob os beirais. Sinto falta da luz difusa das trilhas de cavalo. – A engenheira olhava com desaprovação. Kestrel não se importou. As palavras eram ditas a Arin, que não estava lá, e Jess, que não daria ouvidos, e Ronan, que estava partindo, e seu pai, que havia morado com ela. Ela falava para a escrava da ilha do sul, que devia ter nascido, sido vendida e criada na capital, e nunca conhecera sua terra e, dessa forma, havia sido privada, dentre outras coisas, da saudade de casa. Kestrel continuou: – Havia uma colina no pomar de laranjas... Quando eu era pequena, ficava deitada lá no verão e olhava para as frutas penduradas nas árvores como lanternas de papel. Depois, quando tinha idade suficiente para ir às festas, eu e meus amigos ficávamos acordados até os vaga-lumes dormirem.

– Que agradável. – Mas a voz da engenheira era fria.

– Herran é linda.

– O problema nunca foi Herran. São os herranis.

Então, como se nenhuma das duas tivesse notado o enorme abismo que havia se aberto entre elas, Elinor disse:

– Experimente as frutinhas, milady. São uma delícia.



Quando o general estava bem o bastante para sair de seus aposentos, o imperador insistiu em uma celebração. Naquela noite, foi encenada uma batalha marítima no lago artificial do Jardim de Primavera. Dois pequenos barcos foram pintados para parecerem navios de guerra e carregados por cortesãos que dispararam fogos de artifício.

– Não lhe agrada? – o imperador perguntou quando o general Trajan continuou em silêncio durante os aplausos.

– Fogos de artifício são um desperdício de pólvora negra.

– Valória tem mais do que suficiente. Nossos inimigos nunca vão conseguir competir com nossos canhões. Nossos estoques de pólvora negra são gigantescos.

– Todo recurso tem limites.

– Ele é sempre assim na capital – o imperador comentou sorridente com Kestrel. – Nunca está feliz a menos que esteja no campo de batalha.

Kestrel sentiu vontade de dizer que ele era feliz em sua casa em Herran. Na verdade, porém, ele quase nunca ficava lá e ela nunca havia ousado perguntar sobre sua felicidade.

O general se remexeu em sua cadeira de ferro forjado. Kestrel podia ver que a caminhada até o jardim o havia esgotado. Embora os médicos da corte envolvessem a ferida com menos gaze a cada dia, ela ainda não havia fechado por completo.

– Onde está Verex? – Kestrel queria que ele estivesse ali.

O imperador deu de ombros.

Um fogo de artifício explodiu numa cascata dourada. Iluminou a multidão reunida em volta do lago. Sua luz cintilou sobre o rosto de Risha, e sobre Verex, sentado ao lado dela do outro lado do lago.

O imperador também os viu. Kestrel estava começando a entender que a raiva do imperador costumava se enrolar feito uma cobra. Era do tipo que poderia parecer adormecida. Inevitavelmente, porém, dava o bote.

– Soube que você visitou minha engenheira hidráulica – ele disse para Kestrel.

Outro fogo de artifício estourou. Pareceu martelar dentro do peito de Kestrel. O imperador estava olhando para ela da mesma forma como olhava para o filho, como se não gostasse do que via. Kestrel respondeu:

– Pensei que talvez pudesse convencê-la a voltar para o oriente com meu pai.

Um fogo de artifício iluminou o rosto do imperador.

– Essa decisão cabe a *mim*.

– Foi só uma ideia. No fim, acabei nem falando nada para ela.

– Ela me contou, porém, que a conversa de vocês foi bem interessante mesmo assim.

O cheiro de enxofre era forte. A fumaça ardia nos pulmões de Kestrel. E ela sabia, pela ameaça na voz do imperador, que estava, *sim*, cutucando um segredo sobre a engenheira hidráulica.

Ela fitou o pai. Ele estava com o olhar voltado fixamente à frente, observando um cavaleiro embriagado num dos barcos cambalear e cair na água. A multidão deu risada.

Kestrel prendeu o ar. Os fogos de artifício estalaram e explodiram dentro dela. Ela esperou o imperador falar de novo. Receou que seu pai dissesse que havia falado para Kestrel não ir à casa da engenheira.

– Talvez a capital não seja tão interessante para você – o imperador disse a Kestrel. – Soube que sente falta de Herran.

– Por que ela não sentiria? – o general Trajan disse simplesmente. – Ela cresceu lá.

Caiu uma chuva verde e vermelha. Os dois homens se encararam. Kestrel conhecia aquela expressão no rosto de seu pai.

Seu medo diminuiu. Ela voltou a respirar. Embora a noite de primavera fosse fria, sentiu um calor inesperado. Sentiu o manto da proteção do pai. Apertou-o com firmeza em volta do corpo.

– Claro – o imperador disse com a voz suave, e se virou para observar outro pavio sendo aceso.

Quando a ferida do general enfim fechou, o imperador lhe deu um relógio de bolso feito de ouro.

Kestrel estava ao lado do pai e do imperador no gramado verde-claro do Jardim de Primavera. Alvos de arco e flecha haviam sido montados, e os cortesãos se revezavam. O céu estava coberto de nuvens que pareciam creme batido. O vento soprava leve e quente. As criadas de Kestrel haviam guardado suas roupas de inverno e trazido vestidos de renda e flores.

Ela lembrou de Arin em seu jardim geminado no terraço em Herran. Perguntou-se o que estaria florindo lá agora.

O relógio bateu a hora.

– Ele toca – o general Trajan comentou, erguendo a sobancelha.

O imperador pareceu satisfeito e Kestrel imaginou que devia ser fácil confundir a expressão do seu pai por surpresa. Mas ela viu a ruga incomodada de sua boca.

– Não tenha ciúmes, Kestrel – disse o imperador. – Não esqueci que seu aniversário está chegando.

Ela estava para fazer dezoito anos. Seu aniversário era perto do fim da primavera: pouco antes do casamento.

– Faltam mais de dois meses.

– Sim, não é muito. Trajan, insisto que fique na capital até o casamento.

O general fechou o relógio.

– Acabamos de conquistar as planícies. Para assegurar a posse delas...

– Seus tenentes podem se virar. Sua ferida acabou de cicatrizar. Você não pode liderar um regimento em batalha e, para ser franco, não me serve de nada se estiver morto. Fique aqui. Vamos comemorar o aniversário de Kestrel juntos. – Com o ar de quem apresenta a melhor ideia do mundo, ele acrescentou: – Pensei que ela poderia tocar para a corte.

Houve um baque surdo e distante de uma flecha acertando a lona.

O general não disse nada. Kestrel observou sua boca enrijecer.

– Ela tem um talento tão grande para a música – disse o imperador –, assim como sua esposa tinha.

O ódio do general pela música de Kestrel sempre havia sido claro. Era uma vergonha para ele: o amor dela por um instrumento que escravos tocavam. Às vezes, porém, Kestrel pensava que não era apenas isso. O piano era o rival dele. Ele queria que ela se alistasse no exército. Ela se recusava. Queria que parasse de tocar. Ela se recusava. O piano se tornou a maneira como

ela o rejeitava... ou, pelo menos, era assim que ela achava que ele via a situação. Só agora passou pela mente dela que ele odiava ouvi-la tocar porque o fazia sofrer.

– Confesso – o imperador disse – que quero me gabar de Kestrel. Quero que todos vejam o talento da minha futura filha. – Com um sorriso, pediu licença para travar conversa com o líder do Senado.

O general Trajan fechou a mão em volta do relógio.

Que presente bobo para se dar a um homem que liderava ataques noturnos nos quais o silêncio poderia fazer a diferença entre a vida e a morte.

– Dê para mim – Kestrel disse. – Vou procurar uma boa pedra para jogar em cima.

O general abriu um leve sorriso.

– Quando o imperador dá um presente, é melhor usar. – Ele olhou com o rabo de olho para a adaga nova no quadril de Kestrel. – Às vezes, o que ele dá é na verdade uma maneira de mostrar o que pertence a ele.

Eu não pertenço a ele, ela teve vontade de dizer, mas seu pai já havia saído, atravessando o gramado devagar para cumprimentar um oficial da marinha de licença.

Alguém deve ter acertado o centro do alvo. Ela ouviu uma salva de palmas.

– Você vai atirar?

Era Verex. Ele tinha se aproximado sem que ela notasse.

– Hoje não. – O vento estava traiçoeiro e o pai dela estava ali. Ela não queria errar.

Verex ofereceu o braço.

– Vamos ver quem vai vencer.

Enquanto caminhavam juntos, Kestrel disse:

– Você parece saber muita coisa sobre medicina.

Ele encolheu os ombros.

– Preferia ser médico a imperador?

Verex desviou o olhar colina abaixo. Não disse nada. Kestrel não soube se era porque tinha ficado ofendido com a pergunta ou se porque não sabia como responder. Então ele disse:

– O ministro herrani da agricultura está olhando para você.

Kestrel virou o olhar para ver Tensen sentado em uma cadeira sob as árvores, com as mãos pousadas na bengala enfiada na grama diante dele.

– Não, não olhe de volta – disse Verex. – Tenha cuidado, Kestrel.

O passo dela vacilou.

– Não sei o que você quer dizer.

– Você sabe por que meu pai o mantém na corte, não sabe?

Devagar, Kestrel disse:

– Para ficar de olho nele.

– E o que meu pai vai pensar se vir o ministro de olho em *você*?

Kestrel engoliu em seco seu nervosismo fervilhante. Suas mãos, apesar das luvas, pareciam muito frias. Mas ela se esforçou para parecer confiante e despreocupada.

– As pessoas me olham o tempo todo. Não posso evitar.

Verex reprovou com a cabeça e olhou para os arqueiros.

– Garanto a você – ela disse –, não me importo nada com o ministro de Herran.

Ele lhe lançou um olhar repreensivo.

– Kestrel, eu sei com o que você se importa.

Ela arriscou um tom zombeteiro e uma mudança de assunto.

– Já que estamos fofocando sobre quem está de olho em quem, não acha que está na hora de dizer qual das minhas criadas trabalha para você?

– O que isso mudaria? Não percebe que, a esta altura, *todas* espionam você? Eu suborno uma, mas quem suborna as outras? – Verex a encarou agora. – Você me perguntou se eu gostaria de virar médico. Sim. Gostaria. Antigamente. Cheguei até a ler livros sobre o assunto. Meu pai botou fogo em todos. Kestrel, sei que você acha que escondeu sua vontade onde ninguém pode ver. – Os olhos castanhos de Verex encararam os dela. – Mas precisa esconder melhor.

Uma flecha voou alto sobre o alvo, com as penas silvando.

– Verex, o que minha criada lhe contou?

– Não muito... até agora. – Ele deve ter visto a preocupação que ela tentava esconder. Sua expressão se suavizou. – É melhor assim, não?

Kestrel conseguiu abrir uma sorriso alegre, tenso.

Verex suspirou.

– Venha – ele disse. – Quero ver Risha atirar.

Kestrel deixou que ele a guiasse na direção dos arqueiros. Ela ficou aliviada por não ter prometido entrar no concurso de arco e flecha. Seus dedos tremeriam na corda do arco.

Risha encaixou uma flecha. Ela tinha uma linha fina, forte. Kestrel se concentrou em observar a menina oriental. Se observasse Risha com a mesma intensidade com que Verex observava, talvez conseguisse esquecer, nem que por um momento, o alerta de Verex.

Risha soltou a flecha. Ela voou preguiçosa e acertou a beira do alvo. Todas as suas flechas estavam mal posicionadas no alvo. Pela maneira como Risha empunhava o arco, Kestrel

pensava que ela seria capaz de mais. Mas, enfim, o dia estava cheio de brisas traiçoeiras.

Risha voltou a mirar.

– ... nascer primeiro? – Kestrel ouviu alguém dizer. – Um príncipezinho ou uma princesinha?

Verex ficou paralisado ao lado dela. Kestrel viu os cortesãos que fofocavam. Percebeu que estavam olhando direto para Verex e ela. Suas palavras eram trazidas claramente pelo vento. Não era para Kestrel ter demorado tanto para entender do que estavam falando. Quando entendeu, seu rosto corou.

Risha soltou a flecha.

Acertou bem fundo no centro do arco.

Aprender a língua oriental fazia Arin sentir como se estivesse lembrando algo que não sabia que conhecia. Dacrano era muito parecido com herrani. Tinha algumas estruturas semelhantes e, embora o vocabulário fosse diferente, as palavras também não soavam completamente estrangeiras. Arin aprendeu rapidamente.

Se a língua oriental parecia familiar, muitas coisas naquele país eram diferentes. A culinária dacrana dava mais importância à cor do que ao sabor. As roupas eram simples, mas as maquiagens não, e tanto homens como mulheres as usavam. Roshar em particular gostava de maquiagem nos olhos com um tom vívido, dramático, como se para mostrar que sabia que isso destacava suas mutilações e que não se importava com esse efeito.

Permitiram que Arin andasse pelo palácio e pela cidade.

“Todos sabem quem você é”, Roshar havia dito, dando de ombros. “Se for longe demais, a milícia da cidade vai ter o maior prazer em atirar em você.”

“O que é ‘longe demais’?”

Roshar lhe disse para descobrir por conta própria.

Enquanto isso, a rainha manteve distância.

No começo, Arin ficou dentro do palácio, pensando que a estrutura era uma casca que abrigava não apenas a rainha, mas também o que havia no interior dela. Se conhecesse seus corredores e alcovas e câmaras, ele conseguiria descobrir o que a convenceria a fazer uma aliança com Herran.

Mas a mistura vertiginosa de paredes transparentes e opacas não lhe deu nenhuma pista. Ele andava a esmo. Às vezes, ouvia uma música distante tocada em outros cômodos. Havia um instrumento parecido com o violino herrani, mas com um cavalete mais plano, e, aqui, as cordas eram afinadas em um tom mais agudo e tocadas de maneira percussiva: muitas notas tangidas e movimentos de arco mais agressivos.

Arin quase nunca via a rainha. Quando via, ela o ignorava com uma frieza que nunca deixava de lembrá-lo que ele não tinha nenhuma arma. Seus pais diziam que portar uma arma abertamente era o ápice da barbárie. Agora, porém, Arin se sentia estranho sem a adaga de Kestrel no quadril. A ausência dela o incomodava... e o incomodava ainda mais o que esse incômodo poderia significar.

Os orientais estavam sempre fortemente armados. Eles preferiam armas pequenas. Suas bestas eram as menores que Arin já tinha visto. Roshar lhe havia explicado que não eram tão potentes quanto uma besta ocidental, mas eram mais precisas e rápidas de recarregar.

O amor oriental pelas miniaturas estava por toda parte no castelo. Pinturas do tamanho de um palmo decoravam as paredes. Bacias coletoras de água da chuva que descia dos telhados

eram decoradas por mosaicos minúsculos de libélulas. Prateleiras nos cômodos onde as pessoas fumavam abrigavam relógios de parede do tamanho de relógios de bolso e ovos de porcelana que, quando abertos, revelavam cobras enroladas feitas de vidro verde soldado. Alguns ovos chocavam tigres minúsculos que rangiam seus dentes mecânicos.

Certa vez, Arin vagou até os recônditos do castelo e encontrou uma maquete do castelo sobre um pedestal. Dentro, as suítes exibiam detalhes que fizeram Arin desejar uma lupa. Com a ponta da unha, ligou a torneira de uma das salas de banho. A banheira do tamanho de uma xícara de chá se encheu de água. Tudo fazia Arin se sentir grande demais: bruto, desajeitado.

– Bem que disseram que você estaria aqui – disse uma voz atrás dele. Era Roshar.

Arin fechou a água da banheira.

– Era da minha irmã. – O tom de Roshar deixou claro a que irmã ele estava se referindo. Ele fitou uma suíte de quartos que parecia adequada a uma pequena princesa. Um baú repousava ao pé de uma cama com dossel. Arin fez sinal de abri-lo. Imaginou que Roshar fosse vociferar uma objeção, mas apenas o encarou, com os olhos pretos, curiosos e estreitados, feito os daquelas cobras dentro dos ovos de porcelana. Arin colocou um dedo dentro do baú.

Puxou a mão. Sangue manchou seu dedo. Ele sentia como se tivesse sido mordido por uma legião de presas minúsculas.

Roshar tirou o baú do quarto minúsculo. Despejou o conteúdo na palma da mão, que estendeu para mostrar para Arin.

Miniaturas de armas. Espadas do tamanho de palitos de fósforo. Adagas como limalhas afiadas de aço. Roshar apertou a mão em volta delas, depois jogou as arminhas ensanguentadas de volta na suíte da casa de bonecas de Risha.

– Vamos sair daqui – ele disse.



– Uma decapitação seria espetacular – Roshar disse enquanto Arin guiava a canoa canal acima. Era um dia claro. – Não acha? Você é pesado demais para um bom enforcamento. Seu pescoço se quebraria no instante da queda.

– Decapitação também seria rápido.

– Não se o machado for cego.

Era uma conversa comum entre Arin e Roshar, que havia sido muito prestativo ensinando a Arin as palavras de seu país para diversas mortes por execução e o lembrava diariamente que sua vida estava nas mãos do príncipe. Em geral, esse tipo de conversa alegrava Roshar, que estava deitado em sua ponta da canoa, com os braços cruzados sobre o peito. Uma perna pendurada sobre a lateral do barco. Seus olhos apontavam para o céu azul. Mas sua postura indolente parecia uma farsa hoje. O corpo de Roshar estava marcado por linhas duras.

Então, seu olhar desceu e pousou sobre a cidade. Algo chamou sua atenção. Mudou seu rosto. Tirou todo o fingimento dele e não deixou nada além do ódio puro que o fizera apertar o punho em volta das armas de brinquedo de Risha.

Arin viu o que ele via.

Uma mulher vagava pela margem do canal. Ela usava as calças afuniladas do povo das planícies. Aninhada em seus braços estava uma trouxa de tecido azul, a cor usada por crianças dacranas. Ela segurava o fardo como se fosse um bebê. Mas ele não tinha rosto. Não tinha mãos. Não era nada além de um pano enrolado em torno de si mesmo. Ela o tocava com ternura.

Arin parou de remar. A água se arrastou em torvelinho para longe de seu remo imóvel.

Às vezes, Arin quase entendia o que Kestrel havia feito. Mesmo agora, enquanto sentia a deriva do barco e não lutava contra seu impulso, Arin lembrava a sofreguidão no rosto de Kestrel sempre que mencionava o pai. Como uma nostalgia. Arin queria tirar aquilo dela. Especialmente durante os primeiros meses em que fora propriedade dela. Queria obrigá-la a ver seu pai pelo que ele era de verdade. Queria que admitisse o que *ela* era, como estava errada, como não deveria ansiar pelo amor do pai. Esse amor estava manchado de sangue. Ela não via isso? *Como* não? Ele já a odiara por isso.

Então, de alguma forma, isso o comovera. Ele mesmo conhecera essa sensação. Também desejava o que não deveria desejar. Também sentia como se o coração escolhesse seu lar e ignorasse a voz da razão. *Não aqui*, ele havia tentado dizer. *Não isso. Não é meu. Nunca será.* Mas ele sofria do mesmo mal.

Em retrospecto, o papel de Kestrel na conquista das planícies orientais era previsível. Às vezes, ele a condenava por cair nas graças do imperador ou a culpava por brincar de guerra como se fosse um jogo só porque ela era capaz de jogar. Mas ele pensava conhecer o verdadeiro motivo dela. Tinha feito aquilo por causa do pai.

Quase fazia sentido. Pelo menos quando ele estava perto de dormir e, com sua mente mais calma, era mais difícil controlar o que se passava por ela. Logo antes de dormir, ele chegava perto de entender.

Só que ele estava acordado agora. Estava olhando para a mulher de olhos apáticos que embalava seu bebê de pano. Ele a viu acariciar as dobras azuis. Viu o fim de sua própria compreensão.

Arin desejou que Kestrel pudesse ver o que ele via. Quis que ela pudesse pagar pelo que havia feito.

A primavera abriu o mundo. Botões cerrados desfizeram suas costuras e despejaram cores.

Kestrel continuava sem sair. Nada ajudava. Os pensamentos também tinham suas estações e ela não conseguia deter o que subia por entre o subterrâneo de sua mente. E o que eram esses pensamentos? O que ela colhia em segredo, junto com a culpa? O que segurava e erguia sob a luz para ver melhor, e o que deixava cair o mais rápido que conseguia, como se fosse quente demais ao toque?

Estes últimos tipos de pensamento cresciam como flores em chamas no lugar de pétalas. Cauterizavam a grama ao redor deles. Queimavam da raiz até o estame. Kestrel os evitava.

Nem sempre era assim, porém. Às vezes, ela os buscava primeiro. Às vezes, mentia para si mesma no caminho.

Ela pensava no piano que havia deixado para trás em Herran. E podia pensar nele, afinal, por que não sentiria falta do instrumento que tinha crescido tocando e que pertencera à mãe? Não havia nada de errado em pensar que o piano do palácio tinha um som forte, ecoante, que devia ser o instrumento mais refinado, mas fazia com que ela sentisse ainda mais falta daquele que havia tocado praticamente a vida inteira. Ela quase podia sentir suas teclas frias.

Seu piano estava na casa de Arin. Ela conhecia bem aquela casa. Havia sido sua prisão. Havia – quase – se tornado seu lar.

Mas, então, pensava que isso não era verdade. Ela não conhecia tão bem a casa de Arin e sua insistência nessa verdade deixava claro que só havia insistido na mentira de antes para que pudesse se corrigir. Afinal, não havia uma parte da casa de Arin que ela nunca tinha visto?

Era esta sua correção:

Era esta a flor que queimava:

Kestrel nunca havia entrado nos aposentos de Arin. Sim, havia visitado sua suíte de infância. Tinha estado lá com ele uma vez. Mas não era lá que ele dormia quando ela estava na casa. Não era lá que ele passava as horas privadas, onde se banhava, se vestia, lia e olhava pelas janelas. Não, ela nunca havia admirado aquelas vistas.

Arin morava do outro lado dos jardins geminados do terraço que uniam a suíte dele à dela. Ele tinha lhe dado a chave para a porta. Em sua mente, Kestrel estava com a chave. Encaixava-na na fechadura. Abria a porta devagar.

Ela imaginava o que encontraria. Talvez o corredor que dava do jardim para os aposentos de Arin tivesse um piso ladrilhado que tivesse sido lustrado a ponto de brilhar na escuridão, como as escamas de uma criatura mágica. Em sua imaginação, fazia horas que a noite havia caído. A escuridão era antiga.

Arin não acenderia lamparinas em todos os cômodos, muito menos naqueles que não estivesse usando. Isso seria algo que Kestrel faria. Arin não; ele acenderia uma lamparina e manteria a chama baixa, como alguém que havia muito era obrigado a conservar o pouco que tinha. Havia uma luz para seguir. Quando ela a encontrasse, encontraria Arin.

Às vezes, ela o encontrava em seu quarto.

Às vezes, isso era demais para a mente dela. Fazia seu coração vacilar. Tirava sua coragem. Então, ela o encontrava em outros lugares: sentado numa poltrona perto da lareira da sala de estar ou agachado junto ao fogo, alimentando as chamas com gravetos.

Quando o encontrava, acontecia sempre a mesma coisa. Sua imaginação fazia com que ele tivesse algo nas mãos só para ter de colocar de lado quando a via. O graveto. Um livro.

Ele ficava surpreso ao vê-la. Não esperava que ela viesse.

Ele se empertigava. Levantava-se. Chegava mais perto.

Arin havia ganhado a verdade dela naquela noite na capital. Havia ganhado de maneira justa. Dessa vez, cobrava o que ela lhe devia. Dessa vez, exigia saber todos os seus motivos. Ela os pagaria integralmente. A verdade estava na ponta de sua língua. Mas não só ali. Kestrel também sentia a verdade em sua garganta. Sentia suas raízes fundas dentro dela. Ela se perguntou se essa seria a mesma sensação de cantar. Era assim o momento antes do canto, quando o corpo se enrijecia e se preparava?

Ela poderia perguntar para Arin. Ele devia saber. Porém, ela tinha medo de abrir a boca.

Ele estava ouvindo. Esperava por suas respostas.

Esse era o momento. Era agora que tudo sempre acontecia. E era isto: Kestrel encostava sua boca na dele e cantava a verdade dentro do corpo dele.



Ela não conseguia mais suportar o silêncio de Jess. Cartas demais haviam passado sem resposta. Vezes demais Kestrel havia sido dispensada diante da porta de Jess. Kestrel odiava forçar um encontro... mas, no fim, foi exatamente o que ela fez. Emitiu um anúncio ornado com o selo imperial. O papel pesado declarava o dia da chegada de Kestrel na casa de Jess. Definia o horário.

E Jess estava lá.

Kestrel foi convidada para entrar na sala de visitas, onde Jess estava sentada num sofá forrado de bordados junto ao fogo alto da lareira, embora o tempo estivesse bom. Kestrel ficou em pé, constrangida, enrolando e desenrolando as correias da bolsa. Jess estava ainda mais magra do que antes, seu cabelo estava sem brilho e seus olhos não encaravam os de Kestrel. Estavam focados um pouco mais para o alto – na marca de noivado em sua testa, Kestrel percebeu.

Jess desviou o olhar.

– O que você quer? – ela perguntou.

Kestrel havia sentido náuseas na carruagem durante todo o caminho. A sensação tinha piorado agora. Suas entranhas se contorciam em nós tortuosos.

– Ver você.

– Ora, estou aqui, segundo seu comando. Já me viu. Pode ir embora.

– Jess. – Kestrel sentiu um imenso nó na garganta. – Sinto saudade sua.

Jess beliscou a imagem bordada na almofada do assento do sofá. Mostrava uma menina guerreira caçando uma raposa. As unhas de Jess se enroscaram em um fio.

– Foi por causa do colar? – Kestrel perguntou. Ela havia tido uma prontidão insensível, cruel, ao quebrar as pétalas de vidro do presente de Jess até virarem pó. Pegou-se desejando que o presente quebrado fosse o único motivo de sua amizade ter se desfeito.

– O colar. – A voz de Jess era inexpressiva.

– Eu não sabia o quanto ele significava para você. Eu...

– Estou *feliz* que ele tenha quebrado. – Jess se levantou de um salto e foi até uma bandeja de cristal posta numa mesa de canto. Nela, estava um jarro de cristal de água e um pequeno frasco com um líquido escuro. Jess serviu a água numa taça, derramando um pouco. Virou o frasco sobre a taça. Várias gotas caíram na água e a turvaram. Jess bebeu sedenta, com os olhos castanhos brilhantes demais, duros.

O pai de Kestrel teria reconhecido aquele olhar, porque era um olhar de guerra.

Mas ele não veria as lágrimas não derramadas de Jess. Ou, se visse, fingiria que não estavam lá.

Os olhos de Kestrel também lacrimejavam.

– Diga-me o que eu fiz.

– Você sabe. É você quem sabe de tudo. Já *eu* não sei de nada. Não passo de uma inocente, que se esforça para acompanhar os acontecimentos. Por que *você* não *me* explica? Diga que sou devagar. Ria de mim por ter dormido na sua cama, por ter ficado cansada, por ter procurado você no seu maldito baile e você não ter falado comigo lá, nem uma vez sequer. Por eu ter me escondido na multidão e bebido taça após taça de água com limão, só para ter algo para fazer. Conte que vi aquele seu escravo abrindo caminho pela multidão. Ele parecia imundo. Vestia farrapos. Era moreno e repugnante. Mesmo assim, ele brilhava. – A voz de Jess saiu baixa, feroz. – A boca dele cintilava. O paletó também. Por que não explica *isso*, Kestrel? Sou estúpida demais para entender por conta própria.

Kestrel sentiu o rosto esfriar e lentamente empalidecer.

– Não pensei nada sobre a forma como o paletó dele refletia a luz – Jess disse. – Como cristais, pensei. Ou pedaços de vidro. Estranho. Mas não quis olhar para ele. Eu me *recusava* a olhar para ele. Desviei o olhar. Então fui dormir. Você me acordou, contou sobre o colar

quebrado. Eu sou tão *devagar*. Dá para acreditar que só de manhã, quando eu estava sozinha em seu quarto, passou pela minha cabeça que havia uma explicação muito simples para tudo aquilo? – Lágrimas tremiam nos cílios de Jess. – Por que não me fala qual é, Kestrel? Conte a verdade.

Kestrel não entendia como a verdade poderia ter duas faces, igual a uma moeda. Tão preciosa – e tão terrível. Ela continuou parada no centro da sala de visitas: calada, aprisionada em seu próprio silêncio... e em como seu silêncio se tornou sua resposta.

Jess chorava abertamente agora.

– Ele tirou tudo de mim.

Kestrel deu um passo na direção dela. Jess ergueu as mãos como se para se defender. Kestrel se deteve.

– Jess – ela disse baixo –, *ele* não tirou.

Jess soltou uma breve gargalhada ríspida. Limpou as lágrimas em suas bochechas.

– Não? Ele tirou minha casa.

– Não para uso próprio. Foi parte do tratado do imperador para devolver as casas coloniais.

– Que ele assinou.

– Para começar, aquela casa nunca foi sua.

– Olhe só você! Nós conquistamos aquela terra. Era nossa. É a lei da guerra.

– Lei de *quem*, Jess? Quem disse que é assim que deve ser?

Jess estreitou os olhos como se para ver algo distante.

– Foi *ele* quem fez isso com você.

– Não, não foi.

– Você foi minha amiga por mais de dez anos. Acha que não sei quando está mentindo?

– Ninguém me *obrigou* a mudar.

– Mas você mudou.

Kestrel ficou em silêncio.

– Ele levou Ronan – Jess disse. – Ronan entrou para os rangers, você sabia disso?

Não, Kestrel só sabia do alistamento. Os rangers eram uma brigada de elite. Responsáveis pelas missões mais letais. Um estilhaço brilhante de medo entrou no coração de Kestrel.

– Ronan fez isso consigo mesmo – ela disse finalmente. – Ninguém o obrigou a se alistar.

– Ninguém? – A voz de Jess estava rouca de fúria.

– Eu implorei – Kestrel disse. – Implorei para ele não se alistar.

– De que importa se você implorou? Ronan sabia. Aposto qualquer coisa que ele sabia. Ele sabe do que eu sei. Aquele escravo tomou *você*. Era o *meu* presente nas roupas dele. Era a *sua* marca de noivado na boca dele. E era isso o que *você* queria. Era o que você queria enquanto eu estava morrendo no chão do palácio do governador. Mesmo antes disso: quando escolhi seu vestido e pedi para você ser minha irmã. Você queria isso o tempo todo.

O olhar de Kestrel pousou sobre o sofá bordado. Ela fitou a menina caçadora que desfiava.

– Negue – Jess disse.

Se Kestrel puxasse aquele fio solto, o resto bordado se desfaria. Se puxasse com força suficiente, talvez a menina bordada desaparecesse por completo.

– Negue!

– Não posso – Kestrel disse, angustiada.

– Então saia.

Mas Kestrel não conseguia se mover.

– Vá embora, Kestrel. Não quero ver você nunca mais.



Kestrel se sentou diante do piano na severa sala de música do palácio. A fileira de teclas olhava de volta, muda.

Jess sabia.

Kestrel afundou a mão em um acorde agressivo. E lá estava de novo, aquele eco estranho e perturbador, que sempre fazia sua música soar como se estivesse ouvindo a si mesma. Ela tirou a mão. Seu corpo ficou rígido, seus ossos terrivelmente duros. Talvez ela conseguisse fazer o que sempre fazia, ignorar o eco. Talvez tivesse mergulhado direto na música. Mas foi detida por uma sensação que nunca havia tido.

Ela não quis tocar.

Kestrel deixou o piano. Examinou a sala. O que deixaria a acústica adequada? Tapeçarias na parede? Kestrel refletiu sobre isso. Refletiu muito, a ponto de ignorar o quão desesperadamente queria que Jess entendesse.

Kestrel estava estudando uma estante e se perguntando se a acústica seria melhor se enchesse as prateleiras com mais livros quando ela viu: no fundo de uma das estantes embutidas na parede, não havia fundo de madeira. As outras estantes tinham.

Essa tinha um biombo. Um biombo pintado ardilosamente, com nós realistas de madeira e veias mais escuras.

Kestrel se aproximou. Ficou na ponta dos pés e tirou o barômetro do caminho. Deu uma batidinha no biombo de metal.

Eco.

Havia algum tipo de câmara do outro lado da parede. Atrás do biombo pintado estava um lugar onde alguém poderia ver o que Kestrel fazia, ouvir o que ela tocava, escutar tudo o que ela conversasse naquela sala.

Aquela sala, que havia sido de Verex e que o imperador havia dado para ela.

Kestrel colocou os tornozelos no chão.

O imperador adorava seus joguinhos.

Kestrel revisitou freneticamente todos os momentos que havia passado na sala de música. Já havia cometido algum erro? Deixado escapar algo que não deveria? Ela achava que não. Não, ninguém poderia ter visto nada de errado.

Impróprio.

Traíçoeiro.

Kestrel recuou. Alguém poderia a estar observando agora.

Ela saiu da sala. Vasculhou o corredor do lado de fora em busca de uma entrada para o espaço oculto. Passou os dedos nos entalhes da parede até o centro de uma flor de madeira ceder ao seu toque e o painel deslizar.

O cômodo secreto era vazio, pequeno, escuro, frio. O biombo dava uma vista para seu piano e para grande parte da sala iluminada, mas não para a porta. Kestrel olhou fixo para o lugar vazio onde estava sentada.

Ela voltou-se para olhar de novo o cômodo vazio. Parecia quase comum. Simples, limpo. Sem pó. Mas tinha um cheiro abafado e úmido. Como uma prisão.

Kestrel se manteve perto do pai. Ele conseguia andar bem o suficiente, mas se cansava fácil, então ela o desafiava a jogos de Fronteiras na suíte dele, enquanto a maior parte da corte passava dias inteiros lá fora, sob o céu azul, abrindo guarda-sóis para se proteger. Nunca houve uma primavera como essa, os cortesãos exclamavam. O casamento no Primeiro Verão seria glorioso.

Durante os jogos de Fronteiras, normalmente Kestrel e o general moviam suas peças em silêncio. Mas, um dia, não muito depois de ter visto Jess, seu pai avançou a infantaria em um movimento imprudente.

– Por que está expondo seus soldados? – Kestrel perguntou.

Ele ergueu as sobrancelhas.

– Está criticando minha linha de jogo?

– Você deveria usar o canhão.

Ele começou a sorrir.

– Frustrai alguma estratégia sua?

– Eu poderia dizimar suas vanguardas. Poderia fazer isso agora.

– Bom, se é o que quer.

Kestrel estava ficando furiosa. Não fez nenhum movimento.

Seu pai perguntou:

– Estamos brigando?

– Não.

– Sobre o que estamos brigando?

Kestrel pensou em Ronan combatendo no oriente. Pensou em como havia destruído o colar que Jess lhe dera porque ele era descartável. Era o tipo de decisão que seu pai a havia criado para tomar. Lembrou de como, quando eram pequenas, ela e Jess caminhavam de mãos dadas, a palma de Jess fresca contra a sua. Kestrel pensou em Arin, na cidade de Herran, e no que ele pensava dela agora. Enfim, Kestrel pensou em si mesma como se fosse duas, e uma ficasse atrás do biombo na sala de música, observando e julgando a outra.

– Você os está sacrificando – ela disse ao pai.

– É só um jogo.

Kestrel não disse nada.

– Você está preocupada com meus métodos – disse o general. – Acha que não sei como

guerrear.

– Você está desperdiçando vidas.

– Protejo meus soldados da melhor maneira possível. E uso os canhões. O exército valoriano é bem armado. Temos estoques significativos de pólvora negra. Nosso arsenal supera o de todos os inimigos. E quase nunca preciso muito dos canhões.

Ela imaginou Ronan na linha de frente de um exército.

– Então você prefere deixar nosso povo lutar corpo a corpo.

– É o que fazemos. É a nossa natureza. Se não pudermos conquistar o que queremos com nossas próprias mãos, não merecemos vencer.

Kestrel se inclinou para trás do tabuleiro. Ela se recostou na cadeira.

Ele perguntou:

– Prefere que eu enfileire meus canhões cano com cano e elimine as forças orientais?

Não, claro que não. Não foi isso o que ela quis dizer.

– Você me acusa de desperdiçar vidas. Eu poderia, Kestrel. Poderia desperdiçar milhares, dezenas de milhares de vidas. Mas não faço isso. Tento minimizar as mortes inimigas.

– Só para poder escravizar o povo depois.

Ele afinou a boca.

– Acho melhor voltarmos ao jogo.

Ele venceu.



Verex a parou no corredor.

– Estava procurando por você.

– Talvez você tenha subornado a dama de companhia errada. Deveria escolher uma que ficasse mais atenta ao meu paradeiro.

Ele deu risada.

– Ou talvez *você* deva subornar um dos meus criados para ficarmos quites. Mas, enfim – ele encolheu os ombros, bem-humorado –, meus paradesiros não são muito interessantes. – Ele a puxou pela mão. – Venha. Tenho uma coisa para mostrar para você. Dar para você, na verdade.

– Um presente?

– Um presente de *casamento*.

A palavra casamento fez seu coração parar.

- É cedo demais para isso.
- Nunca é cedo demais para presentes.
- Eu não tenho nada para você.
- Ah, venha logo. Você vai gostar, prometo.

Era uma filhote grande. Uma criatura preta e agitada com as orelhas dobradas e um rabo que havia sido cortado para a caça. Ela estava mastigando a perda de uma das cadeiras ornamentadas na sala de estar de Verex. Havia deixado uma poça amarela no piso de madeira.

- A pequeninha – Verex disse, com orgulho. – Ela sobreviveu.

Kestrel se agachou, roçando as saias de organza. Ela ofereceu uma mão ao animal, que a farejou, depois se agachou para que Kestrel pudesse coçar sua orelha. Seu rabinho grosso abanou de um lado para o outro. Encantada, a filhote mordiscou o pulso de Kestrel.

De repente, Kestrel se sentiu calma e aquecida, como se tivesse acabado de entrar em casa depois de uma longa caminhada em um dia frio que ninguém havia previsto.

Ela se levantou. Foi até Verex e lhe deu um beijo no rosto.

- Ah – ele disse e, constrangido, deu um tapinha em seu ombro. – Bem. – Ele sorriu.

Eles brincaram com a filhote, cujo nome Kestrel não quis escolher ainda. Jogaram almofadas de veludo para a cadela pegar. Ela as destruiu. Penas voaram e cobriram o chão.

Era um momento simples, tranquilo, feito uma pedrinha jogada do leito de um rio. Kestrel poderia ter perguntado a Verex sobre o biombo na sala de música. Poderia ter contado do jogo de Fronteiras com seu pai ou que sua amiga mais antiga não era mais sua amiga. Mas ela não quis. Nada deveria estragar aquele momento. Ela brincou de cabo de guerra com a cachorrinha até o animal soltar a almofada, que não tinha mais nenhuma semelhança com uma almofada. A filhote se deixou cair no chão em uma bolinha preta e adormeceu.

Kestrel se perguntou que nome Jess daria para ela, depois baniou esse pensamento da mente.

Mas...

Algo a estava incomodando. Algo sobre o dia na sala de visitas de Jess que ela deveria ser capaz de entender. Um mistério que Kestrel achava que poderia ter uma resposta simples, quando todo o resto parecia desnorteante, como o fato de que ela entendia a raiva de Jess, e ao mesmo tempo não.

- Você sabe muito sobre medicina – ela disse a Verex.

– Não muito. – Ele sentou no chão junto à filhote adormecida, que havia se aconchegado aos pés de Kestrel. – Estudei pouco. Conte para você: meu pai não gostava. Não fui muito longe.

- Mas você sabe algumas coisas.

Ele deu de ombros.

– Acho que sim.

– Existe algum remédio amarronzado que dá para tomar com água?

– *Diluído* na água?

– Sim, foi o que quis dizer. O remédio deixa um resíduo no fundo da taça.

Ele mordeu os lábios.

– Podem ser várias coisas. Seria melhor perguntar para o médico do palácio. Ele criou diversos medicamentos concentrados para serem diluídos na água. É excelente para calcular a diluição. Estudou engenharia hidráulica. – Ao ver a surpresa de Kestrel, Verex disse: – Sim, até serviu no exército com a engenheira hidráulica do palácio. Mas faz muito tempo isso. Ele tinha talento como médico no campo de batalha e mudou de profissão. – Verex passou a mão no dorso da filhote, que suspirou fundo. – Você não queria que fosse fácil assim? Mudar quem você é?

Por um momento, Kestrel não entendeu direito a pergunta. Sua mente estava reluzindo com a relação entre o médico do palácio e a engenheira hidráulica chefe, que havia recebido suborno por um motivo ainda desconhecido.

Ela havia prometido a Tensen que descobriria o que era.

Havia prometido a si mesma viver segundo suas próprias noções de honra. Ajudaria Tensen. Porque era certo. Porque era importante.

Como a inconsequência da sua vida não envergonha você?

A lembrança de Kestrel era tão tomada pela voz de Arin que ela não notou que Verex a observava. O que mesmo ele havia perguntado?

Se ela queria mudar quem era.

– Não – ela mentiu. Logo em seguida, concluiu que era essa a verdade. – Não – ela repetiu –, não queria.

— Chegou para você — a rainha dacrana disse em sua língua, entregando um embrulho para Arin. — Um navio herrani trouxe isto para a ilha do templo.

Ele colocou o pacote embaixo do braço. Não era um simples pacote. Era uma notícia. Arin disfarçou sua ansiedade.

E disfarçou sua surpresa. Com a rainha, entregando algo para ele. Com ela parada em seu quarto, que era apenas um aposento, e não uma suíte. A cama — muito mais alta que aquelas com que Arin estava acostumado, e mais estreita — estava num canto, arrumada com cuidado. A luz era suave e cinza. Formava um halo em estrela geométrica através das pequenas janelas triangulares reunidas em um desenho radiante. Os olhos pretos da rainha, maquiados com linhas de tinta azul que desciam em espirais esverdeadas até suas maçãs do rosto, pareciam brilhar. Ela era alta; seu olhar quase na mesma altura do dele.

— Abra — ela disse.

Arin passou a mão em sua bochecha marcada pela cicatriz.

— Você está me entendendo? — ela perguntou. — Parece que sim. Aprendeu minha língua rápido.

— Como os soldados herranis podem aprender. Podemos lutar juntos.

— E, no entanto, não consegue obedecer a um comando simples.

Arin abriu o embrulho. Era uma camisa com uma barra tecida de uma forma intrincada que ele conhecia bem. Ele não deveria ter encarado e começado a decodificar os nós e cores diante do olhar da rainha, mas se pegou fazendo isso. A Mariposa...

— Essa roupa é pesada demais para o nosso clima — disse a rainha.

— Vou mandar de volta. — Arin cortaria a bainha tecida e costuraria sua própria mensagem para Tensen.

Ele dobrou a camisa displicentemente no assento de uma poltrona, lendo nos barbantes que a engenheira hidráulica imperial tinha um padrão de vida acima de seus recursos aparentes e era hostil a Herran. A Mariposa acreditava que a engenheira havia mesmo feito um acordo com o imperador. Não existia prova, mas...

Começou a chover. Arin ouviu a água escorrer pelos canos do castelo. A rainha estava em silêncio, observando-o. Ele se obrigou a tirar os olhos da camisa.

Talvez fosse porque sua mente estava tomada pela Mariposa e porque o barbante cinza que a representava cobria toda a bainha, mas Arin olhou a rainha e viu Risha no lugar dela. A rainha tinha as mesmas sobrancelhas retas, o mesmo formato de boca e a mesma — ele começou a desconfiar, a ideia foi brotando — generosidade.

– Vou mandar meu irmão para fora da cidade – ela disse. – Você vai com ele. – Ela fez uma pausa, depois acrescentou: – Você faz bem para ele. Ele é irrequieto.

– Ele estava com sua irmã quando ela foi capturada pelo império?

O rosto da rainha se fechou.

Arin disse:

– Tenho a impressão de que ele se culpa.

– Ele me culpa.

– Não entendo.

A rainha andou até a janela caleidoscópica e observou a chuva. Ela fingiu que as palavras dele tinham significado outra coisa.

– Não deve ser fácil aprender outra língua tão rápido. Você tem um dom para isso?

Ele não sabia ao certo. Mesmo agora, não havia reconhecido todas as palavras que ela usou. Sua mente caçava sentido entre os silêncios e buscava entender o que não sabia, formulava frases inteiras a partir de partes compreendidas. Parecia um jogo...

Quando este último pensamento lhe ocorreu, ele avistou o perigo. Sentiu o chute no estômago que ordenava sua mente a parar e aceitar esse pensamento cortado sobre palavras e sentidos e jogos. Tentou deter o pensamento, mas ele escapuliu. Começou a pensar por conta própria, sobre Morder e Picar, e como ele era capaz de vencer alguém sem conhecer todas as peças em jogo. Sim, ele havia vencido, embora jogar contra Kestrel desse a sensação de que todas as peças eram opacas dos dois lados.

Ele calou esse pensamento. Porque, na verdade, supor o que ele não sabia a respeito de Kestrel havia feito mal para ele. Ele havia acreditado em coisas que não existiam... ou haviam deixado de existir.

– Não – ele respondeu, abrupto. – Dom nenhum.

– Talvez Dacra e Herran tenham tido algum ancestral em comum milhares de anos atrás – ela especulou. – Talvez seja por isso que nossas línguas são parecidas. Mas não. Somos diferentes demais.

– Não precisamos ser.

Ela se voltou para ele.

– Pare de pedir uma aliança.

– Não vou parar.

– Tolo.

– Prefiro me ver como um otimista.

Ela estalou os dentes: um gesto dacrano para dizer *não*. Era um som impaciente. Arin o

havia ouvido sendo usado com crianças.

– Herran não tem nada a nos oferecer além de vidas – a rainha disse a ele. – Eu poderia enfiar seu povo nas linhas de frente. Se o vencêssemos, eu tomaria seu país e ele seria meu. A palavra que você quer não é *otimista*. Tampouco, penso eu – ela o olhou de cima a baixo –, *tolo*. É *desesperado*.

A chuva devia ter cessado. Os canos ficaram em silêncio.

Ela continuou:

– Eu também estaria. Pediria o mesmo que você me pede. Mas ofereceria mais. Depois, negociaria termos melhores para uma aliança.

Ele pensou naquele brinco de esmeralda que havia entregado nas mãos da guarda-livros. Não pensou no que ele era, mas no que significava. Ele guardava o valor inestimável dele em sua mente e procurou em todo canto uma ideia do que poderia se equiparar àquilo.

– Diga-me o que posso oferecer.

Ela ergueu um ombro com delicadeza.

– Algo mais.

– Diga-me o que é.

– Eu vou saber – ela disse – quando você me der.



Arin e Roshar remaram rio acima. A suave alvorada deu forma a um dia claro. O castelo foi ficando para trás, até se perder de vista. Os juncos nas margens rufavam levemente uns contra os outros, e enxames de libélulas enormes ondulavam como estandartes ao longo da canoa.

Roshar guiava. Depois que saíram da cidade, Arin havia notado a besta pendurada nas costas de Roshar e um conjunto de facas de lançar em seus quadris. Arin havia perguntado se Roshar esperava enfrentar resistência do povo das planícies que haviam levantado acampamento rio acima. Roshar havia sorrido e dito, com ar acanhado: “Ah, isso é para os animais do rio”. Então, embora Arin não tivesse insistido, Roshar acrescentou: “Se quer mesmo saber, é para caçar uma boa cobra venenosa e fazer você comê-la. Você adora estragar surpresas, não é?”.

A canoa ficou mais devagar. Roshar havia parado, por isso Arin ergueu o remo também e olhou para trás. Roshar estava olhando para os juncos. Seu nariz mutilado deixava seu perfil chocantemente plano.

A corrente começou a empurrá-los rio abaixo. Eles voltaram a pegar nos remos.

Havia algo naquele dia – o ritmo dos juncos, o mergulho dos remos, o *brrr* das libélulas e até o perfil atrofiado de Ronan – que libertou algo dentro de Arin. Se tivesse de colocar o que sentia em palavras, talvez dissesse que era uma harmonia com o momento.

Ele começou a cantar. Para si mesmo, para o dia, para a sensação que tinha diante daquilo tudo. Fazia bastante tempo. Era boa a sensação de dar à luz a música e botá-la no mundo, sentir como o peso inicial dela deixava sua língua mais leve. A canção saía flutuando de seus lábios.

Ele não estava pensando. Não estava pensando em Kestrel. Mas, então, pensou que não estava pensando nela. A canção tornou-se chumbo. Ele se calou.

Caiu um silêncio.

Finalmente, atrás dele, Roshar disse:

– Não deixe minha irmã ouvir isso, senão ela não vai me deixar matar você.

Arin não olhou para trás. Apenas comentou:

– Quando estava saindo da capital, eu vi Risha.

A canoa fez um curva. Roshar havia parado de remar.

– Todo mundo lá a chama assim ou é só você? – Quando Arin olhou para o príncipe por sobre o ombro sem entender, Roshar explicou: – O nome dela é Rishanaway. É assim que os estranhos deveriam chamá-la. Risha é apelido.

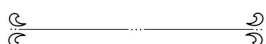
Arin não sabia se era assim que Risha havia pedido para ser chamada pela corte ou como haviam decidido chamá-la. Ele lembrou do que ela dissera para ele em seu último dia lá. Relutante, mas com firmeza, porque achava que Roshar deveria saber, Arin falou:

– Ela me disse que o lugar dela era no palácio.

Arin encontrou pesar no rosto de Roshar, e uma sensação de perda... mas também alívio. Arin não entendeu. Enquanto se pegava questionando se a rainha e seu irmão *queriam* que sua irmã raptada fosse resgatada, percebeu que uma parte furtiva dele vinha se perguntando se *ela* teria sido suficiente para firmar a aliança de que seu país precisava. Se ele tivesse trazido Risha consigo para Dacra, ela teria sido o “algo mais” da rainha? De que modo Risha teria sido mais valiosa para Herran: como a Mariposa de Tensen ou como uma moeda de troca com a rainha dracana?

Arin se deteve. Essas eram perguntas que Kestrel faria. Ela sabia exatamente como calcular o valor de uma pessoa. Os lábios dele se curvaram com uma repugnância súbita.

– Vejo que nós dois estamos com pensamentos prazerosos – Roshar observou. – Remos na água agora, pequeno herrani, ou nunca chegaremos ao acampamento antes do anoitecer.



O dia havia se alaranjado. Não chovera nenhuma vez.

– Quase lá – Roshar disse.

– Por que o povo das planícies precisa mudar de acampamento?

– Eles não *precisam*, mas essa tribo em particular acampou mais acima do rio de uma aldeia

agrícola com colheitas. Os aldeões estão reclamando que a água que desce pela corrente até eles está contaminada. Minha irmã quer que esses refugiados se mudem para a cidade junto com os outros.

Arin sentiu um punho apertar seu peito. Lembrou-se da mulher com o bebê de pano. Pensou em ser expulso de seu próprio lar, e em como seria construir um novo lar e ser expulso dele também.

– Então eles vão sofrer novamente.

– Arin, acha que eu *quero* pedir para eles se mudarem? Minha irmã sempre me manda fazer o trabalho sujo dela. – Roshar suspirou. – Acho que minha cara vale para alguma coisa. – Quando notou o ar espantado do silêncio de Arin, Roshar disse: – Sim, pobre príncipe, maculado pelo império. Não quer fazer o que ele lhes pede, ó povo das planícies? Olhe só para ele. Olhe para o seu rosto. Ele também perdeu algo. – Roshar murmurou um palavrão.

Arin olhou para trás, embora soubesse que Roshar não queria que ele visse sua expressão naquele momento. Era em momentos assim, quando as emoções nos olhos de Roshar se alinhavam a suas mutilações, que o príncipe mais parecia ferido.

Roshar voltou a falar, mais alto desta vez:

– Dacra vai recuperar as planícies. O general Trajan está na capital imperial agora. É o momento certo. Vamos pegar de volta o que eles nos roubaram.

– Não. Não façam isso.

– Por que não?

– Queimem as planícies.

– *Como assim?* Jamais.

– Assolem o império – Arin disse. – Assole aquele povo. Escorrace o maldito exército do seu território com as chamas. Se eles o querem tanto, que sejam queimados por ela.

– Mas nós podemos reconquistar as planícies. Sei que podemos.

– E quando o general voltar ao fronte? O que acha que ele vai fazer? *Ele* vai botar fogo em *vocês*. Vocês têm sorte de não terem feito isso antes. – Algo se contorceu dentro de Arin. Algo que tinha a ver com Kestrel. E ele estava tão exausto e furioso consigo mesmo, pela maneira como sua mente a buscava, como seu corpo se lembrava dela, mesmo agora, mesmo aqui, a meio mundo de distância, que esmigalhou qualquer pensamento que estivesse prestes a ter.

– Arin. – Roshar ainda estava horrorizado. – É nossa *terra*.

– Às vezes, achamos que queremos uma coisa – Arin lhe disse –, quando o que precisamos é deixá-la para trás.



O céu era um crepúsculo cor-de-rosa quando Roshar anunciou que haviam chegado a seu

destino. Arin não viu nenhum acampamento, apenas uma tela de juncos cor de ferrugem. Além dela, Roshar explicou, estavam os campos cobertos de grama e os refugiados.

Eles remaram até a margem e desceram aos baixios lamacentos para puxar o barco para o barro. Roshar carregou sua besta. Notou o olhar de Arin.

– Só por precaução.

– Pensei que você estava brincando quando falou da cobra.

Com tristeza, Roshar disse:

– E *eu* pensei que você acreditasse em tudo o que eu dizia. – Ele abriu caminho por entre os juncos.

Arin não sabia o que preocupava Roshar – torcia para que não fossem cobras; uma besta não era uma arma prática contra elas –, mas ele também estava preocupado agora. Roshar, uma boa distância à frente dele, parecia pequeno. Arin avançou para acompanhar. A lama puxava seus calcanhares.

– A rainha não deveria ter mandado você sozinho.

Roshar se virou.

– Não estou sozinho – ele disse simplesmente. – Você está comigo.

Arin estava prestes a pedir uma arma. Estava cortando a distância entre eles.

Houve uma reverberação nos juncos. Uma onda à espreita.

A fera saltou de seu esconderijo e soltou suas garras.

O tigre se jogou em cima de Roshar. O dracano ergueu um braço bem no momento em que foi atacado. O animal mordeu seu braço, rosnando baixo, com o focinho molhado de sangue. Sua boca se abriu para abocanhar o pescoço dele, mas se fechou no braço que entrou no caminho.

Arin se virou e correu na direção da canoa. Ela balançou com a inclinação dele na sua lateral. Ele tirou um remo da arca dela, voltou cambaleante pela lama e pelos juncos curvados e golpeou o remo na cabeça do tigre, que virou para o lado.

Um rugido. O enorme corpo listrado recuou. Roshar saiu rolando, vermelho pelo seu próprio sangue. Suas mãos estavam vazias. Ele soltou um som abafado que, por uma fração de segundo, foi tudo o que Arin ouviu.

Então o tigre partiu para cima de Arin.

Ele caiu de costas na lama. Afundou. Estava engolindo lama, erguendo o remo entre ele e o tigre, que mostrava os dentes rachados. Seu hálito era abrasador. Os rosnados do animal reverberavam pelo corpo de Arin como se fosse ele próprio quem estivesse emitindo aquele som. Garras saltaram em seus ombros. A dor entrou curva. Ele tentou empurrar com o remo e bloquear as presas, mas sabia como aquilo iria acabar. Seus braços iriam ceder. O remo se quebraria. O tigre por fim acertaria o ângulo e chegaria a seu pescoço.

Focinho preto. Listras pulsantes. Olhos amarelos selvagens. As cores da morte de Arin.

Mas ele se lembrou das mãos vazias de Roshar.

Lembrou-se da besta.

Embora soubesse que uma besta não serviria de muita coisa (como ele miraria e manteria o tigre a distância? Pelos deuses, será que ela ainda estava carregada?), ele arriscou um olhar para o lado. Tirou os olhos dos dentes do tigre. Olhou para os juncos. Viu uma flecha de besta quebrada, com a ponta de chumbo visível em meio à lama.

A um braço de distância.

– Roshar – ele disse, com a voz engasgada.

Arin ouviu os juncos chacoalharem. Não conseguia ver Roshar se movendo, mas o príncipe estava se movendo, o que já era o bastante.

O tigre tirou os olhos de Arin.

Arin esticou o braço, tirou a flecha da lama e a enfiou no olho do tigre.

Sentiu o rugido do animal. Enfiou mais. Um líquido quente se derramou entre seus dedos. Ele afundou a flecha.

O corpo do tigre tombou sobre o dele. As garras relaxaram.

Por algum motivo, foi aí que o medo principiou. O tigre estava morto, mas Arin se debatia contra ele, semiafundado na lama enquanto empurrava a pele listrada e olhava, horrorizado, no fundo de um olho amarelo-âmbar, e outro destruído e vazando.

Então Roshar apareceu e eles se uniram para tirar Arin de baixo do cadáver.

O herrani continuou deitado na lama, tomando ar. Roshar se deixou cair ao lado dele. O antebraço do príncipe estava rasgado, segurado com cuidado em certo ângulo. Sangue escorria do cotovelo.

Arin fechou os olhos. Viu os olhos do tigre. Abriu os seus. Viu um labirinto de juncos, a lama viscosa em sua bochecha.

Roshar inspirou fundo. Por um momento de loucura, Arin pensou que o som que ouviu em seguida tinha vindo do príncipe.

Um choro rangente. Um miado.

Não. Arin sabia o que era. Fechou bem os olhos. Recusava-se a olhar.

– Um filhote – Roshar disse.

Então Arin tinha de ver. Um pequeno tigre atravessou os juncos dobrados com dificuldade. Suas patas dianteiras se afundaram na lama. Ele olhou para a mãe caída e soltou um choro comovente.

Arin ficou assolado. Sentiu o gosto de lama na boca.

Ele viu, em sua memória, um garoto. Suplicando e chorando. Puxando a mão da mãe morta. Apertando seu longo cabelo preto ensanguentado. As mãos de Arin eram pequenas na época, mas tinham uma força terrível. Seguravam-se firme. Então, o assassino de sua mãe o puxara para longe.

Arin tomou fôlego por entre a memória. Engasgou com o ar como se fosse uma corda atada. Limpou a lama do rosto. Cuspiu.

– Agora, o que vamos fazer com *você*? – questionou-se Roshar, olhando para o filhote, que chafurdava na lama, afundando o traseiro.

– Deixe-o aí.

Roshar ignorou Arin. Atravessou os juncos pantanosos até chegar ao filhote. Com o braço bom, pegou o pequeno animal no colo.



– Irmão, você enlouqueceu – disse a rainha.

– Ele me ama – Roshar afirmou. O filhote estava dormindo, aconchegado à perna de Roshar.

– E quando crescer e for grande o bastante para comer um homem?

– Então vou mandar Arin cuidar dele.

Arin já estava farto. Começou a sair da suíte de Roshar.

– Espere – disse a rainha.

Arin sentia dores. Seus ombros arranhados estavam cobertos de gazes e ele estava exausto, dolorosamente exausto: da jornada de retorno, do choque do povo da planície quando ele e Roshar chegaram trôpegos ao acampamento com um filhote de tigre, de como eles aceitaram fácil mudar de acampamento depois que viram o perigo dos tigres dando cria nas proximidades. De como eles haviam alimentado Arin quando ele não queria comer. E também houve o fascínio de Roshar com o cadáver do tigre, a maneira como o príncipe examinara as presas caídas para concluir que os dentes quebrados eram um ferimento antigo e graças à deusa por isso, ele dissera, ou eles não teriam chance alguma. “No mínimo, eu teria perdido o braço”, Roshar havia dito. Do jeito que estava, seu braço já era uma mancha de sangue. Ele havia sido limpadado, suturado e coberto por um curativo no acampamento. “Pelo visto, você vai ter que levar a mim e ao filhote sozinho para casa”, Roshar havia ironizado. Então, Arin remara corrente abaixo enquanto Roshar dormia, depois de anestesiá-lo o braço com uma dose mais leve da mesma droga que usara antes para apagar Arin. O anel entorpecente era um objeto astuto. Ele havia se picado com ele, depois olhado para a camisa rasgada e os ombros arranhados de Arin. “Nada disto aqui para você”, ele dissera. “Sinto muito. Alguém precisa remar.”

Arin o xingou.

Roshar sorriu. “Olhe a boca”, ele dissera, e fechou os olhos.

Os ombros de Arin haviam ardido e sangrado enquanto remava. Durante todo o trajeto à cidade da rainha, o filhote andara de um lado para o outro da canoa, inquieto. O barco balançava com o movimento do animal, que não parava e chorava ao notar o chão instável em que pisava.

– Espere – a rainha repetiu. Ela saiu do lado de Ronan, cruzou a sala e ofereceu um objeto. Ele cintilava em sua palma erguida: a adaga de Kestrel. – Obrigada – agradeceu a rainha. Ela tentou dá-la para ele.

– Não quero.

A mão que segurava a adaga hesitou. Arin emendou:

– Você sabe o que eu quero.

A rainha balançou a cabeça.

– Nada de aliança.

Arin lembrou-se do medo sufocante quando estava preso sob as patas do tigre. O medo havia estrangulado suas entranhas. Tirado seu ar. Era a *familiaridade* daquele medo, e não o medo em si, que fizera isso. Era uma sensação que ele sentia havia meses, havia *anos*: de estar sob as garras do império.

Mentalmente, Arin encolheu a adaga na mão da rainha. Fez com que ficasse do tamanho de uma agulha. Fácil de ignorar. Fácil de perder.

Ele viu de novo como Roshar havia jogado as armas minúsculas de Risha dentro do castelo de boneca.

Viu uma besta oriental, tão pequena em comparação com a valoriana.

O filhote de tigre, com os dentes pequeninos à mostra.

Seu próprio país, indefeso diante do exército colossal do império, com seus batedores, bandeiras negras, fileiras negras de canhões, seu estoque aparentemente infinito de pólvora negra.

Arin viu, de repente, uma ideia.

Ela tomou forma dentro dele. Era pequena. Compacta, dura, móvel. Ela cresceu por trás de seus olhos até ele piscar e ver mais uma vez o que de fato estava diante dele na suíte de Roshar. Não uma lembrança, um medo ou uma ideia. Somente uma adaga na mão da rainha.

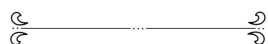
Quanto mal uma adaga realmente era capaz de fazer?

– Tire isso da minha frente – Arin disse à rainha. – Quero uma forja, e quero ficar sozinho.

O pai de Kestrel examinou a filhote. Pegou-a pelo cangote e a segurou imóvel no ar. Ergueu suas patas surpreendentemente grandes. Segurou o focinho e ergueu os lábios rosa e pretos para ver seus dentes.

– É uma boa cadela – ele disse por fim. – Você vai precisar treiná-la.

Não, Kestrel decidiu. Ela não a treinaria.



Kestrel tinha um presente. Estava numa pequena caixa guardada no bolso da saia. Batia contra sua coxa enquanto ela atravessava a arcada para entrar no Jardim de Primavera. O vento estava quente e suave. Fazia a filhote ao seu lado farejar o ar. A cachorrinha sentiu o cheiro de algo e disparou na direção das árvores. Kestrel não a chamou de volta.

O médico do palácio era conhecido por cuidar de seu próprio canteiro de ervas medicinais. Kestrel o encontrou perto de um arbusto de aroma picante.

Ele se empertigou ao vê-la. Imediatamente preocupado, perguntou se o estado de seu pai havia se agravado.

– Ele está bem – ela disse –, mas estou aqui por causa dele, sim. – Ela ofereceu a pequena caixa. – Obrigada. Você salvou a vida dele.

Ele ficou contente. Houve um leve rubor em suas bochechas traçadas, e suas mãos, cobertas de terra, pegaram o presente com cuidado. Então ele se atrapalhou, remexendo a caixa em sua pressa para limpar as mãos num lenço que ele não tinha. Kestrel emprestou o dela.

Ele sorriu e pediu desculpas.

– Não estou acostumado a ficar apresentável para a sociedade. – Ele abriu a caixa e perdeu o fôlego. Dentro estava um broche de ouro: uma árvore florida, o símbolo da ordem dos médicos. Ostentava frutas cravejadas de joias. – É um exagero.

– Pela vida do meu pai? Não é suficiente.

Os olhos dele lacrimejaram. Kestrel se sentiu um pouco culpada, como se tivesse se sentado para jogar Morder e Picar com alguém sem talento para o jogo.

No entanto, havia uma relação entre o médico e a engenheira hidráulica. Ela havia prometido a Tensen que descobriria o que a engenheira tinha feito para o imperador. E havia em sua mente aquela longa mesa posta com pratos vazios. As planícies orientais. Os escravos que limpavam o palácio imperial. A cicatriz no rosto de Arin.

– Quer me mostrar seu jardim? – Kestrel perguntou.

Eles caminharam pelos canteiros verdes.

– Estou preocupada com uma amiga minha. – Kestrel descreveu o frasco de líquido escuro de Jess. – É seguro?

– Acho que sei quem é essa amiga. Uma menina colona de Herran? Não há motivo para preocupação. Eu mesmo receitei o medicamento. É apenas algo para acalmar os nervos.

Kestrel ficou aliviada.

– Então é seguro?

– Bem, na dosagem certa. – Ele logo acrescentou: – Mas ela nunca teria acesso ao suficiente para fazer mal. Nem mesmo os farmacêuticos da cidade têm permissão para vender. Eu supervisiono a produção desse remédio no palácio e distribuo estoques muito pequenos.

– É viciante?

– Não. O corpo não sente falta dele. Mas a mente pode sentir. Sua amiga pode vir a depender dele para dormir. Se usado por tempo demais, pode ser perigoso.

– Perigoso *como*?

A expressão dele revelou a resposta.

– Para isso precisaria de meses de uso.

Kestrel ergueu a voz.

– Por que você daria à minha amiga um medicamento capaz de matá-la?

– Milady. – A voz dele era respeitosa mas firme. – Todo medicamento tem seus riscos. Usamos um medicamento porque seus benefícios superam seus possíveis efeitos colaterais. Sua amiga precisa de paz e sono. Não para sempre. Apenas o bastante para que sinta que a paz é possível. Ela está fraca. Receio que, se não tiver repouso suficiente, possa ser vítima de alguma doença grave. – Quando viu que Kestrel não estava convencida, perguntou: – Quando você a encontrou, sua amiga estremecia? As mãos dela tremiam?

– Não.

– Então não há motivo para se preocupar. O tremor é um sintoma de hiperdosagem, não que isso seja possível no caso de sua amiga. Dei muito pouco para ela.

A filhote latiu ao longe.

– Pois não dê mais. – Kestrel torceus os dedos. – Por favor.

– Eu nunca daria. – O médico ficou ofendido. – Nem precisa pedir. Eu nunca colocaria o bem-estar de uma valoriana em risco.

Kestrel tentou não se preocupar. Com anos de prática em fingir que o que realmente importava não era nada, ela fez perguntas ao médico sobre o jardim. Eles conversaram sobre as ervas, a terra e o clima.

Na guerra, seu pai disse, o melhor subterfúgio é algo que seja verdadeiro. Se deseja distrair seu inimigo e fazer com que ele erre um ataque importante, seus artifícios precisam ser reais.

Esta era a linha de jogo de Kestrel:

Ela realmente queria agradecer ao médico.

Realmente queria perguntar sobre a saúde de Jess.

A verdade das coisas, ela estava passando a entender, carregava um peso que as pessoas eram capazes de sentir. Ela havia dado essas verdades ao médico para que ele as guardasse de maneira que, quando a mente dele estivesse pesada com elas, ela pudesse fazer uma manobra que nem pareceria uma.

– Fico surpresa com o estado do seu jardim – ela disse. – O tempo anda tão instável. Nunca sei direito o que vestir.

– Você sempre se veste com esmero.

– Isso é verdade. Mas é difícil tomar a decisão certa. Até mudei os planos para o meu vestido de casamento.

Ele parou no meio do passo. Fez menção de dizer algo, mas ela tomou o cuidado de fingir não notar. A filhote a ajudou a ignorá-lo, correndo saltitante na direção de Kestrel. Trazia um graveto entre os dentes. A filhote o deixou aos pés de Kestrel e latiu.

– Mas... mas é tarde demais para mudar seu vestido de casamento – disse o médico. – Um novo vestido nunca ficaria pronto a tempo. Lady Kestrel, a senhorita precisa reconsiderar...

Ela ignorou o que ele continuou a falar. A filhote olhou para ela com expectativa, abanando o rabinho curto, bufando de ansiedade. Kestrel se agachou para pegar o graveto molhado. Ela atirou. O graveto voou rodopiante no céu azul. A cadela correu pelo gramado para pegá-lo. Kestrel sorriu, e esperou o graveto ser trazido de volta.



“Sorradeira”, Arin a provocou.

Kestrel encolheu os ombros um tanto quanto indefesa com sua imaginação. Ela tinha passado a aceitar a forma como sua mente invocava Arin. Tinha passado a precisar disso.

Ela havia deixado o médico em seu jardim para caminhar sozinha pelo gramado com a cachorrinha. O dia estava mais quente. Kestrel sentou na grama. O aroma verde tomou seus sentidos. Quase dava para sentir seu gosto.

A filhote se acomodou ao lado dela. Kestrel tirou os sapatos apertados. A grama fez cócegas, atravessando suas meias. O palácio era grande demais para parecer distante. Mesmo assim, Kestrel se sentia longe dele, pelo menos por enquanto.

“Não longe o bastante.” Arin falou como se pudesse ler sua mente.

Ela encarou o Arin de mentira. Sua cicatriz havia se curado. Seus olhos cinza eram espantosamente claros. “Você não é real”, ela o lembrou.

“Eu *pareço* real.” Ele passou o dedo no lábio dela. De repente, parecia não haver nuvens no

céu e ela estava sentada sob o sol. “*Você* parece real”, ele disse.

A filhote bocejou, fechando a boca com uma dentada. O som fez Kestrel cair em si. Ela se sentiu um pouco envergonhada. Seu coração estava acelerado. Mas ela não conseguia parar de fingir.

Kestrel colocou as mãos sob as saias para tirar as meias na altura do joelho.

Arin emitiu um som.

“Quero sentir a grama nos pés”, Kestrel contou-lhe.

“Alguém vai ver você.”

“Não me importo.”

“Mas esse alguém sou *eu*, Kestrel, e você deveria se importar com meu pobre coração.” Ele colocou a mão sob a bainha do vestido para impedir que a mão dela tirasse a segunda meia. “Você está me tratando muito mal”, ele continuou, e tirou a meia dela, roçando a palma da mão ao longo de sua panturrilha. Ele olhou para ela. Suas mãos envolveram o tornozelo nu de Kestrel. Ela ficou acanhada... embora soubesse muito bem o que estava fazendo.

Arin sorriu. Com a mão livre, catou uma folha de relva. Fez cócegas na sola do pé dela. Ela recusou, dando risada.

Ele a soltou. Acomodou-se ao lado dela, deitando-se com a barriga na grama, apoiado nos cotovelos. Kestrel se deitou de costas. Ouviu o canto dos pássaros: agudos e longos, com um trinar no final. Ela olhou para o céu. Estava azul o bastante para ser verão.

“Perfeito”, ela disse.

“Quase.”

Ela se virou para olhar para ele, que já estava olhando para ela. “Vou sentir sua falta quando acordar”, ela sussurrou, porque percebeu que devia ter adormecido sob o sol. Arin era real demais para a sua imaginação. Ele era um sonho.

“Não acorde”, ele disse.

O ar cheirava a folhas novas. “Você disse que confiava em mim.”

“Eu disse.” Ele acrescentou: “Confio”.

“Você é *mesmo* um sonho.”

Ele sorriu.

“Menti para você”, Kestrel contou. “Guardei segredos. Achei que era melhor assim. Mas foi porque era *eu* quem não confiava em *você*.”

Arin se virou de lado. Acariciou a bochecha dela de leve com o dorso da mão. Essa sensação rastejante era como a última nota do canto do pássaro. “Não”, ele concordou, com a voz doce. “Você não confiava.”

Kestrel acordou. A filhote estava deitada aos seus pés, dormindo. Suas meias estavam amontoadas ao lado dela. O sol estava a pino. Sua bochecha estava vermelha, sua pele tensa: um pouco queimada.

A filhote se contorceu, ainda adormecida. Kestrel a invejou. Voltou a pousar a cabeça na grama.

Ela fechou os olhos e tentou encontrar o caminho de volta para o sonho.



Mais tarde, na Travessa das Carnes, Kestrel mandou Tensen descobrir se a engenheira hidráulica havia mudado sua aposta sobre o vestido de casamento. Se sim, significava que Elinor e o médico estavam trabalhando juntos.

Kestrel apertou o lenço de trabalho. Puxou-o para baixo. Tinha a impressão de que seu disfarce era muito frágil.

– Tem mais uma coisa... – O clima continuava quente, mas ela tremia. – Eu estava errada em fazer você me prometer que não contaria para Arin sobre mim.

Tensen arqueou as sobrancelhas brancas.

– Quero que ele saiba – ela disse.

– Não sei se seria prudente.

– Claro – ela disse rápido –, uma carta para Herran seria arriscado demais. Mas talvez você conheça um caminho... – Ela ouviu a súplica em sua voz e se conteve.

A expressão de Tensen mudou. Mostrou um lampejo de algo. Kestrel não sabia dizer do quê, havia passado rápido demais; decidiu-se por compaixão.

– Ah, Kestrel – Tensen disse. – Eu contaria para ele, mas ele não está em Herran. Não sei onde ele está.

– Você é o mestre de espões. Como pode *não saber*?

– Ninguém sabe. – Tensen abriu as mãos. Seu anel dourado refletiu a luz. – Se não acredita em mim, é claro que pode perguntar às pessoas. Mas – sua voz ficou mais preocupada – considerando a sua... história com Arin, não acho que seria seguro sair fazendo essas perguntas. Elas poderiam chamar a atenção do imperador. Ou do seu pai.

Kestrel se sentiu terrivelmente aprisionada e desprovida, embora não soubesse que era possível se sentir desprovida de algo de que já havia desistido. Ela se esforçou para não demonstrar isso. Aquele sonho na relva já havia se apagado em sua memória. Era como se o tivesse gastado de tanto pensar nele. Naquele momento, porém, tinha parecido tão real que Kestrel mal conseguia acreditar que não era.

Ela fixou o olhar no anel de Tensen. Fazia um tempo que ele não o usava. Ela imaginou que ele o tivesse perdido e reencontrado. Às vezes, as coisas são assim. Em outras, porém,

como Kestrel bem sabia, o que estava perdido continuava perdido para sempre.

Kestrel não soube como, mas o general Trajan descobriu sobre o desertor: o filho de nobres que havia abandonado seu posto em uma brigada que combatia no oriente.

– Ele está aqui. – A voz de seu pai era dura. – Vivendo numa suíte do palácio.

– Ainda não decidi o que fazer com ele. – O imperador pegou garfo e faca, e sugeriu que começassem o terceiro prato. Ele olhou para Kestrel. Ela começou a comer.

Seu pai não.

– O que há para decidir?

– Trajan, ele é apenas um garoto. Da idade de Verex. – O imperador sorriu carinhoso para o filho, que olhava para o próprio prato.

– Ele traiu você. Traiu a mim. Traiu a *si mesmo*. Onde está a honra dele agora?

– Imagino que esteja com os moinhos lucrativos dos pais nas ilhas do sul. Talvez esteja enterrada com seus belos grãos e assada na forma de um pão delicioso.

– A lei sobre deserção é clara.

O imperador bebeu seu vinho.

– Para ser sincero, eu o estava guardando para você. Pode cuidar dele se quiser.

– Vou fazer isso – o general disse – e depois vou retornar ao oriente.

– Você mal consegue atravessar o Jardim de Primavera sem perder o ar. *Você* seguiria um comandante assim em batalha?

Os olhos do pai dela se estreitaram como se diante de um clarão súbito de luz. Kestrel derrubou o garfo com estrépito no prato. A raiva fervilhava dentro dela. Ela abriu a boca para falar, mas os olhos de seu pai cortaram para os dela e era o mesmo olhar de quando ele havia ficado em pé no pátio do palácio, com sangue em seu cavalo, e ela havia feito menção de ajudá-lo.

– Tudo a seu tempo, velho amigo – o imperador disse, gentil. Sua voz tinha um som quase sedutor, um tom que teria sido amor se o amor fosse feito carne curada: pendurada, seca e guardada para ser comida aos poucos em condições adversas.

Verex brincou com a comida em seu prato. O pai de Kestrel não se moveu.

– Sinto muito – o imperador disse a ele. – Ainda não estou disposto a perder você.



O general quis que ela fosse com ele.

– Você vai governar o império um dia – ele disse. – Precisa saber como agir.

Ele agiu da seguinte forma.

Foi à suíte do jovem soldado no palácio. Viu o rapaz, não muito mais velho do que Kestrel, ficar pálido. O general trouxe Kestrel consigo para a sala de estar, depois puxou o soldado de canto, com uma mão firme em seu ombro. O general murmurou em seu ouvido. O rapaz abaixou a cabeça e virou o rosto para que Kestrel não o visse.

A voz do general assumiu o tom de pergunta. O menino inspirou trêmulo. O pai de Kestrel disse algo que soou tranquilizador. Seguro. Ela já tinha ouvido esse tom quando era pequena.

– Perdão – o soldado pediu em um sussurro abafado.

– Vou perdoá-lo – o general disse. – Depois.

Então, disse a Kestrel que era hora de partir.



O desertor usou sua adaga. Um suicídio de honra.

Durante alguns dias, a fofoca estava nos lábios de todos os cortesãos. Até chegar a notícia do oriente. Os bárbaros haviam incendiado as planícies, anunciava o relato. A última conquista do império estava preta, estéril, fumegante.

Os nomes vieram depois. Uma lista muito mais longa do que de costume.

Um nome foi passado pela corte como se fosse uma pérola. Era dito devagar, em respeito ao seu brilho, seu peso suave, a maneira como rolava na palma da mão e esquentava.

Quando o ouviu, Kestrel percebeu que vinha esperando essa notícia desde o dia em que Ronan tirara a lista de recrutamento da sua mão. A descoberta dessa expectativa rompeu algo frágil dentro dela. Ela sabia. Sabia que isso iria acontecer. Contudo, ficou claro agora que ela não *acreditava* que sabia, que havia escondido esses pensamentos numa parte de seu cérebro onde as coisas eram guardadas sem nunca serem vistas.

Como poderia ter escondido essa certeza?

Como poderia saber que Ronan morreria e ao mesmo tempo não saber?

Estava tudo tão claro.

Sozinha em seus aposentos, Kestrel cobriu a boca. A pérola do nome de Ronan se alojou em sua garganta. Ela engoliu em seco. Doía.

Ela teve sonhos que a envergonharam de manhã, sonhos em que Ronan lhe dava um bolo com cobertura de açúcar de confeitiro, mas falava na voz de Arin. *Fiz para você*, ele disse. *Você gosta?*

O açúcar era tão delicado que ela inspirava sua doçura, mas sempre acordava antes de conseguir experimentar.



Kestrel escreveu para Jess. Tinha medo de fazer uma visita.

No dia seguinte, a criada de Kestrel trouxe uma carta. O coração de Kestrel parou ao ver a letra de Jess no envelope e aquele velho selo de cera. No mesmo instante, censurou-se pelo arroubo de esperança aliviada. Era errado se sentir assim sendo que Ronan estava morto.

Mas ela não tinha pensado que Jess responderia. E essa carta – Kestrel a pesou nas mãos antes de romper o selo – era tão grossa quanto a que ela havia mandado para Jess. Jess certamente não teria escrito tanto se não quisesse ter alguma relação com Kestrel.

Kestrel abriu. Sentiu de novo a estranha combinação de saber e não saber, de espanto e resignação.

Ela desdobrou o envelope. Por essa ela não tinha esperado. Mas não era óbvio?

O envelope continha a carta que Kestrel havia enviado para Jess: selada, nunca lida.



Kestrel não tocava piano desde o dia em que descobrira o biombo escondido na sala de música, mas não se importava mais com quem a ouvia. Ela queria que seu luto fosse ouvido.

Sua música foi mais furiosa do que o esperado. Um prelúdio doce, que se desfigurou ao sair dela, ficou mais sombrio e encontrou seu caminho para os oitavos mais graves. Ela tocou até seus pulsos doerem. Tocou até se atrapalhar. A sala vibrava com as cordas moribundas.

Kestrel esfregou os pulsos que queimavam. Houve um silêncio ecoante. Então, no mesmo instante em que Kestrel estava prestes a corrigir seu erro, ouviu um toque baixo.

Ela conhecia aquele som.

Havia alguém atrás do biombo. Uma pessoa que deveria conhecer as câmaras de escuta ocultas do palácio. E por que o imperador revelaria esse segredo àquele homem? O imperador o valorizava. A prova? Considere o presente do imperador: um relógio de ouro. Mostrava as fases da Lua. Seus ponteiros de horas e minutos tinham pontas de diamantes. Tocava a cada hora.

Kestrel não sabia o que havia feito seu pai se esconder atrás do biombo. Não sabia se ele ainda estava lá ou se tinha saído no mesmo instante depois que seu relógio havia tocado e Kestrel erguera a cabeça com o som.

Tudo o que ela sabia era que ele a ouvira tocar. Ele nunca tinha feito isso antes.

Uma lembrança veio à mente de Kestrel. Nas profundezas de seus sete anos, quando Kestrel ainda estava fraca pela mesma doença que matara sua mãe, o general havia decidido cavalgar com a filha para fora da cidade. Ela quase tinha caído no sono em cima de seu pônei. Fazia frio no interior de Herran. O vento deixou o nariz dela escorrendo. Ele a tinha levado para caçar. Ajudou-a colocar a flecha no arco. Apontou para a presa. Arrumou seu cotovelo na

posição certa. Quando ela errou, ele não disse nada. Acertou um faisão, depenou-o e fez uma fogueira. Ela dormiu diante do fogo e, quando acordou, viu-se coberta de peles. Estava escuro. Seu cabelo cheirava a fumaça e carne de ave assada. Quando seu pai viu que ela estava acordada, tirou do alforje um pedaço de pão, que repartiu. Ele deu para ela a metade maior.

No silêncio atento da sala de música, Kestrel abaixou as mãos para as teclas do piano e tocou a lembrança daquele dia. Tocou o balanço do pônei embaixo dela, a fleuma em seus pulmões, a tensão na corda do arco, a chama reluzente da fogueira. Tocou a forma como seu pai, quando achava que ela ainda estava dormindo, havia acariciado sua testa e arrumado seus cachos atrás da orelha. Ele puxara as peles até suas bochechas. Ela ainda era pequena o bastante para chamá-lo de papai.

Kestrel tocou o momento em que abrira os olhos e ele desviara o olhar. Tocou a sensação do pão em suas mãos.



Não muito tempo depois, Kestrel foi à galeria. Parou ao deparar com seu pai ali. Ele estava olhando por uma das janelas esguias, de costas para as obras de arte. Virou-se quando ela entrou.

– Soube que você vem aqui todo dia – ele disse. – Queria conversar com você a sós.

Eles vinham se evitando desde que ela ouvira o relógio dele tocar.

– Você poderia ter ido à minha suíte – ela disse.

– Fiquei curioso. Queria saber do que você tanto gosta nesta galeria. – Ele veio ao seu encontro. Suas botas ecoaram no espaço vasto.

– Você sabe do que eu gosto. – Quantas vezes ele não tinha chamado o amor dela por música de fraqueza? Ele a advertia: os herranis admiravam as artes e olhe só o que aconteceu com eles. Esqueceram a espada.

Ele franziu a testa. Tirou os olhos da coleção de esculturas e pinturas e voltou a se concentrar na filha. Com a voz baixa, disse:

– Sua mãe tocava bem.

– E eu?

– Você, ainda melhor.

– Fiquei feliz que você me ouviu tocar.

Ele suspirou.

– Aquele relógio.

– Eu gosto do seu relógio. Você deveria continuar usando. Vai fazer você continuar sincero.

– Ouvir daquela forma foi indigno da minha parte.

– E se eu o tivesse convidado? – Kestrel perguntou.

– Você não convidou.

– Convidei, várias e várias vezes, por anos.

Ele ficou em silêncio.

– Sempre foi um convite aberto – Kestrel disse. – Ainda é.

Seu pai abriu um leve sorriso.

– Quer me mostrar seus favoritos? – Ele apontou para a galeria.

Kestrel quase havia esquecido por que estava lá. Ela havia afastado os pensamentos em relação a Tensen, à engenheira hidráulica e ao médico do palácio. Agora eles voltaram. Ela sentiu uma pontada de medo, um fio de culpa puxado com tensão.

Ela não podia ver o quadro que agora considerava ser de Tensen. Estava mais ao fundo da galeria. Da entrada, não passava de um mero quadrado roxo.

Ela manteve o pai longe dele. Mostrou um vaso de alabastro que admirava e um pescador de bronze puxando um peixe com escamas de lápis-lazuli. Havia um ovo de porcelana oriental que se abria para mostrar uma menina armada.

Mas seu pai notou o quadro.

– Eu me lembro deste – ele comentou. – Eu que o peguei para o imperador.

Ele se aproximou. Kestrel, calada pelo pavor, não teve escolha senão acompanhá-lo. Se tentasse afastá-lo do quadro, só chamaria mais atenção para ele.

Uma mariposa-mascarada estava pousada na moldura. O coração de Kestrel parou.

Seu pai estudou a paisagem.

– Parece diferente aqui de como estava na mansão da ilha do sul.

Ele pareceu não notar a mariposa camuflada. Se notasse, o que faria com ela? Nada? Parecia impossível que algo que significava tanto para ela pudesse não significar nada para ele. Com uma indiferença calculada, ela disse:

– Gosta desse quadro?

Ele deu de ombros.

– O imperador gosta. – O olhar dele deixou a tela. Kestrel sentiu um alívio terrível. Então, seu pai voltou a falar e, enquanto ela ouvia, o alívio se transformou em vergonha. – Sei que você não quer que eu retorne ao oriente. Não vou mentir, Kestrel. Eu preciso lutar. Mas essa necessidade... mudou ao longo dos anos. Não é apenas uma questão de honra. – Seus olhos castanho-claros encaravam os dela. – Você nasceu alguns meses depois de Verex. Eu nunca obrigaria você a se casar com ele. Mas tinha essa esperança. No campo de batalha, sonhava que você herdaria o império. Quando você escolheu Verex, pareceu o destino.

– Você não acredita em destino.

– Acredito que o território que conquistei foi para você. Meu destino é você.

A culpa fez um nó em sua garganta. Ficou difícil respirar e ela não conseguia mais fitar o olhar dele. No instante em que o pai deixou de fitá-la, porém, os olhos dela se lançaram rápida, incontavelmente, para a mariposa.

Seu pai a viu. Piscou. Examinou a moldura do quadro. Franziu a testa.

Era uma simples mariposa, Kestrel tentou dizer a si mesma. Ele não tinha como adivinhar o significado dela.

Ela pensou que seu pai poderia dizer algo. Preparou-se para responder. No fim, tudo o que ele fez foi jogar a mariposa no chão.



– A engenheira hidráulica mudou sua aposta – Tensen disse. – Ela e o médico do imperador estão *mesmo* trabalhando juntos.

– Não posso mais encontrar você dessa forma – Kestrel disse. – Vou acabar sendo pega.

Tensen ficou preocupado no mesmo instante. Perguntou os motivos, mas não era tão simples quanto seu pai ver a mariposa na moldura do quadro, algo a que Tensen não deu importância. Era a sensação de estar à beira da ruína. Ela havia sentido aquilo antes, quando começara a jogar Morder e Picar e não sabia quando deixar a mesa, ou ficava porque precisava saber o que aconteceria depois. Ela precisava ver todas as peças viradas, o jogo lançado, a medida final de quem tinha o quê e quem não tinha. Ela perdia com frequência no começo, especialmente para o pai. Depois havia aprendido.

– Simplesmente não posso – ela disse a Tensen.

Ele tentou bajulá-la. Apelou a seu senso de bondade. Questionou sua coragem. Fez de tudo exceto mencionar Arin, que ele parecia sentir que acabaria com tudo.

Tensen também era um bom jogador.

– Bom – ele suspirou –, você pode manter seus ouvidos atentos, não? Se houver algo que eu precise saber, conte para sua costureira.

Kestrel estava ansiosa para sair da Travessa das Carnes. Ela aceitou passar qualquer informação digna de nota para Deliah. Saiu apressada, com a bainha do seu vestido se prendendo nos ganchos das botas.

A tentação era a cor branca.

Era a tinta preta, estremecendo na ponta da pena.

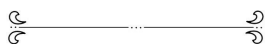
Era Kestrel, escrevendo em seu escritório. Ela escreveu uma carta para Arin. Colocou seus motivos no papel. Colocou seu coração. Tudo estava marcado em tinta, com linhas rápidas e pesadas. Nada estava riscado. A carta olhava para ela: honestidade crua, preto no branco.

Essa era a tentação. Mas esta era a realidade: a chama que ardia baixo na lareira, apesar do clima do ápice da primavera, apesar do fim iminente da primavera e da escalada dos dias rumo ao casamento de Primeiro Verão.

A realidade era vermelha. Era abrasadora, faminta, estalante. Alimentava-se de tudo o que Kestrel lhe dava. Ela queimou a carta. Logo não havia mais nada da chama exceto pela madeira fria de escamas negras, levemente coberta de cinzas. A carta estava em fagulhas. Uma folha curvada como uma casca preta.

Kestrel pensou no imperador. Pensou no pai.

Não havia nada para ler na lareira apagada. Mesmo assim, ela pegou um atiçador e raspou entre as cinzas para garantir.



O aniversário de dezoito anos de Kestrel estava perto. Faltava menos de uma quinzena para a celebração – e o recital de piano que o imperador havia ordenado. Seria a última reunião oficial da corte antes do casamento, dois dias depois. Ela tocava ferozmente por horas a fio. Às vezes, ouvia o relógio de seu pai tocar: um som leve, tão leve quanto um sorriso. Isso sempre acalmava sua música. Quando Kestrel tocava para ele, a melodia corria doce, pura e forte.

Ela precisou experimentar a roupa para o recital. O vestido era delicado, de seda brilhante cor de creme, com mangas curtas e folgadas de renda. Kestrel ficou parada sobre o bloco da costureira. Por um momento, passou pela sua cabeça que o bloco era mais ou menos da altura de um bloco de leilão. Ela lembrou de Arin sobre um desses.

Kestrel se perguntou como seria se o tempo pudesse ser desfeito, seus fios tirados e recosturados. Ela revisitou o dia do leilão, aquele primeiro dia. A visão de um escravo subindo no bloco. Imaginou tudo diferente. Dessa vez, ela não dera um lance. Ele não estivera à venda. Seu pai nunca ganhara a Guerra de Herran. Kestrel crescera na capital. Sua mãe não adoecera, não morrera. Kestrel vira a si mesma bebê nos braços do pai. Em sua imaginação, a bebê era exatamente como seu pai havia descrito.

Deliah se ajoelhou, erguendo a bainha. A seda inflou, depois caiu em dobras sobrepostas. Deliah se atrapalhou com elas. As criadas de Kestrel se cansaram e foram para os outros cômodos.

Então, rápido, com a voz baixa, Deliah perguntou:

– Tem alguma novidade para mim?

Kestrel baixou o olhar abrupto para ela.

– Não.

– Tensen espera que você tenha... logo.

Kestrel não disse nada, mas Deliah assentiu como se ela tivesse dito algo. A costureira pareceu ao mesmo tempo desapontada e aliviada.

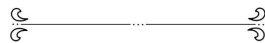
– Bem – Deliah disse –, tenho certeza de que você sabe o que está fazendo.

Ela sabia? Kestrel pensou em quando sentava para jogar Morder e Picar. Quando Kestrel virava as peças, e colocava os lados em branco na mesa, e mostrava suas faces e avaliava seu valor, ela sabia o que estava fazendo? Às vezes, o jogo corria rápido demais para Kestrel entender exatamente o que estava fazendo. Tudo o que sabia era que, na jogada final, ela iria vencer.

Kestrel olhou para Deliah. Ela não estava mais certa se venceria ou se poderia ter esperanças de vencer. Ela não sabia o que significava vencer.

Tranquilamente, disse a Deliah:

– É claro que sei.



Houve uma caçada na floresta da montanha atrás do palácio. Os cães latiam. Alguns cortesãos trouxeram escravos para carregar suas bestas por eles, o que teria horrorizado o pai de Kestrel se ele tivesse visto. Ele tinha preferido não ir.

Verex veio, mas se recusou a caçar. O imperador abriu um sorriso largo.

– Aí está meu garoto com leite nas veias – ele disse.

– Venha comigo, Verex – Kestrel convidou. – Também não estou com vontade de caçar.

Eles caminharam à frente do imperador na trilha. A filhote de Kestrel saltava ao lado dela.

– Que cachorrinha fofa – Kestrel ouviu Maris dizer.

A voz alegre do imperador chegou clara até eles.

– Gosta dela?

Verex se enrijeceu ao lado de Kestrel.

– É toda sua – o imperador disse a Maris.

Kestrel se virou.

– Não. Ela é minha.

– Por que se importa se Maris ficar com ela? – Lá estava aquele sorriso de novo. – Nem deu um nome para ela ainda.

– Deixe para lá – Verex sussurrou no ouvido de Kestrel. – Lembre-se. – Ele não pontuou o que ela deveria se lembrar, mas ela lembrou mesmo assim: a cicatriz no rosto de Arin.

A cadela cutucou o nariz úmido na calça de Kestrel.

– O nome dela – Kestrel disse ao imperador – é *Minha*.

Ele deu de ombros e pareceu despreocupado. Maris, com seu instinto de cortesã, havia sentido o cheiro de perigo e esperava para ver o que aconteceria em seguida. Como nada aconteceu e nada mais foi dito, ela apertou o passo para acompanhar suas amigas.

Mais tarde, o imperador atirou numa raposa.

– Para minha filha. – O sangue dava um aspecto de mármore à sua pele avermelhada. Seus pezinhos pretos pareciam pincéis secos. O imperador anunciou que a pele seria transformada num cachecol para Kestrel.

Quando a corte voltou ao castelo e Verex estava caminhando ao lado de Risha, o imperador seguiu ao lado de Kestrel.

Ele não estava mais sorrindo, mas o sorriso estava em sua voz dura, preso lá dentro como um inseto em âmbar.

– Não cause mais problemas do que você vale – ele disse.



– Dê a cachorrinha – Kestrel disse a Verex. Ela havia puxado o príncipe para trás no gramado do palácio, sobre a relva macia e fina de um verde-claro reluzente. Os outros cortesãos haviam seguido na frente. – Encontre um lar para ela longe da corte. Encontre a pessoa certa.

– *Você* é a pessoa certa.

Os olhos de Kestrel lacrimejaram. A filhote sentou e mordeu as patas alegremente.

– É minha culpa – Verex disse.

Kestrel discordou. Disse que não suportava mais olhar para aquela cachorrinha, aquele presente perfeito e caloroso, sem ver seu sofrimento. Havia diferença entre dar algo e ter aquilo arrancado de suas mãos. A diferença, Kestrel disse, estava na escolha. Uma liberdade limitada era melhor do que nada. Pelo menos foi o que ela pensou quando Arin lhe dera as duas chaves de sua casa guardada. Ela tinha pensado o mesmo quando oferecera seu país a ele, encurralado e atado e apertado firmemente sob certas condições. Melhor do que nada. Ela havia pensado isso antes e pensou de novo, mas não acreditava mais. Agora, sabia que dar algo era o mesmo que o ter arrancado de suas mãos.

Kestrel disse tudo isso em silêncio para si mesma. As palavras pareciam tão altas em sua cabeça que ela quase esqueceu que não as tinha falado. Então olhou para Verex e o viu

esperando, preocupado, e lembrou-se do que ele tinha dito por último. Ela abanou a cabeça: *não*.

Baixo, Verex disse:

– Meu pai precisa que você o ame mais. Precisa que você ame o que ele ama. Não há espaço para mais nada.

– Eu sei.

– Não sei se sabe. Kestrel, sua costureira está morta.

A notícia caiu com força. Mergulhou e atingiu o fundo. Kestrel viu Deliah, os olhos cinza da mulher envoltos por cílios pesados – os olhos de Arin – enquanto erguia a bainha cor de marfim do vestido. O tecido era diáfano, depois caía sólido. A saia havia inflado feito um pulmão, depois suspirado.

O medo tomou conta de Kestrel em uma falta de ar perversa, reverberante.

– Ela foi vista encontrando-se com o ministro herrani de agricultura – Verex disse. – Depois, o capitão da guarda foi atrás dela. Ela se matou com as próprias tesouras.

Kestrel lembrou-se dos dedos ensanguentados de Thrynne sob a luz gotejante da prisão.

– O encontro com o ministro não foi o motivo pelo qual o capitão foi enviado – Verex disse. – Essa foi uma desculpa. O verdadeiro motivo aconteceu no dia em que o seu governador partiu. O motivo foram os pontos no rosto dele. Costuras caprichadas. Kestrel, você não lembra como elas eram perfeitas? Meu pai viu. A lealdade daquela costureira a Arin ficou clara no rosto dele.

A filhote estava lambendo a palma da mão de Kestrel. A pele úmida e quente ia esfriando. O bafo soprava de leve na mão de Kestrel. O céu era um cobertor de penas feito de nuvens, exceto por um buraco azul no tecido. Uma nuvem azul num céu branco.

O buraco foi ficando maior, mais azul. Abriu-se com força. Estendeu-se em silêncio, como a culpa de Kestrel, como o momento em que ela vira o rosto costurado de Arin, como o olhar de seu pai, atraído para a mariposa na moldura do quadro. Kestrel viu o azul de cetim, da cor do vestido de Jess. Nuvens de açúcar de confeitiro, Kestrel pensou. Em sua memória, Ronan lhe entregava um bolo. Ela sentiu seu gosto. Corroeu sua língua feito um veneno.

Verex continuou:

– Você precisa ficar atenta. Se jogar contra meu pai, vai perder. Não é um jogo de inteligência, Kestrel. É preciso experiência. E você está dividida e tão... *magoad*a que... – Ele abanou a cabeça. – Por favor, não faça nada imprudente.

– Por quanto tempo?

– Você sabe.

Kestrel pousou a mão úmida na grande cabeça preta da filhote. *Minha*, ela pensou. Depois tirou a mão e disse a Verex para pegar a cachorra pelo cangote.

Por quanto tempo? Até o imperador morrer.

– Kestrel... um dia, podemos mudar as coisas.

Ela olhou da cachorra para Verex, para o corpo alto e magro dele, os ombros curvados, o choque de seu cabelo claro, os olhos grandes, líquidos.

Ela se perguntou o que aconteceria se pegasse a mão livre dele. Perguntou-se se ele imaginaria que Risha, e não ela, segurava sua mão e se o casamento deles sempre seria assim. Ela viu a si mesma e Verex segurando a mão um do outro. Sentiu a quase doçura disso... e sentiu a total crueldade. O poder disso sobre eles. O crime enquanto ambos fingiam que o outro era outra pessoa.

– Nunca vou afastar você de Risha – ela disse.

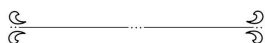
– Eu nunca faria isso com ela – ele disse. – Se...

Não havia necessidade de terminar. Ambos sabiam o que o imperador era capaz de fazer com a princesa se Verex o confrontasse.

– Podemos mudar o mundo – Verex disse. – Não seria tão mal governar o império juntos, não?

Era uma pergunta que Kestrel não tinha se permitido fazer a si mesma. Agora ela se fez. A pergunta continuou se repetindo, um eco sem resposta.

– Nós podemos fazer isso – Verex disse – se esperarmos. Se tomarmos cuidado. Kestrel, você pode tomar cuidado?



Em sua mente, Kestrel jogou as peças.

O imperador.

A engenheira hidráulica.

O médico.

Um favor.

Herran.

Valória.

Ela observou as gravuras. Arrumou-as em diferentes ordens. Procurou um sentido e não encontrou nenhum. Voltou a misturar as peças. Mas o imperador tornava difícil pensar. Ela virou sua peça para não ter de olhar para ele.

A outra face, porém, não estava em branco. Mostrava o rosto de seu pai.

Que jogo era aquele?

O que Kestrel pensava que estava fazendo?

Ela já não havia perdido o suficiente?

Já não havia feito o suficiente? Então, lembrou-se do conselho de Verex.

Não cabia a ela resolver o enigma da engenheira e do médico. Ela precisava parar.

Sim, pare de jogar, Kestrel, ela disse a si mesma. Retire as apostas, retire-se da mesa. Abandone o jogo.

Agora.

Primeiro, Arin fez os moldes. Um do tamanho e do formato de uma bolinha de gude. O outro, longo, fino e cilíndrico. Ele fez dois de cada em argila cozida e reservou as metades gêmeas. Aqueceu o chumbo no fogo da forja até o metal pingar vermelho.

Arin tinha sido ferreiro, mas ferreiros quase nunca trabalhavam com moldes. Seus moldes de argila racharam. Escorreram chumbo quente. Não havia mais nada a fazer além de deixá-los de lado para esfriar num amontoado de restos.

Era enlouquecedor e surpreendente o quanto Arin percebeu que precisava dessas horas na forja. Como esse trabalho que antes era obrigado a fazer agora era *seu*. Ele adorava a sensação de criar algo. Alisou a argila fresca, curvando-a, deixando-a oca com uma ferramenta calculada. Observou novos moldes endurecerem na chama da forja.

Quando esses também quebraram, ele quase não se importou. Faria outros. Um dia, daria certo.



Arin havia pedido para que a rainha e seu irmão não entrassem na forja. Mesmo assim, Roshar entrou, com o braço ainda coberto por um curativo pesado e o pequeno tigre a passos surdos atrás dele.

– Eu acho – Roshar examinou a bagunça – que você deveria ter aceitado a adaga e se contentado com ela.

Arin lhe entregou uma lista.

– Materiais.

– Ora, essa, como os humildes ascenderam. Não sou seu garoto de recados. – Ele leu a lista. – Para que você quer *isso*? O que está produzindo?

– O *algo mais* da sua rainha.

Roshar riu.

– Ela pediu “algo mais” para você? Duvido que isso – ele apontou com a lista para o último desastre de Arin – seja o que ela tinha em mente.

O tigre mordiscou o tornozelo de Arin. Ele gentilmente virou o rosto do animal para o lado.

– Roshar, por que está aqui?

– Dei um nome para o filhote. Dei seu nome em sua homenagem.

– Roshar.

– Quando Arin crescer, você vai ser sentenciado à morte por tigre na arena lacrana. Arin

vai comer você vivo.

Arin olhou para o sorriso ferino de Roshar e para o rosto suave e confuso do tigre. O fogo refletia em seus olhos.

Roshar disse:

– Vim para contar que incendiámos as planícies ontem.

Arin ergueu os olhos. A maquiagem verde que cercava os olhos de Roshar os deixava mais estreitos, brilhantes. O sorriso de Roshar mudou. Ficou mais fundo.

– Mortes? – Arin perguntou.

– Muitas.

– Que bom.

– Não tão bom para você, infelizmente. Você deu bons conselhos, admito, mas isso não basta para lhe dar a aliança. Não sei como *isso* serviria também. – Roshar olhou com desprezo para os objetos que cobriam a bancada da forja.

Arin ficou tentado a explicar sua ideia.

– Lembra-se das armas na casa de bonecas de Risha? – o herrani perguntou.

O rosto de Roshar se fechou ao falar:

– Lembra-se daquele selo em sua linda adaga? Aquela faca é uma arma de mulher. Não pense que não sabemos de quem é. – O dracano empurrou um molde quebrado. Pó de cerâmica se espalhou pela mesa. Mas Roshar guardou o verdadeiro estrago para o que disse antes de partir, com o tigre atrás de si. – Não tenha dúvidas, Arin, do porquê não vamos nos aliar a você.



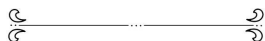
Outra peça de roupa chegou para Arin. Um par de luvas decoradas. O código de Tensen lhe informou que a Mariposa havia descoberto uma relação entre a engenheira hidráulica e o médico do imperador. Sarsine avisou que as condições em Herran haviam se agravado. Arin tinha garantido uma aliança oriental? Ele deveria voltar para casa.

Tensen, apesar da insistência de que Kestrel não tivesse um barbante colorido, conseguiu incluí-la mesmo assim. O Primeiro Verão estava próximo, Tensen disse. Ela era uma noiva radiante. *Fique feliz por ela, Arin*, disse uma linha bordada tão acidentada quanto uma ferida mal cicatrizada.

Mas Tensen não sabia o que Arin sabia. Tensen desconhecia o cinismo com que Kestrel se vendera para a pessoa com maior poder. Não tinha visto o rosto dela sobre a mesa viscosa da taverna quando admitiu seu papel no assassinato de tantos inocentes.

Arin jogou as luvas no fogo da forja. Soltaram um cheiro de carne queimada.

Ele jamais se sentiria feliz por Kestrel.



Roshar voltou alguns dias depois.

– Parece um grande junco de metal. – Ele cutucou um objeto resfriado sobre metade do molde aberto. – Acho que sei o que está fazendo, Arin. Não acho que vá funcionar.

– Falei para você ficar longe.

– E não fiquei? Note que desta vez não trouxe o tigre comigo. Arin deixa você nervoso. Como pode ver, presto atenção em todos os seus desejos, quer você os fale ou não.

– Então saia.

– Como você sobreviveu, pequeno escravo, com essa sua boca? Rezou para seu deus da sorte? – Roshar o examinou, detendo-se sobre a face esquerda de Arin. A cicatriz parecia formigar sob o olhar atento de Roshar. – Você tem mais sorte do que eu.

Roshar estava certo, Arin não deveria ter sobrevivido, não com sua grande habilidade de dizer o que não devia. Arin disse:

– Você estava com Risha quando ela foi levada?

– Não. – Mas parecia um “sim”.

– Foi nesse momento que você foi escravizado?

– Vou *mesmo* matar você.

– Por que você vem aqui, se não para eu dizer o que ninguém mais diz?

– O que eu quero – Roshar disse – é que você me acuse. É *isso* o que ninguém mais faz. Nem mesmo meu povo, que me vê como vítima. E nunca, jamais, a rainha.

– Acusar você de quê? Escapar quando sua irmã não escapou? Sobreviver? – Delicadamente, Arin disse: – Se esse é o seu crime, é o meu também.

– *Você* vendeu sua irmã?

Arin recuou.

– O quê?

– Quando os valorianos atacaram seu país, você a trocou por algo melhor? Foi o que fizemos com Risha. Nossa garotinha. Tão habilidosa, desde pequena, com as facas. Ela não tinha nenhuma boneca de junco-do-rio. Não, o quarto dela era uma sala de esgrima. Sua caixa de brinquedos era uma armadura. Nossa irmã mais velha notou. Soube o que fazer.

“Nós somos gêmeos, a rainha e eu. Sabia disso? Não? Bom, se cortar o nariz e as orelhas dela, vai ver que somos muito parecidos. Mas, ah, a diferença decisiva dos quatro minutos. Ela nasceu antes de mim. Ficou com o reino. Não que eu quisesse. Eu não sabia o que queria. Mas é isto que eu era: dispensável.

“Diga-me, Arin, a solução para este enigma tentador. Se você tivesse uma criança

mercenária com lindos olhos inocentes, uma princesa que seu inimigo adoraria raptar se tivesse a chance, o que você faria? Alguma ideia cresceria no calor da sua mente? Talvez sua irmã mais velha fosse a mais esperta. Ela vai lhe explicar como derrubar o império. Você: filho do meio, único homem, o que *você* faz? Explica a situação para a sua irmãzinha. Cavalga com ela em território inimigo. Finge ser seu servo. Faz com que sejam notados. Chama a atenção. E, quando é capturado, deixa que ela vá.” A expressão de Roshar ficou amargurada, maldosa. “Então você espera. Espera, a sua rainha espera, para ver se Risha vai enfiar a faca no pescoço do imperador.”

Tudo fez um sentido inesperado para Arin. Explicava a afirmação de Risha de que o seu lugar era no palácio. Explicava seu olhar assombrado. Mas...

– Ela foi capturada há anos. O que está esperando?

– Vingança, talvez, contra o irmão e a irmã que a usaram. Depois do primeiro ano, achamos que ela estava esperando a oportunidade para matar o imperador. Outros anos se passaram. Agora... achamos que ela virou valoriana. Talvez seja o que acontece depois que uma pessoa cresce e entende que foi traída pela própria família.

– Você não deveria ter me contado isso. Por que me contou?

– Porque sei que o que falei sobre aquela adaga não é verdade. Naquele dia em que mutilaram meu rosto no seu país, eu soube que você nunca se venderia. Dava para ver. Você nunca venderia o que lhe é caro. Olhe só para você, Arin. É feito de tantos limites esplêndidos e estúpidos.

Arin viu, em sua mente, as luvas em chamas, seus dedos curvados. Sentiu aquele forte cheiro acre. Lembrou-se da notícia codificada da Mariposa.

– Não acho que Risha seja aliada do império.

Em sua memória, as chamas contraíram a mensagem dos nós: *Garantiu a aliança oriental?*

Os olhos de Roshar estavam famintos por notícias da irmã. O povo de Arin estava faminto, tendo esgotado a safra de noz-de-lareira antes do esperado. E Arin estava faminto ao se lembrar de como as luvas queimaram. Ele tinha fome. Tinha fome disto: de depositar sua confiança em seu devido lugar.

Ele chamou a atenção de Roshar para o longo cilindro de metal sobre a bancada.

– Deixe-me explicar para que isto serve.



Levou tempo para completar as partes do canhão em miniatura. Havia uma câmara em uma ponta fechada para uma raia de papel de pólvora negra, que repousava em uma cavidade interna atrás de onde se colocava a pequena bala de metal. Arin cortou um pavio curto e duro. Inseriu na raia de pólvora negra.

Seu tempo nos estábulos do general valoriano lhe haviam ensinado a trabalhar com couro.

Ele se esforçou com o material duro usado para selas, fazendo uma alça de couro compacta para a ponta onde o cano seria erguido, apontado e carregado com explosivos. Foi estranho, mas, quando Arin inseriu a ponta do cano no caixote fino e duro de couro, ele pensou no jardineiro de sua família. Muito antes da Guerra de Herran, o jardineiro cruzava árvores no pomar, inserindo uma muda de uma árvore no tronco grosso de outra.

Arin prendeu o estranho suporte no cano encaixado. Fixou pinos de aço através de buracos perfurados no suporte e os soldou ao cano. Por último, cortou uma longa tira de couro e moldou uma correia. Essa arma era feita para ser transportada.

Arin a pendurou sobre o ombro como se carregava uma besta dacrana. Então, convocou a rainha e seu irmão.



Esvaziaram o pátio do castelo em frente à forja. Pouco antes de Arin engatar a raia de pólvora negra e a bola de metal na câmara, teve uma visão do equipamento explodindo em suas mãos e levando sua cabeça junto. Ele já havia usado pólvora negra antes. Tinha sentido a rajada de um canhão. Tinha ouvido aquele único batimento retumbante do deus da guerra. Mas não era medo o que ele sentia quando acendeu o pavio e colocou o suporte no ombro. Era fome.

O pavio queimou.

O canhãozinho fez o ar crepitar. Ricocheteou contra o ombro de Arin, tirou seu fôlego. Queimou sua mão. Ele quase o deixou cair.

Houve um silêncio brutal. O espanto havia mudado as expressões de Roshar e da rainha. Um fio de fumaça saiu da longa e enorme porta da cozinha. A mira de Arin tinha sido péssima. Mas isso não importava. O que importava era a pequena bola de chumbo, enterrada no fundo da porta. O que importava era a rainha atravessando o pátio para ficar na ponta dos pés diante da porta. Ela tocou o buraco fumegante.

Sim. Ele queria que ela dissesse. Enquanto recuperava o ar, a mente de Arin não pensou em palavras como *aliança*, *confiança* ou *algo mais*. Apenas *sim*. Depois, ele pensaria melhor na arma. Depois, pediria desculpas pelo que havia feito. Mas agora havia apenas *sim* ou *não*, e ele tinha precisado escolher. Tinha precisado escolher o que lhe daria a palavra que queria.

– *Isso* – Roshar disse. – *Isso* contra o império.

– Pense em quanta pólvora negra é necessária para disparar um canhão – Arin disse. – Os valorianos não se importam. Eles têm de sobra. Nós não, mas não precisamos de muita com isto, e ele pode ser transportado para qualquer lugar. Deixem que *eles* puxem seus canhões pesados. Deixem que *eles* percam cavalos e soldados posicionando a artilharia. Eu sei, o meu canhãozinho não é preciso – Arin abanou a cabeça. – Ainda não. Posso fazer com que tenha precisão.

Roshar e a rainha continuaram olhando fixo para ele.

– Venham comigo – Arin disse. – Quero mostrar outra coisa.

Ele os levou para a forja, que estava quente pelo tanque de metal derretido que Arin havia preparado. Arin tirou o canhãozinho dos ombros. Caminhou na direção do tanque. A rainha abafou uma exclamação ao entender o que ele estava prestes a fazer. Ele jogou a arma dentro do tanque.

Ele se virou para a rainha e seu irmão.

– Os herranis vão produzir mais. Vou ensinar como. Vamos fornecer essas armas para vocês. Faríamos isso... por nossos aliados.

– Precisava *derreter* o canhãozinho? – Roshar perguntou.

– Precisava que vocês precisassem de mim. Vocês poderiam tê-la tirado de mim, examinado seus mecanismos e encontrado uma forma de reproduzi-los. Assim, não precisariam de Herran.

– Arin, seu idiota. O que faz você pensar que não vamos tirar o projeto de você sob tortura?

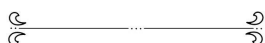
– Vocês não fariam isso.

– *Eu* faria. Adoraria fazer.

– Faria nada. – Ele olhou para os dois. – Então? Podemos lutar juntos?

Foi a rainha que disse a palavra, mas Roshar a tornou real. Ele atravessou o curto espaço da forja e colocou a palma de uma mão na bochecha de Arin. Era o gesto herrani de amizade. A rainha sorriu quando Arin retribuiu o gesto e então veio a palavra: linda, letal, tão pequena e abrasadora quanto o buraco na porta da cozinha. Naquele momento, essa palavra era tudo o que Arin queria.

– Sim.



Arin estava saindo dos banhos. Seu rosto tinha ficado coberto de pólvora negra. Ela tinha grudado em seu cabelo. Até em seus dentes. Ele parecia um sobrevivente de incêndio. Ele havia se lavado, notando o enorme hematoma que escurecia seu ombro direito cauterizado e subia por seu peito. Então, ele retornou ao quarto para fazer as malas.

A rainha estava esperando lá dentro e abriu a porta para que ele entrasse. Pensando que ela precisava discutir algo em particular, talvez um detalhe da aliança, ele também ficou em silêncio enquanto entravam. Depois que a rainha fechou a porta suavemente atrás de si, ele disse:

– Meu povo precisa saber da notícia. Eu queria partir.

A rainha foi até ele, depois se aproximou ainda mais. Entrelaçou os dedos em seu cabelo úmido. Ele ficou paralisado. Sussurrando sua bochecha contra a dele, ela levou os lábios quentes até a orelha de Arin.

– Sim – ela murmurou. – Mas não agora.

Ele a beijou. A boca dela se abriu sob a dele. As mãos dela estavam em seu corpo e a sensação era curiosa, parecia alheia. Ele relaxou. Deveria relaxar, não? Ela parecia achar que sim.

Ele lembrou de sua fome. Não disso. Mas ela lhe deu e ele aceitou, e retribuiu, mesmo sabendo o que realmente queria. Ele não queria querer, e o pensamento em Kestrel, nesse desejo monstruoso – tão estúpido, tão *errado* – fez com que ele parasse. Ele recuou. Rangeu os dentes uma vez, com força, prendendo o ar, a fúria chamejante contra si mesmo.

– Arin? – chamou a rainha.

Ele a beijou de novo, mais profundo. Dessa vez, entregou-se um pouco no beijo, que o preencheu. Tirou-o de si próprio. Era bom. Ele estava exausto de ser como era. Esqueceu-se de tudo.

No entanto... lembrou de outro beijos, outros tempos. Era impossível não lembrar.

Esta era a verdade: em sua mente, era Kestrel quem tocava a cicatriz em seu rosto. Era a boca dela que se movia contra a dele. Esta era a verdade: o que ele imaginou era uma mentira. A verdade e a mentira o abraçaram firme.

Isso o fez pensar. A rainha se encostou nele, tocando em seu ombro ferido, e ele se crispou. Lembrou-se de seu próprio rosto coberto de fuligem depois de disparar o canhãozinho. Lembrou-se de falar para Roshar queimar as planícies. *Vocês têm sorte de o general não ter feito isso antes.*

Espere, espere. Por que ele não havia feito isso?

Porque Kestrel lhe oferecera outro plano. Os cavalos envenenados. *Posso explicar*, ela havia dito para Arin. Ele se recusara a ouvir. *Não tive escolha*, ela havia dito. *Meu pai teria...*

Hesitante, com um pavor que entrou chiando dentro dele por um pavio curto, Arin imaginou o desastre que não aconteceu e aquele que tinha acontecido. Imaginou o incêndio e o povo da planície em chamas... ou cavalos mortos e um êxodo para o sul.

O beijo ficou frio em seus lábios. Arin foi entorpecido pela compreensão. Separou-se da rainha.

Arin imaginou Kestrel. Viu-a considerando uma escolha: fogo e aniquilação, ou veneno e sobrevivência. Arin sabia o que ele escolheria. Começou a se perguntar se Kestrel havia feito a mesma escolha.

Ele ficou pálido. O sangue deixou suas veias. Seu coração em guerra batia alto em seus ouvidos.

A rainha o encarava. Ele havia recuado dela; lembrou-se de fazer isso como se tivesse sido uma eternidade atrás. Arin não sabia dizer se ela tinha tocado nele de novo depois. Não estava

tocando nele agora. Olhava para ele desconfiada. Ele viu a si mesmo como ela devia ver: curvado, com uma aparência subitamente adoecida. Ou como se tivesse sido atacado. Levado um soco na cabeça ou nocauteado para trás como quando a explosão no pátio da cozinha havia tirado seu ar.

– Arin, o que há de errado? – ela perguntou.

O ombro de Arin doía, sua garganta doía. *Ele* estava errado, ele havia beijado uma mentira. Ela teria ficado mais doce, ele teria continuado. Teria fingido que a rainha era Kestrel. Mas quem *era* Kestrel? Ele já tivera tanta certeza no passado. Então ela surgira diante das muralhas sitiadas da cidade com o tratado do imperador nas mãos e uma marca de noivado na testa, e a certeza dele se mutilara, infeliz. Ele tinha sido um tolo, dissera a si mesmo em meio à neve, às portas de sua cidade, de costas para a muralha, sentindo frio até os ossos. Tinha sido um tolo da pior espécie: do tipo que não consegue ver as coisas pelo que realmente são.

Arin ergueu a mão rapidamente, com a palma para fora, como se impedisse alguém. Lembrou-se de novo de como o cerco havia terminado. Mas, desta vez, mudou o jeito como viu a situação. Desta vez, em sua memória, ignorou a marca na testa de Kestrel. Viu apenas o que ela tinha nas mãos: o tratado. Que havia salvado sua vida e poupado seu país. Em sua memória, Kestrel lhe ofereceu o papel cor de creme dobrado. Ele o pegou, o abriu. Em sua mente, viu então um sentido diferente naquele tratado e na forma como ela o entregara para ele. A compreensão súbita fez o punho de Arin baixar e se cerrar.

– Preciso partir – Arin disse à rainha. – Preciso partir agora.

Kestrel parecia ter sido banhada em sangue.

No fim, não tinha realmente dado ordens para alterar seu vestido de casamento. A engenheira hidráulica já havia mudado a aposta e, embora Kestrel não soubesse ao certo se o imperador sabia disso ou quais poderiam ser as consequências, ela temia a atenção perversa que atrairia se fizesse algo mais para frustrar os planos do imperador. Ele queria que ela usasse vermelho, então o vestido era vermelho, em dobras carmesins duras e cintilantes de samito opulento. Era pesado. Estruturado no corpete – respirar muito fundo doía –, com saias feitas com pregas cujas sombras listradas criavam tons ainda mais escuros de vermelho, quase preto. A cauda estava amontoada agora, mas, quando Kestrel entrasse no grande salão, jorraria feito um rio atrás dela.

As mãos da nova costureira se alvoroçavam sobre Kestrel.

– Está apertado demais? Ou... talvez você gostaria de mais ornamentos? Cristais costurados na barra?

– Não. – Era a última prova antes do casamento, dali a pouco mais de uma semana. O que Kestrel realmente queria era que o vestido pegasse fogo.

– Ah, mas você ainda não viu com o dourado. – A costureira pegou um punhado de fios dourados e começou a enrolá-los nas tranças de Kestrel e em torno do seu pescoço, descendo em formas frias sobre seus ombros nus. A dor nos pulmões de Kestrel ficou pior. Seus olhos ardiam.

– Não fica melhor assim? Não acha? – A voz da costureira estava aguda. – Você está tão linda!

De repente, Kestrel ouviu o pânico reprimido na voz da menina. Kestrel viu seu reflexo. Ela não estava bonita. Seu rosto estava enrugado e pálido, os olhos espantados e arregalados. Ela parecia doente. Kestrel apertou as mãos contra os olhos úmidos, apertou com força e olhou de novo. Não sabia o que a costureira viu em seus olhos, mas percebeu que, o que quer que fosse, a menina interpretou como sua própria ruína. Ela era uma substituta de última hora para Deliah: uma simples costureira promovida ao cargo imperial. Ela estava com medo. Por que não temeria a insatisfação de Kestrel? Afinal, a última costureira imperial estava morta.

Kestrel tirou os olhos do espelho para encarar a menina de cabelo castanho. Kestrel desceu do bloquinho, tomando cuidado com a barra, e pousou a mão suavemente no braço da garota.

A nova costureira se acalmou.

– Você gostou? – ela sussurrou.

– Está perfeito – Kestrel disse.



Seu pai estava curado. Partiria na manhã seguinte ao casamento para retomar o comando da campanha oriental. Já teria partido se não fosse pelas ordens do imperador. Às vezes, Kestrel achava que o general teria ficado de qualquer modo para seu recital de aniversário e o casamento, mas só ficava propensa a acreditar nisso quando não estava ao lado dele. No momento em que ele ficava diante dela, com os olhos cada vez mais inquietos, ela via que era tudo ilusão.

Ele a convidou para um passeio. O vento estava alto e forte o bastante para fazer os ouvidos de Kestrel doerem.

No começo, pareceu que Kestrel e seu pai não conversariam. Então, ele disse:

– Não sei o que dar de presente de casamento para você.

– Não importa.

– Eu queria... – Ele estreitou os olhos para um falcão que rodeava alto sobre o Jardim de Primavera. – Queria ter guardado algo da sua mãe para dar a você. Diria que estava guardando para isso. – No dia em que havia atingido a maioridade, Kestrel havia herdado todas as posses de sua mãe. Ele não queria ficar com nenhuma.

Alguns meses antes, Kestrel teria encontrado outra forma – leve, displicente, talvez espirituosa – de repetir que não importava. Mas agora sentia fundo o mal de nunca terem dito o que sentiam um ao outro. Sim, eles se aproximaram. Havia chegado a alguns entendimentos, como aquele que sempre levava o general à câmara secreta atrás do biombo da sala de música – senão para dentro da própria sala – para ouvir Kestrel tocar. Era um tipo de honestidade, pensava ela, mas não era pura, não era verdadeira, e ela não conseguiu evitar a mágoa que veio junto com a ideia de que ela era igual ao pai. Ela também não dizia o que sentia. Queria dizer. Tentou. As palavras se debatiam dentro dela. Por fim, ela disse:

– Se eu pedisse uma coisa, você me daria?

Cauteloso, ele respondeu:

– Isso depende.

– Fique. Não vá para o oriente.

– Kestrel...

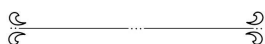
– Fique mais uma semana, então – ela pediu. – Ou um dia. Fique mais um dia depois do casamento.

Ele continuou olhando para o céu, mas a ave de rapina não estava mais lá.

– Por favor.

Ele finalmente se virou para ela.

– Muito bem – ele disse. – Mais um dia.



Os eventos na corte continuaram. Houve o torneio de primavera. Houve peças, bailes, banquetes. Mais de uma vez, Kestrel deparou com o olhar de Tensen do outro lado de um salão. Desviou os olhos. Sabia que ele queria conversar com ela. Pressionaria para que conseguisse mais informações. Insistiria para que assumisse mais riscos, tudo por uma vantagem muito incerta. Mas ela havia tomado sua decisão. Casaria. Regeria. Era assim que ela mudaria as coisas. Suas tentativas de espionagem pareciam uma bobagem agora, como os jogos de uma criança que não queria crescer. Pior: em seus momentos de maior clareza, quando Kestrel era mais sincera consigo mesmo, e a sinceridade se mostrava feito um esqueleto, de ossos limpos e salientes, ela sabia que seus esforços para ser espiã de Tensen tinham sido uma forma de se provar para Arin... por mais que insistisse que ele nunca soubesse.

Não fazia sentido. Essa insensatez chegava a ser dolorosa. Como Kestrel se tornou uma pessoa que não fazia sentido?

Dois dias antes do seu recital de aniversário, que aconteceria dois dias antes do casamento, Verex parou o imperador nos terrenos do palácio depois de uma corrida em que um dos cavalos imperiais havia levado o prêmio. O príncipe havia chamado o pai no exato momento em que o imperador estava de costas para Kestrel. O imperador não viu como ela estava próxima.

– Não devíamos nos preocupar que o governado herrani não voltou para o casamento? – Verex perguntou. Seus olhos passaram por sobre o ombro do pai para encontrar os de Kestrel.

O imperador deu risada.

– Só tem um representante daquele território – Verex disse. – Vai parecer um pouco estranho. Talvez o governador devesse estar presente. – Seus olhos perguntaram o desejo de Kestrel. Ela fez que não.

– Ah, os herranis. – O imperador riu mais uma vez. – Ninguém se importa com os herranis. Sinceramente, eu tinha até me esquecido deles.



Quando Arin aportou na capital, ele passou a se controlar. Durante a jornada marítima, havia se permitido andar de um lado para o outro do convés ou maldizer os ventos fracos. As ondas não o deixaram enjoado, não desta vez. Ele estava concentrado demais nos movimentos de sua mente. Arin estava ardente, nervoso, insone e talvez ensandecido.

Às vezes, conseguia pensar em outras coisas além de Kestrel. Sentia um calafrio com a lembrança de sua prima. Havia passado em Herran para ver Sarsine e reabastecer o navio. Uma frota da coroa havia velejado com ele, como parte da aliança, e estava parada agora no porto da cidade para protegê-lo. Arin tinha ficado espantado com a mudança em Sarsine. Ela parecia tão fraca. Todos pareciam. Ele odiou abandoná-la, mas precisava, de tão possuído que estava pela necessidade de falar com Kestrel.

Ele precisava *saber*. No navio, seu coração e seu cérebro galopavam entre o que sabia e

pensava saber, ou tinha esperanças de saber, então seus pensamentos corriam de volta para onde já estiveram até fincar raízes fundas dentro dele.

Quando pôs as botas no cais pedregoso da capital, porém, ele não foi nada além de cauteloso.

Não quis lavar o cheiro do mar de seu corpo. Arin era reconhecível demais; a cicatriz era em especial um problema. Seu cabelo sujo caía longo o bastante para cobrir a sua testa, mas a cicatriz era um corte claro que descia do olho esquerdo até sua bochecha. Arin manteve a cabeça baixa enquanto seguia pelas Estreitas. Sua esperança era de que parecesse infame o bastante para que ninguém o tomasse pelo governador de um território imperial.

Ele perambulou pela cidade. Não descansou. A manhã amadureceu e chegou ao meio-dia. Então entardeceu.

Enfim, Arin avistou um herrani mais ou menos da sua altura vestindo a libré azul do palácio imperial. A cesta amarrada às costas do servo fazia seus ombros caírem – devia estar pesada, provavelmente carregada de itens alimentícios para as cozinhas imperiais. Arin o seguiu. Atravessou ruas magras. Seu passo acelerou, mas não se permitiria fazer nada tão notável quanto correr.

Foi à beira do canal, onde as comportas abertas deixavam todas as águas da primavera correrem sonoramente, onde Arin o alcançou. Arin o saudou, em silêncio. Chamou-o pelos deuses. Invocou os nomes deles de forma que ignorá-lo seria um pecado mortal. Então, para completar, falou de maneira clara:

– Por favor – ele disse –, me ajude.



Nas cozinhas do palácio, usando roupas de servo, Arin pediu ajuda mais uma vez. Também era um risco. Ele poderia ser denunciado. No momento em que sua presença fosse descoberta no palácio, o que ele queria se tornaria impossível: a oportunidade de falar com Kestrel a sós.

– A sala de música – sugeriu uma criada. – O recital dela é amanhã. Ela fica quase o tempo todo praticando lá.

– O que você quer com *ela*? – A boca de um criado se curvou em desprezo.

Arin quase deu uma resposta agressiva. Ele estava ansioso, não estava agindo de maneira inteligente, e já havia anos que tinha algo duro e brilhante – e estúpido – dentro dele que gostava de fazer inimigos. Sentiu vontade de fazer um agora. Mas se controlou. Arin abriu um sorriso tranquilo para o criado. Caiu um silêncio constrangedor na cozinha.

A cozinheira pôs fim ao assunto:

– Não é da nossa conta. – Para Arin, ela disse: – Quer ir daqui até lá sem ser notado, não? Bom, então. É melhor alguém buscar a criada de lady Maris.

A criada herrani chegou rápido, com um conjunto de maquiagem nas mãos. Ela abriu um

pequeno pote com um creme grosso e matizado. Deixou-o mais escuro. Enquanto Arin ficava sentado na bancada talhada e esburacada, a criada passou o creme em sua cicatriz.



Kestrel fechou a porta da sala de música. O piano aguardava. Antes daquele dia no mercado de escravos – antes de Arin –, isso era o bastante para ela: essa linha de teclas como uma fronteira reta entre este mundo e o outro.

Os dedos de Kestrel tocaram algumas notas agudas, então pararam. Ela olhou para o biombo. Não havia ouvido o toque do relógio do seu pai. Mas, enfim, não tinha dado a hora.

Ela colocou a partitura musical no cavalete. Folheou as páginas. Estudou as primeiras linhas da sonata que o imperador escolhera e se obrigou a ler devagar as notas que já sabia de cor.

Uma brisa da janela aberta afagou o ombro de Kestrel. O ar era suave, aveludado, com um aroma viçoso das árvores em flor. Ela se lembrou de tocar para Arin. Tinha sido apenas uma vez, mas parecia terem sido muitas mais.

O sopro do vento agitou a partitura, depois jogou as páginas ao chão. Kestrel se levantou para buscá-las. Quando se empertigou, olhou involuntariamente para a porta, em um lapso de certeza irracional de que Arin estava lá.

Mas, claro, ele não estava. Uma agulha de gelo perfurou seu coração. Que coisa tola de se ter pensado: ele, *aqui*. Ela perdeu o ar pela dor.

Kestrel se obrigou a sentar de novo ao piano. Enfiou essa agulha de gelo mais fundo. Fez crescerem cristas congelados. Kestrel imaginou o gelo se espalhando até envolvê-la numa casca transparente e fria. Ela tirou as mãos do colo e tocou a sonata do imperador.



A cozinheira insistiu que os servos acompanhassem Arin. O creme da criada havia suavizado a aparência de sua cicatriz, mas não enganaria ninguém que olhasse com atenção.

– Caminhe nos corredores com alguns de nós – disse a cozinheira. Um cortesão curioso poderia ser distraído. Os servos poderiam cercar Arin para que seus traços fossem ocultados.

Ele recusou.

– Pelo menos parte do caminho – insistiu um herrani.

– Não – Arin disse. – Pense no que o imperador faria se descobrisse que vocês me ajudaram a andar pelo palácio clandestinamente.

Os herranis deram duas chaves para Arin e o deixaram ir sozinho.



Quando Arin subiu os degraus para o outro mundo do palácio, aquele com ar fresco, ele

tomou o cuidado de caminhar junto às paredes, com o lado esquerdo do rosto voltado para elas. Sua mão segurava um balde de água quente com sabão. A fumaça se curvava úmida em volta do seu punho. Ele caminhava o mais rápido que podia.

Arin lembrava os corredores pouco usados e ouvira os conselhos dos servos, que sabiam que áreas do palácio chamavam menos atenção a essa hora. Ele seguiu suas instruções. Seu coração palpitou quando deu de cara com um casal de cortesãos saindo, descabelados e sorridentes, de uma alcova coberta por uma tapeçaria. Mas eles ficaram felizes em ignorá-lo.

As chaves pesadas em seu bolso batiam com força contra sua coxa. Ele podia não encontrar Kestrel ou não encontrá-la sozinha. Era assombroso o risco que ele corria. Ainda assim, ele apertou o passo. Ignorou aquela voz sinuosa que sussurrava dentro dele, chamando-o de tolo.

O tratado. Kestrel lhe havia oferecido o tratado diante dos portões da cidade. O tratado tinha sido sua salvação. Por que havia demorado tanto tempo para Arin cogitar que havia sido *ela* quem o salvara?

Tolo, a voz repetiu.

Arin chegou à ala imperial. Tirou uma chave do bolso e entrou.



As mãos de Kestrel pararam em certo ponto no meio da sonata. Ela não estava lendo a partitura, então, quando sua memória falhou e ela perdeu seu lugar na sequência de símbolos, ficou completamente perdida. Não era do feitio dela. A música palpitou distante.

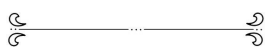
A pessoa que ela era antes teria ficado irritada, mas era a agulha congelada em seu peito que dava as ordens agora e dizia que ela deveria apenas tomar nota de seu erro e seguir em frente. Ela encontrou uma pena e fez exatamente isso, sublinhando a passagem esquecida. Colocou a pena no suporte que abrigava a partitura e se preparou para voltar a tocar.

Então ouviu o toque prateado do relógio de seu pai.

Ela ergueu o canto da boca.

No mesmo momento, soube o que queria tocar para ele. O general não reconheceria metade de um dueto e, se reconhecesse, não adivinharia de quem era para ser a voz que acompanharia o que ela tocava. Kestrel pensou de novo no quanto queria contar ao seu pai e no quão pouco poderia dizer.

Mas ela podia declarar essa música. Ele ouviria e, mesmo se não entendesse o que ouviu, ela poderia tocar o que sentiria caso contasse a ele.



Arin ouviu a música muito antes de chegar à sala. Ela descia pelo corredor em uma onda arrasadora. Chamava-o como uma pergunta que sua garganta ansiava por responder. Ele podia sentir as partes em que deveria cantar. O canto tentou sair de dentro dele.

Ele pensou que talvez tivesse derrubado o balde. Não sabia onde ele estava. Tinha parado diante da porta da sala de música. Ela parecia ter se materializado na frente dele. Ele colocou a mão nela. A porta parecia viva. A música pulsava em seu cerne.

Arin usou a segunda chave para abrir a porta. A sala estava vazia exceto por ela. Kestrel o viu e a música parou.

Por uma fração de segundo, Kestrel pensou que o tinha imaginado. Então, percebeu que ele era real. Isso a destruiu. A casca de gelo em volta dela se estilhaçou em milhares de pedaços cortantes.

Ele fechou a porta. Manteve a palma plana contra ela, os dedos bem abertos. Olhou para Kestrel.

Depois, Kestrel entenderia o preço de seu choque. Ela tinha sido lenta demais. Foi só quando ele olhou nos olhos dela que ela mergulhou fundo na noção de que os dois estavam em perigo.

Ela precisou reunir toda a sua determinação para não olhar de soslaio para o biombo que escondia seu pai. Seu pai, que ouviria tudo o que dissessem, que podia ver Kestrel agora. Ela viu a si mesma como ele deveria vê-la. Ela se levantou. Devia estar pálida como a morte. Uma mão segurava o suporte da partitura. Ela estava encarando a porta, que ficava fora do campo de visão de seu pai.

Kestrel ergueu a mão. *Pare*, ela implorou a Arin. *Fique. Não se mova.*

Mas o gesto fez algo dentro dele pegar fogo. Sua mão fechou a porta. E ela viu a determinação em seu rosto, a *suspeita* desvairada, o modo como já estava moldada na forma de uma pergunta. Com um pavor súbito, ela se deu conta do que ele iria perguntar.

Ele caminhou até ela.

– Não – ela lhe disse. – Saia.

Era tarde demais. Ele já estava no piano. Seu pai podia ver.

– Você não vai me expulsar – Arin disse.

Kestrel se deixou cair no banco do piano. Seu estômago se revirou: era um desastre. Ela tinha imaginado, várias e várias vezes, Arin olhando para ela dessa forma, dizendo o que havia acabado de dizer. Suspeitando do que devia suspeitar. Ela tinha até – timidamente, sentindo-se como uma invasora – orado aos deuses dele pela chance de reencontrá-lo. Mas não dessa forma. Não diante do seu pai.

Suas opções se reduziram. Ela folheou a partitura, então parou quando viu que suas mãos tremiam.

– Não seja dramático, Arin. Estou ocupada. Vá embora, por favor. Você interrompeu meu ensaio. – Ela pegou a pena. *Estamos sendo observados*, ela planejava rabiscar na partitura. *Explico tudo depois.*

Arin tirou a pena de suas mãos e a jogou do outro lado da sala. Caiu com estrépito no piso de pedra.

– Pare. Pare de fingir que não tenho importância.

Ela fitou a pena. Não poderia buscá-la agora. Seu pai não era bobo; poderia adivinhar o que ela pretendia fazer com ela. Até mesmo sua tentativa um minuto atrás havia sido um risco.

Então, Arin fez sua pergunta.

– O que você fez pelo tratado? – ele perguntou.

Ela queria enfiar o rosto entre as mãos. Queria rir – ou chorar, não sabia ao certo. Algo dentro dela se agitava, assustadoramente parecendo pânico. Ela teria feito menção de sair se não achasse que Arin poderia impedi-la fisicamente – e *isso*, mais do que tudo, traria seu pai para dentro da sala.

Ela tentou falar de maneira fria.

– Não sei do que você está falando – ela disse a Arin. – Estou certa de que não fiz nada por tratado nenhum. Tenho um casamento para planejar. Terei tempo de sobra para política quando for imperatriz.

– Você sabe exatamente de que tratado estou falando. Foi você quem o entregou nas minhas mãos. E eu juro que tem suas marcas *nele todo*.

– Arin...

– Ele deu liberdade para o meu país. Salvou a minha vida. – Seu rosto ficou pálido, seus olhos cinza tomados por uma urgência. Ele se assomou diante dela enquanto ela continuava sentada. O banco do piano parecia uma jangada em alto-mar. – O que você fez para conseguir que o imperador assinasse? – A voz nervosa de Arin ecoava alto. Não fazia diferença que ele tinha falado em herrani. O pai dela falava herrani. Kestrel entrelaçou as mãos. Lembrou-se de seu pai mandando o desertor se matar para não viver com a própria vergonha. Ele faria o mesmo se ela respondesse a verdade a Arin? O que o general faria com *ele*?

– Arin, faça-me o favor. Não fiz nada pelo tratado. Não tenho tempo para suas ilusões.

– Mas tem tempo para se encontrar com Tensen. Não tem?

Inocentemente, ela disse:

– Quem?

A boca dele endureceu.

Não diga, Kestrel lhe falou. *Por favor, por favor*. Ela não sabia se Tensen havia contado de alguma forma a Arin ou se Arin havia deduzido, mas, se ele dissesse a palavra *Mariposa* em voz alta... ela lembrou de seu pai tirando a mariposa do quadro de Tensen. Os olhos do general haviam questionado a visão de uma mariposa-mascarada – infames comedoras de tecido, habitantes de guarda-roupas – em um lugar tão estranho. Não demoraria muito para seu pai deduzir o que aquela mariposa estava fazendo lá.

Especialmente se Arin perguntasse se *ela* era a Mariposa de Tensen.

Não. Ela queria chacoalhá-lo. Não faça isso.

A frustração ecoou pelo rosto de Arin. Ela o viu lutar contra si mesmo.

Sim, Kestrel lhe disse. Tem razão. Você não pode dizer à futura filha do imperador o codinome de sua espiã ou admitir que função Tensen cumpre para você na corte. Não, não diga isso. E se estiver errado? Arriscaria a vida das pessoas. Arin, você não pode fazer isso.

Com calma forçada, Arin disse:

– Se estou iludido, é porque você *finjiu*. Está fingindo *agora mesmo*. Você não é tão fria assim. Tentou ajudar o povo da planície. Quando nos encontramos na taverna da cidade...

Kestrel sentiu um frio na barriga.

– ... eu culpei você pelo êxodo. Mas envenenar os cavalos era melhor do que botar fogo nas planícies. Não foi por esse motivo que escolheu esse caminho? Seu pai...

– Amo meu pai.

Arin recuou ligeiramente.

– Eu sei.

– Se eu desse a ele algo que não fosse o melhor conselho militar possível, o teria colocado em perigo. – Só agora ela se deu conta disso e ficou assombrada consigo mesma de novo. – O oriente queimou as planícies que conquistamos.

– Sim. – Pareceu que Arin diria mais, mas não disse.

– Se meu pai estivesse lá... Muitos valorianos morreram no incêndio. – Ela pensou em Ronan. Sua garganta se fechou. Não conseguia dizer o nome dele. – Se fiz o que você pensa que eu fiz, essas mortes seriam culpa minha.

– Eles mereceram – ele disse, categórico. – Todos aqueles soldados não se importavam com nada além de alimentar a gula do império. O império consome *tudo*. Todos em Herran estão fracos. Fomos sobrecarregados de impostos. Tem pouquíssima comida. Agora as pessoas estão tão fracas que nem querem comer o que sobrou.

Kestrel ergueu os olhos.

– Isso não me parece fome.

– Você não sabe nada sobre fome.

Isso a silenciou.

Arin suspirou. Esfregou a testa com força, fazendo puxar a linha de sua cicatriz mal disfarçada por um cosmético.

– Todos estão magros, exaustos. Com os olhos afundados. A situação está pior. Eles dormem a maior parte do dia, Sarsine me contou. Até ela faz isso. Se você pudesse vê-la... Ela não conseguia fazer as mãos pararem de tremer.

A mente de Kestrel se fixou na última palavra dele. *Tremar*. Fez com que ela pensasse – inexplicavelmente – em como havia tingido a fonte de sua casa de rosa quando era pequena. Lembrou-se de contar isso à engenheira hidráulica, não mais de dois meses antes. Voltou a ver a tinta vermelha espalhando-se pela água e desbotando em cor-de-rosa. Um experimento. Kestrel – ela tinha dez anos na época? – havia ouvido a engenheira hidráulica falar de uma palavra estranha, *diluição*, com seu pai no jantar. Ele tinha grande consideração pela engenheira, que servira com ele na guerra e projetara os aquedutos de Herran. A criança Kestrel decidiu que devia entender como funcionava a diluição.

Mas diluição não tinha nada a ver com *tremar*. A Kestrel adulta franziu a testa e, ao fazer isso, lembrou que tremar tinha sido a palavra do médico imperial para descrever o sintoma de alguém que tomava a medicação dele por tempo demais... tempo suficiente para que fosse letal.

A compreensão caiu fundo dentro dela. Espalhou gotas vermelhas na água parada, e ela esqueceu que seu pai estava ouvindo e observando e julgando por trás do biombo. Esqueceu até que os ombros de Arin estavam curvados de preocupação e dúvida. Viu apenas o sentido daquelas seis peças de Morder e Picar que havia misturado tantas e tantas vezes em sua mente: o imperador, a engenheira hidráulica, o médico, um favor, Herran e Valória.

Ela sabia como todas estavam jogadas. O desenho a encarava.

O imperador havia decidido que os herranis causavam mais problemas do que valiam. Decidiu mandar envenená-los devagar pelo suprimento de água. Uma boa solução para um povo problemático e rebelde. Ele já havia tirado tudo o que podia deles. Depois que estivessem mortos, poderia retomar o território. Mostraria ao império a recompensa final pela revolta de Herran.

Era mais importante do que nunca que ela falasse com Arin de maneira franca... e que não fizesse isso *ali*. Ela olhou para a porta. Não tinha como ter certeza de que seu pai não entraria por ela, talvez até com a guarda do palácio.

Mas como poderia fazer Arin partir? Como poderia ir atrás dele e não deixar gritantemente óbvio para o seu pai o porquê? Ele tinha ouvido os boatos. Tinha a visto combater um duelo por Arin em Herran. Se tudo isso não fosse o bastante, ele sem dúvida tinha escutado a intimidade na voz de Arin. *Você não é tão fria. Quando nos encontramos na taverna da cidade...*

Arin afundou os cotovelos no corpo do piano e se debruçou para enfiar o rosto entre as mãos.

– Eu não devia ter deixado Sarsine. Não devia ter vindo.

Kestrel queria tocar nele. Ele parecia angustiado. Será que seu pai poderia ver o desejo em seu rosto? Ardia como o fogo de uma lamparina. Se pudesse, ela teria tocado três dedos no dorso da mão de Arin: o gesto herrani de gratidão e arrependimento. *Desculpa*, ela diria. *Obrigada*, diria, porque em alguma instância ele ainda acreditava nela e havia deduzido o que ela se esforçara tanto para esconder. *Amo você*, ela diria. Quase conseguia ouvir as palavras. Quase viu sua mão estender. Ansiava por isso.

Devagar, Kestrel disse:

– Você queria conversar sobre o tratado.

Ele ergueu a cabeça. Seu rosto se refletiu no verniz da tampa do piano.

A decisão caiu sobre Kestrel como um lençol branco. Ela mentiria uma última vez, por seu pai. Seria calma. Convincente. Depois, acertaria as contas com Arin e lhe contaria tudo.

Ela conseguiria. Precisava conseguir.

– Você acha que eu, de alguma forma, o preparei. Não foi isso o que quis dizer? Que convenci o imperador? – Kestrel afundou um dedo em uma nota aguda, mas devagar, de maneira que não fizesse som. – O imperador *parece* facilmente influenciável?

– Não.

– Mas *eu* consegui?

– Sim.

Ela tocou um trinado alegre.

– Por favor, não faça isso.

Ela parou.

– Arin, *por que* eu convenceria o imperador a oferecer aquele tratado? Estamos de acordo que fui eu quem contou ao império sobre a sua revolta, não? É de conhecimento geral. Eu mandei a guerra à sua porta.

– Sim.

Ela disse:

– Fomos amigos em Herran, não fomos, por um tempo?

A resposta de Arin foi rouca.

– Sim.

– O que fiz foi algo que uma amiga faria?

– Não – ele sussurrou.

– Mas eu fiz mesmo assim. E teoricamente arranjei esse tratado salvador. Não faz muito sentido, Arin.

– Faz sentido – ele disse – se você tiver mudado de ideia.

Ela ergueu uma sobrancelha.

– Que mudança drástica, então.

Ele ficou em silêncio.

O medo de Kestrel, que ela havia conseguido calar por um momento, voltou a se abrir.

Espalhou-se.

Ela estava com medo de fracassar nessa mentira. Estava com medo de triunfar. E estava, percebeu com um aperto terrível no peito, com muito medo do seu pai.

Arin encarou Kestrel: sem piscar, com os olhos cinza feito um céu cortado pela ventania, a cicatriz lívida contra sua bochecha enrugada.

– *Foi* uma mudança drástica – ele disse –, mas você fez isso. Sei que fez.

Kestrel fechou a tampa das teclas. Algo que ela não teria como controlar estava chegando. O jogo estava virando e sua melhor opção agora era abandoná-lo. Ela se levantou.

Arin a deteve.

– Não finja que não sou *nada* para você. Ouvi o que você estava tocando.

Ela tentou dar risada.

– Nem me lembro do que estava tocando. – A mão de Arin estava em seu braço. Ela se esquivou do seu toque. O que seu pai deveria pensar? Ela olhou de soslaio para o biombo. Encarou a porta. Não se abriu.

– Por que você está fazendo isso? – Arin perguntou. – Pare de mentir. Eu ouvi sua música. E eu *sei*. Você negociou com o imperador pelo tratado.

Ela ouviu um som baixo de algo sendo raspado. Ela tinha imaginado? Era o som de uma espada sendo desembainhada em uma câmara oculta.

– Eu não fiz isso.

Arin bloqueou seu caminho.

– Deixe-me ir. – A voz de Kestrel soou como se estivesse se despedaçando.

– Penso o seguinte: que não existe mudança mais drástica do que você aceitar casar quando nunca, *já*, quisera se casar com ninguém.

– Já discutimos os muitos incentivos para meu casamento com o príncipe.

– Discutimos todos? – Ele passou a mão em seu cabelo sujo. – Kestrel, sinto que estou ficando maluco. Que estou vendo coisas... ou *não* vendo coisas. Só me conte. Você... você vai... se casar com o príncipe por minha causa? Foi... parte de algum tipo de acordo que fez com o imperador?

O silêncio não foi apenas de Kestrel. Foi do seu pai também.

Ela inspirou fundo. Era capaz de dizer isto. Era capaz de fazer isto, prometeu a si mesma, porque depois corrigiria a situação. Retiraria tudo muito, muito em breve.

Com a voz branda, Kestrel lhe disse.

– Parece uma história.

Arin recuou, com o olhar inseguro. Apesar da insistência dele de que sabia o que ela havia

feito, Kestrel sentiu que essa convicção era recente. Frágil. Sim, poderia ser quebrada. Com a pressão certa no ponto certo, racharia feito um espelho. Kestrel viu algo em Arin que nunca tinha visto antes nele, algo insuportavelmente jovem. Ela viu, por um momento, o menino que Arin devia ter sido. Bem em volta dos seus olhos. Uma suavidade. Um desejo. Lá, nas rugas de sua boca sensível. Lá, para mostrar a ela onde atacar com mais força.

– Esse não é um daqueles contos herranis com deuses, vilões, heróis e grandes sacrifícios – ela disse. – Eu adorava essas histórias quando era pequena. Tenho certeza de que você também. São melhores do que a vida real, em que as pessoas tomam decisões pensando em seus próprios interesses. A realidade não é tão poética, eu sei. – Ela deu de ombros. – Tampouco é poético o tipo de arrogância que incentiva um homem a crer que tudo gira em torno dele.

Arin desviou os olhos. Encarou o piano, suas vísceras delicadas expostas sob a tampa aberta.

Deu a volta por ele em um círculo lento, medindo-o. Ela continuou:

– Queria saber o que pensa que poderia me fazer chegar a tantos extremos por você. Seria seu charme? Sua educação?

Os olhos dele encararam os dela. Ela parou, deixando seu olhar traçar a cicatriz dele. Ele ficou tenso. Ela curvou a boca.

– Não sua aparência, aposto.

Ele tensionou o maxilar.

Espinhos formigaram sua garganta, ela sofria com nojo por si mesma. Mas obrigou-se a ampliar o sorriso.

– Não quero ser cruel. Mas essas suas ideias são *inacreditáveis*. E, francamente, um pouco desesperadas. Como uma fantasia. Já lhe passou pela cabeça que você só está vendo o que quer ver?

– Não.

Mas ela o tinha visto vacilar.

– Você deve saber que está contando uma história para si mesmo. Arin, somos velhos demais para histórias.

A voz dele saiu baixa:

– Somos?

– *Eu* sou. Pare de ser criança. Está na hora de você crescer.

– Sim. – A palavra saiu lenta. Seu tom era inesperadamente repleto de algo que Kestrel reconheceu como surpresa. Esse reconhecimento lhe causou um frio na barriga. Ela conhecia aquele som. Era a voz de alguém para quem uma nuvem de confusão havia sido limpada. Era clareza, e a força que vem com ela. – Você tem razão. – Quando ele voltou a encará-la, ela não viu mais sombra daquele menino. Era como se tivesse sonhado com ele. – Eu interpretei mal –

ele disse. – Isso não vai se repetir.

De maneira formal, até calculada, Arin tocou três dedos no dorso da mão de Kestrel. Então saiu e bateu a porta atrás de si.

A batida da porta ecoou alto. Um medo tóxico consumiu Kestrel. Mesmo enquanto sua dúvida crescia e insinuava que sua estratégia era errada ou que nenhuma estratégia seria capaz de corrigir o que ela havia acabado de fazer, Kestrel seguiu a regra mais importante que seu pai lhe havia ensinado: *Enfrente o perigo antes que ele enfrente você*.

– Pai? – Kestrel chamou. Sua voz ficou mais aguda. – Pai?

Não houve resposta. Será que ele havia ficado chocado demais pelo que tinha ouvido... achara tudo suspeito? Será que já estava se recusando a falar com ela?

Ela se apressou até a porta e a abriu desajeitada. O corredor estava vazio. Arin havia desaparecido. Um balde caído derramava água com espuma. Os sapatos de Kestrel estavam se encharcando. Ela parou na poça por um momento, com os pés molhados e frios. Então, bateu freneticamente pelas gravuras do corredor até encontrar o botão de madeira no centro de uma flor desabrochada. O painel se abriu e a luz do corredor iluminou a câmara oculta. Estava vazia.

O que isso significava? Kestrel se perguntou se seu pai poderia ter saído em algum momento depois que seu relógio havia batido a hora, mas antes de Arin chegar. Tudo o que ela dissera a Arin tinha sido em vão?

Ela pressionou a ponta dos dedos nas têmporas. Sua mente estava cheia de possibilidades, seu coração acelerava. Ela não estava exatamente pensando, mas saltando trôpega de um pensamento para outro.

Kestrel voltou à sala de música e pegou a pena caída. Escreveu uma carta para Arin. Escreveu na partitura de música, passando palavras em cima das notas. A tinta corria e se manchava enquanto Kestrel contava a verdade a Arin, desde o tratado até o noivado, da Mariposa ao seu amor, dos cavalos orientais ao veneno que estava matando o povo dele. Ela escreveu de forma livre, feroz, com a ponta da pena perfurando a página algumas vezes.

As palavras vinham fáceis. Em um minuto, a carta estava pronta.



Aquilo ardia no bolso da sua saia feito carvão quente. Kestrel foi à suíte de seu pai – ele não estava lá, seu criado não sabia onde ele se encontrava –, então seguiu para a dela, onde duas criadas estavam tão perfeitamente normais que sua normalidade chegava a perturbar Kestrel. Ela deu uma desculpa e entrou em sua sala de vestiário. Sozinha, escondeu uma mariposa-mascarada na manga. O fecho abotoado no punho mantinha a mariposa segura lá dentro e ela desejou ardentemente que tivesse feito isso antes. Se ao menos tivesse uma mariposa na sala de música. Poderia tê-la passado discretamente para Arin. Um sinal. Teria sido sutil – bastaria um truque com as mãos, uma esfregada distraída dos punhos e aí a revelação.

Kestrel tinha um plano em três passos do que fazer quando encontrasse Arin. Se o encontrasse sozinho e confiasse na privacidade deles, ela contaria. Mas... ele daria ouvidos? Ela lembrou daquela clareza na voz dele quando havia desistido dela por completo, a frieza de seu toque... a leveza. Aquele tom leve e frio era de alívio. Ela o conhecia. Se tentasse falar com ele de novo, era bem provável que Arin lhe desse as costas.

Por favor, leia esta carta, ela diria e a colocaria em suas mãos. Se nada disso funcionasse ou eles não estivessem a sós: a mariposa.

Houve uma leve batida na porta da sala de vestiário.

Kestrel abriu para encontrar uma das criadas: uma muito jovem. Discreta, de uma simplicidade terna.

– Milady – a criada disse –, perdoe-me, mas a senhorita parece angustiada.

– Estou bem. – Mas a voz de Kestrel era tensa.

– Devo chamar o príncipe?

Então era essa a criada paga por Verex. Kestrel se deu conta de que, fosse qual fosse o motivo para o acordo ter começado, em algum momento Verex pedira à criada para cuidar dela e informar-lhe se Kestrel precisasse de ajuda.

Era a cara de Verex fazer isso. A cara do seu amigo.

Isso lhe deu coragem.

– Não – ela disse à criada. – Estou bem, de verdade. Tudo vai ficar bem.



No começo, Kestrel se sentiu melhor. Deixou a ala imperial para trás, seguindo seu plano como se uma mão a guiasse. Entretanto, ao descer uma escadaria circular estreita de mármore, tomando o cuidado de não se apressar, tomando o cuidado de sorrir para um cortesão que passava e ignorar os guardas imperiais posicionados entre os lances de cada andar, a mão que a guiava foi ficando fria. Quando chegou à ala que abrigava as suítes para a classe mais baixa de hóspedes, a mão parecia um punho de ossos. Se soltasse, eles se esparramariam pelo chão.

Kestrel olhou de esguelha para trás. Pelo visto, não estava sendo seguida.

Ela virou no último corredor. A luz do fim do dia entrava por uma única janela. Coloria o corredor num tom de laranja pálido.

Kestrel parou diante da porta. Será que poderia mesmo ser tão fácil assim? Mas, enfim, a câmara secreta atrás do biombo estava vazia. E o general era seu *pai*. Ele havia lhe ensinado a cavalgar. Ele a amava. Ela sabia disso. Não seria uma traição temer que ele tivesse denunciado a conversa na sala de música... isso se sequer a tivesse ouvido?

Você o está traindo o tempo todo, sussurrou uma voz dentro dela. *Está o traindo agora.*

Mesmo assim, ela bateu à porta de Tensen. Com uma gratidão trêmula, ouviu alguém se

mover lá dentro. Passos se aproximaram. A maçaneta virou. A porta se abriu e os olhos de Tensen se arregalaram quando viu quem estava diante dele.

Ela não esperou que ele falasse qualquer coisa. Entrou.

– Você não deveria estar aqui — Tensen disse.

Kestrel o ignorou. Desviou pelos móveis da pequena suíte, ignorando o próprio conceito de privacidade enquanto Tensen a seguia, queixando-se. Ela entrou até em sua sala de vestiário.

Ela encarou Tensen.

– Onde está Arin?

– Eu já lhe disse — Tensen respondeu, desconfiado —, ninguém sabe onde ele está, e garanto que não o escondi no meu guarda-roupa.

– Bem, ele está mais perto do que você imagina e não está na cidade de Herran, senão estaria morrendo. — Ela explicou sobre o veneno que corria pelos aquedutos de Herran. A notícia deixou Tensen imóvel. Como pedra. Contar a notícia teve o efeito contrário sobre ela, pois, por trás de suas próprias palavras, ela ouviu os murmúrios de tudo o que Arin havia lhe dito na sala de música e o que ela própria havia respondido.

Tensen segurou as mãos frenéticas dela.

– Kestrel, acalme-se. Abaixar a voz.

Ela estava gritando? Estava sem ar, como se tivesse corrido.

– Onde posso encontrá-lo?

– Preciso que você se acalme.

Ela recuou.

– O abastecimento de água está envenenado. Preciso avisá-lo.

– Não pode ser você. — Seus pequenos olhos verdes estavam preocupados. — Existem lugares no palácio aonde você não pode ir sem levantar suspeitas. Arin já pode até ter saído. A punição do seu imperador por traição é morte. Você *quer* ser pega?

– Precisa ser eu — ela insistiu. — Tenho... outras coisas para explicar.

– Ah. — Tensen cobriu a boca e coçou a bochecha. — Ele correu um grande risco encontrando-se com você a sós. Quer que ele corra o mesmo risco de novo?

– Não, mas... — Ela estava desesperada. Partes dela se desfaziam, embaralhando-se fora de ordem. Ela tirou a carta do bolso. Não conseguia mais acreditar que Arin poderia aceitá-la. Não das mãos dela. Não depois das coisas que havia dito. — Encontre Arin. Entregue a carta para ele. Ela explica.

Ele pegou o papel dobrado com cautela.

– O que ela explica?

– Tudo.

– Kestrel, o que exatamente você espera conseguir dando isso para ele?

– Nada. Sei lá. Eu...

– Você não está com a cabeça no lugar. Não está pensando claramente.

– Não quero pensar claramente! Estou *farta* de pensar claramente. Arin deveria saber a verdade sobre mim. Devia ter sabido desde o começo.

– Foi melhor para ele que não soubesse. Você acreditava nisso. Eu também.

– Nós estávamos *errados*.

– Então, depois que ele descobrir a verdade, você vai terminar o noivado.

– Não.

– Vai fugir com Arin para viver num país moribundo por alguns dias antes de o território ser atingido por mais uma invasão?

– Não.

– Por que não? – Tensen perguntou. – Você o ama.

Desamparada, ela disse:

– Também amo meu pai.

Tensen olhou para a carta. Virou-a entre as mãos.

– Se não der essa carta para Arin – Kestrel disse –, eu dou.

Tensen fechou a cara. Então abriu o paletó e colocou a carta no bolso interno do peito. Ele reabotoou o terno e deu um tapinha no peito, logo acima do coração. Kestrel ouviu o leve estalido do papel.

– Você vai entregar a carta? – ela perguntou.

– Prometo.



O pai de Kestrel a aguardava na suíte dela. Ele devia ter mandado as criadas dela embora. Estava sozinho, sentado numa cadeira na primeira sala de recepção. De dia, a poltrona tinha uma vista da barbacá através da qual o general havia entrado meses antes em seu cavalo ensanguentado. Ele manteve o olhar na janela por muito tempo depois que Kestrel chegara. A noite havia caído e a janela estava escura. Não havia nada para ver.

Ela parou de se questionar se ele tinha ficado na câmara oculta durante algum – todo? – tempo de sua conversa com Arin. Ela sabia. Viu no rosto do pai. Ele tinha ouvido mais do que o suficiente.

Uma crise de palavras surgiu dentro dela. Ela queria dizer tantas coisas: perguntar em que

ele acreditava, defender sua inocência, confessar sua culpa, perguntar se ele tinha denunciado a presença de Arin à guarda imperial e, se sim, o que aconteceria e, se não, por favor, não, pai, não faça isso. Ela queria dizer: me ame mesmo assim, apesar do que eu fiz, apesar dos meus erros, por favor, você consegue me amar?

E o que ela mais queria era ser pequena de novo, poder chamá-lo de papai, alcançar apenas seu joelho, porque ela lembrou, como um clarão causado pela abertura repentina de uma cortina, de como ela corria e dava de cara com as pernas dele quando era bem pequena, e o abraçava e podia jurar que ele ria.

Kestrel atravessou devagar a sala até ele. Ajoelhou-se ao lado da poltrona. Pousou a testa em seu joelho e fechou os olhos. Com o coração na boca, sussurrou:

– Você confia em mim?

Não houve resposta. Então, ela sentiu a mão pesada dele em seu cabelo.

– Sim – ele respondeu.

Arin se escondeu na carvoaria perto das caldeiras que ferviam água para ser impulsionada pelas tubulações do palácio. Ele havia pedido a um servo herrani que encontrasse Tensen e o levasse para lá, e pensou que, nesse meio-tempo, se sujaria até ficar irreconhecível, mas, depois dos primeiros minutos sozinho na sala, iluminada por uma lamparina posicionada em um lugar cautelosamente alto na parede oposta à pilha de carvão, ele percebeu que bastava andar e respirar para ficar coberto de carvão. Ele passou os dedos na cicatriz. Voltaram encardidos. O pó com gosto de queimado revestiu sua garganta. Ele tossiu, depois se sufocou e, de alguma forma, essa falta de ar se transformou em uma gargalhada preta.

A porta se destrancou e abriu, e Tensen entrou por ela. Seu rosto estava furioso.

– O deus dos tolos quer você para ele, Arin. O que você estava pensando, vindo para a capital?

Arin sentia-se fora da realidade, livre, estonteantemente leve, como cavalo sem sela deixado solto para perambular ao léu. Ele tomou ar para falar.

– Não precisa explicar – Tensen disse. – Sei o que você estava tramando.

Arin franziu a testa.

– Como?

– Os servos me contaram. Arin, você é *mesmo* idiota.

– Sou. – Lá estava de novo aquela risada coberta de pó. – Sou mesmo.

– Você tem sorte de o palácio inteiro não saber que você está aqui. E tem a bênção de os servos estarem mantendo silêncio. Por enquanto. *Tudo* no palácio está silencioso demais. É perturbador. Não gosto nem um pouco disso, não gosto de você aqui, e você vai ouvir minha notícia, partir diretamente para Herran e nunca mais voltar. – Tensen segurou seu ombro. – Jure. Jure pelos deuses.

Arin jurou. Fez bem fazer essa promessa.

Tensen soltou.

– O tratado foi uma mentira. Todo minuto que passamos aqui era parte do jogo do imperador, uma distração para nos fazer crer que nossa independência era séria, séria o bastante para exigir nossa presença na corte. O imperador quer Herran de volta. Quer nosso país sem os herranis.

Arin ouviu enquanto Tensen lhe contava do veneno que vinha sendo infiltrado no abastecimento de água herrani. Arin sentiu o sangue cobrir seu rosto. Pó de carvão envolvia seus pulmões. O ar ribombava em seu peito. Era difícil respirar.

– Você precisa fechar a água da cidade – Tensen disse. – Evacuar *todos* para o interior se for preciso. Vá logo. A noite está caindo. Você pode conseguir chegar ao porto sem que ninguém note.

– Venha comigo.

Tensen fez que não.

– Se Sarsine está doente... se todos estão doentes... Tensen, preciso de você.

– *Você* precisa de mim aqui.

– É perigoso demais. Você deve estar sendo vigiado. Deliah pode nos passar informações, sua Mariposa pode usar o código do tecido.

O rosto de Tensen mudou.

– Deliah e a Mariposa não podem mais nos ajudar. Já fizeram tudo o que podiam.

– Você também já fez.

– Ainda deve haver algo para descobrir. E se tiver algo que eu ainda não vi? – A expressão de Tensen ficou mais branda. – Lembra quando perguntei se você escolheria ajudar Herran ou a si mesmo? Você disse que colocaria nosso país em primeiro lugar. Não respeitei sua escolha? Você não pode respeitar a minha? – Tensen levou a mão ao rosto de Arin e passou o polegar em sua bochecha. O polegar do velho voltou enegrecido. – Meu garoto. Você anda um pouco perdido, não?

Arin quis discordar dizendo que não, depois admitir que sim, depois provar que não estava mais perdido.

– Eu não falhei com você.

– Nunca disse isso.

– Garanti a aliança oriental. *Fiz* alguma coisa, Tensen, algo novo, algo que pode deter o exército imperial. O imperador não está tão seguro quanto pensa. Ele...

– Melhor não me contar mais nada.

Arin ficou gelado. Eram as palavras de alguém que temia a tortura.

– Venha comigo.

– Não. Preciso saber o que vai acontecer agora.

– Esta não é uma história!

– Não? – Tensen perguntou. – Não é a história do garoto que virou homem e salvou seu povo? Eu gosto dessa história. Já representei esse papel uma vez, décadas atrás, numa apresentação para a família real de Herran. Tinha final feliz. – Tensen tocou o peito, logo acima do coração. Arin pensou ter ouvido o leve som de um papel. Houve um lampejo de indecisão nos olhos de Tensen. Logo passou. Tensen abaixou a mão e Arin esqueceu o que tinha ouvido depois do que o ministro disse em seguida; quando voltou a se lembrar desse

olhar de indecisão, Arin sentiu raiva de si mesmo, porque pensou que a escolha que Tensen enfrentava dentro de si era sobre ficar ou partir e que, se Arin tivesse escolhido as palavras certas, poderia ter convencido Tensen a ir com ele. – Vá, agora. Vá – Tensen disse. – Meu neto era parecido demais com você, Arin. Não me faça passar por esse luto duas vezes.

Tensen tirou o anel de ouro do dedo e o ofereceu.

– Fique com ele desta vez, por favor. – Ele sorriu.

Arin segurou a mão do homem. Beijou a palma seca de sua mão. Pegou o anel. Então disse adeus.



O pai de Kestrel a havia deixado. Não ficaria para o jantar, embora Kestrel tivesse pedido para levarem a refeição para a suíte dela. Ele não alegou que estava cansado ou que sua ferida recém-cicatrizada pudesse ser um problema, mas seu passo era lento ao sair e Kestrel pensou, por um momento, que ele levaria a mão ao corte.

Depois que o pai saiu, ela sentiu uma vergonha pesada e inesperada. Percebeu que estava *torcendo* para que ele estivesse cansado, torcendo para que a ferida dele estivesse doendo... isso explicaria por que, mesmo tendo dito que confiava nela, ele não queria ficar.

Chegou o jantar. Kestrel não conseguiu comer.

Ela abriu uma janela. O ar de quase verão era doce e suave. O vento era forte. Cheirava a montanhas, o que significava que estava soprando na direção do mar.

As criadas de Kestrel chegaram. Perguntaram se ela queria se trocar para dormir. Ela ficou remexendo no fecho do punho que mantinha a mariposa dentro de sua manga de seda azul. Disse às criadas que não. Quis mandá-las embora, mas teve medo de ficar sozinha. As criadas ficaram fofocando baixo em seus cantos. Ficou tarde. Ela se sentou, preocupada. Será que Tensen havia dado a carta para Arin? Arin ainda estava no palácio?

Mais tarde, Kestrel viu todos os seus erros, pendurados em uma linha tão disforme e amontoada que era difícil ver qual tinha sido o primeiro.

Mas ela sabia qual era o último. Foi quando saiu de sua suíte e foi direto para os aposentos de Tensen a fim de descobrir se ele tinha visto Arin e se tinha entregado a carta dela.



Os corredores estavam silenciosos. Ainda mais do que antes. Embora o suor que pingava entre suas escápulas provasse que já era quase verão, Kestrel tinha a impressão de que nevava. Seus ouvidos zumbiam com um silêncio branco e espelhante. A ansiedade punha a sua pele em flocos gelados. O monte de pedras do palácio prendia o ar frio.

A porta de Tensen estava quase nivelada no umbral, mas não estava totalmente fechada. Kestrel pensou por um momento que ele a aguardava, mas parte dela sabia que não. Essa parte já havia adivinhado o que poderia significar a porta ligeiramente aberta. Kestrel se recusou a

acreditar... então, seu lado mais prudente virou as costas para ela, renegou-a e se recusou a continuar ajudando alguém que havia forjado sua própria derrocada.

Kestrel ergueu a mão para bater. Seus dedos gaguejaram contra a madeira.

Foi o imperador quem abriu a porta. O capitão da guarda deu a volta por ele e puxou Kestrel para dentro.

No começo, Kestrel não conseguiu ver direito. Ela estava se debatendo contra as mãos do capitão, o ar vindo em goles aterrorizados, e ele e o imperador se assomavam. Ela não via nada nada além do tecido grosso de seus ombros, seus peitos. Então, ouviu a voz do seu pai:

– Por favor.

O capitão soltou.

Kestrel enfim viu o pai. Ele estava no outro canto da sala, atrás de uma poça escura de sangue. Tensen jazia no chão. Seus olhos verdes eram como bolas de gude. O corpo já estava duro. Na manga do general, havia uma linha curta de sangue, no local onde ele devia ter limpado a adaga antes de embainhá-la.

Kestrel encontrou os olhos do pai. Estavam frios como os de um homem morto. Ela abriu a boca enregelada e se sentia entorpecida, entorpecida demais para falar, então ela gritou.

O capitão cobriu a boca dela. Seu pai desviou o olhar. Ela ficou paralisada.

– Estamos tentando manter *isto* na surdina tanto quanto possível – o imperador disse a ela.
– Ninguém além de nós vai saber o que você fez. Isso não pode vir a público. Não vou permitir que seu pai sofra tamanha desonra. – O imperador tirou a adaga da bainha de Kestrel. – Isto é meu. E isto – ele entregou a folha desdobrada da partitura – é seu.

Sua carta.

– Não – ela tentou dizer contra a mão salgada do capitão, mas ele a segurou pela mandíbula, e o imperador tocou de leve a mão do capitão para que virasse o rosto de Kestrel para ele.

– Não? – perguntou o imperador. – Kestrel, se houvesse um julgamento, sua carta bastaria como confissão. – A voz dele estava cheia de tristeza, mas não por ela. – Eu poderia matar você agora. Que serpente você é. Que retribuição terrível para um homem como seu pai. Ele veio até mim.

Lágrimas se derramaram no rosto dela. Pingavam sobre os dedos do capitão.

– Ele veio e me contou a verdade, custasse o que custasse para ele. Não impôs nenhuma condição. Não pediu misericórdia nem leniência. Simplesmente me entregou a verdade de sua traição. De todas as lições que você poderia ter aprendido como imperatriz, a mais importante teria sido esta: a lealdade é o melhor amor.

Kestrel tentou olhar para o pai, mas o capitão segurava seu rosto com firmeza. Ela se debateu. Tentou se soltar. O capitão a prendeu.

O imperador retomou a fala.

– Esse tipo de amor costuma perder a força depois da execução de um filho. Por isso, não posso recompensar a lealdade de Trajan com seu sangue ou entregar você ao capitão e à arte sórdida de interrogatório dele. Outra coisa que você teria aprendido, se tivesse escolhido aprender comigo, é que seu pai também tem a minha lealdade. Vou protegê-lo assim como ele me protegeu. O que significa que você vai para o norte.

Para a tundra. O campo de trabalhos forçados. Ela inspirou fundo.

– Você acha que eu não fazia ideia? – o imperador disse baixo. – Já fazia um tempo que mandei seguirem o ministro herrani. Ele foi visto se encontrando com uma criada valoriana. Eu me perguntei se essa criada poderia ser você. Se era mesmo possível que você pudesse trair sua nação com tanta facilidade, ainda mais quando ela foi praticamente *dada* para você de mão beijada. Mas as pessoas são capazes de tudo.

As palavras de Kestrel foram estranguladas sob a mão do capitão. Nem ela sabia o que estava tentando dizer.

– Talvez você pense que não posso fazer você desaparecer – o imperador continuou –, que a corte vai fazer muitas perguntas. Esta é a história que vou contar. O príncipe e sua noiva estavam tão consumidos pelo amor que se casaram em segredo e fugiram para as ilhas do sul. Depois de algum tempo... um mês? dois?... vai chegar a notícia de que você adoeceu. Uma doença rara que nem mesmo meu médico é capaz de curar. Para o império, você terá morrido. Ficaremos de luto por você.

“Talvez você esqueça, nas minas da tundra. Ouvi dizer que as pessoas esquecem, na escuridão profunda. Espero que seu pai também esqueça. Espero que perdoe você e a sua vergonha.”

Kestrel mordeu a mão do capitão. Ele nem se moveu, mas o sangue em sua boca a fez perder a cabeça. Ela se contorceu. Os sons que soltou sob a mão do capitão eram de um animal.

– Solte-a – pediu o general.

Ela correu até ele. Escorregou na poça de sangue e caiu em seu peito, agarrando-se, chorando.

– Por favor, não faça isso – ela soluçou, em vão.

Ele não encostou os dedos nela.

– Eu quis confiar em você – ele sussurrou. – Tentei. Mas não consegui mentir o suficiente para mim mesmo.

Ela apertou o casaco dele. Pressionou o rosto contra o peito dele. Os ombros dela estremeciam e arfavam.

– Eu não...

– Queria fazer isso? Como se pode cometer traição sem querer?

– Por favor – ela suplicou. Pareciam ser as únicas palavras que ela era capaz de dizer.

– Saí da sua suíte. Encontrei o ministro, o revistei. Li a carta, o matei. Mesmo assim, duvidei. Mesmo assim, não consegui acreditar. Não consegui acreditar que era você.

– Papai, por favor. – Ela sufocou em suas próprias lágrimas. – Eu te amo.

Devagar, com cuidado, ele tirou as mãos dela de seu casaco. O capitão, sentindo sua deixa, avançou até eles.

A voz do general saiu baixa, para que suas palavras ficassem apenas entre ele e a filha.

– Kestrel – ele disse –, você partiu meu coração.

O alvorecer queimava sobre as águas.

Arin teve sorte. Saiu do palácio despercebido logo depois de se despedir de Tensen. A fortaleza elegante parecia distraída, com as suas energias voltadas para dentro, concentrada em outra coisa.

Arin afastou esse pensamento dando de ombros. Agora, sobre o convés do barco, com o rosto voltado para o alvorecer em chamas, parecia bobagem.

Ninguém o havia notado. Ninguém havia se importado. Ele tinha chegado ao porto. O vento estava forte e favorável e na direção do mar. Seu navio havia partido.

Foi quando ele se afastou da baía no veleiro que algo finalmente mudou. Ele tinha visto, sob a luz da lua, navios de dois mastros valorianos, daqueles pesados por canhões, convés armados em dois andares. Eles navegavam em sua esteira. Não era que Arin não tinha sido notado – apenas que havia sido notado tarde demais. Houve um atraso. Certa lentidão para entender. Arin imaginou os valorianos apressando-se para alcançá-lo e capturá-lo. Mas o navio herrani cortava as ondas. Seu capitão tinha sido um exímio marinheiro no auge da proeza naval de Herran. O vento estava a seu favor. Fazia-os saltar sobre a água. Cobria a lua com um lenço de nuvens escuras. Ao amanhecer, os navios valorianos tinham ficado para trás.

Era uma folga breve. Os valorianos sabiam aonde ele estava indo. O império estava a caminho e, junto com ele, a guerra, mas Arin se concentrou em ouvir o vento soprando as velas. Observou o sol se erguer ensopado no horizonte. Deixou que o ar do mar enchesse seus pulmões e se sentiu livre.

Arin desembalhou uma pequena trouxa de tecido. A adaga de Kestrel cintilou. Agora que olhar para ela não lhe trazia mais sofrimento, ele podia admirar melhor sua beleza. O sol incendiava seu rubi e destacava seu coração cor-de-rosa. O ouro esculpido se tornava um turbilhão líquido. A verdade é que ela não pesava quase nada.

Sim, era linda. Mas a beleza parecia um motivo frágil para manter algo que ele não queria.

Arin jogou a adaga no mar.

Velejou para casa.



A carruagem parou. Os cavalos precisavam beber água.

O sol já estava a pino. Entrava pelas grades da pequena janela da carruagem. Mostrava para Kestrel seus punhos algemados, caídos no regaço do mesmo lindo vestido azul que ela estava usando na noite anterior. Embora a carruagem tivesse parado, Kestrel ainda se sentia sacudida, machucada. Seus olhos estavam inchados. A luz do sol era dolorida.

Mas algo a fez se levantar. Uma voz em outra língua, tão familiar quanto a dela própria. Alguém do lado de fora havia falado em herrani.

Kestrel foi até a janela. Não conseguiu ver os guardas. Não conseguiu ver nada; a luz era forte demais. Então, viu os picos de montanhas vazias. Ouviu a voz herrani novamente: um homem, falando com os cavalos. Ouviu o balanço de um balde de metal vazio. Passos na terra pedregosa.

– Por favor – ela disse baixo na língua dele. Os passos pararam. Suas algemas chacoalharam enquanto ela tenteava para colocar os dedos na manga esquerda. Fisgou a mariposa que havia escondido lá e a tirou. Colocou a mão entre as grades. – Pegue isto.

Devagar, os passos se aproximaram. Ela ainda não conseguia vê-lo, mas imaginou que ele estivesse logo abaixo de sua mão. Kestrel estendeu. Seu punho se contorceu e sua mão começou a ficar dormente. Ela ofereceu a mariposa em seus dedos.

Ele a tinha pegado? Ela havia caído? Não estava mais lá.

– Entregue para seu governador – Kestrel sussurrou. – Diga a Arin...

Houve um grito, uma pancada forte. Ofensas em valoriano, botas levantando poeira.

– O que ela deu para você? – disse um dos guardas valorianos.

– Nada – o herrani respondeu.

A porta da carruagem se abriu. Kestrel se encolheu num canto. O guarda era uma grande sombra contra a luz dolorosamente branca. Ele avançou.

– O que você deu para ele?

Do lado de fora, os sons brutos continuaram. Lamentos. Uma revista sem cerimônia. Mas o que, afinal, o guarda lá fora encontraria? Uma mariposa amassada. Nada de valor. Nada de importante. Apenas algo comum, camuflando-se com todo o resto.

O guarda a segurou pelos ombros. Ela ergueu as mãos algemadas. Escondeu-se atrás delas.

Em todos os lugares, as pessoas estavam acordando para um dia comum, tão comum quanto a mariposa. Kestrel sentiu falta de um dia comum. Fechou os olhos ao pensar em como seria sua manhã comum. Uma cavalgada com Arin. Uma corrida.

Vou sentir sua falta quando acordar, ela dissera a ele em seu sonho no gramado do palácio.

Não acorde.

Nessa manhã perfeita, comum, serviria chá para o pai. Ele ficaria e nunca mais partiria.

Alguém a estava chacoalhando. Kestrel lembrou que era o guarda.

Ela lembrou que era seu aniversário de dezoito anos. Riu, sufocada, ao imaginar o imperador explicando sua ausência a todos reunidos para seu recital. Pensou que ela estava rindo, mas esse som começou a se rasgar. Arranhou sua garganta. Seu rosto estava úmido. Lágrimas arderam em seus lábios.

Seu aniversário. *Lembro-me do dia em que você nasceu. Dava para segurá-la com uma só mão.*

O guarda deu um tapa na cara de Kestrel.

– Eu perguntei: o que você deu para ele?

Você tinha um coração de guerreira, já naquela época.

Kestrel cuspiu sangue.

– Nada – ela disse ao guarda. Pensou em seu pai, pensou em Arin. Contou sua última mentira. – Não dei nada para ele.

NOTA DA AUTORA

Foi exaustivo escrever este livro e levei um tempo para completá-lo (ter um bebê no meio do processo pode ter alguma relação com isso). Então, antes de tudo, um enorme obrigado àqueles que leram rascunhos de *O crime do vencedor* ou partes dele: Ann Aguirre, Marianna Baer, Kristin Cashore, Donna Freitas, Daphne Grab, Mordicai Knode, Anne Heltzl, Sarah Mesle, Jill Santopolo, Eliot Schrefer e Robin Wasserman. Vocês sempre tiveram as palavras certas para me fazer seguir em frente e tornar este livro melhor.

Isso também vale para as pessoas que conversaram comigo sobre problemas capciosos da trama ou questões emocionais espinhosas, além daquelas de construção de mundo. Obrigado a todos na Kindling Words, pelas conversas, conselhos e comentários excelentes que me ajudaram a estruturar *O crime do vencedor* em um estágio em que eu sabia aonde queria chegar, mas não o que estava fazendo. Agradeço especialmente a Franny Billingsley, Judy Blundell, Sarah Beth Durst, Deborah Heiligman, Rebecca Stead e Nancy Werlin. Em cafés parisienses, Coe Booth e Aviva Cashmira Kakar me ajudaram a moldar Tensen no personagem furtivo que ele veio a se tornar. Também em Paris, no café Braço Quebrado, eu e Pamela Druckerman refletimos sobre Arin, a guarda-livros e a rainha. Com Leigh Bardugo tive uma conversa incrível sobre armas, e Mordicai Knode contribuiu em diversas ocasiões. Ele também me explicou sobre o código de quipos depois de ler uma versão preliminar da cena sobre o Guardador de Favores. Um almoço com Sarah MacLean resultou em um ponto da trama para o qual estou eufórica mas que ainda não posso revelar (spoiler do terceiro livro, desculpe!). Kristin Cashore me ajudou a pensar em tantos aspectos que chega a ser difícil listar todos. Robin Wasserman deve ser a pessoa que mais devo agradecer (ou culpar) por ser uma trilogia. Barry Lyga, também conhecido como meu extraordinário especialista em tortura (foi ele quem me pediu para ser chamado assim. Ou por algo parecido), sugeriu que eu atacasse os dedos de Thrynne na cena da prisão, e a médica Kristin Raven me deu informações muito úteis (e sangrentas) sobre como esses dedos ficariam. Ela também confirmou meu instinto de que a ferida no abdome do general seria “enfaixada”. A acadêmica e pianista Miriam Jacobson me deu (em suas próprias palavras) “*le mot juste*” para a peça que Kestrel toca: um *improptu*. Mordicai e Jenny Knode foram consultados sobre ideias para o mapa. Todo o mérito para Keith Thompson por sua arte em representar esse mundo. Meu marido, Thomas Philippon, é sempre meu conselheiro mais importante quando o assunto é organizar as ideias, e ele é especialmente bom em tudo relacionado a exército e cavalos.

Meu objetivo para esta trilogia é ler um livro da Grécia ou da Roma antiga enquanto escrevo cada livro. Desta vez, li *As histórias*, de Heródoto, que me deu algumas ideias sobre como representar o oriente. Devo admitir também que tive a ousadia de pegar uma metáfora de Shakespeare e adaptá-la ao meu bel-prazer para uma linha específica na cena à beira do canal (dica: tirei de *Muito barulho por nada*).

Obrigada a todos os bibliotecários, livreiros e blogueiros que recomendaram *A maldição do vencedor*. Está sendo um grande prazer passar a conhecer vocês pessoalmente e pela internet. Seu entusiasmo é contagiante – e sou grata por ele.

Macmillan Children's Publishing Group! Sou uma mulher de sorte. Sou muito grata a todos que deram seu apoio a mim e a esta série. Minha incrível editora, Janine O'Malley. Minha intrépida relações-públicas, Gina Gagliano. Minha extraordinária capista, Beth Clark. E toda uma equipe maravilhosa: Nicole Banholzer, Simon Boughton, Anna Booth, Molly Brouillette, Angie Chen, Jennifer Edwards, Jean Feiwel, Jennifer Gonzalez, Liz Fithian, Katie Halata, Angus Killick, Kathryn Little, Karen Ninnis, Joy Peskin, Karla Reganold, Caitlin Sweeney, Claire B. Taylor, Mary van Akin, Allison Verost, Mark von Bargen, Ksenia Winnicki e Jon Yaged.

Charlotte Sheedy é um sonho de agente, e sou grata a ela, Mackenzie Brady e Joan Rosen.

Algumas pessoas me perguntam qual é o segredo para escrever livros, e minha resposta muito séria é “ter alguém que cuide bem das crianças”. Agradeço aos meus babás, pais e sogros: Monica Ciucurel, Anne Heltzl, Shaida Khan, Georgi MacCarthy, Sharon Singh, Marilyn e Robert Rutkoski, e Jean-Claude e Christiane Philippon.

Meu filho mais velho, Eliot (agora com 5 anos e meio), tem uma ideia de por que fico sentada na frente do computador em vez de levá-lo para o Museu de História Natural. Meu filho mais novo, Téo (2 anos), só tem a sensação de injustiça e deslealdade. Meninos, sempre sinto falta de vocês quando não estou ao seu lado, e amo demais vocês dois.

SUA OPINIÃO É MUITO IMPORTANTE

Mande um e-mail para **opinio@vreditoras.com.br**

com o título deste livro no campo “Assunto”.

1ª edição, set. 2016